

The Bard

Revista

Poesia, arte e música

MATÉRIA DE CAPA

Sob os Ventos do Norte:
"A Arte nas Culturas Nórdicas"

Ano 5 - Nº 32 - Edição Julho e Agosto 2025

www.revistathebard.com

ISSN 2764-9768

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.

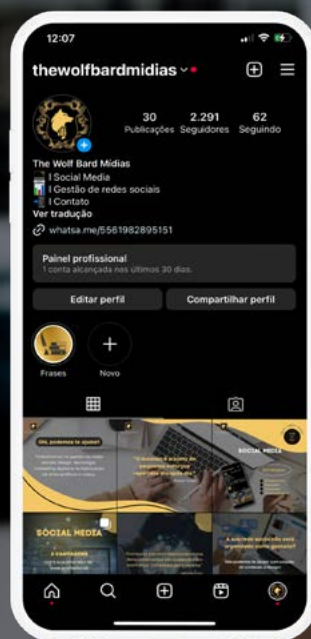


REVISTA THE BARD



Está sem tempo para administrar suas redes sociais?

Nós podemos te ajudar com criação de conteúdo e design!



PLANEJAMENTO

Vamos entender o seu negócio, o que você oferece, quais são suas necessidades e onde e quando você quer chegar.



EXECUÇÃO

Utilizamos as melhores ferramentas disponíveis para ir além das expectativas e aumentar suas vendas.



CONVERSÃO

Alguém está procurando pelo seu serviço neste momento. Seja encontrado antes da concorrência.



RELACIONAMENTO

Sua empresa marcará presença na internet, não só para ganhar alguns likes, mas sim aumentar o seu faturamento.

Sobre a Agência The Wolf Bard

A Agência **The Wolf Bard** é um projeto digital qualificado para trabalhar na gestão de redes sociais, design, tecnologia, marketing digital e na fabricação de artes gráficas e vídeos.

O nosso foco é estreitar a relação empresa/cliente, levando o nosso cliente a um patamar diferenciado dentro do meio digital.

Atendemos clientes independentes e empresas de pequeno e médio porte, buscando sempre solucionar as necessidades digitais dos nossos clientes.

Além de acompanharmos todas as fases do seu projeto, desde o planejamento até a implantação, buscamos oferecer um produto final condizente com a qualidade da proposta inicialmente apresentada.

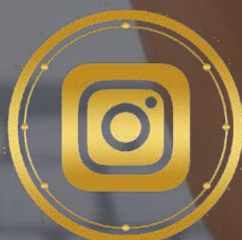
* Promoção do mês de DEZEMBRO 2023

- Planejamento e análise do instagram e facebook
- Gerenciamento de instagram e facebook
- Cartão interativo
- Criação de textos e chamadas persuasivas
- Postagens semanais + stories + reels + videos
- Edição de fotos e vídeos
- Criação de artes gráficas
- Relatório de resultados
- Mini site * (raiz de links)
- Divulgação dos clientes na Revista Internacional The Bard com uma página de publicidade com links.*



Deseja anunciar na Revista?

INSTAGRAM



CONTATO



E-MAIL



Revista *The Bard*

Poesia, arte e música



2764-9768



REVISTA ELETRÔNICA



REVISTA EM 3D



REVISTA EM PDF INTERATIVO

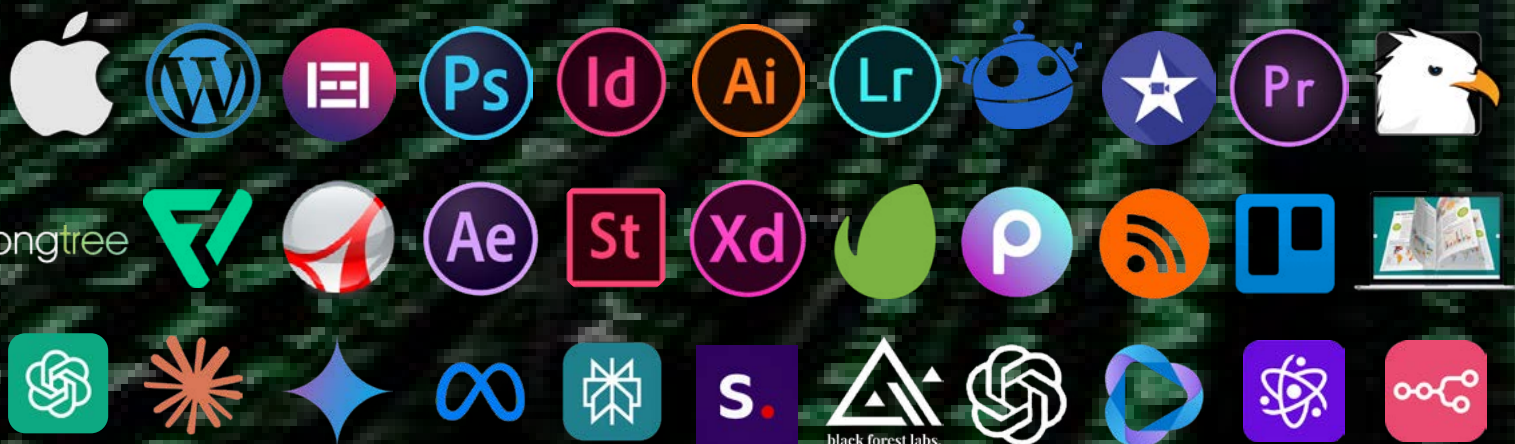
Fundada e idealizada por J.B. Wolf - Poeta, Escritor, Músico e Monarquista, a REVISTA THE BARD® faz parte da iniciativa THE WOLF BARD®, que é um projeto Multiliterário, multiartístico e multicultural. Tendo a sua primeira edição publicada em Setembro de 2020 com edições mensais até Dezembro do mesmo ano, passando a ser publicada bimestralmente a partir de Janeiro de 2021.

Inteiramente acessível, oportuniza com a sua publicação, as criações plurais, valorizando as artes, reconhecendo a capacidade humana em expor suas ideias, criações e produções em diferentes linguagens artísticas.

A REVISTA THE BARD® está presente em cento e treze Países e em cinco Continentes: África, Ásia, Europa, Oceania e América, abordando um conteúdo com amplo referencial cultural, estético e artístico em cada uma de suas edições. Possui quarenta e três colunas, com temas livres escritos por escritores, poetas, contistas, músicos, jornalistas, professores, pesquisadores entre outros, cada um expressando a sua arte, contribuindo para a construção e ampliação de conhecimentos dos seus leitores nos diferentes contextos sociais, usufruindo da oportunidade de exercitarem o direito de suas expressões artísticas.

A Revista tem um Site de avançada tecnologia AI e Feed RSS em PDF com acessibilidade para pessoas com deficiências visual e auditiva. Conta com três modalidades de acesso: Revista 3D, Revista eletrônica e PDF interativo com botões (links) direcionados para os sites, blogs, fanpages, perfis de seus participantes.

EQUIPAMENTOS, TECNOLOGIAS E PROGRAMAS



the

WOLF BARD
POESIAS FRASES & PENSAMENTOS

PROJETO



REVISTA



AGÊNCIA



TIKTOK



CANAL YOUTUBE



POETA J.B WOLF



SELO



JORNAL THE BARD NEWS





Edição da Revista

ED. JUL/AGO 25

Ano 2025

ED. NOV/DEZ 25

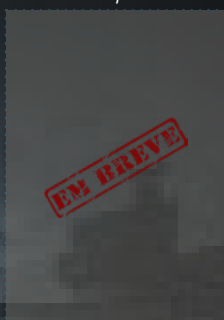
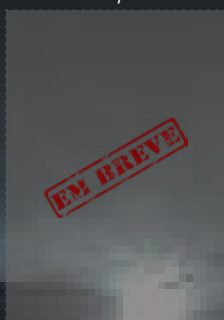
ED. SET/OUT 25

ED. JUL/AGO 25

ED. MAI/JUN 25

ED. MAR/ABR 25

ED. JAN/FEV 25



Ano 2024

ED. NOV/DEZ 24

ED. SET/OUT 24

ED. JUL/AGO 24

ED. MAI/JUN 24

ED. MAR/ABR 24

ED. JAN/FEV 24



Ano 2023

ED. NOV/DEZ 23

ED. JUL/AGO 23

ED. MAI/JUN 23

ED. MAR/ABR 23

ED. JAN/FEV 23





THE BARD
POESIA, ARTE & MÚSICA

Ano 2022

ED. NOV/DEZ 22



ED. SET/OUT 22



ED. JUL/AGO 22



ED. MAI/JUN 22



ED. MAR/ABR 22



ED. JAN/FEV 22



Ano 2021

ED. NOV/DEZ 21



ED. SET/OUT 21



ED. JUL/AGO 21



ED. MAI/JUN 21



ED. MAR/ABR 21



ED. JAN/FEV 21



Ano 2020

ED. DEZ/20



ED. NOV/20



ED. OUT/20



ED. SET/20



Caros leitores, é com imensa satisfação que damos as boas-vindas à 32ª edição da Revista Interativa The Bard. Um espaço dedicado à celebração da literatura, arte e poesia. Nossa missão é iluminar mentes, despertar emoções e inspirar a criatividade por meio das páginas desta revista.

Dedicamos um espaço aos nossos apoiadores da Revista que adquiriram o Certificado de participação nº 1 - Ouro.

Nessa edição o tema da Matéria de Capa é “Sob os Ventos do Norte: A arte nas culturas nórdicas”, mostrando muito além dos guerreiros lendários, a cultura nórdica revela uma herança rica em mitologia, arte, literatura e valores que atravessam os séculos, por Vanina Sigrist.

E na seção de Poesia, convidamos vocês a se perderem nas palavras, mergulhando em versos que tocam a alma, despertam reflexões e exploram a profundidade do sentir humano, com os mais variados Poetas e Poetisas do Brasil, como também da Angola, Portugal, Argentina, França, Costa Rica, México, Peru, Bolívia, Chile, Cabo Verde, Panamá, Rússia, Alemanha, Itália, Canadá e EUA;

Além das nossas colunas já existentes nas edições anteriores, temos também “Frases e Pensamentos”, Minicontos”, “Contos”, “Crônicas”, “Pintura” e “Soneto”. Entrevistas com artistas do mundo todo e muita diversidade de arte e literatura para você, leitor, apreciar e compartilhar histórias boas.

Estamos apresentando aos nossos colaboradores e aos leitores da Revista The Bard, a nossa Agência de Marketing Digital, um projeto para trabalhar na gestão de redes sociais, site, design, tecnologia e na fabricação de artes gráficas e vídeos.

Apresentamos o Selo litero-cultural The Wolf Bard com intuito de expandir e contribuir com o mundo das artes, dando visibilidade e destaque nacional e internacional desenvolvido para editoras e escritores. É uma contribuição gratuita, voluntária e recíproca em benefício de visibilidade e divulgação da obra que for selecionada para ter o selo The Wolf Bard.

E para finalizar, fizemos um cantinho especial e exclusivo para artistas literários e artesãos comercializarem suas obras, chamado de “Vitrine The Bard”, prestigiando assim nossos artistas, escritores e poetas participantes; Entre neste mundo da 5ª Arte e aprecie cada poema, texto, conto, imagem, artigo e história contada por diversos artistas, escritores e poetas.

Lu Ferreira



Símbolos & Funções da REVISTA THE BARD



Links internos: Clique para ser direcionado (a) à página desejada.



Voltar ao sumário e a Coluna: Clique para ser direcionado (a)



Tradução: Clique para ser direcionado (a) Para a página traduzida ou Para voltar à página de origem.



Link ativo : Clique para ser direcionado(a) à plataformas e sites.



Link ativo O Pensador : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Não recomendado para menores de 18 anos, conteúdo erótico.



Link ativo site : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Link ativo Blog : Clique para ser direcionado(a) ao blog referido.



Link ativo Facebook : Clique para ser direcionado(a) ao facebook referido.



Link ativo Instagram : Clique para ser direcionado(a) ao Instagram referido.



Link ativo Youtube : Clique para ser direcionado(a) ao Youtube referido.



Link ativo Twitter : Clique para ser direcionado(a) ao Twitter referido.



Link ativo Tumblr : Clique para ser direcionado(a) ao Tumblr referido.



Link ativo Pinterest : Clique para ser direcionado(a) ao Pinterest referido.



Link ativo para o SITE da Revista The Bard : Clique para ser direcionado(a) aos Posts no site da revista.



Colunista da Revista The Bard

SAIBA COMO PARTICIPAR



Acesse o **EDITAL** da
Revista Internacional
THE BARD
33ª Edição **SET/OUT 2025**



LANÇAMENTO

JULHO & AGOSTO DE 2025

Sob os Ventos do Norte:
"A Arte nas Culturas Nórdicas"



32ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE



FACEBOOK



INSTAGRAM



YOUTUBE



TWITTER





EDITAL

SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025

Entre os Tons do Nordeste:
"Olhares artísticos do Sertão"

33^a
EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025

PERÍODO DE **28** DE MAIO À **01** DE AGOSTO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



Certificado Impresso

Da Revista Internacional The Bard

32ª edição



Sob os Ventos do Norte: "A Arte nas Culturas Nórdicas"

Prezado(a) Participante,

É com imensa alegria e sincera gratidão que recebemos seu apoio à arte e à literatura adquirindo o **CERTIFICADO** da 32ª edição Julho e Agosto 2025, sua contribuição para a nossa causa.

Esperamos continuar a inspirar e ser inspirados por você em futuras edições da revista.

Segue abaixo a lista de **APOIADORES THE BARD** seguidos de foto, nome e sobrenome, minibiografia, link da rede social, certificado e logo da coluna participada.

Com os melhores cumprimentos e agradecimentos.

J.B WOLF
Idealizador, Fundador e Editor Chefe da Revista Internacional The Bard



Certificado Impresso Da 32ª Edição Da Revista Internacional The Bard



Rute Ella Dominici

Rute Ella Dominici Escritora e Poetisa, paulistana, odontóloga. Superior língua francesa. Civilization Écriture et Littérature/ Alliance Française. Livro Solo de Poemas 'Mar Germinal' lançado em 09/2023. Livro Solo de Poemas 'lava Incontida' a ser lançado au 'Salon du Livre à Genève', Membro da AMCL Academia Mundial de Cultura e Literatura, Membro imortal/ Cadeira 117/ Olga Savary, Membro Internacional da FEBACLA Cadeira 345/Amós Oz, Academia Virtual dos Poetas da Língua Portuguesa, Cadeira 113/Miryam Fraga, Participação em Antologias Diversas.

INSTAGRAM



Maria Auxiliadora Rabelo de Faria

Maria Auxiliadora Rabelo de Faria. Mineira de Abaeté, Maria Auxiliadora, Dora para os amigos, é graduada em Letras e atualmente cursa História. Apaixonada por Literatura e Música, estuda piano e sempre incentiva sua família nos caminhos da cultura. Romântica incurável, é inspirada pela sua trajetória de vida. Sua escrita revela as reflexões, aprendizados e fantasias que carrega consigo.

INSTAGRAM



Igor Ananias de Carvalho Silva

Igor Ananias é fisioterapeuta formado, com forte interesse por arte e processos criativos. Majoritariamente autodidata, explora a conexão entre corpo, expressão e sensibilidade, buscando integrar conhecimento técnico com uma visão artística do mundo.

INSTAGRAM



Stella Gaspar

Stella Gaspar, nascida em João Pessoa – Paraíba. Pedagoga, professora adjunta na Universidade Federal da Paraíba, no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Mestre e Doutora em Educação, além de realizar um PhD na mesma área, cursado na Facultat de Magisteri de València - Espanha. Escritora, poetisa, contista. Autora do livro "Um amor em poesias como uma Flor de Lótus", ao mesmo tempo coautora e autora livros técnicos e didáticos na área das Ciências Humanas. Colunista no Blog da Editora Valleti Books, além escritora. Colunista e pesquisadora da Revista Internacional The Bard. Colunista do "Jornal Internacional The Bard News". Pesquisadora registrada no Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP) no Brasil, com afiliação ao CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Sua obra se expande como coautora em mais de 30 antologias. Atua também como prefaciadora e pós-prefaciadora.

INSTAGRAM





Certificado Impresso

Da Revista Internacional The Bard

31ª edição



APOIADOR(A) THE BARD



Páginas de Pedra:

"A Arquitetura e o Legado das Grandes Bibliotecas Históricas"

Prezado(a) Participante,

É com imensa alegria e sincera gratidão que recebemos seu apoio à arte e à literatura adquirindo o **CERTIFICADO** da 31ª edição Maio e Junho 2025, sua contribuição para a nossa causa.

Esperamos continuar a inspirar e ser inspirados por você em futuras edições da revista.

Segue abaixo a lista de **APOIADORES THE BARD** seguidos de foto, nome e sobrenome, minibiografia, link da rede social, certificado e logo da coluna participada.

Com os melhores cumprimentos e agradecimentos.

J.B WOLF

Idealizador, Fundador e Editor Chefe da Revista Internacional The Bard



Certificado Impresso Da 31ª Edição Da Revista Internacional The Bard



Ilze Maria Almeida

Nasceu em Caxias, Maranhão, terra de Gonçalves Dias. É engenheira agrônoma, ex-bancária e poeta. Atualmente, mora em São Luís do Maranhão. Sempre teve na alma e no coração poesia, música e muitos sonhos. Sua trajetória começou no Rio de Janeiro, no Parque Guinle, onde, refletindo sobre a vida e observando as pessoas ao seu redor, começou a rabiscar no caderno tudo o que via. A escrita é uma forma de expressar os sentimentos guardados em seu coração, e ela vibra quando suas palavras tocam o coração de alguém. Escreve simplesmente para tocar corações.

INSTAGRAM



Marcelo Guido Beker

Professor. Nasceu em 29/03/1977. É autor de 10 livros lançados pela Editora Filos entre os anos de 2020 e 2025. Participou de dezenas de antologias literárias. Em dezembro/2023 foi premiado, juntamente com outros autores, pela Academia Independente de Letras e Ordem Scriptorium com o título de Referência e Qualificação Literária Polímata pela notoriedade no trabalho de semear conhecimento e assim enriquecer a Cultura Nacional com a essência prima. Já no ano de 2024, tornou-se membro da Academia Independente De Letras (AIL) - cadeira 311 (O Cavaleiro Do Fogo) e em 25.1.2025 foi agraciado no Rio de Janeiro com o Troféu "Machado de Assis" de Excelência e Inovação como símbolo de excelência e inovação literária em em celebração aos artistas que dão vida para obras inesquecíveis.

INSTAGRAM



Fagner Lima

Jornalista, criou o Projeto "Turma do Faguinho" em 2008 e é composto por quatro CDs lançados entre 2009 e 2022. Além dos produtos audiovisuais, o grupo roda por cidades da Região Metropolitana do Recife e outras regiões de Pernambuco em apresentações ao vivo.

YOUTUBE



João Batista Londe

Imortal da Academia Internacional de Literatura Brasileira, com sede em New York-USA, J Londe nasceu na cidade de Patos de Minas-MG, em 20 de setembro de 1959. É poeta, professor, jornalista profissional e escritor. Membro imortal da Academia Interamericana de Escritores, com sede em Fortaleza-CE. Licenciado em matemática; licenciado em Ciências Biológicas; Especialista em Biologia pela Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais. Autor da série de romance histórico: Histórias De Minas, onde procura resgatar heróis esquecidos da história oficial brasileira e, sobretudo, mineira. É também autor da série Pedagnose, onde aborda, de forma quase científica, a aplicação da lei de diretrizes e bases na prática educacional e seus desdobramentos, fundamentada em conhecimentos técnicos e na sua vivência como professor da rede básica de ensino por 40 anos.

INSTAGRAM



Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA



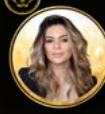
ACESSE A COLUNA



Matéria de Capa
VANINA SIGRIST



ACESSE A COLUNA



Coluna Ágora
MÍA RODA



ACESSE A COLUNA



Tudo Sobre Cinema
CLÁUDIA FAGGI



ACESSE A COLUNA



Autopoesia & Narrativas
STELLA GASPAR



ACESSE A COLUNA



Frases e Pensamentos
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA



História das Artes
BETÂNIA PEREIRA



ACESSE A COLUNA



Vida de Autor
LILIAN STOCO



ACESSE A COLUNA



Grandes Autores
ANGELA DANIELUCI



ACESSE A COLUNA



Semeando a Escrita
LILIAN BARBOSA



ACESSE A COLUNA



Nossa Literatura
VIRTUDES POÉTICAS
MARCIA NEVES



ACESSE A COLUNA



Prosa Poética
JEANE TERTULIANO



ACESSE A COLUNA



Mitologias e Crônicas
LADYLENE APARECIDA



ACESSE A COLUNA



A Língua em movimento
ALINE ABREU SANTANA



ACESSE A COLUNA



Dialética
CLAYTON ZOCARATO



ACESSE A COLUNA



Tons do Cotidiano
ADRIANA MOURA



ACESSE A COLUNA



Raízes do Brasil
RENATA MUNHOZ



ACESSE A COLUNA



Human Literar
SUELI LOPES



ACESSE A COLUNA



Inclusão & Acessibilidade em Foco
SANDRA SANTIAGO



ACESSE A COLUNA



As Cores da Sociedade
ELKE LUBITZ



ACESSE A COLUNA



Raízes de Moçambique
DANY AMADO



ACESSE A COLUNA



Nau Literária - Entrevistas
MAGNA ASPASIA

Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA



ACESSE A COLUNA



Recanto das Culturas tradicionais
EDNA BRENNARD



ACESSE A COLUNA



Florescendo em Pensamentos
CRISTINA GOMES



ACESSE A COLUNA



Literatura de Cordel
BETH DALTAN



ACESSE A COLUNA



Mãe África
FÁTIMA MONIZ



ACESSE A COLUNA



Vai um livro aí?
ARELY SOARES



ACESSE A COLUNA



Caldeirão Cultural
LUIZ SOLRAK LIMA



ACESSE A COLUNA



Desnuda em Palavras
TÔNIA LAVÍNIA



ACESSE A COLUNA



Poetas & Poetisas
EDNA LESSA



ACESSE A COLUNA



Nem te conto
FABIANA FRANCISCO



ACESSE A COLUNA



Desenho Digital
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA



MiniContos
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA



Contos
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA



Crônicas
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA



Coluna Soneto
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA



Vitrine The Bard
COLUNA DA REVISTA



Marketing & Divulgação

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



JULIANA ROSSI
Escritora
Diretora da Equipe de Marketing

ACESSE



SIDNEI MANOEL FERREIRA
Poeta
Redator de Marketing

ACESSE



RILNETE MELO
Poetisa e Cordelista
Divulgadora

ACESSE



ANDRÉ FERREIRA
Escritor
Divulgador

ACESSE



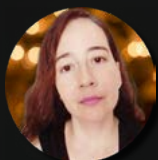
NICE VELOSO
Escritora
Divulgadora

ACESSE



LARISSA RESENDE
Escritora
Divulgadora

ACESSE



REJANE LIMA
Produtora de Eventos
Divulgadora

ACESSE



MARIA LÚCIA HADDAD
Poetisa
Divulgadora

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



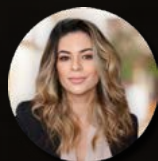
SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



Redatores Digitais

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



MIA KODA
Redatora Digital

ACESSE



LUIZ SOLRAK
Redator Digital

ACESSE



SANDRA SANTIAGO
Redatora Intérprete de Libras

ACESSE



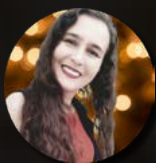
Revisão e Avaliação Textual

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



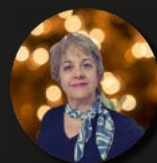
STELLA GASPAR
Escritora e Professora
Coordenadora

ACESSE



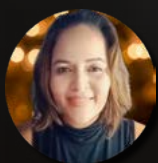
BETÂNIA PEREIRA
Historiadora e Escritora
Revisora

ACESSE



CRISTINA GOMES
Professora e Poetisa
Revisora

ACESSE



MÁRCIA NEVES
Escritora e Educadora
Revisora

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



COLABORAÇÃO
& PESQUISA

Colaboração e Pesquisa

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



ADRIANA MAGALHÃES
Neuropsicopedagoga e Poetisa
Pesquisadora

ACESSE



EDNA LESSA
Escritora e Professora
Pesquisadora

ACESSE



ARELY SOARES
Escritora e Poetisa
Pesquisadora

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE

QUER FAZER PARTE DAS EQUIPES?

RECEBA BENEFÍCIOS PUBLICITÁRIOS E DIVULGAÇÃO E DESENVOLVA DENTRO DA REVISTA





Vanina Sigríst



Professora de Ensino Superior na FATEC Baixada Santista, Bacharel e Licenciada em Letras, Mestre e Doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp. Autora do livro infantil *De Quem é a Rua?* (Ed. Tanta Tinta), criadora da Casa na Arte, professora e tradutora de língua francesa, com experiência em curadoria literária e conteúdos sobre arte.



"Muito além dos guerreiros lendários, a cultura nórdica revela uma herança rica em mitologia, arte, literatura e valores que atravessam os séculos."

Nem só de vikings vive a cultura nórdica

E nem só de batalhas sangrentas, adornados com chifres e casacos lanosos, vivem os vikings. Essas interpretações modernas sobre os povos escandinavos são certamente as mais acessíveis para as sociedades ocidentais: foram as imagens que chegaram ao resto do mundo, principalmente a partir do século XVII. Mas que não possuem integralmente uma atestação documental. Eu mesma confesso que pensei em vikings quando tomei conhecimento do tema desta edição da *The Bard*.

Também pensei na língua nórdica

e nos tantos mitos nela criados para satisfazer a fome de explicações de realidade. Tentei recuperar de memória deuses e deusas dessa cultura, popularmente conhecidos pela mediação hollywoodiana, como um Thor ou um Loki, que vez ou outra aparecem nas telonas. Mas ainda fico com uma impressão de vagueza, de que este ou aquele elemento são insuficientes. O que verdadeiramente conhecemos da religião dos nórdicos, por exemplo? Do seu artesanato e sua ciência? Da sua culinária e dos seus medos? Da sua música ou até das suas mais fortes ambições?

Se, com sorte, estivermos com algum interesse despertado para tal repertório, ainda assim podemos ficar reféns da literatura predominantemente heroica que foi destacada na historiografia, repleta de reviravoltas e estereótipos. Guerreiros e piratas ambiciosos em busca das terras da Europa e do Atlântico Norte, fundadores, em seu apogeu marítimo, dos reinos onde atualmente estão Dinamarca, Noruega e Suécia.

Mas e os rastros que se perde-

ram? Muitas histórias silenciadas, menos difundidas, distraidamente apagadas, como em qualquer cultura. Sim, elas existem. Uma outra tradição poética, anos adormecida, acabou por ser resgatada pelos estudos medievalistas mais recentes, iluminando novas facetas. Podemos, assim, constatar que a poesia que nos permite conhecer uma cultura tão antiga e tão estrangeira (para nós, brasileiros) - porque encapsula com fidedignidade a alma do seu povo, o imaginário de sua gente - é também a que exalta

desmesuradamente o seu caráter (para que pareça menos duvidoso?), e agiganta uma estirpe de soberanos para que não se mostre simplesmente feita de homens e mulheres comuns.

Eu tenho a impressão de que a primeira conexão que devemos estabelecer com uma cultura ainda desconhecida é com sua maneira de narrar a origem do mundo. Conhecer seu mito primordial, sabem? Entender que valor essa história tem na moralidade de seu povo e como ela é contada através de gerações.



Imagem de Freepik

*Dali provêm as damas
de conhecimento profundo
três do lago
que está abaixo da árvore;
Urðr uma se chama,
Verðandi a segunda,
- escreviam em uma tábua –
Skuld a terceira;
elas as leis ditaram,
elas escolheram as vidas
dos filhos da humanidade,
os destinos dos homens.*

"A cultura nórdica também pulsa em sagas, mitos e poesias que atravessam gerações."



Imagem de Velho Nórdico: Voluspá por Postposmo

Temos aqui versos da vigésima estrofe do poema nórdico antigo Völuspá - A profecia da vidente, com tradução direta para o português do pesquisador Pablo Gomes de Miranda (2018). Esse poema tem o seu registro escrito mais antigo no manuscrito Codex Regius do século XIII, e é considerado um dos mais importantes para o estudo da religião, mitologia e literatura nórdica antiga. Faz parte do que

se chama Edda em Verso ou Edda Poética, conjunto de manuscritos que sobreviveram fragmentariamente ao tempo e hoje, junto da Edda em Prosa, ajudam a testemunhar a existência da produção poética nórdica. Segundo as anotações do tradutor, Völuspá segue uma métrica semelhante ao Alto Alemão Antigo e Inglês Antigo, sendo essencialmente aliterativa.

No excerto, a profetisa, chamada vidente, retornada do Reino dos Mortos para tecer um monólogo ao deus Odin, a seu pedido, nomeia deidades do lago que seriam responsáveis pelos destinos dos seres humanos.



Imagem de Odin por Wikipedia

Ask e Embla são o casal originário como Adão e Eva para a tradição judaico-cristã, com a diferença de que na poética nórdica não há alusão à sua escolha e ao pecado; ambos aparecem na fala da profetisa como mais duas dentre tantas criações divinas, junto de gigantes, deuses e seus

descendentes e anões (que aparecem curiosamente nomeados um a um, em mais de uma dezena de versos). Podemos, decerto, imaginar quantas não foram as influências de outras culturas durante a histórica era viking, deixando suas marcas nas tradições orais e escritas, incluindo aí a cristianização.



Imagem de Capa do Edda em Prosa por Wikipedia

Em passagens anteriores, podemos conhecer como ela, figura sábia e intuitiva (arquétipo da feiticeira ou da sacerdotisa em outras culturas e regiões), narra como o mundo foi criado e quando o primeiro homem e a primeira mulher surgiram.

*Eu me lembro dos gigantes
nascidos no primórdio,
aqueles que outrora a mim
criaram;
nove mundos eu lembro
nove ograds de madeira,
a ilustre Árvore da Medida
no chão abaixo.
(...)
Até que vieram três
daquele bando
poderoso e querido
Æsir à casa,
encontraram pela terra
com pouca vivacidade
Ask e Embla
desprovidos de destinos.*



Imagem de Ask e Embla por Wikipedia



Imagem de Codex Regius por Wikipedia

Mas os leitores da The Bard terão aqui mesmo a oportunidade de desbravar um pouco mais dessa cultura e todas as suas ricas tradições, em várias matérias que apresentam feiticeiras, deusas, guerreiros e marinheiros (barbudos, vá lá, por que não?)

Uma ótima leitura, e até a próxima!

Völuspá me parece a própria materialização da mitologia nórdica, por meio de uma figura central, uma mulher vivida que tudo vê, tudo sabe, tudo presenciou. É a ancestralidade que ela conta, que ela potencializa, que ela honra enquanto sua guardiã, perante um deus supremo. Eu particularmente fico fascinada por esses mitos, essa simbologia dos ciclos, porque não só a origem como a destruição - o Ragnarøk - são narrados, aludindo ao renascimento.

Algumas versões das edda em verso e a em prosa, do historiador, poeta e político islandês Snorri Sturluson, estão preservadas em bibliotecas. O próprio Codex Regius está guardado no Instituto Árni Magnússon de Estudos Islandeses em Reykjavik, na Islândia. Além delas, muitas traduções para diferentes idiomas foram publicadas, sendo as de língua inglesa tomadas como referência por aquelas que não provêm diretamente da língua norreno.

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

VANINA SIGRIST

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM

YOUTUBE

POST NO SITE



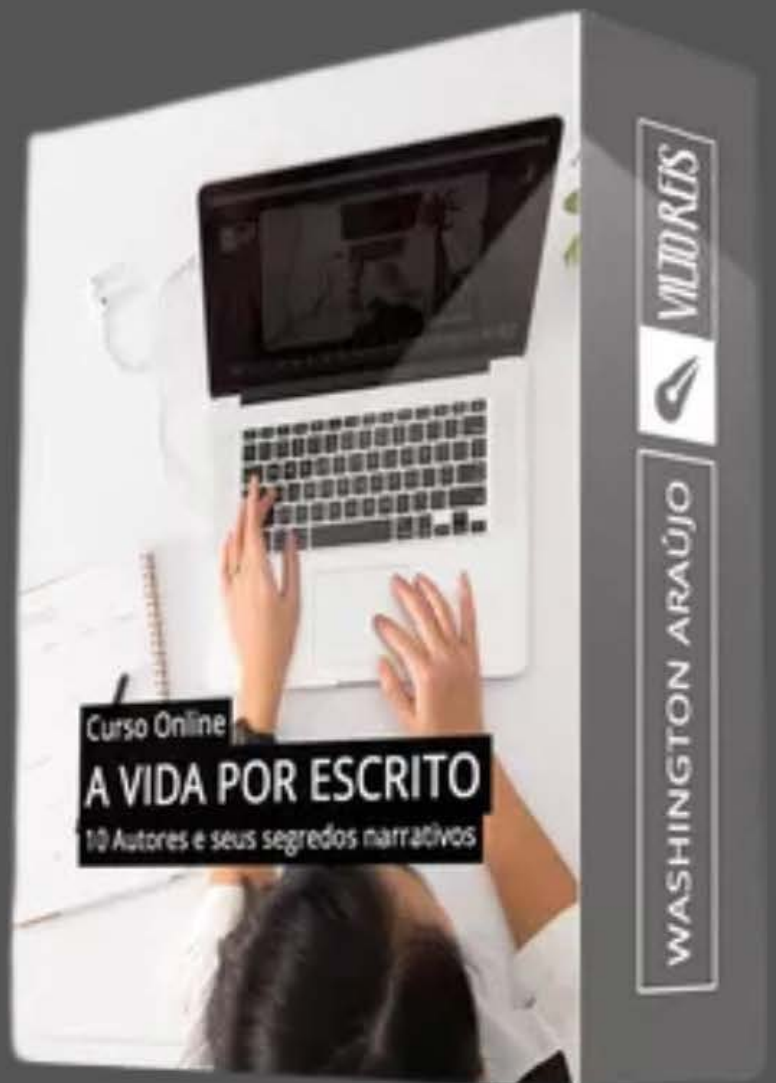
COLUNAS E COLUNISTAS



CONHEÇA O CURSO

A VIDA POR ESCRITO

10 Autores e seus
segredos narrativos



CLIQUE AQUI



Escreva contos e torne-se um escritor

Curso COMO
ESCREVER
CONTOS 2.0



CONHEÇA O CURSO! >>

CLIQUE AQUI

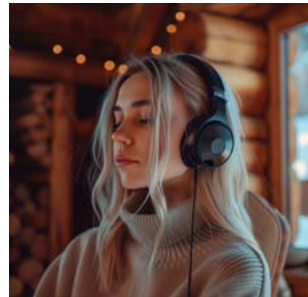


Sumário



20

Materia de Capa:
Sob os Ventos do Norte: "A arte nas
Culturas nórdicas", por Vanina Sigrist



66

Vida de Autor

Quem canta seus ma-
les espanta, por Lilian
Stocco

70

Grandes Autores

Machado de Assis: o gênio
silencioso das letras brasi-
leiras

78

Semeando a escrita

Feridas e cicatrizes do poeta,
por Lilian Barbosa

84

Nossa Literatura

Sob os ventos do norte,
por Márcia Neves

90

Prosa Poética

por Jeane Tertuliano

96

Mitologias e Crônicas

Mitologia da Suméria,
por Ladylene Aparecida

102

A Língua em Movimento

De São Paulo a Trancoso:
1500 km de palavra e areia,
por Aline Abreu Santana

Edição Jul/Ago 2025

30

Coluna Ágora

Por Mia Koda

40

Tudo Sobre Cinema

Por Claudia Faggi

48

Autopoiese & Narrativas

ACultura Nórdica e a Arte como
Extensão da Alma,
por Stella Gaspar

60

História das Artes

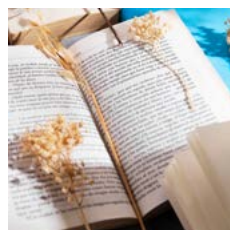
A arte nas culturas nórdicas,
por Betânia Pereira



106

Coluna Dialética

Thor e Loki e as dificuldades entre escolher
o bem e o mal através da mitologia nórdica,
por Clayton Zocarato



116

**Crônicas Tons do
Cotidiano**

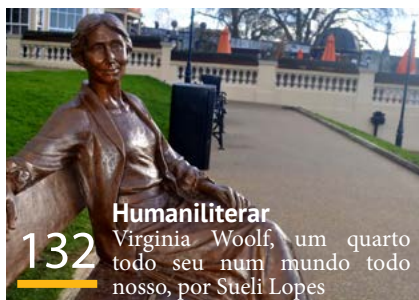
por Adriana Moura



124

Raízes do Brasil

Feitiçaria: encantamento e
repulsa na história do Brasil,
por Renata Munhoz



132 **Humaniliterar**
Virginia Woolf, um quarto
todo seu num mundo todo
nosso, por Sueli Lopes



142 **Inclusão & Acessibilidade
em Foco**
A deficiência na Mitologia
Nórdica, por Sandra San-
tiago



146 **As Cores da Sociedade**
A poesia e sua influência na literatura,
por Elke Lubitz



162 **Nau Literária**
Entrevista: Escritor Cássio Caval-
cante, por Magna Aspásia

166 **Recanto das Culturas
Tradicionais**
As mulheres na cultura musical
brasileira, por Edna Brennand



154 **Raízes de
Moçambique**
Por Dany Amado

172 **Florescendo em Pensamentos**
Um grito verde, por Cris Gomes

176 **Literatura de Cordel**
Marias da Poesia, por
Beth Baltar



184 **Mãe África**
As controvérsias do meu cabelo afro,
Por Fátima Moniz

200 **Desnuda em Palavras - Erótico**
por Tônia Lavínia

212 **Poetas e Poetisas**
por Edna Lessa

220 **Nem te conto - Minicontos**
por Fabiana Francisco

188

Vai um livro aí?
Resenhas de Livros,
Por Arely Soares



194 **Caldeirão Cultural**
Homem com H: entre amores,
repressão e um drama edipiano,
por Luiz Solrak



Ficha Técnica



Expediente

Revista The Bard
Ano 5, Nº 32, Julho e Agosto 2025
Periodicidade Bimestral.

Publicação Digital e em 3D:

Site: www.revistathebard.com

Publicação em PDF Interativo:

Facebook, WhatsApp, Telegram, E-mail.

Publicação em Links:

Facebook, Instagram, Twitter, Wattpad, Pinterest
YouTube, Sweek, LinkedIn.

CEO (Diretor Geral) J.B Wolf

Assessoria Jurídica: Marcelo Papareli

Webposter: Edna Lessa

Design Gráfico e Web Design: J.B Wolf

Diagramação: J.B Wolf

Criação IA da Capa: J.B Wolf

Design de Capa: J.B Wolf

Revisão textual: Stella Gaspar, Betânia Pereira,
Cristina Gomes, Márcia Neves

Curadora de vídeos: Tônia Lavínia

Redatores Digitais: Mía Koda e Luiz Solrak

Redatora Intérprete de Libras: Sandra Santiago

Representantes Internacionais:

• Representante autorizado em Moçambique 
Dany Amado Vasco

Colunas & Colunistas:

- Boas-vindas - Lu Ferreira
- Matéria de Capa - Vanina Sigrist
- Coluna Ágora - Mía Koda
- Tudo Sobre Cinema - Claudia Faggi
- Autopoiese & Narrativas - Stella Gaspar
- História das Artes - Betânia Pereira
- Vida de Autor - Lillian Stocco
- Grandes Autores - Angela Daneluci
- Semeando a Escrita - Lillian Barbosa
- Nossa Literatura - Virtudes Poéticas - Márcia Neves
- Coluna Prosa Poética - Jeane Tertuliano
- Mitologias & Crônicas - Ladylene Aparecida
- A Língua em Movimento - Aline Abreu Santana
- Coluna Dialética - Clayton Zocarato
- Crônica Tons do Cotidiano - Adriana Moura
- Raízes do Brasil - Renata Munhoz
- Coluna Humaniliterar - Sueli Lopes
- Inclusão e Acessibilidade em Foco - Sandra Santiago
- As Cores da Sociedade - Elke Lubitz
- Coluna Raízes de Moçambique - Dany Amado Vasco
- Nau Literária - Magna Aspásia
- Recanto das Culturas Tradicionais - Edna Brennand
- Florescendo em Pensamentos - Cris Gomes
- Literatura de Cordel - Beth Baltar
- Mãe África - Fátima Moniz
- Vai um livro aí? - Arely Soares
- Caldeirão Cultural - Luiz Solrak
- Desnuda em Palavras - Tônia Lavínia
- Poetas & Poetisas - Edna Lessa
- Nemw Te Conto - Minicontos - Fabiana Francisco
- Vitrine The Bard - J.B Wolf

Editorial: Equipe de Colaboradores
páginas 18 e 19

Artes de Anúncios: J.B Wolf

Criação Digital e finalização: J.B Wolf



ISSN

2764-9768



SNIIC

AG-217193

Revista *The Bard* Poesia, arte e música



117 Países





03



POR MIA KODA



Psicanalista, poetisa, criadora de conteúdo digital e escritora. Entre minhas obras, destacam-se “Pânico”, “Nevoeiro”, “Acabou o: mãe, cadê meu tênis?” e “Rios Internos”. Atuo como Redatora Digital da Revista The Bard e tenho a honra de integrar instituições como a FEBACLA – Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes e a Academia Penapolense de Letras.

Olá, caro (a) leitor (a),

Nesta edição, a Coluna Ágora apresenta uma entrevista especial com Mauri de Castro — ator, diretor e compositor cuja trajetória é marcada pelo talento e reconhecimento. Ao longo de sua carreira, conquistou importantes premiações, como o prestigiado Prêmio Jaburu (2018), a mais alta honraria concedida pelo Governo de Goiás, e o título de Comendador do Estado do Tocantins. Soma ainda 6 prêmios de Melhor Ator e 3 de Melhor Diretor em festivais nacionais de teatro, consolidando sua relevância na cena cultural brasileira.

Atualmente, participa de quatro projetos de longa-metragem e dirige uma peça (monólogo) de sua autoria chamada “Sem Mais Porém”. Em Bogotá, este monólogo está sendo montada pelo Ator Carlos Araque, com o nome de “Final da Curva”. A peça discorre sobre a velhice. Também é autor de obras como “Sonata em mim menor”, “Balada para embalar agonias”, “Dobra do Absurdo”, Paradoxo (peça montada também em Angola), “Sozinho a Dois”, “Sinfonia do Caos”, “Memória de um prego enferrujado”, e tantos outros títulos que já carregam no nome a poesia de sua existência.

Mauri é, sem dúvida, um artista que vive a arte como vocação e missão — criando, transformando e emocionando por onde passa.

MAURI DE CASTRO – UM ARTISTA PLURAL QUE VIVE PELA ARTE

Obrigada, Mauri, por compartilhar um pouco da sua história com a Coluna Ágora e com todos os nossos leitores. E com a poesia de Mauri de Castro, nesta inspiradora entrevista, celebramos a arte!

Aproveite esta inspiradora conversa!

LIVROS DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)

INSTAGRAM





MAURI DE CASTRO, ator, diretor e compositor cuja trajetória é marcada pelo talento e reconhecimento. Ao longo de sua carreira, conquistou importantes premiações, como o prestigiado Prêmio Jaburu (2018), a mais alta honraria concedida pelo Governo de Goiás, e o título de Comendador do Estado do Tocantins. Soma ainda 6 prêmios de Melhor Ator e 3 de Melhor Diretor em festivais nacionais de teatro, consolidando sua relevância na cena cultural brasileira.

ENTREVISTA

1

REVISTA THE BARD - Mauri de Castro, que alegria recebê-lo na Coluna Ágora! Hoje temos o privilégio de mergulhar em seu universo criativo e inspirar outros artistas a reconhecerem a força que carregam em si.

Seja muito bem-vindo!

MAURI DE CASTRO - Gratidão pela oportunidade e por tantas palavras generosas. Espero corresponder a expectativa. Tudo que sempre fiz, foi tentar honrar a profissão com que a Fonte Criadora me brindou nesta existência. Sempre considerei a Arte um terreno sagrado. E foi com ela, que construí os laços que ainda hoje me norteiam e dão sentido à minha vida. Cada fragmento de minha jornada, cada lágrima e cada risada, eram elementos que compunham a minha trajetória, a cantiga da minha estrada, capaz de tocar, não apenas a minha própria história, mas também a de todos aqueles que se deixassem envolver pela magia da Arte. Engraçado... Refletindo agora sobre a importância da Arte/Teatro na minha jornada de superação... aqui... agora... Meu coração pulsa como um tambor, ansioso para expor... não apenas histórias, mas lições... sim, porque a Arte te ensina lições que você não aprenderia em outra atividade. Para mim, a Arte é a batida do meu coração. Sem ela eu sou apenas um corpo vazio.

2

REVISTA THE BARD - Mauri, como foi o seu despertar para a arte? Sua vocação surgiu ainda na infância ou foi algo que se revelou mais tarde, na adolescência? E como foi a receptividade da sua família, eles apoiaram esse sonho desde o início ou houve um processo de convencimento?

MAURI DE CASTRO - Na minha pré-adolescência, com 10/11 anos, assisti a uma apresentação de circo na minha cidade. Fiquei maravilhado com tudo o que acontecia no picadeiro: os palhaços, os dramas, as mágicas. Foi um impacto tão grande, que, intuitivamente, fiz um "circo" no fundo do quintal da minha casa, debaixo de um pé de goiaba. Cobramos três palitos de fósforo sem riscar. Esse era o valor do ingresso. Ensaiei uns amigos e convidamos a família pra assistir. A apresentação não passou da primeira cena. Explico: a primeira cena era aquele velho número do palhaço que dá uma bofetada no outro, mas este agacha e a bofetada pega num terceiro que nada tem a ver com a história. Meu amigo esqueceu-se de desviar e a bofetada pegou em cheio seu rosto. Como ele era maior que eu, me jogou no chão e me deu várias bofetadas pra valer. A família, concluindo que estava muito real pra ser brincadeira de criança, acabou com a apresentação. Ainda apanhei do meu pai porque ele descobriu que a corda que eu usei pra fazer o

trapézio, era o cabresto de prender seu cavalo (meu pai era carroceiro na cidade). Aos 14 anos fui convidado pra contar piadas no intervalo de um show de música. Levei uma vaia de umas 500 pessoas, porque estava muito ruim e o público queria ouvir a banda tocar.

Minha família nunca concordou com essa minha vocação. Eu era o sétimo filho, o caçula, e não tinha direito de voz. Pra ir ao circo que chegava na cidade, tinha que ser escondido. Eu era engraxate e juntava dinheiro, só pra quando chegasse um circo, eu pudesse assistir. Nenhum parente, nem distante, tinha essa vocação. Quando não tinha circo, eu declamava poesia em sala de aula. Não existia televisão na minha cidade, especialmente pra classe média baixa. Mas havia alguma coisa na minha alma que me puxava para o lado artístico, mesmo sem saber o que era “lado artístico”.

Bem depois, já tendo ido pro seminário ser padre (o que desisti depois de alguns anos), tendo servido o exército... Quando eu era jogador de futebol profissional, já em outra cidade, soube de uma oficina de teatro que seria ministrada por um ator/bailarino argentino chamado Fred Garcia. Me matriculei e fiz a oficina. Conclusão: me apaixonei tão completamente que nunca mais voltei para o centro de treinamento de futebol. Fui escolhido para ser ator de uma peça, dentro de um projeto (Teatro ao Encontro do Povo) do SESC de Anápolis, nas praças públicas. Devido ao personagem que eu fazia (um dedo-duro, informante da ditadura), recebi várias pedradas. Ou seja: saí da vaia para a pedrada. Era pra eu nunca mais ter subido num palco... mas... destino é destino, né? O Secretário de Cultura do Estado de Goiás da época me viu em cena e me convidou pra fazer parte de um grupo de 12 pessoas que passariam um ano no Teatro Guaíra, de Curitiba, fazendo cursos, pra assumir um Grande Teatro que estava sendo construído em Goiânia. E lá fui eu...

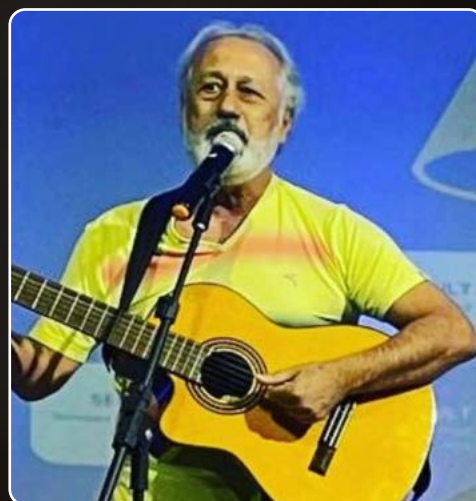
Ah, até hoje nenhum membro da minha família me viu no palco. Só comentam que faço parte dela quando me veem na televisão. Aí, sim: “aquele artista é meu irmão”...

REVISTA THE BARD - Quais foram os artistas que te inspiraram a seguir esse caminho e acreditar que a o caminho da arte era, de fato, o caminho que você desejava seguir?

MAURI DE CASTRO - Em Curitiba fui me inteirar sobre o que é ser artista... e conhecer os grandes nomes nacionais do teatro, do cinema e da TV. Vi Fernanda Montenegro, Antônio Fagundes, Stênio Garcia, Chico Anysio, Ronald Golias, Grande Otelo, e tantos outros... Sem saber que, alguns anos mais tarde, eu trabalharia com todos eles. E todos esses, sem dúvida me inspiraram e me ensinaram muito.

Sobre acreditar que a Arte era, de fato, o caminho que eu desejava seguir.... Sempre soube disso. Quando entrei em cena pela primeira vez, depois da oficina... Quando entrei em cena... ah... o meu coração disparou. Havia ali a sensação de estar exatamente onde eu deveria estar. Ali estava a confirmação de que eu fazia parte de algo maior... Uma missão de tocar o coração das pessoas através da arte.

A arte, pra mim, nunca foi passatempo ou fuga. Sempre foi minha sobrevivência... A minha maneira de respirar, quando o mundo se tornava pesado... Ou seja: quase sempre. Sem ela, eu não sei onde teria encontrado abrigo para minha dor. Cada nota que eu tocava no violão, cada verso que eu recitava, cada texto era uma viagem, uma libertação...





4

REVISTA THE BARD - Você já atuou em mais de 100 espetáculos teatrais. O que reverbera na sua existência a cada novo personagem que interpreta?

MAURI DE CASTRO - Cada personagem que represento, e uso este verbo porque, tenho por mim, que o Ator/Atriz é advogado(a) de defesa do personagem e há que defendê-lo bem, para que o júri/plateia fique do seu lado, lembrando dele após sair do teatro. Todos os personagens que fiz, me ensinaram coisas: positivas e negativas, é claro. Já fiz mocinho, fiz mulher (fui premiado com uma delas), vilão (todo ator gosta de representar vilão) acho que já fiz quase todos os tipos de papéis no cinema/teatro/TV.

De cada um, sempre fica uma lembrança porque, criar uma alma e dar corpo a ela, não é tarefa tão fácil. Quem pensa que representar um personagem é só decorar o texto, não sabe que, dar vida, significa preencher essa alma, com corpo, emoção, pensamentos, dignidade e todas as questões que envolve o seu lado psicológico, econômico, social, fisiológico... enfim...

Peter Brook, grande diretor inglês, dizia que “falar um texto qualquer idiota fala... a função do ator/atriz é deslindar o que está escondido entre as palavras”.

6

REVISTA THE BARD - “Anatomia do Caos – Reflexões de uma ameba High-Tech” é seu mais novo livro. Poderia compartilhar resumidamente uma dessas reflexões para que possamos ter uma ideia do que encontraremos no livro?

MAURI DE CASTRO - A Ameba (que sou eu mesmo) fala sobre o caos no qual se encontra a humanidade. Neste livro eu ironizo a mim mesmo pra mostrar ao

5

REVISTA THE BARD - Das 84 peças que você dirigiu, qual delas mais te desafiou como diretor e por quê?

MAURI DE CASTRO - Várias delas, mas vou citar ABAPORU. Eu desenvolvi um projeto chamado “Literatura em Cena”, onde eu fazia adaptações dos principais movimentos literários brasileiros. O espetáculo Abaporu (quadro da Tarsila do Amaral, nomeado por Oswald de Andrade), foi particularmente difícil porque: era sobre o Movimento Antropofágico, de 1928, liderado por Oswald de Andrade. Os atores tinham pouco conhecimento sobre literatura e, para compreender o movimento em questão, eles tiveram, primeiro, que estudar sobre a Semana de Arte Moderna de 1922, sobre o Movimento da Poesia Pau Brasil de 1924 pra entender de que se tratava o Movimento Antropofágico. Pedi também que se informassem sobre a Tropicália, inspirada na Antropofagia. E também, os mitos brasileiros, como Boitatá, Negrinho do Pastoreio, Anhangá, bem como das danças genuinamente brasileiras, como o jacundá, o cururu, a chula, o frevo... Por que tudo isso? Porque em todos os espetáculos que monto, gosto de fazer um bate-papo com a plateia após a apresentação sobre os temas apresentados. Isso enriquece tanto o público como os atores.

mundo a grandiosidade que ele desperdiça. Não me poupo, pegando a mim mesmo como exemplo da enfermidade do mundo. Este livro de poemas é fruto de um desafio poético que me foi proposto sobre os temas: desaparecimento e desvanecimento.

ABISMO

Nunca entendi profundidades
O complexo sempre me foi difícil
Palavras e assuntos profundos
nunca me fizeram festa
minha simplicidade
cria abismos
entre mim
e o sofisticado
Se algo é bonito
só sei dizer que é bonito
Não aprendi criar metáforas
Dos poetas
sei mais lê-los
do que ser um deles

TERAPIA

Como o rio busca o mar
a alma busca poesia pra se elevar
Não tem contraindicação
nem efeito colateral
A alma precisa da poesia
como o mar do sal
Mesmo a alma
mais rude e descortês
necessita da poesia
pra curar-se de estupidez
Tome ao menos uma vez ao dia
gotas de Quintana
de Drummond
de Bandeira
João Cabral
Pessoa
que a alma há muito doente
não demora fica boa
E lembre-se
para se libertar
do mal que lhe atravanca
quem toma Florbela
seus males Espanca!

REVISTA THE BARD - Seus livros têm títulos fortes e poéticos como “Sonata em mim menor” e “Memória de um prego enferrujado”. Qual a relação entre esses títulos e os sentimentos que movem sua escrita?

MAURI DE CASTRO - Tudo que escrevo, tem a ver comigo. Perguntaram-me, certa vez: “Por que você escreve”? E eu respondi em “Sonata em mim menor”:

PORQUE ESCREVO

Não escrevo para concurso
Nem porque preciso
Não escrevo por impulso
Nem por estar vivo
Não escrevo porque sofro
Muito menos porque amo
Escrevo
porque
derramo

Esclarecimento: Geralmente, não utilizo pontuações. A única, é o ponto de interrogação, para o leitor não confundir pergunta com afirmação. Sempre achei que a poesia é terapêutica. Disse isso em “Memória de um Prego Enferrujado”:





8

REVISTA THE BARD - Você participou de mais de 30 filmes, sendo 13 longas. Como a linguagem do cinema dialoga com a sua formação teatral? Existe um dos dois que fala mais alto dentro de você?

MAURI DE CASTRO - No primeiro filme de que participei (“Índia, a filha do Sol”, de Fábio Barreto, com Glória Pires e Nuno Leão Maia, em 1982), tive muita dificuldade em adequar a interpretação... porque no teatro, quem se dilata é o Ator com movimentos, falas e expressões. No Cinema e TV, o que te faz crescer é o zoom da câmera. Até meu quinto filme, foi essa dificuldade. Tudo que eu fazia parecia teatral demais, segundo os diretores. Aprendi muito com Antônio Fagundes, generoso e disciplinado companheiro de cena de dois filmes (No Coração dos Deuses e O Tronco – ambos, disponíveis no YouTube). Aprendi que a diferença entre Teatro e Cinema está em dosar a intensidade da interpretação. Sou da época em que se apresentava num teatro, para duas mil pessoas, sem microfone... como o Teatro Guaíra, de Curitiba e o Teatro Rio Vermelho, de Goiânia.

Durante muito tempo, a minha grande paixão foi o Teatro, por causa da troca de energia com a plateia que é instantânea e direta. Essa experiência é única. Mas o Cinema tem uma vantagem em relação ao Teatro que é o fato de você fazer o seu trabalho uma vez... e não ter que estar presente para que ele seja visto no mundo inteiro. Já no Teatro, a presença é sine-qua-non. Amo os dois.



9

REVISTA THE BARD - Com 4 projetos em andamento, como você se prepara para dar conta de tudo? E quais fatores te influenciam na hora de aceitar um desafio, como por exemplo, atuar num longa-metragem?

MAURI DE CASTRO - Você disse bem: DESAFIO. No momento (junho de 2025), estou envolvido com 4 longas, sendo o primeiro já em andamento: “São Miguel Arcanjo: Santuário de Batalha”, de Tiago Benetti, onde interpreto Giácomo, um pesquisador ancião. Já na primeira semana de julho estarei em “Quando ao Norte é Verão”, de Dostoiowski Champangnatte, onde faço o protagonista Aldino. Em Agosto, em “As Aventuras do Capitão Fralda”, de Rony Guilherme Deus, interpreto Dr. Ronaldo. Este filme é inspirado numa história real. Em setembro estarei no Set, interpretando o Coronel Belarmino, no filme “Serra do Fogo”, de Júlio Quinan.

No meio disso tudo, nos dias folga, estarei no palco com as palestras: “Várias Faces do Humor” e “O Teatro como Instrumento de Transformação”. E o grande fator que me influencia para todos esses trabalhos, é a paixão, o amor que tenho pela minha profissão.



10

REVISTA THE BARD - Com mais de 80 composições musicais e 6 CDs lançados, é fato que você tem vasta experiência e uma mente extremamente criativa. Sendo assim, qual sua opinião sobre o uso de Inteligência Artificial na produção e composição de melodias e letras?

MAURI DE CASTRO - A IA chegou pra ficar. Isso é incontestável. O fato, é que ela oferece benefícios para todas as áreas. No caso da música, beneficia na produção, na criação musical, na composição, nos processos técnicos. Agora, o que não deve, é conferir a ela, a responsabilidade de fazer por você. Há que ter bom senso na utilização da IA. Mesmo assim, tenho certeza, de que, em breve, estaremos elogiando um compositor, sem que ele tenha mérito na autoria.



11

REVISTA THE BARD - Você foi premiado, com o Troféu Tiokô, o Prêmio Jaburu, o Prêmio Buritis, além de seis prêmios de Melhor Ator e três de Melhor Diretor em festivais nacionais. Esses reconhecimentos revelam mais sobre sua habilidade artística ou sobre a alma que habita o artista?

MAURI DE CASTRO - Acredito que a habilidade artística faça parte da alma do homem. Não dá para separar uma coisa da outra, penso. Há muito trabalho por trás disso tudo. Muita disciplina. Eu sou extremamente focado e disciplinado... trabalhador. Por isso, para mim, o Teatro sempre foi desgastante porque eu ensaio até à exaustão... de manhã, a tarde, a noite, sozinho ou com o grupo. Não me descuido porque tenho um respeito sagrado pela pessoa que sai de casa pra me ver.



REVISTA THE BARD - Sua trajetória revela um forte compromisso social, presente nas peças teatrais com temas como a relação entre pais e filhos ou os direitos dos idosos, em projetos como “Na Rua, as Crianças e as Artes Cênicas” e na palestra “O Teatro como Instrumento de Transformação Social”. O que te motiva a unir arte e ativismo? E como você percebe o poder da arte para transformar realidades?

MAURI DE CASTRO - Vou começar pela última questão. A arte tem um enorme poder de transformação. No caso do Teatro começa na Grécia com as tragédias. Aristóteles disse: “O Teatro tem o poder de libertação”! Foi por constatar isso, que ele criou o conceito filosófico de catarse. Temos vários exemplos de transformação, não só individual como coletivo, através do Teatro. Senão, vejamos: Okuni, a Bailarina/Atriz/Cantora (Precursora do Teatro Musical Moderno e criadora do Teatro Popular do Japão – KABUKI), através do teatro acolheu moças expulsas de suas famílias e ao ensinar a cantar, interpretar e dançar, deu autonomia e dignidade a elas. Sokolova, na Rússia, através do Teatro, alfabetizou mulheres de 35 aldeias, formou o primeiro grupo de Teatro Camponês da história e ensinou a igualdade entre homens e mulheres, tudo isso utilizando o Teatro como instrumento. E o que dizer de Piscator, Brecht que utilizaram o teatro como manifesto político e conscientização social, na Alemanha? J. L. Moreno, em 1921, criou em Viena o Grupo de Teatro da Espontaneidade, que mais tarde se tornou no Psicodrama, que é a utilização do Teatro tanto no diagnóstico como no tratamento de questões psíquicas. O próprio Hamlet, de Shakespeare utiliza o teatro como instrumento de investigação sobre a morte do seu pai, o rei. E vou parar por aqui, porque isso é objeto de estudo pra um livro, que pretendo escrever. Eu mesmo apresentei em 250 bairros de Goiânia, levando espetáculos discutindo questões sociais e os relatos são impressionantes. Mas não dá pra fazê-los aqui. O projeto citado: “Na Rua, as Crianças e as Artes Cênica” foi desenvolvido em Palma – TO.

Foram 3 anos de projeto, para mais de 2 mil crianças e adolescentes, utilizando as técnicas do teatro para o desenvolvimento do potencial criativo.

Desde que comecei a dirigir espetáculos, quis unir Arte com Pedagogia. O resultado é mágico. A utilização da Arte, no meu caso, o Teatro, como instigador da reflexão social é impressionante. Tenho relatos de vários anos de investigação e estudos neste campo. Desenvolvi projetos em 30 cidades do sertão do Tocantins, formando grupos, incentivando a criatividade, repassando noções de comunicação, corporal, visual, verbal, energética, montando peças pequenas e pedagógicas, finalizando com um grande festival de teatro em Miracema do Norte, com a participação de todas essas 30 cidade do Tocantins.

Cito também, o projeto “Cidade Livre”, em Aparecida de Goiânia, onde trabalhei 17 anos, como voluntário, formando um grupo de pessoas e construindo um Teatro de Bolso, com dinheiro próprio. Desde 2004 oferecemos oficinas de formação em várias atividades, como dança, teatro, música, além de apresentar todos os fins de semana para a comunidade, de graça, até culminar na Mostra de Teatro Social Latino Americano, já na sétima edição, e, sempre, com grupos de vários países, como Equador, Colômbia, Chile, Argentina, Bolívia, México e Uruguai. Tudo isso, no fundo de um quintal.



13

REVISTA THE BARD - E para finalizarmos, poderia deixar uma mensagem para os leitores da Coluna Ágora?

MAURI DE CASTRO - Em primeiro lugar, gostaria de externar minha eterna e infinita gratidão a todos da revista, por essa generosidade de me permitir falar sobre a Arte Popular e Pedagógica, realizada no interior do nosso país. Sempre digo que eu sou todos que me trouxeram até aqui: desde meus ancestrais propriamente ditos, como os meus ancestrais do Teatro, que são os diretores, pedagogos e autores dos livros que me formaram. E sinto que todos eles me impulsionam para este trabalho que provoca mudanças individuais e coletivas através da Arte. Afinal, a Arte cura... a Arte eleva e harmoniza a frequência vibratória do sistema de quatro corpos de cada um: físico, eletrônico/áurico, emocional e mental. Gratidão, gratidão e gratidão. Sejam todos felizes e prósperos.

Há alguns anos fui diagnosticado com TEA (Transtorno do Espectro Autista). Isso me fez compreender meu comportamento durante a vida e a reação das pessoas em relação a mim. Por isso, sempre digo que o Teatro me salvou. Me ajudou a superar minhas dificuldades de comunicação, especialmente a visual. Sobre isso, tenho um poema no meu último livro "Anatomia do Caos" – Reflexões de uma Ameba High-Tech:

PERFIL

Restrito
De fase
Escassa comunicação social
Rotineiro
Praticante da esquiva
Talento pra estar só
Um tanto antissociável
Ingênuo
Literal
Minimalista
Cada coisa em seu lugar
Rituais cotidianos
Pontualidade
Literatura e Arte:
habilidade e salvação
Detalhista
AU(R)TISTA

LIVRO - MAURI DE CASTRO



INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



20



CLAUDIA FAGGI



Jornalista diplomada, roteirista, escritora, repórter, apresentadora de TV, criadora de conteúdo digital, mãe de um menino que é luz, mulher, guerreira, sempre em busca da felicidade e apaixonada pela sétima arte. Eu me apaixonei pela sétima arte desde a primeira vez que assisti a um filme em um cinema, o filme era "História Sem Fim" de 1984. Foi incrível. As sensações eram diversas. Viajei sem sair do lugar, a música me envolveu, a história me inspirou e por quase duas horas eu me desliguei do mundo real e naquele momento eu fazia parte do elenco do "História Sem Fim." Foi paixão à primeira vista pelo cinema.

A VIDA IMITA A ARTE OU A ARTE IMITA A VIDA?



Imagem de Fotoarhiv0001 por Freepik

Na edição de julho e agosto da coluna Tudo sobre Cinema, trazemos uma seleção de filmes que instigam o olhar, tocam emoções e provocam reflexões sobre o mundo que habitamos. Cada obra escolhida tem seu próprio ritmo, linguagem e universo, mas todas compartilham o poder de contar boas histórias.

Começamos com La Doce Villa, um retrato sensível de uma pequena vila onde as tensões entre tradição e modernidade se manifestam nas relações

humanas. Já em The Chosen, acompanhamos uma abordagem contemporânea e emocionante da fé, com foco nas experiências humanas de personagens bíblicos, dando profundidade a temas universais como compaixão, dúvida e redenção.



Imagem de Freepik



Imagem de Vefimov por Freepik

Delicious é um banquete visual e afetivo, que nos leva à França pré-revolucionária, onde a culinária torna-se ato de liberdade e transformação. Na sequência, É Assim que Acaba mergulha nas complexidades do amor marcado por traumas, com personagens que desafiam a romantização da dor e buscam recomeços possíveis.

Fechamos com dois filmes que propõem reflexões urgentes: Adolescência, que narra com delicadeza os dilemas, descobertas e fragilidades dessa fase intensa da vida; e A Conspiração Consumista, um documentário provocador que questiona a lógica do consumo desenfreado e seu impacto na sociedade contemporânea. Prepare-se para uma edição que convida à escuta, ao olhar atento e ao pensamento crítico.

CLAUDIA FAGGI

**CONHEÇAM O TRABALHO DA NOSSA COLUNISTA
VISITEM SUA REDE SOCIAL**

INSTAGRAM



YOUTUBE



THREADS



POST NO SITE



La Dolce Villa

Que delícia de filme!

La Dolce Villa é uma comédia romântica que está disponível na Netflix.

Dirigido por Mark Waters, conhecido por sucessos como “Meninas Malvadas”, o filme conta a história de Eric, um empresário que viaja para a Itália com a intenção de impedir sua filha de gastar suas economias na restauração de uma casa antiga vendida a 1 euro...

No entanto, a viagem se transforma em uma jornada de autodescoberta, onde Eric encontra beleza, romance e um novo propósito para sua vida.

O filme foi gravado em locações reais na Itália, incluindo Roma e a Toscana, o que adiciona um charme especial à narrativa.

Se você gosta de histórias leves e inspiradoras, com cenários deslumbrantes e uma pitada de magia italiana, “La Dolce Villa” é uma ótima escolha!

Beijos

Claudia Faggi

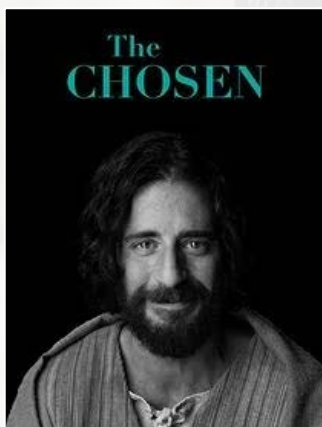


ASSISTIR AO VÍDEO

POST NO SITE



The Chosen



The Chosen é uma série de drama histórico que retrata a vida de Jesus Cristo sob uma perspectiva única e intimista. Criada por Dallas Jenkins, a série é a primeira produção com cinco temporadas que exploram a vida de Jesus e daqueles que o conheceram. A narrativa se destaca por humanizar os personagens bíblicos, mostrando suas lutas, dúvidas e transformações ao interagirem com Jesus.

A série começou em 2019 e está disponível na Netflix e na Amazon.

The Chosen – A Última Ceia, será a última produção. Essa temporada foca nos eventos da Semana Santa, incluindo a última ceia. É emocionante!

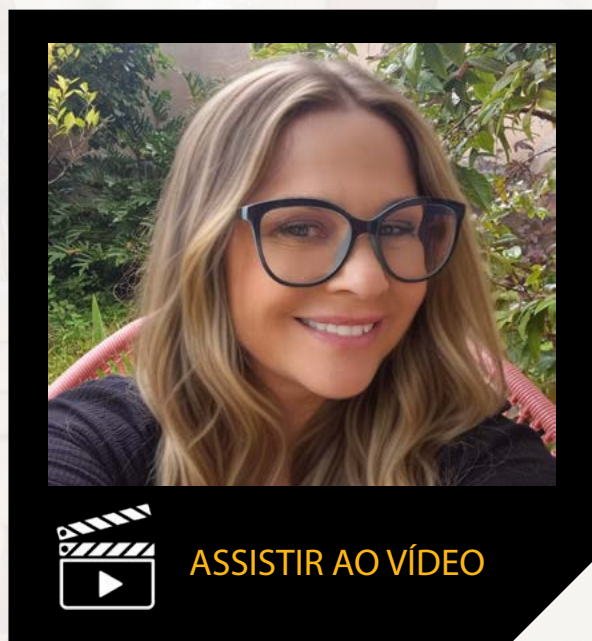
The Chosen é amplamente elogiada por sua qualidade técnica, narrativa envolvente e abordagem inovadora, conquistando uma base de fãs global.

Jonathan Roumie, que interpreta Jesus Cristo na série, é elogiado por sua atuação autêntica e emocionante, trazendo uma perspectiva humana e divina ao personagem. Jonathan nasceu em Nova York, nos Estados Unidos, e tem formação em Belas Artes pela Escola de Artes Visuais de Nova York.

Antes de The Chosen, ele trabalhou como dublador em animações e videogames, além de atuar em outros projetos audiovisuais. Jonathan é conhecido por sua profunda fé católica, que ele acredita ser uma fonte de inspiração para sua interpretação de Jesus. Ele frequentemente reza antes das gravações e busca transmitir os ensinamentos de Cristo de forma impactante e respeitosa.

The Chosen é uma série linda, emocionante e inspiradora!

Beijos
Claudia Faggi



POST NO SITE



Delicious

O filme alemão me surpreendeu!

A trama se desenrola durante o verão na Provença, França, isso significa que a fotografia é linda e grandiosa.

Uma família rica desfruta de suas férias em uma luxuosa vila. Durante uma noite de festa, o patriarca da família atropela acidentalmente uma jovem chamada Teodora.

Em vez de levá-la ao hospital, sua esposa Esther decide levá-la para casa, não por bondade, mas por temer as consequências legais.

A partir desse ponto, a jovem passa a desempenhar um papel central na vida dos membros da família: ela manipula os pais, influencia os filhos e, aos poucos, desestabiliza a estrutura familiar.

O drama psicológico se transforma em um horror com elementos jamais esperados pelos telespectadores, revelando as reais intenções de Teodora e seus misteriosos aliados.

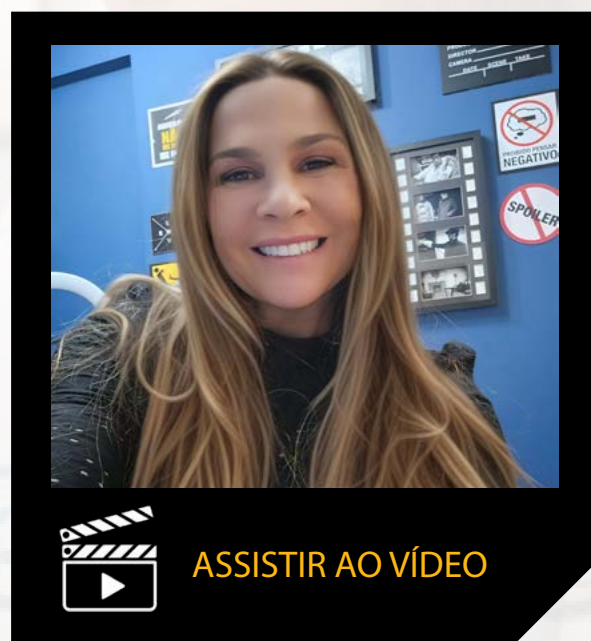
As críticas sobre Delicious são diversas.

Eu gostei por ser um filme intrigante, com um roteiro coeso, com boas interpretações e principalmente fora do final clichê dos filmes do gênero.

Assista e depois me conta tudo!

Beijos

Claudia Faggi



POST NO SITE



É Assim Que Acaba



É Assim Que Acaba é um filme com muita personalidade e é uma adaptação do romance homônimo da autora Colleen Hoover.

A película, lançada em 2024, é estrelada por Blake Lively e Justin Baldoni. A trama segue Lily Bloom, que se muda para Boston e começa um relacionamento com um neurocirurgião chamado Ryle Kincaid. No entanto, o retorno de seu primeiro amor, Atlas Corrigan, complica a situação e força Lily a enfrentar seus traumas passados e tomar decisões difíceis sobre seu futuro.

É Assim Que Acaba fala sobre relacionamento abusivo. Sobre não saber que está em um relacionamento tóxico. Sobre normalizar certas situações que são inadmissíveis.

É Assim Que Acaba está no Max e vale muito a pena!

Beijos

Claudia Faggi



ASSISTIR AO VÍDEO

POST NO SITE



Adolescência

Quando a série Adolescência chegou na Netflix eu não achei que seria uma obra tão intensa, provocativa e necessária. Me surpreendi.

Questões sobre a educação dos nossos filhos estão sempre em evidência, mas a profundidade de Adolescência vai além do cenário em que estamos acostumados.

Adolescência escancara a crise nas escolas, onde crianças fazem o que querem em nome da liberdade de expressão. Mostra o perigo que está presente dentro de seus quartos, e eu não estou falando de abuso, estou falando de um computador, um celular e redes sociais.

Muitas vezes não imaginamos as consequências do isolamento dos nossos filhos. Confesso que isso é assustador. Outro ponto importante é como assistir Adolescência.

Assista cada um dos quatro episódios sem interrupções, isso faz toda a diferença para entender a ideia central. O plano de filmagem é sequencial, o que permitiu com que a série fosse gravada em apenas cinco dias. Os diálogos têm um poder que define cada cena com cuidado.

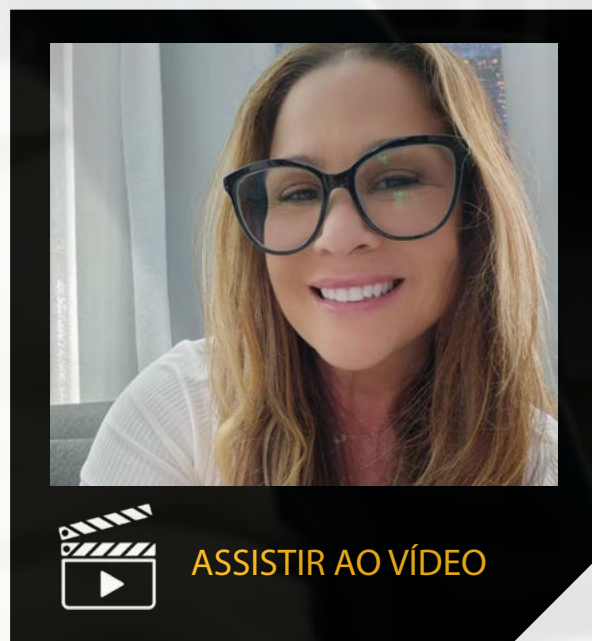
As interpretações são de tirar o fôlego.

Owen Cooper, de 15 anos, faz sua estreia como ator interpretando Jamie Miller. O diretor Philip Bragantini elogiou o desempenho do jovem e destacou sua entrega nas cenas. A equipe teve uma semana de ensaios antes das filmagens, como geralmente acontece no teatro. No começo, ensaiavam apenas cinco minutos por capítulo e foram aumentando gradualmente até encenarem todos os roteiros. O roteiro foi elaborado com delicadeza, nos fazendo pensar, sentir e imaginar.

A fotografia é cuidadosamente semelhante a vida comum, porém requintada e detalhada.

A série Adolescência está na Netflix e virou fenômeno mundial.

Beijos carinhosos
Claudia Faggi



POST NO SITE



A Conspiração Consumista



A Conspiração Consumista é um documentário da Netflix que revela as táticas e estratégias secretas usadas pelas grandes empresas com o objetivo de manter os consumidores presos em um ciclo interminável de compras. É realmente assustador!

A grande questão é: Não existe "fora" do planeta terra. A gente pode jogar fora da nossa casa, no lixo, mas fora do planeta não tem como...

O documentário questiona o que realmente é sustentável, se os rótulos dos produtos que compramos são honestos e o desperdício na indústria alimentícia.

Escrito e dirigido pelo indicado ao prêmio Emmy Nic Stacey, o filme revela os truques de manipulação que as marcas mais poderosas do mundo utilizam para criar uma necessidade constante, levando todos a gastar mais do que podem pagar. E acredite, faz todo sentido!

Com a colaboração de uma equipe duas vezes vencedora do Oscar, incluindo a Grain Media, o documentário mergulha nas estratégias de marketing das marcas mais influentes, enquanto informantes e denunciante expõem os métodos de persuasão e controle usados para garantir que os consumidores continuem comprando, sem questionar o preço e muito menos a necessidade.

A Conspiração Consumista tem um poder transformador e preocupante em relação às nossas ações e reações referente ao planeta azul.

Beijos!

Claudia Faggi



ASSISTIR AO VÍDEO

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





Stella Gaspar



Stella Gaspar natural de João Pessoa - Paraíba. Professora Universitária. Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha. Autora do livro "Um amor em poesias como uma Flor de Lótus". Escritora-Poetisa da Editora Valleti Books. Colunista-Pesquisadora-Escritora da Revista Internacional THE BARD. Registro no CNPq-Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Apaixonada pelas letras e livros, encontrou no universo poético, formas de expressar sentimentos, fazendo de sua docência uma extensão para caminhos inspiradores, fazendo pousos em sua alma com espaços para o amor de todas as formas e linguagens.

A CULTURA NÓRDICA E A ARTE COMO EXTENSÃO DA ALMA

Introdução

Convido vocês a embarcarem comigo em uma jornada literária repleta de deuses, lendas, poesias e uma rica mitologia que transcende o tempo no tema da trigésima segunda edição da Revista Internacional The Bard — Sob os ventos do Norte: "A Arte nas Culturas Nórdicas". Preparem-se para embarcarem nessa jornada onde a magia ganhará vida nas autopoieses criadas, narrando a poesia, a paixão e os amores entrelaçados na arte e sua extensão na alma, ressoando, tão livre quanto o vento em folhas e tão grande quanto o céu infinito.

O objetivo deste ensaio literário reflexivo é despertar novos pesquisadores a adentrarem nesta empolgante temática, com a sistematização de palavras e achados pesquisados na coluna em evidência. Mergulhamos na literatura nórdica, onde o amor, a perda e o

divino se entrelaçam sob o manto estrelado do destino. Portanto, desejo-lhes bons momentos autopoéticos com êxtases oceânicos de conhecimentos em um universo fantástico. A literatura nórdica é uma fonte inesgotável de histórias fascinantes que nos transportam para um mundo cheio de deuses poderosos, heróis corajosos e criaturas míticas. Ela exerceu uma grande influência na cultura contemporânea e continua encantando leitores ao redor do mundo.

Afagos nos olhos.

É lindo sentir que existimos.

E que existem imortalidades culturais.

Minha mensagem introdutória.

Colunista Stella Gaspar.



Imagem de Sidewaypics por Freepik

1- A Cultura Nórdica e a arte como extensão da alma

Sob os ventos gelados do Norte, onde o céu dança em véus de aurora, as culturas nórdicas teceram uma tapeçaria de mitos, símbolos e poesia que ressoa como o pulsar de um coração apaixonado. A arte dessas terras, repletas de narrativas épicas e delicadas, não é somente um reflexo da natureza bruta, mas também uma celebração da alma humana em sua busca por significados, buscando equilibrar a grandiosidade do épico com a emoção humana, criando uma experiência literária que toca profundamente o coração e a mente do leitor. O sentido de delicadeza na literatura épica diz respeito à sensibilidade, à emoção, à fragilidade e à beleza sutil do contexto épico.

A literatura nórdica é um conjunto de histórias e mitos que se originaram nos países escandinavos, como Noruega, Suécia e Dinamarca. Essas histórias são cheias de deuses, heróis e criaturas fantásticas. Sua rica cultura possui um estilo único, com uma linguagem poética e uma atmosfera sombria, influenciando diversas obras literárias, como a trilogia “O Senhor dos Anéis” de J.R. Tolkien; que apresenta diversas mensagens contextuais, variando conforme a visão e a interpretação pessoal. Contudo, algumas das mensagens mais recorrentes abordam a relevância da amizade, da bravura, da esperança, da força, da benevolência e da essência humana. A narrativa também aborda tópi-

cos como a dimensão do poder, a essência da guerra e a relevância de resistir ao mal.

Outro exemplo é a série “Crônicas de Gelo e Fogo”, do autor George R.R. Martin; que também se inspira na mitologia nórdica para criar um universo complexo e repleto de personagens cativantes.

Os mitos nórdicos são histórias que explicam a origem do mundo, dos deuses e dos seres humanos. Eles são cheios de aventuras, batalhas épicas e ensinamentos morais. Essas histórias eram transmitidas oralmente de geração em geração, até serem registradas em textos escritos durante a Idade Média.



A série incorpora elementos da mitologia nórdica, como a presença de monstros e seres sobrenaturais, e a importância da família, que são características marcantes da cultura nórdica. “As Crônicas de Gelo e Fogo” são consideradas por críticos e fãs como uma das melhores séries de fantasia já escritas; todas as obras têm em comum que mostram o conflito entre os autos sacrifícios

e o autointeresse, entre o espírito e ego humanos. Os nórdicos, assim como a maioria dos povos da antiguidade, eram politeístas; acreditavam, portanto, em vários deuses. Além de suas crenças, os nórdicos acreditavam também na existência de seres sobrenaturais e mágicos como fadas, elfos, anões encantados, gigantes, bruxas e videntes.



2- A poesia nórdica — um convite à contemplação do sublime

"A poesia pode ser um vasto mundo, uma maneira renovada de sentir sensações e emoções, é um convite para o olhar do coração, moldando a nossa existência" (Stella Gaspar, 2025).

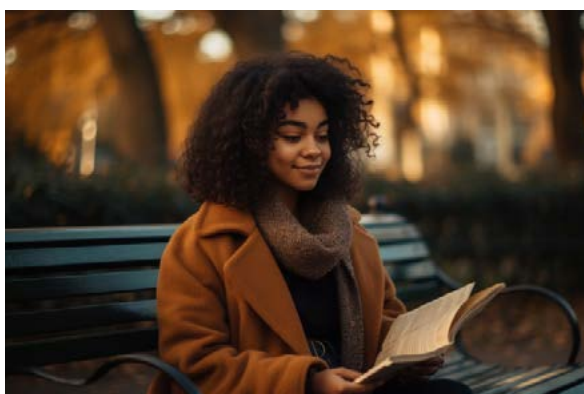


Imagem de Vecstock por Freepik

Para o povo nórdico, a arte de poetizar era um ato de autopoiese, uma recriação do self em harmonia com o cosmos. No coração da arte nórdica, a poesia era mais do que palavras; era magia, um convite à contemplação do sublime. Ela nos ensina que o amor, como a arte, é uma dança com um destino, um canto que ecoa além da vida. A poesia era o caminho para escrever e registrar os principais textos sagrados. A poesia aparece entre os primeiros registros das culturas mais alfabetizadas, com fragmentos poéticos encontrados em monolitos antigos, runas e outros materiais. O Romantismo nas Runas e na Natureza, mais do que um alfabeto, eram portais para o sagrado. Inscrições em pedras rúnicas, como a pedra de Rök, contam histórias de amor eterno e sacrifício. Uma runa entalhada para um amante perdido não era somente um epitáfio, mas um juramento gravado na eternidade. A natureza, com seus fiordes e florestas sussurrantes, inspirava esses versos. O vento, tão presente na mitologia nórdica, era um mensageiro dos deuses, carregando suspiros de amantes separados pelo mar ou pela morte. O romantismo dos ventos do Norte ainda sussurra, convidando-nos a ouvi-lo.



Imagem de Anders Mejlvang por Pixabay

Skald era um nome dado a um poeta ou contador de histórias que usava poesia e música na Noruega e na Islândia, e em sentido amplo nos países nórdicos. Numa época em que o acesso à escrita era menos frequente, este também era um narrador popular de episódios históricos. Compunham poemas cantados ou recitados em ocasiões importantes, como festas, cerimônias e celebrações. A principal fonte de conhecimento que temos sobre a poesia dos skalds está na “Prosa Edda”, um manual do século XIX. É possível que os Skalds dos Vikings contassem as histórias sem o uso de poesia também, mas o modo usual era em versos acompanhados por um instrumento de cordas, especialmente as harpas. Isso fazia com que contar histórias ou dar palestras fossem verdadeiros espetáculos, os quais, se olharmos atentamente as tradições antigas, a poesia seria provavelmente ouvida com profundo respeito e silêncio, às vezes interrompidos por risos ou espanto.

Os skalds, poetas-guerreiros, dominavam a arte do skaldskapr, compondo versos que capturavam a essência do heroísmo e da fragilidade humana. Seus poemas, como os drápas e lausavísur, eram oferendas aos deuses, aos reis e aos amores perdidos. A métrica complexa, como o dróttkvætt, exigia não apenas habilidade, mas uma entrega emocional que fazia cada verso vibrar com vida. Os skalds eram os poetas dos vikings, e a poesia (narração de histórias), era uma das formas de arte mais valorizadas na cultura nórdica. Essa arte era considerada um presente de Odin, o deus-chefe dos vikings, e

o simples fato de ser um skald já fazia com que alguém se tornasse parte da classe alta dos jarls em sua sociedade. Embora o skald exigisse uma quantidade enorme de conhecimento e memória, ele não se resumia à memorização e recitação. Grande parte da poesia era composta na hora, adaptando-a à inspiração do momento, ao humor e à reação do público. O skald às vezes usava uma lira ou harpa para marcar o tempo enquanto improvisava com base em seu tema. Também usava formas líricas chamadas kennings para colorir seu poema, encontrando seu caminho artístico.

A poesia skaldiana compara-se ao jazz ou às fugas (variações infinitas sobre um tema) da música clássica. Essa qualidade de criatividade e inspiração inerente à poesia skaldiana é provavelmente a principal razão pela qual os poemas não foram escritos, eram criações vivas, captando a essência da experiência humana, uma expressão poética de sentimentos e emoções, visões de mundo.

A poesia pode ser um vasto mundo, uma maneira renovada de sentir sensações e emoções, é um convite para o olhar do coração, moldando a nossa existência.



1- Imagem de Angeline 1 por Pixabay
2- Imagem de Freepik

Em poemas como os encontrados na “Edda Poética”, o amor é um fogo que consome e ilumina. Um exemplo é o lamento de Skírnir em Skírnismál, onde ele corteja a gigante Gerðr em nome de Freyr, misturando desejo ardente com a inevitabilidade do destino. A poesia nórdica não separa o romântico do cósmico; o amor é um fio que conecta mortais aos deuses, entrelaçado com a neve e o sangue.

O romantismo nórdico é indissociável da tragédia. Na Völsunga Saga, o amor entre Sigurðr e Brynhildr é um fogo condenado pelas teias do destino. A poesia que permeia essas narrativas não busca finais felizes, mas a beleza na efemeridade. Como as auroras boreais, o amor nórdico é fugaz, mas eternamente memorável. Os versos dedicados a esses amores trágicos, muitas vezes improvisados em banquetes, eram uma forma de desafiar a mortalidade, de tornar o efêmero imortal.



Imagem de Freepik

Poesia Nórdica

(Traduzido do islandês por Francesca Cricelli)

Um espelho fala em meio
ao sono.
Absorve a realidade.
Lá fora, espelham-se as
nuvens, navegam no céu.
Como um navio em dire-
ção ao porto.

Quantos portos há no céu?
Pergunte ao espelho, antes que a realidade acorde.
E o silêncio assumo.
Ele é sedento como as nuvens.

Tudo isso acontece na alma.
As palavras flutuam no céu.
E se levantam do abismo.
Caminham cidades adentro.
E se espelham nas nuvens.
Como as cores na luz.

2.1-Encontrando autopoieses na cultura moderna nórdica

Me fascina o poder da auto-
poiese em nós, nas nossas vidas e
produções. Nossas imaginações
voam como um sopro de brisas,
buscando nas diferentes artes
o belo que deve ser imortal. A
autopoiese é uma autocriação,
onde o artista, o professor, o ator,
o jornalista, etc. imortaliza sua
arte. A prova dessas afirmações
está no fato de, até hoje, a arte
nórdica continuar a nos encantar.
Diversos autores têm utilizado
elementos dessa rica tapeçaria
cultural em suas obras, criando
narrativas e autopoieses que ho-
menageiam e reinventam antigas
lendas da mitologia nórdica, com
suas narrativas repletas de deuses
poderosos, criaturas míticas e
heróis destemidos, que têm atra-
vessado séculos e ainda exercem
uma influência significativa na

cultura moderna. Esta influência
pode ser observada em múltiplas
facetas da arte e do entreteni-
mento, onde antigos símbolos e
histórias são reinterpretados para
capturar a imaginação de novas
gerações.

A arte, para os nórdicos, é
como uma extensão da alma. Po-
demos entender essa grandeza de
palavras como o sonho possível
da fusão corpo e alma, na busca
da simbiose perfeita que integra
as diferentes dimensões do ser
humano, criando, imaginando,
transformando, florescendo a
vida.

A chama da vida sem a essên-
cia da autoria, ou seja, da auto-
poiese, tende a perder a fonte de
energia inspiradora.



Imagem de Maria69 por Freepik



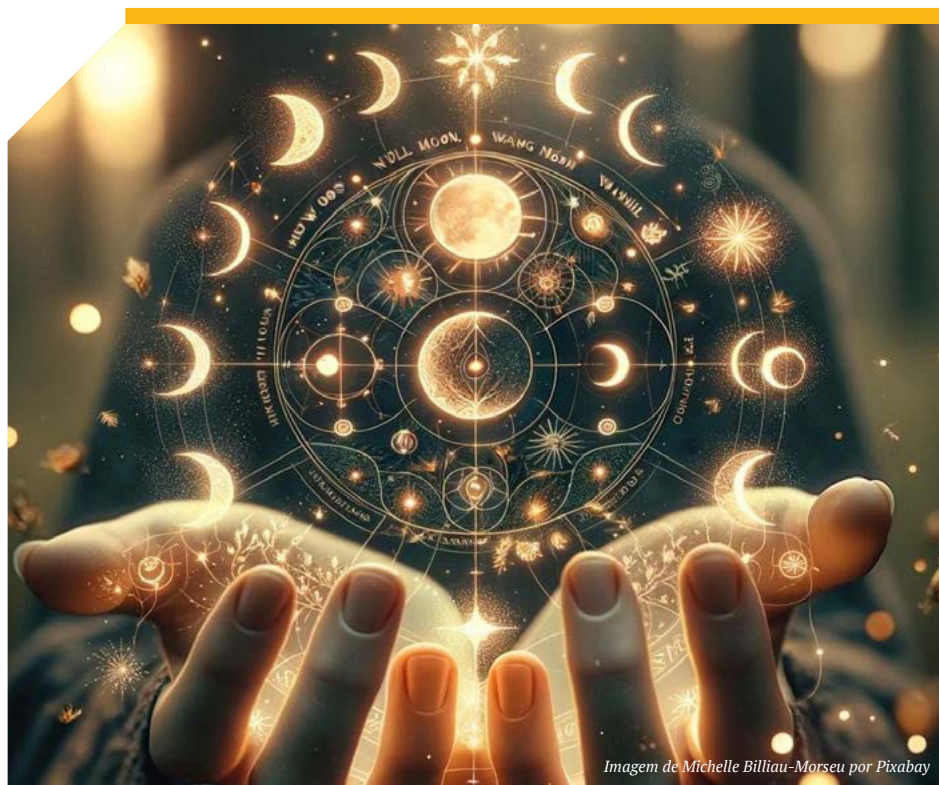
A vela vermelha

Por Stella Gaspar

Paixão, energia e força.
Sua chama dança.
Em meus pensamentos.
Ah! Eu me divirto.
Como um pássaro encantado.

Avisto a inspiração.
De cor vermelha.
Carinhosamente penetrando.
Nos meus desejos intensos.
Vamos ao jardim.
Ver as estrelas?

A música também é um meio expressivo para a reinterpretação da mitologia nórdica. Bandas que se inspiram em temas épicos e místicos trazem elementos das antigas sagas em suas composições, evocando um passado heroico e sombrio que transcende o tempo. Escritores contemporâneos, como Genevieve Gornichec em “No Coração da Bruxa”, reimaginam as lendas nórdicas com novas perspectivas e narrativas envolventes. Grupos musicais de metal, como Amon Amarth e Sabaton, encontram inspiração nos temas épicos nórdicos para composições e espetáculos ao vivo. A cultura nórdica



moderna está passando por uma transformação, onde suas tradições ancestrais estão sendo reinterpretadas e incorporadas em diversas formas de expressão. A teoria autopoietica nos sinaliza que a dinâmica que dá origem ao humano no vir-a-ser, o reconhecendo como seres humanos de criações e revelações, abre possibilidades de entrelaçamento entre o viver e o conviver, cada com suas formas de expressar emoções. Esses aspectos da dinâmica autopoietica refletem na cultura nórdica sua capacidade de se adaptar aos tempos modernos, mantendo-se relevante e cativante para as

novas gerações.

A mitologia nórdica exerce uma influência significativa na literatura, na música, cinema e moda, despertando o interesse do público por histórias épicas e personagens poderosos, ressoando com as sensibilidades modernas. Estas narrativas são reinterpretadas sob novas óticas, mas mantêm a essência de um mundo onde o destino dos homens e deuses se entrelaça inextricavelmente.

Para concluir...



Imagem de Agarthaai2030 por Freepik

Estou muito feliz por conhecer, via pesquisadores e estudiosos, a beleza da mitologia nórdica, que abrange uma variedade de temas, incluindo a criação do mundo, a vida dos deuses, a natureza e o destino humano. As histórias da mitologia nórdica continuam a encantar leitores de todas as idades. “Edda em verso” ou “Edda poética” é uma coleção de poemas em nórdico

antigo preservados inicialmente no manuscrito medieval islandês Codex Regius, do século XIII. A obra é composta por 11 poemas mitológicos e 19 poemas de heróis nórdicos e germânicos, cujos autores são desconhecidos. Com a Edda em prosa de Snorri Sturluson, é a mais importante fonte de informações sobre a mitologia nórdica e de heróis lendários germânicos.

Essa mitologia é repleta de deuses, deusas, criaturas míticas e eventos épicos. A cultura nórdica continua a fascinar e inspirar, mantendo viva as chamas de suas antigas tradições em constante transformação. Desejo que possamos encontrar nossas próprias autopoieses em narrativas escritas e construídas para tecer a dialética do encontro com nossas inspirações, desafiando o tempo, sob o olhar vigilante das estrelas.

Muitas inspirações literárias.

Desejos da autora e colunista!



Imagem de Palácio de Valhalla por Mitologiko

“Quero ouvir a sua bela voz, meu amor.”
(Nell, German, 2017)



Imagem de Enrique por Pixabay

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui



APOIADOR(A) THE BARD

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



LANÇAMENTO

JULHO & AGOSTO DE 2025

Sob os Ventos do Norte:
"A Arte nas Culturas Nórdicas"



32ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE



FACEBOOK



INSTAGRAM



YOUTUBE



TWITTER





EDITAL

SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025

Entre os Tons do Nordeste:
"Olhares artísticos do Sertão"

33^a
EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025

PERÍODO DE **28** DE MAIO À **01** DE AGOSTO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.

FRASES E PENSAMENTOS

“Oh! Bendito o que semeia
Livros à mão cheia
E manda o povo pensar!
O livro, caindo n'alma
É germe – que faz a palma,
É chuva – que faz o mar!”

Castro Alves

“Um país se faz com homens e livros.”

Monteiro Lobato

“A arte é um luxo, não porque precise necessariamente de “Riquezas” para ser executada... ela é um luxo porque precisa de mãos... descansadas!”

Claude Monet

“Se você me perguntar o que eu vim fazer neste mundo, eu, um artista, te responderei: estou aqui para viver em voz alta.”

Émile Zola

“Todo o grande artista amolda a arte à sua imagem.”

Victor Hugo

“Sempre que sai um livro novo, leia um velho.”

Samuel Rogers

“A leitura é para a mente o que o exercício é para o corpo.”

Richard Steele

“Temo o homem de um livro só.”

S. Tomás de Aquino

“Quebrando pedras
E plantando flores
Entre pedras que me esmagavam
Levantei a pedra rude dos meus versos.”

Cora Coralina

“Quero ser feliz
Nas ondas do mar
Quero esquecer tudo
Quero descansar.”

Manuel Bandeira

FRASES E PENSAMENTOS



COLUNAS E COLUNISTAS

“Eu tenho natureza, arte e poesia, e se isso não for suficiente, o que é suficiente?”

Vincent Van Gogh

“Tudo que você pode imaginar é real.”

Pablo Picasso

“É bom amar muitas coisas, pois aí está a verdadeira força, quem ama muito, realiza muito e pode realizar sempre mais, e o que é feito no amor é bem feito”.

Vincent Van Gogh

“A pintura é a poesia mais vista do que sentida, e a poesia é a pintura que é sentida e não vista”.

Leonardo da Vinci

“SUA FRASE AQUI”

“Paradoxalmente, embora possa parecer, não é menos verdade que a vida imita a arte muito mais do que a arte imita a vida”.

Oscar Wilde

“Quando as palavras se tornam obscuras, começo a me concentrar nas fotografias. Quando as imagens se tornarem inadequadas, ficarei contente com o silêncio”.

Ansel Adams

“A arte é a contemplação; é o prazer do espírito que penetra a natureza e descobre que a natureza também tem alma.”

Auguste Rodin

“As artes não são uma maneira de ganhar a vida. Elas são uma maneira muito humana de tornar a vida mais suportável. Praticar uma arte, não importa quão bem ou mal seja, é uma maneira de fazer sua alma crescer.”

Kurt Vonnegut Jr.

“A leitura é o caminho mais curto para o conhecimento”.

Aristóteles





Betânia Pereira



Mulher nordestina, maranhense, católica. Historiadora, Enfermeira, pós-graduada em História do Brasil, Informática na Educação, Psicologia na Educação, Saúde da Família, Enfermagem em Terapia Intensiva. Professora efetiva do Seeduc - MA. Participou de várias antologias. Tenho como prioridade tocar almas através do dom das palavras.

A arte nas culturas nórdicas

*A arte é o respiro da alma. O suspiro do espírito.
Alimento do corpo em movimento.
Betânia Pereira*

Uma das formas genuína de expressar o humano de cada ser é a arte, onde o homem desnuda-se de si, expõe o mais íntimo que há em seu ser, um esvaziamento do eu e preenchimento de mundos interiores e exteriores. O homem desde sempre buscou se expressar através da arte e as artes dos mundos se encontraram, conectando-se, fundindo-se, aculturando de forma exponencial, e com a arte nórdica não foi diferente. Estudar a cultura de outros povos, é reconhecer e a respeitar as diferentes manifestações que moldam a

identidade de um povo. Nossa cultura, nossas tradições e costumes são os elementos que moldam a nossa identidade e que promovem a diversidade cultural de um povo, de uma sociedade. É por meio do conhecimento das tradições e costumes locais que podemos entender melhor a história e a formação de uma comunidade. Cada nova matéria é um resgate de nossa identidade, daí a importância de escrever sobre povos e culturas diversos.

A arte viking, ou arte viquingue, também conhe-

cida como arte nórdica, é um termo amplamente aceito para a arte dos nórdicos, escandinavos e assentamentos vikings mais distantes — particularmente nas Ilhas Britânicas e na Islândia — durante a Era Viking dos séculos VIII a XI. Dividida em uma sequência de estilos aproximadamente cronológicos, embora fora da própria Escandinávia as influências locais sejam frequentemente fortes e o desenvolvimento de estilos possa ser menos claro, sua origem tem raízes nas antigas tradições nórdicas e germânicas, com influências também vindas das formas de arte celta e romana, devido ao comércio e às invasões.



Imagem de Freepik

Embora fossem extremamente dedicados à guerra, os vikings produziram arte. Poucos desses nórdicos realizavam invasões, e muitos outros eram comerciantes, fazendeiros e artesãos. Trabalhos políticos e mercenários estavam entre seus empreendimentos, mas a exploração, a colonização e o mercantilismo também impulsionaram suas expedições.

Os nórdicos faziam pinturas, principalmente nos cascos das embarcações e nos escudos, desenhavam elementos da natureza, animais ou temas ligados aos deuses e mitologia. Faziam também joias e pequenas esculturas, usando principalmente o ouro e o bronze e muitos objetos serviam a propósitos práticos e simbólicos. Embora muitos objetos servissem a propósitos pagãos, temas cristãos começaram a se misturar a eles à medida que novas ideias se infiltravam na região. A arte desses povos é visualmente distinta das culturas contemporâneas (como demonstram os objetos comercializados e os costumes integrados) e representa uma maneira única de pensar e ver o mundo.

Imagem de Eaktopapps por Freepik



De um modo geral, o registro artístico que chega aos nossos dias, é incompleto. O conhecimento atual da arte viking é preservado através da permanência de objetos mais duráveis de metal e pedra; madeira, osso, marfim e têxteis.



Imagem de DenisW por Freepik

Ao longo dos séculos, a arte viking evoluiu por fases distintas, cada uma marcada por seus estilos e motivos característicos. Essa evolução reflete a natureza adaptativa e transformadora da sociedade viking à medida que entrava em contato com diferentes culturas por toda a Europa e além. Podemos encontrar diversos estilos:

- **Estilo Oseberg** - Caracterizado por motivos animais e vegetais graciosos e bem compostos que se entrelaçam em padrões complexos. Dois deles eram particularmente comuns: o "animal-fita" e a "fera agarra-dora". Vemos ambos na popa do dracar Oseberg. Sendo uma continuação de tradições artísticas de períodos anteriores.

"O Estilo Oseberg traduz a alma artística dos vikings em formas entrelaçadas de animais e plantas, criando um universo visual tão feroz quanto delicado."

• **Estilo Borre** - Reconhecível pelo seu motivo de fera cativante, onde os animais parecem se prender ou morder uns aos outros e à estrutura ao redor, as convenções artísticas de Borre se espalharam para as Ilhas Britânicas e a região do Báltico, à medida que os nórdicos viajavam tanto para o Oriente quanto para o Ocidente. Intercâmbios entre costumes artísticos locais e estrangeiros podem ser observados em objetos encontrados nessas áreas (com características menos evidentes aparecendo nas Ilhas Britânicas e características mais enfáticas a leste do Mar Báltico).

• **Estilo Jellinge** - Conhecido por suas figuras de animais retratadas de forma mais relaxada e menos entrelaçada do que os estilos anteriores, com corpos em forma de fita. Aparece em um conjunto diversificado de objetos e pode compartilhar características com os estilos anteriores e posteriores, dificultando sua definição como um movimento distinto. Seu nome foi inspirado em uma taça de prata fundida encontrada em um túmulo real em Jelling, Jutlândia, Dinamarca (um "e" foi acidentalmente adicionado ao nome do estilo no século XIX).



Imagem de As pedras de Jelling por Wikipedia

• **Estilo Mammen** - Marca uma transição para designs mais detalhados e elaborados, apresentando folhagens, animais e figuras humanas entrelaçadas. Suas composições abrangem ondas alongadas e terminam em gavinhas soltas. Também vemos motivos foliares que foram emprestados de outras tradições europeias. Algumas das qualidades associadas ao estilo Jellinge são exageradas nele, como formas geométricas que segmentam os pulsos, tornozelos e outras partes do corpo de animais.

• **Estilo Ringerike** - Caracterizado por seus motivos vegetais característicos e uso mais pronunciado do espaço dentro das composições. Devido à crescente popularidade do cristianismo, os costumes funerários mudam e há menos objetos funerários no

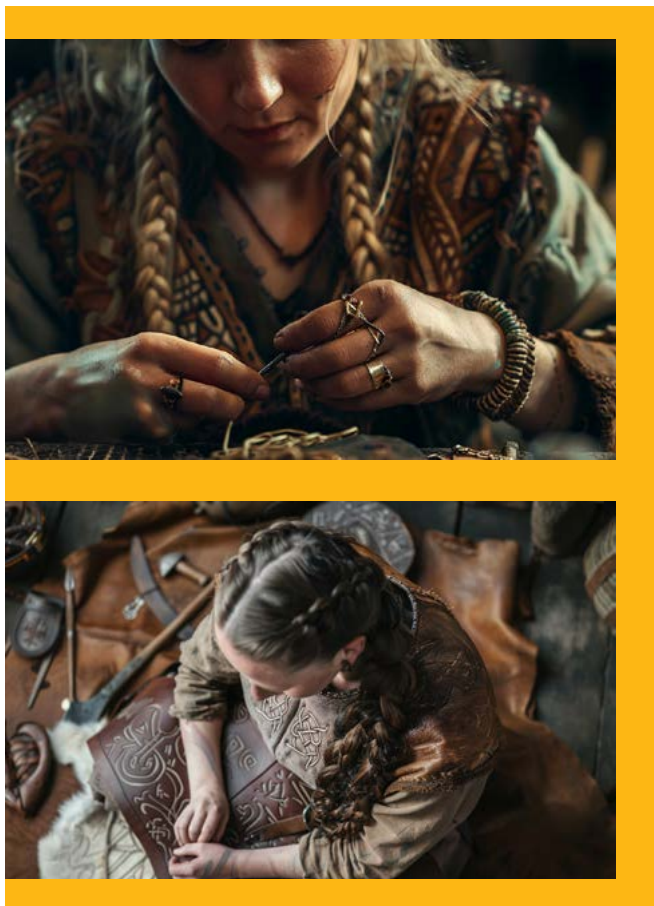
estilo Ringerike. Arquitetura, armas e esculturas em marfim tornam-se os vestígios mais prevalentes, e pedras rúnicas — embora menos detalhadas do que a pedra maior erguida em Jelling — tornam-se mais comuns

• **Estilo Urnes** - A fase final da arte viking, conhecida por suas elegantes figuras de animais, esbeltas e entrelaçadas com linhas delicadas e vigorosas. O estilo Urnes tem três motivos principais: um animal de quatro patas em pé, semelhante à Grande Besta; uma criatura semelhante a uma cobra, mas com uma única pata dianteira e/ou traseira; e uma fita fina. Talvez associado ao crescimento do cristianismo, houve um aumento da estima por esse estilo em toda a Escandinávia continental.



Imagem de Spectralbloom por Freepik

Embora suas origens sejam provavelmente suecas, esse estilo está associado a uma igreja de madeira na vila norueguesa de Urnes. Seus entalhes em relevo, que incorporam plenamente as características do estilo, têm sido objeto de interpretação histórico-artística há algum tempo. Suas composições rítmicas apresentam desenhos elegantes, simétricos e entrelaçados, e o fundo é mais claramente visível.



Imagens de Freepik

Os vikings utilizavam uma variedade de materiais em suas obras de arte, refletindo tanto sua engenhosidade quanto o valor que atribuíam a certos objetos. Materiais significativos como madeira nas figuras esculpidas e padrões complexos em navios, casas e objetos do cotidiano; metal como prata e ouro eram usados em joias, amuletos e moedas, muitas vezes apresentando nós complexos e motivos de animais; pedras rúnicas e memoriais, esculpidas com runas e figuras, serviam tanto como marcadores quanto como obras de arte; osso e Marfim que era usado em itens menores e portáteis, como peças de xadrez e pentes, demonstrando habilidades

detalhadas de escultura e têxteis que utilizavam para bordados e padrões de trama que refletiam os estilos artísticos da época.

Sabendo da enorme importância para o imaginário é importante ressaltar que além da arte decorativa, a Era Viking produziu uma espetacular arte figurativa. Os grandes temas são mitos e contos de heróis nórdicos, então é interessante abrir espaços para outras leituras e conhecimento sobre povos tão criativos.

Nos vemos em breve.

Vejo flores em você!

Beijos poéticos.

BETÂNIA PEREIRA

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM SEU BLOG E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM

BLOG

LINKS

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





CURSO PARA ESCRITORES

Como escrever seu
primeiro livro!

6 módulos em vídeoaula.

CLIQUE AQUI



Conheça o curso

CAMINHO DO ESCRITOR 2.0



CLIQUE AQUI



COLUNA

Vida de Autor

21



Lilian Stocco



Escritora, designer, fotógrafa, roteirista e artista visual. Autora de 3 romances sendo, “Os Sete Segredos” finalista do concurso Best-seller startups 2019. Autora de 15 fotolivros com as belezas do Brasil e do mundo. Está envolvida em 3 novos projetos de escrita, é participante da “Vivendo de Inventar” do grupo “Hardcover” do escritor Best Seller André Vianco, é membro da Sociedade de Autores Literários — SAL, onde atua como escritora, ilustradora e capista. Participante de antologias de contos como: “Não Conte a Ninguém” (Carreira Literária / oito e meio editora), “Você Não Está Só” (Editora Itapuca), “Contos da Quarentena” (A Arte da Palavra) e “Likes” (Insight Editorial). É colunista da revista “The Bard” com a coluna “Vida de Autor” e recentemente lançou um livro de contos em parceria com o autor Josenilson Oliveira (Nem te Conto - Histórias Quase Autorizadas) pela Editora Itapuca. Para 2025 está produzindo o primeiro volume de um romance LGBTQIAPN+ e sua primeira ficção científica.

VIDA DE AUTOR



Imagem de Freepik

Muitas vezes, como escritores, nos falta inspiração. Inspiração para criar novos personagens, para pensar em novos mundos, para conseguir fluir com a história, dar aquele desfecho fantástico, ou simplesmente começar uma história, não é mesmo?

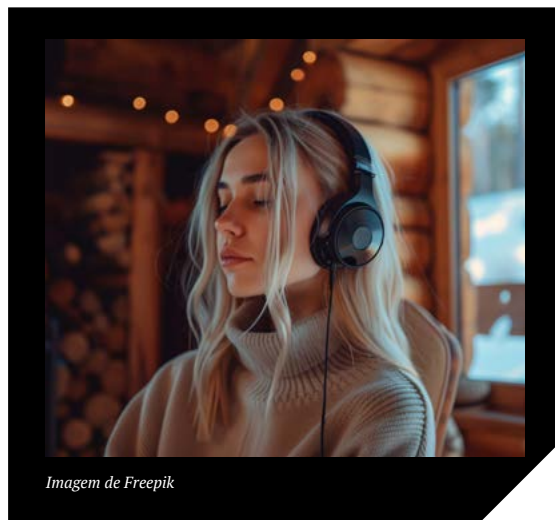
Nessa matéria vamos falar sobre como buscar a inspiração através da música. É isso mesmo! Como a música influencia na tomada de decisões de histórias ou abre o nosso repertório para pensar de maneiras diferentes e inusitadas, encantando nossos leitores. Venha comigo desvendar os mistérios da vida de autor e os caminhos que nos levam à criatividade através da música.

"Quem canta seus males espanta"

Este é um ditado antigo, mas muito bem elaborado. No original, "quem chora ou canta, fadas más espanta, datado entre 37 e 30 a.C por Públio Virgílio Maro, poeta romano mostra de forma simples que a música é uma forma simples de deixar as mágoas para trás e seguir em frente com as alegrias da vida.

E para nós autores não poderia ser diferente, não é mesmo. A música tem poderes

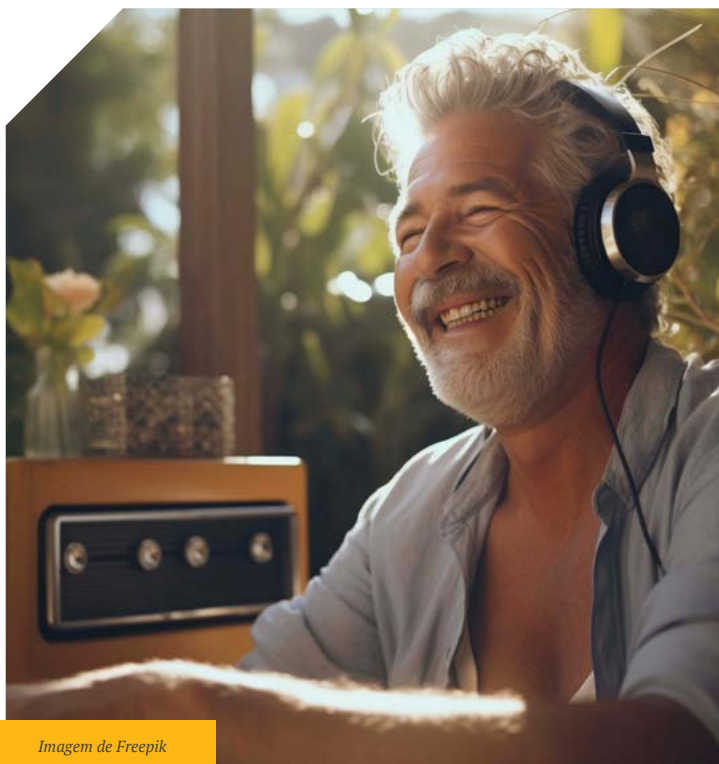
quase mágicos para os autores. Acessa e ativa partes diferentes do nosso cérebro, permite que possamos viajar por memórias, sensações, emoções; tanto boas como ruins, mas são experiências válidas que para o autor são de grande importância no processo criativo. Porque são a partir dessas emoções e sentimentos que nós podemos criar, construir e aproveitar cada segundo para trazer emoção e vida às nossas histórias.



Tem muitos autores que utilizam a música não só como um ponto de partida para criar suas histórias e personagens, mas como um passo a passo para acessar sua criatividade e seu repertório de experiências de vida. A música também pode ser uma ferramenta poderosa para nos trazer um relaxamento profundo e dessa maneira poder focar onde mais precisamos. Ela é a arte que auxilia a arte a nascer.

A música, muitas vezes, é um ponto de partida para vocês explorarem a personalidade de cada personagem ou um momento marcante de uma história ou desfecho do que você está escrevendo.

Ela é tão importante, que muitos autores se utilizam de músicas e até mesmo playlist dentro de seus livros para permitir que seus leitores mergulhem de cabeça em suas histórias. Quantas vezes eu utilizei a música em meus livros para trabalhar o sensorial durante a leitura. Antes de começar a escrever qualquer história eu recorro a música. Até mesmo para escrever essa matéria estou escutando uma playlist. Um bom conselho, que não posso deixar de comentar, é que a ausência total da música ou sons externos também é uma fonte de inspiração, então o ideal é você encontrar qual é sua preferência para começar a criar livremente.



Tenho autores amigos que utilizam sons de natureza, cachoeira ou o som da chuva para auxiliar na escrita. Cada um irá encontrar seu ponto de ancoragem para criar sem medo. Por isso vou deixar algumas dicas para vocês experimentarem e explorarem da melhor maneira possível.

Playlist 1.0

Está um algo maravilhoso, pode ser por aplicativo em seu celular, pela internet, pode ser videoclipe, ou mesmo selecionar uma estação de rádio de sua preferência. Escolha músicas que te tocam para se inspirar e

se sentir apto a criar mundos fantásticos.

Playlist 2.0

Da mesma maneira que você pode ouvir músicas para escrever, seu leitor pode ouvir músicas para ler. Que tal criar uma playlist especial para que ele possa curtir cada capítulo com uma música tema? Pode ser uma experiência maravilhosa. E com as facilidades tecnológicas atuais se torna fácil, pois é possível escolher as músicas por aplicativos, criar a playlist e compartilhar por link ou mesmo QR code.



Imagem de Jorfer por Freepik

Playlist 3.0

E se eu trabalhar com as músicas dentro da história? Por exemplo: utilizar trechos de músicas onde os personagens da história estão ouvindo ou mesmo cantarolando. Está aí algo matador para cativar seus leitores e permitir que mergulha de cabeça na sua história. Eu particularmente utilizo muito essa técnica e o resultado nunca deixou a desejar.

Playlist 4.0

Da inspiração dos autores para a apreciação dos leitores. Uma ideia ótima é compartilhar com seus leitores suas playlists de inspiração para escrever cada história. É uma ferramenta muito eficiente para compartilhar com seus leitores as emoções e sensações durante a sua escrita. Isso pode aproximar ainda mais seus leitores da sua história.



Imagem de Sedan277 por Freepik

Playlist 5.0

Quais são as músicas que seus personagens escutam? Você já pensou nisso? Se os nossos personagens têm história de vida, amigos, traumas, felicidades e amarguras, qual seria a trilha sonora dos seus personagens? Quais são as músicas que eles escutam em cada momento de suas histórias?

Quais são as músicas que seus personagens escutam? Você já pensou nisso? Se os nossos personagens têm história de vida, amigos, traumas, felicidades e amarguras, qual seria a trilha sonora dos seus personagens? Quais são as músicas que eles escutam em cada momento de suas histórias?

Pensem nessas dicas e se você nunca utilizou a música a seu favor, experimente! Você pode se surpreender com o resultado que poderá alcançar.

E se você ficou curioso para saber qual a playlist estou escutando para escrever essa matéria, vou deixar o link dela aqui para vocês conhecerem.

E aí? Gostaram das dicas?

Nos encontraremos na próxima edição onde iremos continuar a conversar sobre o processo criativo na vida de autor. Após utilizar a música como uma ferramenta ágil na criação, qual seria o próximo desafio?

Aguardo vocês na nossa próxima edição!



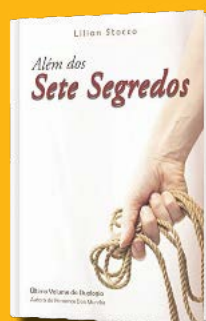
OLUNAS E COLUNISTAS

MINHA PLAYLIST



ASSISTIR AO VÍDEO

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

PUBLICAÇÕES

FOTOGRAFIA

DESIGN

INSTAGRAM

POST NO SITE





Angela Daneluci



Professora e membra fundadora da Academia Biriguiense de Letras. Escritora e poeta, especialista em Matemática pela UNICAMP e possui licenciatura em Matemática, Ciências, Química, Física e Pedagogia. Autora do livro *Poetize-se: Literatura Poética Escrita por uma Mulher* (2024) e coautora de *Florilégio do Brasil XVIII e Eu Brilho com as Estrelas* (2024).

Machado de Assis: O Gênio Silencioso das Letras Brasileiras

Iniciar esta coluna falando de Machado de Assis é, ao mesmo tempo, uma honra e um desafio. Afinal, poucos autores alcançaram tamanha maestria no uso da linguagem, no retrato da alma humana e na crítica sutil, porém implacável, da sociedade brasileira. Ao abrir este espaço, convido você a caminhar comigo pelas trilhas da genialidade machadiana — onde cada frase carrega múltiplos sentidos e cada silêncio, um universo inteiro.

Sou Angela Maria Daneluci Crespo — professora, escritora, poeta e entusiasta incansável da educação e da literatura. Ao longo de minha trajetória, atravessei números e versos, fórmulas e metáforas, sempre guiada pela paixão por aprender e compartilhar saberes. Hoje, como membra fundadora da Academia Biriguiense de Letras, levo adiante o compromisso de valorizar a palavra como instrumento de transformação.

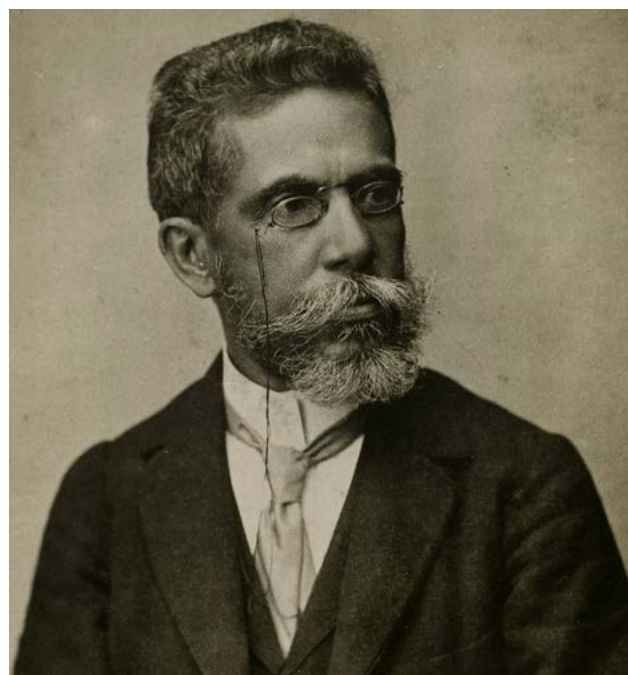


Imagem de Google

A literatura, para mim, é ponte, farol e espelho. Em 2024, publiquei meu livro: Poetize-se. Literatura poética escrita por uma mulher, obra que traduz minha crença no poder da poesia como caminho de autoconhecimento e expressão. Também contribuí com projetos que incentivam a escrita desde a infância, pois acredito que a leitura é semente que floresce por gerações. tive a honra de ser coautora das obras Florilégio do Brasil XVIII (Editora Pindorama) e Eu Brilho com as Estrelas: Manual Prático para Iniciação à Escrita de Poesia para Crianças, Jovens e Adultos (Editora Consciência Nova). Acredito no poder da literatura como um legado, capaz de atravessar o tempo e inspirar gerações.



Imagem de Freepik

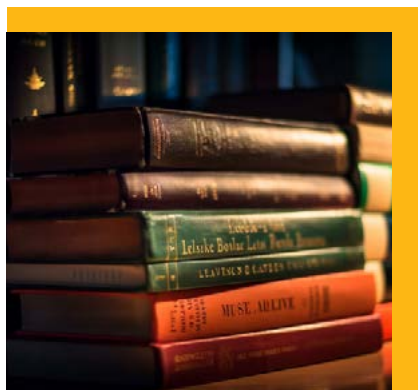


Imagem de Vecstock por Freepik

Aqui, cada edição será um encontro com a genialidade — um espaço para leitura, reflexão e encantamento. E não poderia haver começo mais emblemático do que este: Machado, o fundador da cadeira n.º 23 da Academia Brasileira de Letras, o mestre que nos ensinou que "ao vencedor, as batatas" — mas à humanidade, as palavras.

Seja bem-vindo à Coluna Grandes Autores. A literatura vive. E, com Machado, ela respira fundo.

Com admiração,

Angela

Na Coluna Grandes Autores, vamos redescobrir vozes como a de Machado de Assis — eterno em sua atualidade, profundo em sua ironia, e magistral em cada personagem que criou. A proposta não é apenas revisitar sua obra, mas lançar novos olhares sobre ela: encontrar o homem por trás do mito, revelar detalhes que escapam à leitura apressada, e refletir sobre por que, século após século, suas palavras ainda ecoam com tanta força.



Imagem de Freepik

Grande Autores

I. Entre o Silêncio e a Palavra

Se há um autor cuja obra é feita tanto de palavras quanto de silêncios, esse autor é Machado de Assis. Cronista das pequenas vaidades humanas, mestre da ambiguidade psicológica e arquiteto da ironia sutil, ele foi o gênio improvável que, saído de uma colina humilde no Rio de Janeiro do século XIX, escreveu com a sofisticação de um europeu — e com a lucidez de um homem que viu o mundo pelo avesso.

Em uma época em que o Brasil ainda engatinhava rumo à modernidade, Machado ergueu, palavra por palavra, a ponte entre o romantismo tropical e a introspecção moderna. Para compreender sua grandeza, é preciso conhecer o homem, sua sociedade, sua literatura — e o silêncio que o tornou imortal.

II. A Biografia de um Clássico Improvável

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 21 de junho de 1839, no Morro do Livramento, no Rio de Janeiro — então capital do Império Brasileiro. Filho de um pintor de paredes e de uma lavadeira, era afrodescendente e pobre, num país escravocrata. Perdeu a mãe ainda menino. Nunca frequentou escolas formais além das rudimentares aulas paroquiais. No entanto, era leitor voraz, autodidata, e um frequentador assíduo de livrarias e tipografias.

Trabalhou como aprendiz de tipógrafo e revisor antes de se lançar como poeta e jornalista. Em 1869, casou-se com Carolina Augusta Xavier de Novais, portuguesa culta e refinada, que foi seu grande amor e revisora de seus textos por décadas. Faleceu em 1908, aos 69 anos, sendo velado como um herói nacional.

“Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.”
– *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

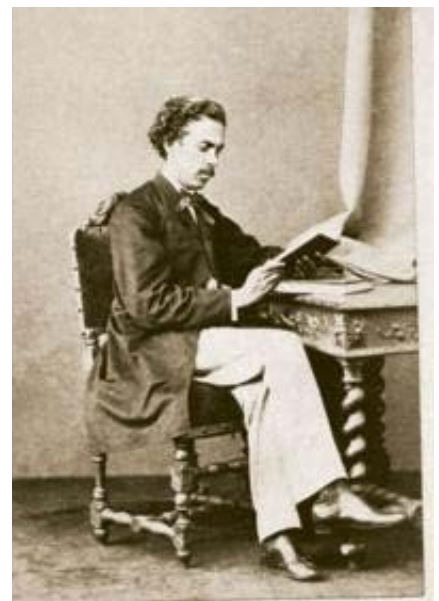


Imagem de Google

III. Um Observador Discreto da Sociedade

Machado viveu às margens do espetáculo social — não por timidez, mas por escolha. Negro e oriundo da pobreza, preferiu uma postura de refinamento e contenção, que lhe permitia observar as classes dominantes sem pertencer a elas.

Sua obra reflete uma crítica sofisticada à elite carioca, à hipo-

crisia política e moral da época, à escravidão (ainda que de forma indireta), e à farsa das aparências. Foi um mestre do disfarce: falava dos poderosos com a ironia de quem os conhecia por dentro. E sobre os miseráveis, com a ternura de quem partilhou sua condição.

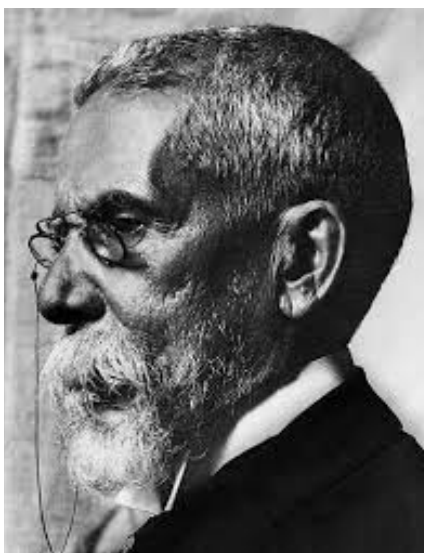


Imagem de Google



Imagem de Google

IV. O Arquiteto da Psicologia Brasileira

Machado de Assis iniciou sua carreira sob a influência do Romantismo, com versos e prosas marcados por sentimentalismo e valores clássicos. No entanto, a maturidade literária o conduziu a um estilo único, realista e psicológico, que revolucionou a literatura brasileira. A chamada "fase madura" de Machado revela um autor que escava a alma humana com bisturi sutil — atento às contradições da consciência, às máscaras sociais e às zonas de sombra do cotidiano.

A SEGUIR, DESTACAM-SE SUAS OBRAS MAIS EMBLEMÁTICAS:

1 - Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881)

Marco inaugural do realismo machadiano, este romance é narrado por um defunto-autor, Brás Cubas, que decide contar sua história do além. Livre das amarras do tempo e da moral, ele reflete com ironia sobre suas memórias, seus amores e sua inútil existência. É uma crítica profunda à hipocrisia da sociedade imperial, à vaidade humana e ao vazio da elite. A obra rompe com a linearidade narrativa, antecipa técnicas modernas como o fluxo de consciência e instala a desconfiança como lente da leitura.



2 - Quincas Borba (1891)

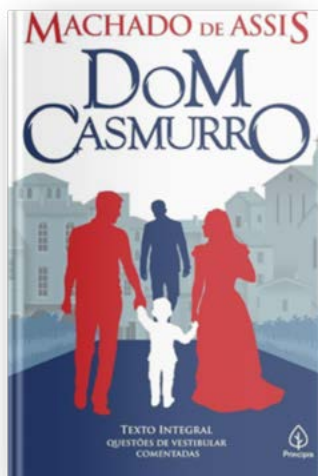
Nesta obra, Machado desenvolve a filosofia do "Humanitismo" — uma paródia feroz do positivismo e do darwinismo social. O personagem-título, já falecido, deixa como herança sua filosofia e um cachorro, também chamado Quincas Borba, ao ingênuo Rubião. A narrativa acompanha a ascensão e ruína de Rubião, trágico pela loucura e pela falsidade da sociedade que o cerca. O livro ironiza o poder, a ganância e a manipulação, misturando sátira e tragédia com maestria.

"A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação."

Machado de Assis

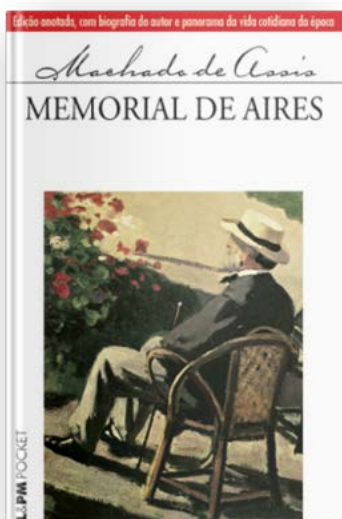
3 - Dom Casmurro (1899)

Talvez o romance mais famoso de Machado de Assis, *Dom Casmurro* é uma sofisticada exploração da dúvida e da memória. O narrador, Bentinho, relata sua juventude, seu amor por Capitu e o casamento com ela — mas insinua que foi traído com seu melhor amigo. No entanto, a prova nunca vem. O texto é uma obra-prima de ambiguidade: seria Capitu realmente culpada? Ou tudo não passa do ciúme doentio de Bentinho? Machado entrega ao leitor a missão de julgar — ou não. Capitu, com seus "olhos de cigana oblíqua e dissimulada", tornou-se uma das figuras mais enigmáticas da literatura mundial.



5 - Memorial de Aires (1908)

Último romance de Machado, publicado pouco antes de sua morte, é um livro de despedidas — suave, maduro, melancólico. Também narrado por Aires, apresenta um tom contemplativo e reflexivo. É menos sobre ação e mais sobre o tempo, a perda e a memória. O romance examina o amor tardio e os desencontros da vida, com a sutileza de quem já não precisa provar nada, apenas compreender.



*"É preciso muito para ser feliz."
"A felicidade é uma ilusão."
"A memória é uma armadilha."*

4 - Esaú e Jacó (1904)

Situado na transição do Império para a República, o livro acompanha a trajetória dos gêmeos Pedro e Paulo, que discordam em tudo — religião, política, ideologia — mas disputam o mesmo amor. O título remete à rivalidade bíblica, mas Machado substitui o conflito épico por ironia e desencanto. O narrador, Conselheiro Aires, observa os eventos com distanciamento filosófico. A obra explora a fragilidade das convicções e a teatralidade da vida política nacional.



"Que o Diabo a entenda, se puder; eu, que sou menos que ele, não acerto de a entender nunca. Ontem parecia querer a um, hoje quis ao outro; pouco antes das despedidas, queria a ambos."

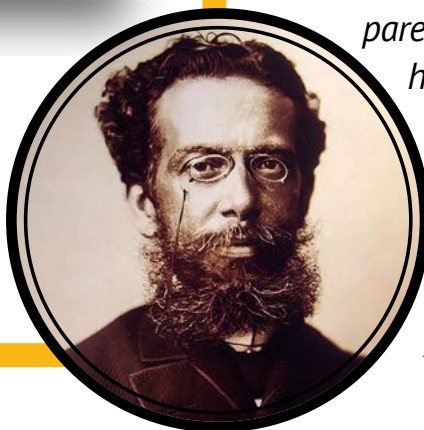


Imagem de Google

6 - Contos – A Arte da Brevidade

Machado foi também um mestre do conto. Histórias como *O Alienista* (uma sátira sobre a loucura institucionalizada), *A Cartomante* (uma tragédia construída sobre a fé cega), *Missa do Galo* (um jogo sutil de insinuação entre um jovem e uma mulher casada) e *Um Apólogo* (metáfora genial entre uma agulha e uma linha) revelam sua genialidade em poucos parágrafos. São textos que condensam seu estilo — ironia fina, narradores pouco confiáveis, crítica social e uma estética do “não dito”.



Imagem de Google

V. Machado de Assis e a Academia Brasileira de Letras

Em 1897, Machado foi escolhido por aclamação como o primeiro presidente da recém-fundada Academia Brasileira de Letras. A escolha foi natural: nenhum outro nome gozava de prestígio tão unânime entre intelectuais, jornalistas, políticos e escritores. Machado era o símbolo de uma literatura nacional sólida, moderna e respeitável.

Permaneceu no cargo até sua morte, comandando os destinos da ABL com uma elegância discreta. A cadeira nº 23, que ocupou, tornou-se uma das mais prestigiadas da instituição. E sua figura — magra, de cabelos ralos e olhos melancólicos — hoje estampa o grande painel pictórico na sede da ABL, no centro histórico do Rio de Janeiro. Uma homenagem à altura de um verdadeiro imortal.

Angela, em 2025, teve a honra de conhecer a Academia Brasileira de Letras – ABL – no Rio de Janeiro e apreciar a belíssima obra em homenagem a Machado de Assis!

Machado de Assis foi eleito presidente da ABL por unanimidade em julho de 1897.

A pintura em sua homenagem encontra-se no Petit Trianon, sede da ABL no Rio

de Janeiro, feita por Candido Portinari.

O mural de 150 metros de comprimento dedicado a Machado de Assis na fachada da Academia Brasileira de Letras (ABL), no Rio de Janeiro, foi criado pelos artistas César Mendes e Fernando Cazé, integrantes do coletivo Negro Muro. A inauguração ocorreu em 23 de setembro de 2024, celebrando os 185 anos de nascimento do escritor.



Imagem de Google



Imagem de Angela Daneluci - arquivo pessoal

A obra retrata aspectos significativos da vida de Machado de Assis, incluindo sua residência no Morro do Livramento, sua esposa Carolina Augusta, e sua paixão pelo xadrez. Um elemento central do mural é uma cena de xadrez que simboliza um "xeque-mate" nas discussões sobre a cor da pele do escritor, representando um Machado de Assis negro derrotando um Machado de Assis embranquecido, reafirmando sua identidade como homem negro.

A obra está localizada na área externa da ABL, acima da estátua de Machado de Assis, na entrada do Petit Trianon, tornando-se um ponto de referência cultural e histórico na cidade.

Angela também teve a oportunidade de conhecer o Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro que tem uma relação próxima com Machado de Assis, especialmente porque o escritor foi presidente da Academia Brasileira de Letras, cujas primeiras sessões foram realizadas no edifício do Gabinete. Além disso, o Gabinete abriga uma coleção de livros raros e históricos, incluindo obras de Machado de Assis, e promove atividades culturais em homenagem ao escritor.

VI. Curiosidades e Legado Global

Machado era poliglota: lia fluentemente em francês, inglês e alemão, sem nunca ter saído do Brasil.

Nunca teve filhos, mas deixou uma descendência simbólica imensa na literatura mundial.

É hoje traduzido em mais de 25 idiomas, estudado em universidades como Harvard, Sorbonne, Oxford e Tóquio.

Foi admirado por escritores como Susan Sontag, Harold Bloom, Allen Ginsberg e Philip Roth.

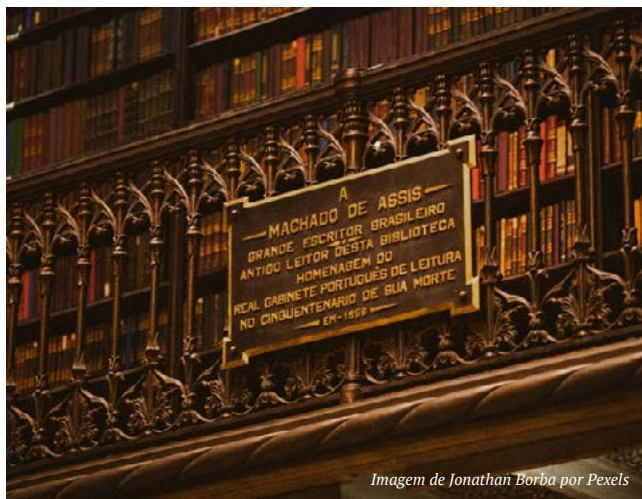


Imagem de Jonathan Borba por Pexels

“CADA QUAL SABE AMAR A SEU MODO; O MODO, POUCO IMPORTA; O ESSENCIAL É QUE SAIBA AMAR. MACHADO DE ASSIS

VII. Conclusão: O Autor do Não-Dito

Machado de Assis é, antes de tudo, o mestre do que não se escreve. Um autor que sugeria mais do que afirmava, que fazia pensar mais do que emocionar. Sua grandeza está na contenção — no modo como transformou as limitações de sua origem, sua condição física e seu tempo histórico em armas literárias.

Lê-lo hoje é confrontar o espelho da alma brasileira — e humana — com uma clareza perturbadora. É reconhecer que, por trás de toda pompa e civilização, existe um coração frágil, vaidoso, e absurdamente moderno.

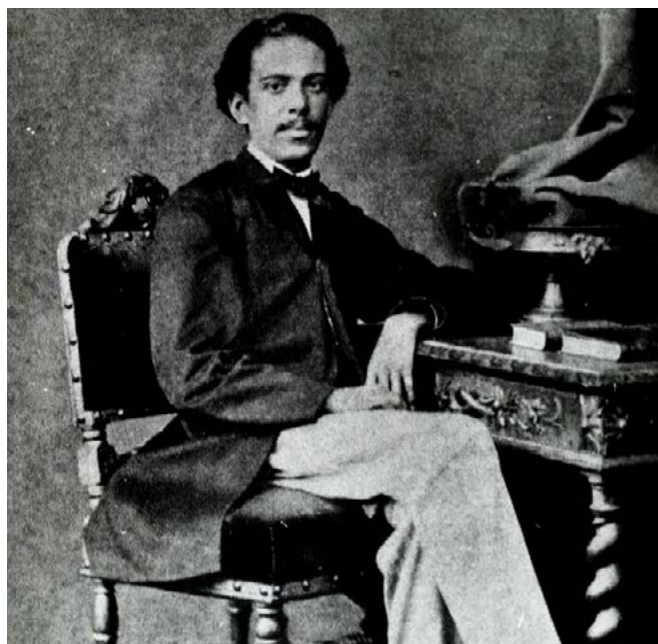
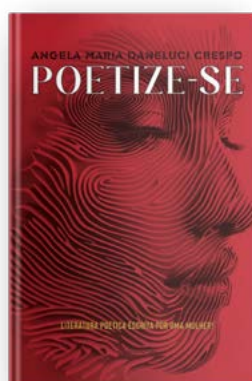


Imagem de Google

ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)

ANGELA DELANUCI
CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

TIKTOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





09



LILIAN BARBOSA



Natural de Brasília-DF. Mãe, esposa, advogada, pós-graduada em Direito Público Licitatório, cursando LLM em Direito Empresarial e concursada em uma Autarquia Federal. Participante de várias Antologias, inclusive como Prefaciadora e Autora Convidada. Colunista da Revista Internacional The Bard. Bisneta do Poeta Centenário – finalista do Prêmio Jabuti 2024 na categoria “Escritor Estreante de Poesia” – Arnaldo Júlio Barbosa (@arnaldojulio Barbosa), do qual se orgulha imensamente.

FERIDAS E CICATRIZES DO POETA

Marcas e sentidos indelévels de sua escrita

Salve, leitores! A edição desta coluna tentará semear a escrita a partir de uma visão de algo que compõe boa parte dos poetas e reflete em suas respectivas obras: as dores que cada um carrega e o poder de transformar essa comunicação da alma em beleza.

Sob esse viés é que convido a todos a refletirem sobre o fato de que, mesmo diante de um coração angustiado, há encanto e sobressalência poética. Afinal, as feridas e cicatrizes do bardo são externadas em poéticas marcas que representam o coração do autor e extravasam ao coração do leitor. E, quem sabe, a poesia acabe por se tornar a cura, e; se assim não o for, tornar-se-á o

alento necessário à perpetuidade dos mais sinceros e intensos sentimentos evocados em palavras.

Bem-vindos e a desfrutem da leitura!

“Finjo que essa vontade de te ter aqui comigo bate apenas de raspão, resvalando em minha mente...”

Mas eu sinto! E vou atrás dessa pancada no meu peito que implora por estar contigo.

Sinto-a... Só para saber se não valeria a pena ter sentido que batesse mais forte... Ou se, talvez, fosse melhor nem ter sentido!”

(Lilian Barbosa)

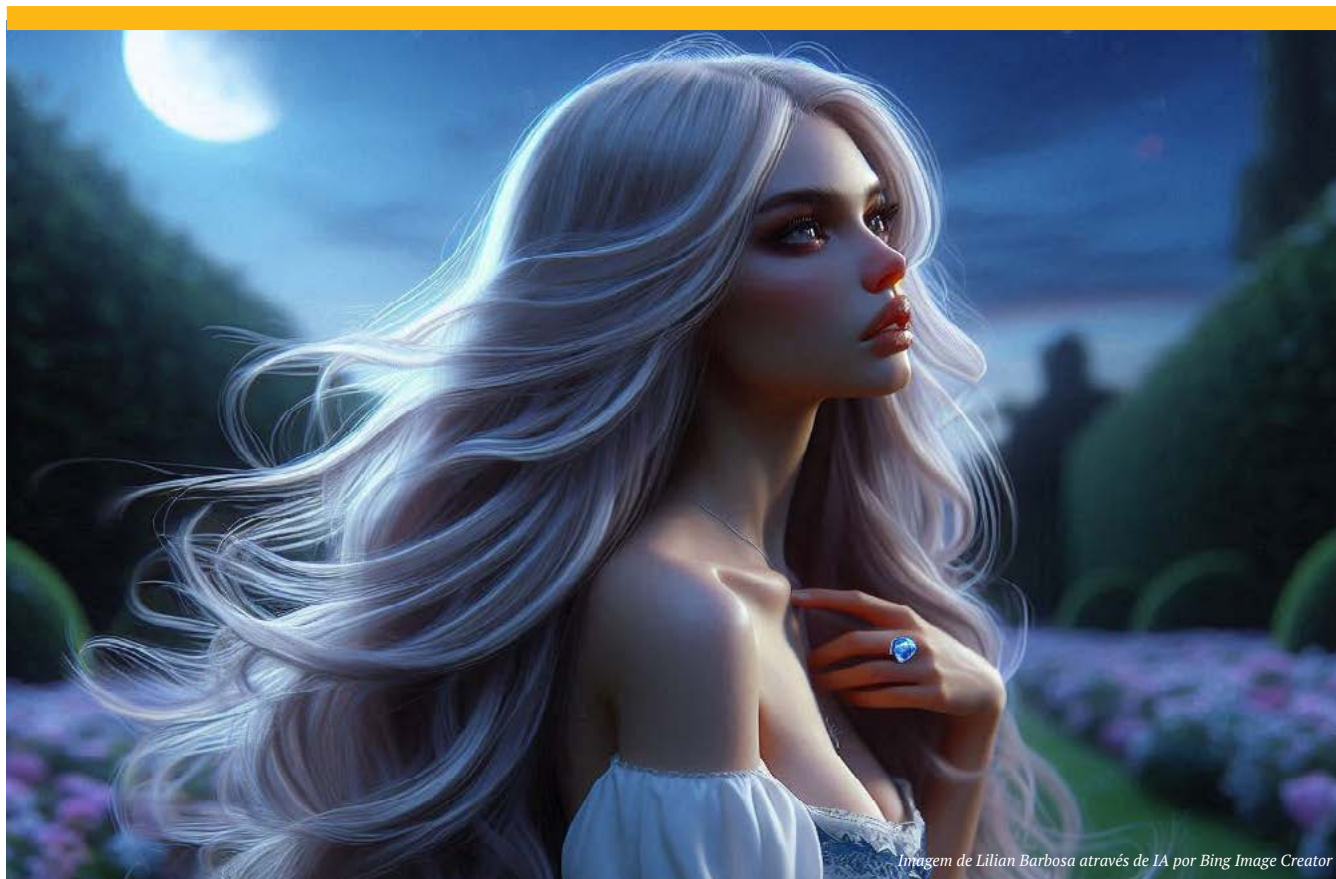


Imagem de Lilian Barbosa através de IA por Bing Image Creator

Acerca das dores tão enfatizadas nas poesias, faz-se oportuna a leitura do poema “Autopsicografia”, de Fernando Pessoa:

Autopsicografia

*O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.*

*E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.*

*E assim nas calhas da roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama o coração.*

(Fernando Pessoa)

O poema acima nos convida a refletir profundamente sobre a origem da criação artística e sobre como o poeta se relaciona com a sua obra. Por vezes, o poeta é visto como “mestre da simulação”, até mesmo em relação às dores que, de fato, sente. Isto porque a habilidade de escrever poesia é capaz de constituir uma realidade paralela, cujo resultado pode alcançar sentidos de maior intensidade quando se compara à própria realidade.

Para além da criação de máscaras – sem o viés pejorativo – o poeta exterioriza a sua persona com uma identidade irrefutavelmente autêntica. Embora pareça uma antítese, uma das incumbências do poeta é a de transformar a sua dor real

em uma dor “fingida”, atribuindo-lhe uma beleza catártica, de forma a transfigurar e liberar emoções outrora reprimidas. É através dessa arte que o poeta se conecta aos seus leitores, por meio de relatos expressos das dores, ainda que impossível a conexão com a real e subjetiva dor do autor.



Imagem de QuantumEdge por Freepik

Ainda na seara das dores expressas em poesias, faz-se salutar mencionar uma marcante obra de Pablo Neruda:

*Já não se encantarão meus
olhos em teus olhos,
já não se achará doce
minha dor a teu lado.*

*Mas por onde eu caminhe
levarei teu olhar
e para onde tu fores levarás
minha dor.*

*Fui teu, foste minha.
Que mais? Juntos fizemos
um desvio na rota por onde
o amor passou.*

*Fui teu, foste minha. Tu
serás de quem te ame,
do que corte em teu horto
aquilo que eu plantei.*

*Eu me vou. Estou triste:
mas eu sempre estou triste.
Eu venho dos teus braços.
Não sei para onde vou.*

*...Desde teu coração diz
adeus um menino.
E eu lhe digo adeus.*

(Pablo Neruda)



Imagem de Pablo Neruda por Google



Imagem de Milankov por Freepik

A poesia de Pablo Neruda reflete a dor da separação, resultado de um amor que um dia foi muito intenso. Os seus resquícios passam a compor a própria pessoa. A ruptura, nesse caso, não é total, posto que a conexão há de persistir em reminiscências das lembranças.

Não há como negar que as feridas e as cicatrizes são partes integrantes do poeta, convertendo-se em material capaz de tocar outros corações, mesmo que de forma diferente daquela prementemente atribuída pelo poeta. Se os corações não são iguais, as percepções de cada poesia diferem

mediante as bagagens de cada um que as lê.

Ainda assim, há especificidades da escrita e dos sentimentos capazes de convergir os pensamentos de leitores a alguns poetas, ainda que tais marcas resultem em uma infinidade de interpretações quanto aos mais belos e doloridos sentimentos.

De igual modo, cada leitor dispõe de suas próprias feridas e cicatrizes, o que torna a recepção de excertos poéticos como dores inteiramente singularizadas, traduzindo mais uma das magias do poder da escrita.

POST NO SITE



COLHEITAS DA COLUNISTA



Imagem de Lilian Barbosa através de IA por Bing Image Creator

Soneto da (Com)paixão

Face quente ante o frio que escorria
Das verdes gemas, um rio minava
Choro irrompia, dor que desatava
Compasso fino, tenra melodia

Enquanto choravas, eu percebia
A torrente que de ti transbordava
Provinha do meu peito que sangrava
Porquanto a tua dor que me atingia

Ver-me em ti, obstruído, sem acalento
Ver-te em mim, ao teu reflexo! Atentaste!
Como abrandarias o contratempo?

Prendestes ao passado o sofrimento
Pois nesta tentativa é que falhaste!
As dores não se importam com o tempo.

Soneto do Nascimento do Sentir

Abaulado o sentir sob o seu peito
Encarcerado em voz muda, abafada
Cativo ante a confissão não mostrada
Inerte enfermo olvidado no leito

Ao poeta, orgulhoso de seu feito
Em um papel, a escrita faz morada
Em letras, a sua essência é forjada
Em fragmentos, seu sentido é perfeito

Há no bardo a masmorra, circunscrita
Em seu íntimo, o cárcere lhe toma
Liberta ao sentimento que lhe grita

Concebidos os versos em redoma
Alforria à vivência manuscrita
Rompe o peso, livra-se do sintoma

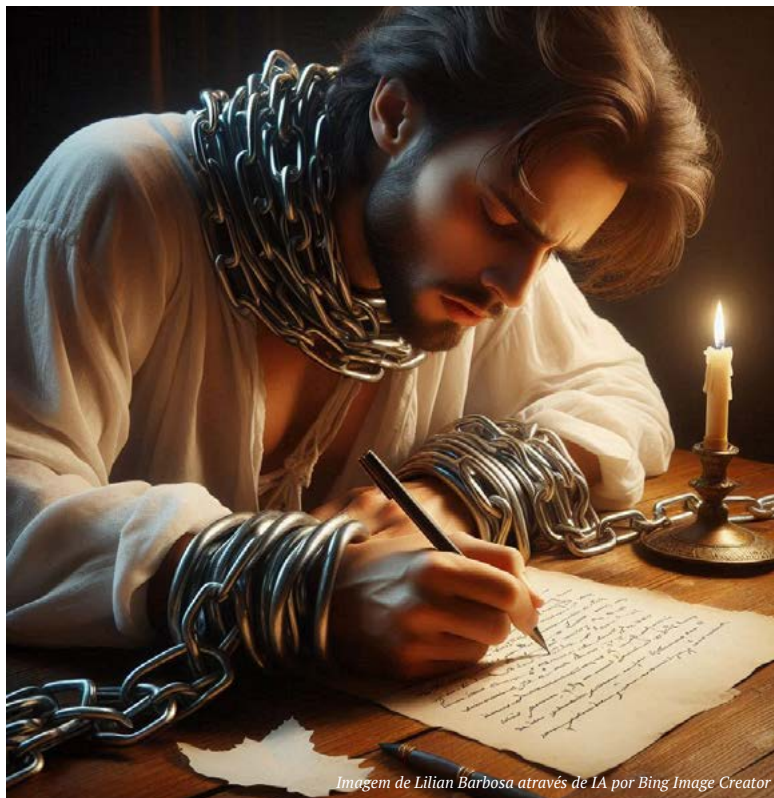


Imagem de Lilian Barbosa através de IA por Bing Image Creator

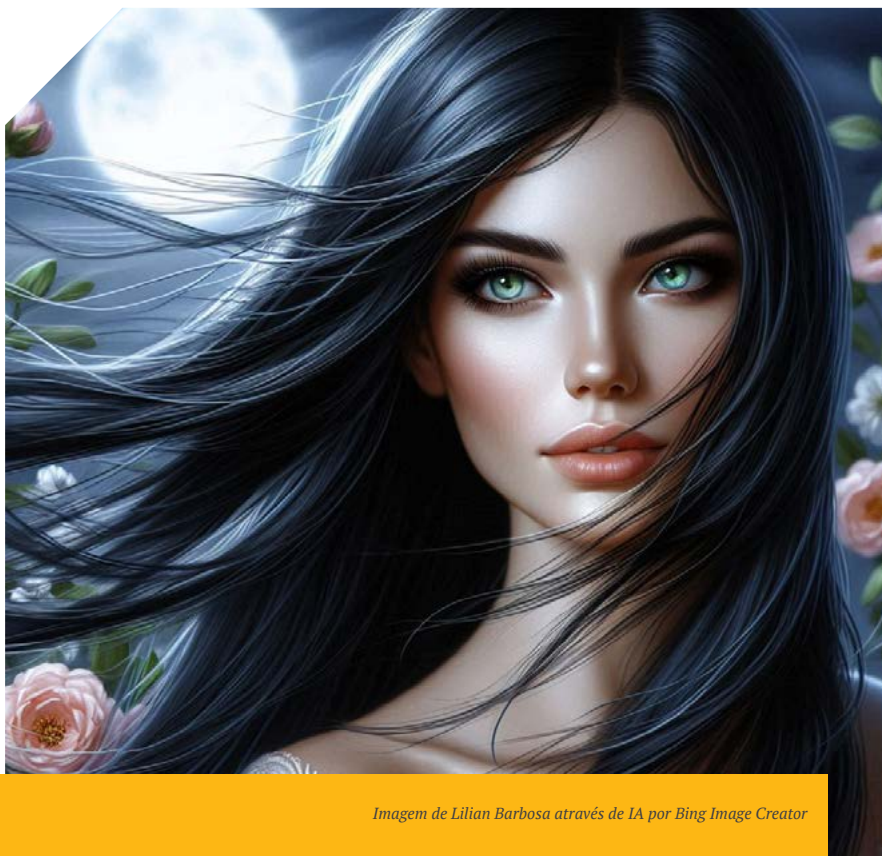


Imagem de Lilian Barbosa através de IA por Bing Image Creator

Quintilhas

Cabe ao poeta o sentir
Ante um brado de emoção
Laudável por exaurir
A voz que grita ao partir
Recortes do coração

Recebi beijos do vento
Pedacos de um triste adeus
Sopro de efêmero alento
A atizar meu pensamento
Perdido nos beijos teus



Imagem de Chawakorn2000 por Freepik

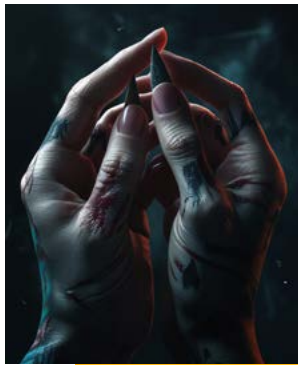


Imagem de Leonardo AI

Trova

Tatuados na memória
Martelados como o prego
Relatam a minha história
Os estigmas que carrego



Imagem de Artifistock por Freepik



Imagem de Leonardo AI

Haikai

Há muito contidas...
Na alma nascem as angústias
Sempre reprimidas

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE



Nossa LITERATURA

VIRTUDES POÉTICAS

10



MÁRCIA NEVES



Professora, graduada em Letras pela Unisantos e pós-graduada em Alfabetização e Letramento pela Unisanta; multiplicadora do EducaMídia; brasileira, baiana de origem, vicentina e santista de coração, mãe do Yohan, amante das letras e da poesia e apaixonada pela educação. Autora do livro de poesia Grades de liberdade (Editora Provérbio), do livro infantojuvenil Poesia – o lugar encantado das crianças (Editora Asinha) e haicais Bucólicos (Editora Pangeia). Com participação em diversas antologias poéticas e revistas literárias, coautora no manifesto Korja Sacrillega, (Editora Armazém De Quinquilharias E Utopias).

Sob os ventos do Norte

Por Márcia Neves

Com bravura
Os ventos se disfarçam
Em movimentos profundos
Envolvendo-nos, arrancando passos

A música que ouvimos ao dançar
Vai açoitando
O corpo
tal a costa do mar
Inclina-se feito palmeira
Esguia o coração, afeta-se, conhece
E perfaz uma península inteira

Por meses
Vão nos soprando, conduzem e sentam
Sentam-se numa cadeira de balanço
A apreciarem nossas histórias
No embalo do tempo
Cerrado entre montanhas
Por vezes
Tempo uivante

Curvados, lançamos redes
E a posição do corpo é a vida
Escrevendo sua beleza às margens
Em qualquer estação

A maré do homem não cessa.



Imagem de Aeye por Freepik

SAUDAÇÕES LITERÁRIAS, LEITOR (A)!

Entre ventos e marés, a literatura segue exercendo majoritariamente o seu papel edificante no mundo e na vida, de diversas formas, seja através da música, das artes, da poesia, etc.

Nesta edição, em diálogo com o tema “A ARTE NAS CULTURAS NÓRDICAS”, a Coluna NOSSA LITERATURA–VIRTUDES POÉTICAS apresenta a você, leitor, de modo bastante

especial, uma entrevista realizada com FLÁVIO VIEGAS AMOREIRA, escritor, poeta e crítico literário.

É uma grande satisfação tê-lo conosco nesta edição! Sua contribuição ao mundo literário e cultural, universalmente, mas em especial à cidade de Santos e baixada santista, é indescritível. Como curador da Casa das Culturas de Santos, Flávio Viegas Amoreira desenvolve e abre espaços e oportunidades para oficinas, palestras, exposições, cursos, lançamentos de livros, etc., visando sempre a boa e verdadeira literatura, a valorização das artes e das culturas, “sem divisas, nem fronteiras”.



Imagem de Kaviyo por Freepik

Imagem de Nomadsoul1 por Freepik



Estamos muito entusiasmados com sua participação e certos da importância de apresentar sua visão sobre o tema. Acreditamos que a literatura, com todas suas dimensões, possui um poder restaurador por meio do conhecimento e da construção de sentido e conexão com o mundo, bem como transformador pela capacidade de impactar e dar sentido à vida. Nesse sentido, com vasta experiência na promoção da diversidade cultural, fomos premiados com sua presença e sabedoria.

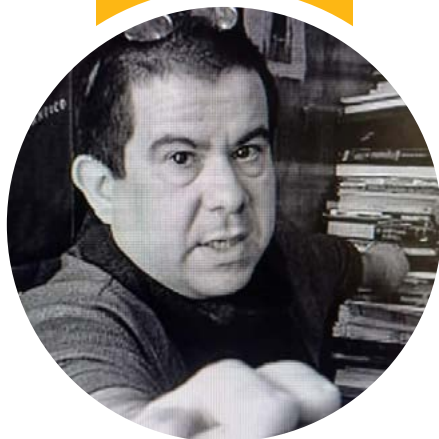
Nossos agradecimentos, Flávio Viegas Amoreira!

Venha conosco, caríssimo (a) leitor (a)!

POST NO SITE



Do coração da Casa das Culturas de Santos à riqueza cultural do mundo: uma conversa com o escritor Flávio Viegas Amoreira



Flávio Viegas Amoreira, natural de Santos/SP (1965), é escritor, poeta, e crítico literário. Destaca-se também como dramaturgo e jornalista. Considerado uma das vozes mais renomadas da nova literatura brasileira surgida na virada do século com a chamada "Geração 00". Ao longo de sua carreira, foi parceiro estético de importantes compositores, como Gilberto Mendes e Livio Tragtenberg, com quem desenvolveu projetos de integração entre literatura e música. Sua produção literária conta com mais de 20 livros, dentre eles, seu recente lançamento, "Vicente de Carvalho redescoberto (Costelas Felinas, 2024)". Atua ainda como Curador da tão prestigiada Casa das Culturas de Santos.

1

REVISTA THE BARD – Como você descreve a cultura (riqueza cultural) das sociedades nórdicas, ou de algum país em específico? Que fatores podem ser destacados?

FLÁVIO VIEGAS AMOREIRA - Fascina-me respeito cultural impresso nos países escandinavos, associando presença dos mais elevados padrões civilizacionais, desde o Iluminismo, com resgate das tradições de suas mitologias, que tanto enriqueceram o Ocidente. Incorporamos, poetas dos trópicos, simbolismos que nos são caros desde o Deus supremo Odin, que tanto nos lembra Apolo mais do que Zeus, 'a Thor já associado à força' desde nossas infâncias. O telurismo, a potência criativa e mesmo o animismo viking que, a partir de Loki, figura feminina eivada de beleza e afeto, nos embala as fábulas desde cedo. Das fábulas até a obra de Jorge Luis Borges, o mago argentino escritor absoluto de origem lusitana, a plêiade de mitos nos toca amalgamados a nossos próprios fabulários. Das Edas islandesas às valquírias germânicas. A alta literatura latino-americana só ampliou suas conquistas sem preconceito ao se debruçar por esse universo dos escandinavos até os batavos. Asgard é tão paraíso quanto nosso sonhado Parnaso.

2

REVISTA THE BARD – E por falar em paraíso, você credita que a geografia (natureza) das regiões nórdicas influencia diretamente a arte e a literatura (cultura local)?

FLÁVIO VIEGAS AMOREIRA - Sem incorrer nos determinismos biologizantes do século XIX carregados de preconceito eugênico, certamente o ambiente como atmosfera anímica nos move lírica e narrativamente. Forma e conteúdo são, sim, cheios de elementos propícios para uma psicologia mais exuberante ou retraída, e tantos efeitos artísticos carregados de elementos literários, cromáticos ou melódicos diferenciados. Impossível não antepor o universo solar do "Guarany" de José de Alencar ao "Fome" de Knut Hamsun, ou a paleta de Tarsila do Amaral com o "Abaporu" ao sôfrego "Grito" de Edvard Munch.



Imagem da Casa das Culturas de Santos por Google

3

REVISTA THE BARD – Sabemos que mitos e lendas integram culturas e colaboram com o folclore de cada lugar. Teria algum ponto de vista em relação aos possíveis impactos da mitologia nas artes e na literatura?

FLÁVIO VIEGAS AMOREIRA - Como dito na resposta 1, tanto a arte popular brasileira, quanto a literatura densa são carregadas do poder mágico nórdico até por desdobramentos de nossas raízes celtas ou suevas, dos iberos aos visigóticos somos nórdicos da ponta atlântica num amalgamento riquíssimo e ainda notável em nossa imagética e inconsciente profundo.



5

REVISTA THE BARD – Por falar em embaixada, presente e passado coexistem na literatura? Existe algum diálogo entre culturas nórdicas e arte contemporânea em países latinos, como o Brasil?

FLÁVIO VIEGAS AMOREIRA - Deveria haver muito mais, como nos tempos do Brasil Colônia e Império, com as missões de artistas e cientistas que aqui acorriam. Os adidos culturais pouco contam e frustram escritores, pouca tradução e divulgação da literatura latino-americana, além do mainstream e estereótipos culturais. Brasil e nórdicos só teriam a ganhar com maior intercâmbio. Quanto à terra de Guimarães Rosa e Clarice Lispector, de José Bonifácio e Darcy Ribeiro, teriam a ganhar com a troca entre míticas, saberes e sabores.

4

REVISTA THE BARD – Citaria algum artista ou alguns artistas, ou até mesmo movimento artístico, como representantes emergentes nas culturas nórdicas?

FLÁVIO VIEGAS AMOREIRA - Contando que contemporaneidade abarca um grande espectro de incorporação e influência, destaco, pelo meu trajeto enquanto poeta brasileiro, desde o mestre multimídia norueguês Alf Proysen, pioneiro em temáticas homoafetivas e experimentais, ao poderoso Knut Hamsun, sem falar na paixão que temos pela dramaturgia e contística de Ibsen e Strindberg. Crescemos lendo contos da sueca Selma Lagerlöf e logicamente Andersen e Grimm. O naturalismo escandinavo nos forjou realistas desde Irene Holm de Herman Bang. Repito, não existe autor nacional que não tenha lido “Fome” de Hamsun. No cinema, ainda ecoam em mim o clássico moderno “O amante da Rainha” de Nicolaj Arcel ou o recente e contundente “A garota da agulha” de Magnus Von Horn. Como um poeta não pode se encantar com a poética do sueco Tomas Tranströmer! Não só pelo Nobel, mas pelas veredas profundas que nos sugere existencialmente. Destaco a brasileira Francesca Cricelli, pungente poeta radicada na Islândia, que tem feito mais que qualquer embaixada na divulgação de Fernando Pessoa e autores brasileiros no mundo nórdico! Que força tem sua militância cultural e sua obra!

6

REVISTA THE BARD – Constantemente, a Casa das Culturas de Santos faz exposições, ressaltando autores e culturas não só locais. Já aconteceu ou poderá acontecer nessa consagrada casa, algum projeto relacionado à Cultura e Literatura nórdicas?

FLÁVIO VIEGAS AMOREIRA - Sou essencialmente poeta, escritor, mas também militante cultural e a Casa das Culturas de Santos, em um ano de atividade, já teve sim uma exposição sobre 200 anos de imigração alemã no Brasil, lembrando que o Brasil começou nessa costa mítica paulista! O primeiro cronista das Américas foi o alemão Hans Staden, morador entre São Vicente, Santos e Bertioga. Gostaria de maior e mais intercâmbio.



7

REVISTA THE BARD – Além do “acervo” que você já trouxe em suas respostas anteriores, acrescentaria alguma referência (livro, filme, série, etc.) relacionada à arte, à literatura e, inclusive, à poesia, a quem deseja conhecer as culturas nórdicas?

FLÁVIO VIEGAS AMOREIRA - Sou fruidor da arte nórdica desde a paixão pelos cineastas Dreyer e Bergman, que fazem parte das catedrais estéticas do século XX. Bergman é pura filosofia! Tão poderoso quanto Kierkegaard. A poesia e prosa do Nobel Jon Fosse é imperdível, mas para não ser extenso me centro numa paixão pessoal: a poeta sueca Karin Maria Boye; digam que no Brasil ela tem em mim um leitor fissurado por sua pungência e precisão cortantes! Karin Boye!

8

REVISTA THE BARD – Flávio, reitero nossos agradecimentos e satisfação em tê-lo conosco na The Bard. Deixe suas considerações finais.

FLÁVIO VIEGAS AMOREIRA - Agradeço imensamente à Revista “The Bard” (que lindo nome!), e à indicação da querida poeta Márcia Neves a essa preciosa entrevista! Minha consideração final é solicitar mais empenho em traduções pelas editoras e revistas culturais nórdicas, região que mais lê no planeta, a exemplo da amada Finlândia. Sou autor de 22 livros, entre poesia, prosa e ensaios, recomendando pesquisar minhas obras na internet. Grato!

E-MAIL



INSTAGRAM



POST NO SITE



Ode ao reconhecimento

Depois dessa chuva de letras,
se foi sorte ou coisa do destino, eu sei
que viver é como ser livre
na aliança exímia com o mundo,
que “se faz com homens e livros”,
e a céu aberto

E eu nunca me esquecerei
de que é preciso viver entre a gente
que faz de sua sabedoria um lugar
para a imaginação do diferente.

Tendo como precedente movimento,
algo como a dança da chuva.
Curva-se de acordo com o vento
e concentra no recôndito do simples
consciente,
o que acontece num mundo necessário
e não se pode perder de vista.

Por Márcia Neves

A literatura, em sua essência, revela a profundidade da expressão humana e a nossa conexão intrínseca com o mundo ao nosso redor, independentemente da direção que o vento possa soprar. Através da poesia, alcançamos uma profundidade que é ao mesmo tempo única e universal. Sem essas formas de arte, como poderíamos verdadeiramente viver? Escrever é tão vital quanto respirar, e ter ao nosso redor pessoas que compartilham conhecimento não é apenas sorte; é a própria vida se manifestando de maneira visceral. Ao me despedir desta edição, faço-o com um coração cheio de gratidão e um incessante desejo de buscar saberes que nos unam à essência da vida. Esta edição, com o mestre Flávio Viegas Amoreira, foi mais do que uma simples conversa; foi um verdadeiro despertar literário e cultural. Um presente a todos nós. E a você que lê 'Nossa Literatura: virtudes poéticas', meu sincero agradecimento!

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS
REDES SOCIAIS**

SITE

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





JEANE TERTULIANO



Natural de São Miguel dos Campos e residente em Campo Alegre, Alagoas. Graduada em Letras Natural de São Miguel dos Campos e residente em Campo Alegre, Alagoas, é professora, escritora e palestrante com 20 livros publicados. Graduada em Letras, com pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina, é autista, com altas habilidades, TDAH e baixa visão. Feminista e ativista sociocultural, recebeu prêmios como o 1º lugar no Destaques Literários Focus Brasil – New York (2022) e o Título de Notório Saber em Literatura (2023). Em 2024, foi eleita delegada para representar o setor "Livro, Leitura e Literatura" na 4ª Conferência Nacional de Cultura. Colunista da The Bard e membro da AIL e UBE, organiza projetos antológicos e utiliza a literatura como ferramenta de transformação.

A Prosa Poética

Escrever em prosa poética é romper os limites da linguagem cotidiana, adentrando um território onde o dizer é corpo e o corpo, verbo. Para muitas mulheres escritoras, esse gênero híbrido se tornou uma forma de rasgar a superfície do mundo e deixar que o inominável escorra, não como explicação, mas como revelação. A prosa poética é, então, um gesto de insurgência: contra a linearidade, contra o silêncio imposto, contra o excesso de sentido.

Hélène Cixous nomeou esse gesto como *écriture féminine*, uma escrita que pulsa em fluxo, sem as amarras da gramática patriarcal. Na prosa poética, a mulher escreve-se a si mesma, não como enredo, mas como intensidade. Há uma recusa da rigidez da forma e, ao mesmo tempo, uma entrega radical ao ritmo da emoção, como se o texto nascesse do ventre e não da razão. “Escrevo como quem dá à luz”, diria Clarice Lispector, se lida pelas lentes de Cixous. A frase não precisa terminar para fazer sentido, o sentido escorre pelas margens do que foi dito.

Adélia Prado, por sua vez, planta no chão da linguagem uma teologia do cotidiano. Sua prosa poética é repleta de fé profana: “Erótica, mística e doméstica”. Para ela, escrever é carregar água no cu de peneira, tarefa impossível, mas urgente. O lirismo se encarna nas coisas simples: um pão, um vestido, uma dúvida. A mulher que escreve com o corpo não teme o ridículo, teme o silêncio.

Na tradição brasileira, Olga Savary e Orides Fontela também se lançaram nesse abismo onde o poema não se aprisiona ao verso e a narrativa não se curva à trama. A prosa poética, em suas mãos, torna-se lugar de fricção entre imagem e pensamento, um espaço de ressonância mais do que de explicação. Nelas, o tempo é matéria instável e a metáfora, ferramenta de escavação.

Assim, a prosa poética feita por mulheres é um lugar de travessia: entre o sentir e o dizer, entre o íntimo e o político, entre o silêncio e a explosão. Escrever é um ato de resistência: contra o apagamento, contra o enquadramento, contra o desamor. O texto pulsa, não para ser domado, mas para ser habitado.



A Surpresa

Clarice Lispector

Olhar-se ao espelho e dizer-se deslumbrada: Como sou misteriosa. Sou tão delicada e forte. E a curva dos lábios manteve a inocência. Não há homem ou mulher que por acaso não se tenha olhado ao espelho e se surpreendido consigo próprio. Por uma fração de segundo a gente se vê como a um objeto a ser olhado. A isto se chamaria talvez de narcisismo, mas eu chamaria alegria de ser. Alegria de encontrar na figura exterior os ecos da figura interna: ah então é verdade que eu não me imaginei, eu existo.

INSTAGRAM



POST NO SITE





Jeane Tertuliano
Feminista, Literata e Professora

O Baile das Máscaras Vazias

Não sei o que será de mim. Não há pertença, porque nunca houve pouso, nunca houve abrigo! O mundo me cerca, mas não me acolhe; é como uma casa sem teto, que oferece paredes sem jamais proteger. À minha volta, tudo gira numa dança de dissimulações, um baile de fantasias onde as máscaras são a única face! A verdade, essa velha conhecida, esconde-se nas sombras, silenciosa e esquiva. Onde estão os rostos? Por onde vagam as almas?

Em meio a esse desfile opressor de aparências, pergunto-me o que resta de mim. Sou peça solta, dissonante, num cenário dominado por normas rígidas e comportamentos bem ensaiados. Estou só, e o peso desse isolamento me estrangula, arrancando de mim palavras que não cabem aqui! A multidão, em seus trajes comuns, confortáveis e previsíveis, flui e se dissolve numa onda de típicos e normais, enquanto eu, contraste e desencontro, permaneço imóvel.

Não sei o que será de mim. Esse ímpeto que me arranca do peito e me impulsiona a partir, a buscar um lugar onde eu possa simplesmente ser, me consome a cada amanhecer! É uma ânsia de escapar desse teatro sufocante, mas a vida me prende às raízes que finquei em solos áridos, em terrenos onde a verdade é árida e o silêncio é refúgio. É um paradoxo cruel: procuro abrigo e encontro muros; anseio por partir, mas sinto o peso de tudo que conquistei! Talvez a ironia maior seja essa, lutar para pertencer onde jamais serei aceita, resistir em um mundo que já me descartou!

Ah, essa ironia me acompanha como um fardo: ser apenas uma visitante num território de nativos, uma voz engolida pelo coro de uma normalidade insuportável! E assim sigo, insistindo, persistindo, mesmo quando tudo em mim clama por um fim! Pois, ainda que não haja pertença, há em mim o autoamor, e talvez, apenas talvez, ele seja a única verdade neste baile lúgubre de máscaras vazias.

INSTAGRAM



POST NO SITE





Stella Gaspar
Escritora, Pedagoga e Professora

Amor Crepuscular

Um dia o amor chega sem avisar, provocando uma alegria na gente, que não conseguimos esconder tanta felicidade. Esse amor que produz tanta beleza na nossa vida é tão sábio que chega no tempo certo. O amor crepuscular é assim, fascinante, mágico e inspirador.

O amor crepuscular é um sentimento tranquilo, relaxante, aconchegante, enamorado, cheio de paz como florezinhas brancas, parece que mundos de amor se mudam para os nossos corações.

O amor crepuscular se alimenta das experiências vividas. Queremos novas emoções, transformando dores em belezas. Amando com amor crepuscular a vida amorosa, vem especial, carinhosamente penetrando nos nossos vazios existenciais. Disso surge um profundo conhecimento de nós mesmos e de nossos sentimentos que, junto à pessoa adequada e amada, é um minivulcão de paixão.

Ah! Amar assim é uma erudição, uma simplicidade poética, é um ardor sem fronteiras.
Tudo tão bonito!

O amor crepuscular abre suas asas e abraça a nossa flor da pele, deixando-nos com felicidades no plural.

Com amor crepuscular, a primavera é linda, cheia de cores, odores que se misturam ao universo luminoso.

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



LANÇAMENTO

JULHO & AGOSTO DE 2025

Sob os Ventos do Norte:
"A Arte nas Culturas Nórdicas"



32ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE



FACEBOOK



INSTAGRAM



YOUTUBE



TWITTER





EDITAL

SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025

Entre os Tons do Nordeste:
"Olhares artísticos do Sertão"

33^a
EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025

PERÍODO DE **28** DE MAIO À **01** DE AGOSTO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



20



Ladylene Aparecida



Apaixonada pela literatura e uma jornalista cultural em ascensão. Nascida e criada em Santa Luzia, Minas Gerais, essa mineira de alma boêmia começou sua jornada literária na adolescência, quando escrevia em diários e se perdia nas histórias de sua banda favorita. Aos 14 anos, por intermédio de uma amiga, teve o prazer de conhecer os livros do autor Pedro Bandeira, especialmente a coleção "Os Karas", que se tornaram seus fiéis companheiros até o fim do ensino médio. Em 2022, ela se tornou colunista e cronista da Revista Internacional The Bard, onde explora temas culturais e a beleza das palavras. Além disso, é acadêmica honorária pela ALUZ – Academia Luziense de Letras e Artes, consolidando ainda mais sua presença no cenário literário. Atualmente, como jornalista cultural e criadora de conteúdo na ONG Instituto Letra Preta, Ladylene se dedica a promover vozes diversas e dar espaço a novas narrativas.

Mitologia da Suméria

Olá, querido leitor, depois de uma viagem as mitologias mais comentadas em todo mundo, é hora de falar dos primórdios da humanidade, aqueles, que segundo as lendas, foram os primeiros dos homens a criar e decodificar a escrita, o início da era moderna como a conhecemos. Mesmo antes da Mãe África reinar soberana sobre os conhecimentos que temos hoje, a Suméria foi palco do início abrindo

as portas e caminhos para que outras civilizações pudessem evoluir.

Então te convido para desfrutar dessa história magnífica que é a Suméria e seus enigmas, qualquer semelhança com as histórias modernas é pura coincidência, ou não...

Então para aproveitar mais essa aventura, pegue a sua bebida favorita se aconchegue e boa leitura....



Imagem de Enigmas da Civilização Suméria por Google

Suméria e seus mistérios



Imagem de Shutterstock.com por Google

Vamos mergulhar na mitologia Suméria, uma das mais antigas do mundo que ocupou os territórios entre os rios Tigre e Eufrates, com raízes por volta de 3000 a.C., na região da Mesopotâmia (atual sul do Iraque). No quarto milênio antes de Cristo, as primeiras populações sumerianas teriam se deslocado do Planalto do Irã até se fixarem na região da Caldeia, que compreende a Baixa e a Média Mesopotâmia. Quish foi a primeira cidade fundada e logo foi seguida pelo surgimento de cidades como Eridu, Nipur, Ur, Uruk e Lagash.

A Terra entre Rios

“A não ser na parte dos pântanos e brejos, com sua vegetação de caniços, onde o Tigre e o Eufrates deságuam no Golfo Pérsico, a Mesopotâmia – a “Terra Entre Rios” dos antigos historiadores gregos e que corresponde, mais ou menos, ao Iraque de hoje – consiste em sua maior parte numa desolada planície de

aluvião. O clima, de um modo geral, é quente e seco. Não há minérios e quase não há pedra ou madeira para construção; o solo, se não recebe cuidados, é árido, improdutivo.

Mas, embora essa região pareça na atualidade bem pouco atraente, nenhum outro atraente, nenhum outro lugar do planeta é de maior significação para a história do progresso humano. Nessa terra embalada pelos rios foi que o homem primata se tornou civilizado. Ai cerca de 5 mil anos, o povo conhecido como os sumérios criou a mais antiga das verdadeiras civilizações, cujas raízes mergulham bem fundo nas trevas da pré-história. Foi a Mesopotâmia que viu erguerem-se os primeiros centros urbanos da humanidade, com a sua vida opulenta, complexa e variada, em que a lealdade política não era mais em relação à tribo ou clã, mas em relação à comunidade como um todo; onde os alterosos zigurates, ou templos torres, se

lançavam para o céu, fazendo o coração do cidadão palpitar de medo, maravilhamento e orgulho; onde a arte e a engenhosidade técnica, a especialização industrial e a iniciativa comercial encontraram

Do ponto de vista político, as cidades sumerianas eram completamente independentes. Em cada uma delas, um sacerdote contava com o auxílio de um grupo de anciãos para que as principais decisões políticas fossem afixadas. Contudo, um certo momento que ainda não determinaram, percebemos uma mudança na forma de governar as cidades-estados, líderes desenvolveram uma governança centralizada e monárquica onde o poder era passado de forma herdada e pai para filho.

Mesopotâmia – O berço da civilização

Samuel Noah Kramer e redatores dos Livros TIME-LIFE

Cidades-Estados

As cidades-estados sumérias são uma das características mais marcantes da civilização suméria e tiveram papel central no desenvolvimento político, religioso, econômico e cultural na Mesopotâmia.

Que foram divididas em duas regiões:

Alta Mesopotâmia: Era a zona norte, onde se encontram as nascentes dos rios.

Baixa Mesopotâmia: Era a zona sul, com a inclinação e a foz dos rios. Pelo clima seco e quente, era necessária a construção de canais para controlar as secas e as cheias dos rios.

Algumas das principais cidades-estados sumérias incluíam Ur, Nipur, Eridu, Lagash, Uraque, Guirsu, Churupaque, Adabe, Umma e Zabalam.

Cada povoado tinha o seu próprio governo, exército, templo principal e divindade protetora. Embora todas compartilhem da mesma cultura, idioma e sistema religioso, elas frequentemente entravam em guerra umas com as outras por território, influência religiosa ou controle de recursos.

A administração das cidades-estados na Mesopotâmia era bastante sofisticada para a época e refletia a complexidade de suas sociedades. Com o tempo o líder das cidades-estados, ficou conhecido como Patesi. Ele era responsável por organizar a defesa, supervisionar as obras públicas e garantir a justiça.

Com o passar dos séculos e estudos avançados os especialistas em arqueologia dividiram a Suméria em períodos:

Período de Uruk ((c. 3500-2900 a.C.). Nos confins da antiga Mesopotâmia, onde os rios Eufrates e Tigre desenhavam caminhos de vida e civilização, ergueu-se um período de esplendor e transformação. Uruk, a joia da Suméria, viu suas muralhas crescerem e seus templos se tornarem o coração pulsante de um mundo nascente.

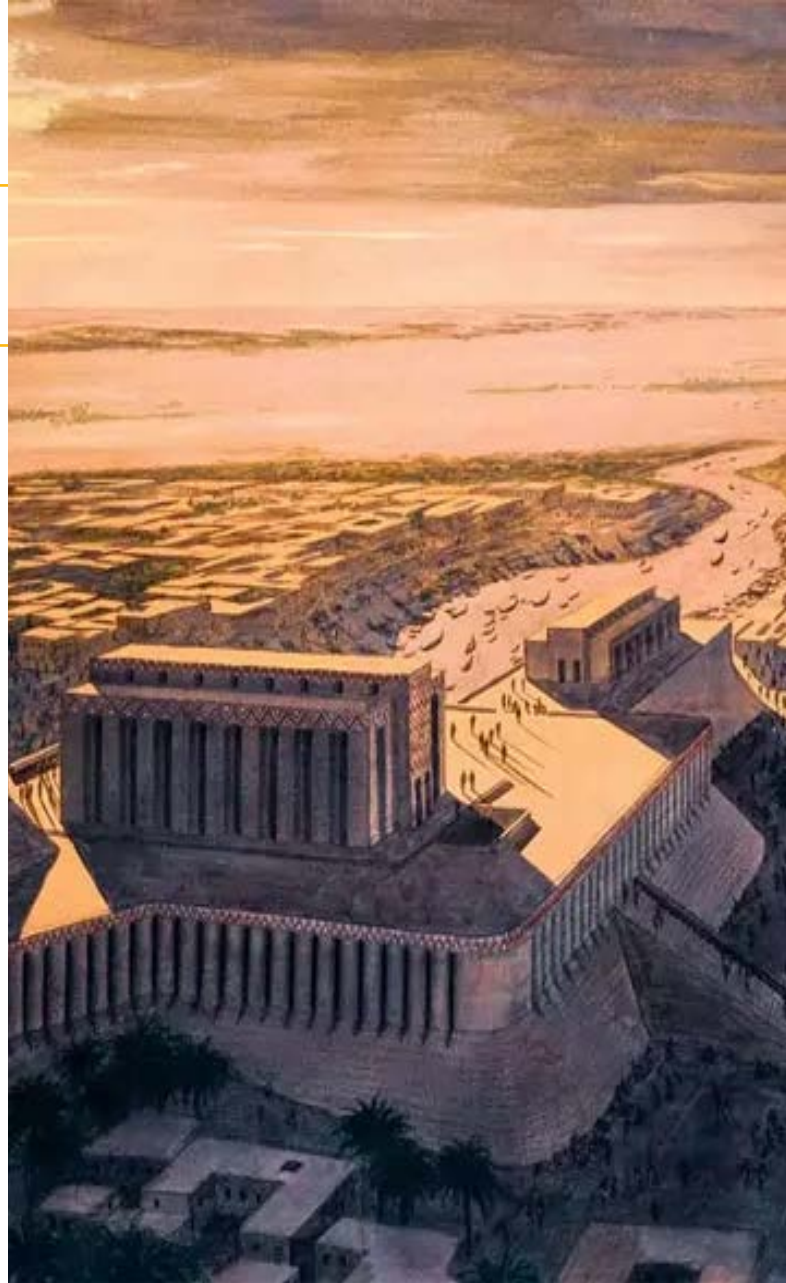


Imagem da reconstrução idealizada sobre a possível aparência de Eridu em 3300 a.C por National Geographic

Os sumérios, mestres da terra e da escrita, espalharam-se pela planície fértil, fundando cidades que ecoariam pela eternidade: Ur, Lagash, Kish, Umma e tantas outras. Em cada uma delas, os templos erguiam-se como pilares da ordem, onde sacerdotes e governantes entrelaçavam poder e fé, guiando os destinos de seus povos.

Uruk, soberana entre iguais, não apenas prosperou, mas imprimiu sua marca na cultura e na política da região. Seus zigurates tocavam os céus, suas ruas fervilhavam com comércio e suas leis moldavam o futuro. Foi ali que a escrita cuneiforme nasceu, onde reis e deuses compartilhavam o mesmo espaço e onde a civilização tomou forma.

Período dinástico arcaico (2900-2334 a.C.). Nas terras entre rios, onde o Eufrates e o Tigre desenhavam caminhos de vida e disputa, as cidades erguiam-se como testemunhas do engenho humano. O solo fértil chamava os povos, e com eles vinham a ambição e a necessidade. Água, terras, matérias-primas—tudo era motivo de disputa, e cada cidade-estado via sua sobrevivência depender da força de seus líderes.



Imagem gerada por Leonardo AI

O poder, antes repousado nos templos, onde sacerdotes interpretavam os desígnios dos deuses, começou a migrar para os palácios reais. Os guerreiros, forjados no calor das batalhas, tornaram-se reis, e suas decisões moldaram o destino de civilizações. As muralhas cresceram, os exércitos marcharam, e a política tornou-se um jogo de conquista e resistência.

Mas, mesmo em meio às guerras incessantes, a vida florescia. Os campos eram cultivados com técnicas aprimoradas, e os rios, domados pela engenhosidade humana, garantiam colheitas abundantes. A população crescia, espalhando-se pela Mesopotâmia, fundando novas cidades que, por sua vez, se tornariam palco de novas disputas e alianças.

Reino de Akkad (2334-2218 a.C.). Nos confins da Mesopotâmia, onde os rios Eufrates e Tigre desenhavam caminhos de vida e poder, ergueu-se um império que desafiaria o tempo. Os acádios, filhos do deserto e do destino, chegaram como brisa sobre a terra fértil da Suméria, fincando raízes e moldando o futuro.

Mari, cidade de pedra e comércio, foi seu primeiro refúgio, mas a ambição de um homem mudaria o curso da história. Sargão, nascido do mistério e forjado na adversidade, ergueu-se das sombras para tomar Kish, desafiando

reis e oráculos. Com espada e estratégia, lançou-se em campanhas que dobrariam cidades e corações.

Seu nome ecoou pelos templos e mercados, e sua glória foi selada com um título que atravessaria eras: "Rei das Quatro Regiões do Universo". Em Akkad, sua capital, ergueu-se um trono de poder e tributo. Povos distantes curvavam-se diante de sua força, trazendo ouro, grãos e promessas. Seu império, o primeiro de seu tipo, desenhava os contornos da civilização futura, deixando marcas que nem o tempo ousou apagar.



Imagem gerada por Leonardo AI

Período Guti (2218-2047 a.C.). Na transição dos tempos, o Império Acádio enfraqueceu e sua estrutura começou a ruir. Aproveitando-se da instabilidade, os Gutius, um povo oriundo das montanhas Zagros, atravessaram os vales da Mesopotâmia e tomaram Akkad, marcando o fim da supremacia acádia.



Imagem gerada por Leonardo AI

As cidades sumérias, antes submetidas ao domínio de Akkad, iniciaram revoltas, fragmentando o poder e preparando o terreno para novas mudanças políticas. Com sua chegada, os Guteus impuseram tributos às cidades, ajustando-se ao sistema administrativo já existente, sem trazer uma reorganização completa da sociedade. Seu governo, porém, foi instável e efêmero, e em pouco mais de um século, os sumérios reconquistariam seu protagonismo.

Assim, entre disputas e transformações, esse período representou mais uma fase de transição na longa história mesopotâmica.

Renascimento sumério (2047-1800 a.C.).

Após anos de domínio estrangeiro, as cidades sumérias ergueram-se em rebelião, expulsando os Guteus e restaurando sua autonomia. Ur, a cidade que outrora fora símbolo de grandeza, tornou-se o centro de um novo movimento de unificação, tecendo alianças entre cidades-estado e fortalecendo sua posição na Mesopotâmia.



Imagem gerada por Leonardo AI

Nesse período, Ur e Lagash destacaram-se como polos de cultura e poder, erguendo imponentes zigurates, templos monumentais que se elevavam aos céus como testemunhas da devoção e da engenhosidade suméria. As escadarias que levavam aos terraços sagrados simbolizavam a conexão entre os homens e os deuses, enquanto os templos tornavam-se centros administrativos e religiosos.

Por séculos, a independência suméria foi pre-

servada, mas os ventos da história trouxeram novos desafios. Por volta de 2000 a.C., os Amorreus avançaram sobre a Baixa Mesopotâmia, saqueando cidades e impondo seu domínio. As construções foram devastadas, os bens tomados, e um novo capítulo começou a ser escrito na terra dos rios.

Assim, entre ciclos de ascensão e queda, a Suméria deixou sua marca, influenciando civilizações futuras e perpetuando seu legado na história.

Império Babilônico (1792-1750 a.C.).

No coração da Mesopotâmia, onde os rios Eufrates e Tigre desenhavam os contornos da civilização, ergueu-se um império que mudaria o destino dos povos. Hammurabi, soberano de Babilônia, não apenas conquistou territórios, mas moldou a ordem e a justiça com sua visão de poder centralizado.

Com estratégia e determinação, subjugou as cidades sumérias e impôs a cultura acádia, unificando tradições e costumes sob um único domínio. Seu maior legado foi a criação de um código de leis, um conjunto

de normas que buscava organizar a sociedade e garantir a estabilidade do império.

Mas o tempo, implacável, trouxe desafios. Com a morte de Hammurabi, rebeliões e invasões abalaram os alicerces do reino. Povos vizinhos avançaram sobre Babilônia, fragmentando seu domínio e dando início a um novo ciclo de disputas e transformações.

Assim, entre conquistas e ruínas, o Império Babilônico deixou sua marca, influenciando gerações futuras e perpetuando seu legado na história.

A cultura Suméria

O mito do dilúvio sumério, também conhecido como Gênesis de Eridu, é o texto mesopotâmico mais antigo que relata a história de um grande dilúvio. Este mito foi preservado em tabuas de argila com escrita cuneiforme e data de aproximadamente 1600 a.C., embora a tradição oral seja muito mais antiga. Referências sobre o dilúvio também aparecem em obras posteriores como Atrahasis ((século XVII a.C.) e A

O grande dilúvio na Suméria

Epopéia de Gilgamesh (2150-1400 a.C.).

Ziusudra, o sacerdote-rei da cidade de Suruppak, é o protagonista do mito. Ele recebe uma mensagem dos deuses sobre um dilúvio iminente destinado a destruir a humanidade. O deus Enki, preocupado com o futuro da humanidade, avisa Ziusudra sobre a catástrofe e lhe instrui a construir uma grande arca.



Imagem da diminuição das águas do dilúvio por Worldhistory

Ziusudra segue as instruções de Enki, construindo a arca e impermeabilizando-a com oiche. Ele leva consigo sua família e sementes de todas as espécies de animais. Quando a tempestade chega, Ziusudra e sua família sobrevivem ao dilúvio e após o ocorrido eles oferecem sacrifícios aos deuses em agradecimento pela sobrevivência.



Imagem gerada por Leonardo AI

A história foi descoberta pela primeira vez em 1893, durante o período de expedições e escavações generalizadas em toda a Mesopotâmia, financiadas por instituições e ocidentais. O homem bom nessa versão do conto, escolhido para sobreviver ao dilúvio e preservar a vida na Terra, é o sacerdote-rei Ziusudra da cidade de Suruppak (cujo nome significa "vida de longos dias"). Essa mesma figura aparece em Instruções de Churupaque (2000 a.C.) e com Atrahasis ("extremamente sábio") na obra posterior que leva seu nome, como Utnapishtim ("ele encontrou a vida") no Épico de Gilgamesh como Noé ("descanso" ou "paz") no Livro de Gênesis.

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE





04



ALINE ABREU SANTANA



Autora de livros acadêmicos, técnicos e didáticos, professora de Português e Literatura, colunista da THE BARD e escritora. Recebeu o título de Comendadora do Brasil, é Doutora Honoris Causa, ocupa cadeiras na Academia Mundial de Letras e AMLH e foi laureada como Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Fundadora do projeto Quais de Mim Você Procura, atua como palestrante, mentora e diretora pedagógica.

De São Paulo a Trancoso: 1500 km de Palavra e Areia

Imagem de Eremeeve por Freepik



“O meu caso é Caraíva, mas me atraco com Trancoso...”

O meu caso com os lugares do Brasil começou antes mesmo de eu saber nomeá-los. Desde o nascimento, meu corpo aprendeu a reconhecer paisagens com cheiro de terra vermelha, barulho de cigarra, vento de campo aberto e o sol tecendo sombras em telhados coloniais. Cresci no concreto de São Paulo, mas com um coração que sempre quis estrada. E foi assim, com essa sede antiga de ir, que a história de hoje começou.

Não vai pra muito longe do meu Brasil — porque não é preciso cruzar oceanos pra viver o inédito. Mas vai longe, sim, do

meu São Paulo. Uma travessia pela espinha dorsal desse país imenso, até alcançar o outro lado do mapa: o Nordeste.

Rodamos horas. Horas e mais horas. Saímos do cinza da cidade grande rumo ao azul sem pressa da Bahia. As estradas mudavam de cor a cada trecho, como se o Brasil fosse passando de tela em tela: do asfalto quente ao barro fino, das montanhas mineiras à vastidão do cerrado, das curvas preguiçosas às retas que pareciam nunca terminar. Em cada parada: um pastel, um pão de queijo, uma placa que dizia “cuidado com animais na pista” — e a certeza de que a viagem é feita também dos desvios.



Imagem de EyeEm por Freepik

A vegetação nos saudava como quem já sabia da nossa chegada. As árvores iam ficando mais baixas, os cactos mais ousados, o céu mais largo. E o tempo... o tempo deixava de correr, passava a caminhar com a gente.

Éramos três: eu, meu marido e meu filho, Bartolomeu. Três olhares sobre a mesma estrada. Três modos de sentir o vento, o calor, a expectativa. Enquanto eu me emocionava com cada curva, meu marido olhava o painel do carro com aquela preocupação silenciosa de quem sabe que o tanque está abaixando. Bartolomeu, esse, dormia no banco de trás como quem sonha dentro de um filme rodando em tempo real.

Foi quase ao final da travessia que nos demos uma pausa — um respiro — em Caraíva.



Imagem de Caraíva por Folha PE - Google

Caraíva.

O nome já vem com mistério. Em uma de suas raízes indígenas, significa “Rio das Tartarugas”. Em outras, mais desconcertantes, significa “o invasor”, “o estrangeiro” — aquele que chega de fora.

E foi assim que me senti. Uma europeia em terra de sol nativo. Uma estranha pisando em um lugar onde tudo já existia antes da minha chegada. As casas coloridas pareciam sussurrar histórias que não me pertenciam, mas que me acolhiam mesmo assim. As ruas de areia recebiam nossos passos com leveza, como se dissessem: “aqui não se apressa

ninguém”.

Mas o carro... ah, o carro. O marcador da gasolina já encostava no fim, e as montanhas pareciam infindáveis. Bateu um certo desespero, mas daqueles que vêm atenuados por alguma fé sem nome.

Fé no Brasil. Fé na chegada. Fé de que, se a estrada nos trouxe até aqui, ela também nos levará adiante.

Cerca de meia hora depois, chegamos a um lugar que parecia suspenso entre o céu e o mar: Outeiro das Brisas.



Imagem de Outeiro das Brisas por Bahia Homes - Google

O nome já entrega sua alma — outeiro, aquela elevação suave que deixa o mundo aos pés; brisas, o sopro fresco que acarícia o rosto sem pedir licença. E foi exatamente isso que encontramos ali: uma vista de tirar o fôlego e um vento leve que parecia sussurrar ao ouvido: “fica mais um pouco”.



Descemos do carro com as pernas ainda marcadas pelas horas de estrada e os olhos famintos por descanso e beleza. Mas o cansaço não resistiu ao primeiro vislumbre da paisagem: coqueirais sem fim balançando como se dançassem ao som de algum samba baiano antigo, casas elegantes escondidas entre jardins cuidadosamente desleixados — como quem diz “sou simples...”.

Estávamos na região da famosa Praia do Espelho, e não havia nome mais justo. O mar ali parecia refletir tudo: o céu, as nuvens, os próprios pensamentos da gente. Nas marés baixas, os recifes bem próximos da costa criavam pequenas piscinas naturais, tão claras e imóveis que era possível ver o fundo — e talvez até a alma — com nitidez.

As pedras, salpicadas ao longo da praia, exibiam tons de branco e laranja, como se o sol tivesse deixado ali uma assinatura na rocha. E naquele silêncio líquido, descobrimos o segredo dos espelhos: eles não mostram só o que está fora, mas também tudo aquilo que a gente leva por dentro.

A melhor hora para ver o verdadeiro espetá-

culo era justamente quando o mar hesitava: nem subia, nem descia. Apenas respirava fundo, em suspensão, e entregava à terra seus reflexos mais sinceros.

Pernoitamos ali, tomados de uma estranha leveza, como se o tempo houvesse parado por delicadeza. Há quem diga — com boa língua portuguesa que tem — que não haverá jamais lugar mais bonito. E, por alguns instantes, nem mesmo o coração ousou duvidar disso.

Mas precisávamos seguir.

Seguir aqueles passos que os indígenas tanto percorreram rumo ao litoral, em silêncio e reverência, até chegar em Trancoso.

Trancoso, essa palavra que pulsa diferente no peito de quem chega. O vilarejo, hoje conhecido pelas pousadas charmosas, pelas praias que parecem sussurrar segredos ao ouvido do mar, foi um dia aldeia — São João Batista dos Índios — fundada em 1586 pelos jesuítas. Era ponto estratégico: para catequese, para controle de território, para vigília contra o contrabando de pau-brasil.

Mas os séculos passaram e Trancoso resistiu. Ficou ali, quieta, guardando sua beleza quase intocada até o século XX, quando começou a ser redescoberta — primeiro por viajantes curiosos, depois por hippies sonhadores, e então por todos os que desejavam fugir do barulho do mundo e

ouvir a si mesmos.

E ali estávamos nós. O coração inteiro se espalhava em cada canto: nas ruas de terra batida, nas árvores de sombra antiga, nos sorrisos lentos de quem vive fora do tempo.

A língua portuguesa latejava em minha mente como um tambor de memória. Porque Trancoso?

E fui atrás da palavra, como sempre faço.

Descobri que “Trancoso” pode vir de troncoso, do português arcaico — “cheio de troncos”. Faz sentido. As árvores, os caminhos cobertos por sombra, os traços da mata ainda viva. A palavra trazia o cheiro da madeira úmida, a memória das florestas densas. Em Trancoso, tudo era raiz: na terra, no nome, no tempo.

Ficamos ali. 1.500 quilômetros de São Paulo até esse pedaço de mundo em que o tempo não tem pressa. As histórias que ouvimos, as que vivemos e as que inventamos pelo caminho — nenhuma caberia num livro. Porque há coisas que só a estrada guarda.

E o retorno?
Como seria voltar depois de tanto?
A língua portuguesa saberia.



Imagem de Trancoso por Google

Essa língua que carrega o eco dos navegadores europeus e o sopro ancestral das línguas indígenas. Essa língua que aprendeu a conviver com a terra, a reinventar-se com o vento, a acolher novas palavras como quem abre a porta para um amigo que volta pra casa.

Porque o português do Brasil não é o mesmo de Portugal. O nosso é misturado, cruzado, mestiço. Traz nas costas a memória das embarcações, mas também o canto dos tambores, o sussurro das aldeias, a reza dos quilombos.

E é isso que faz dessa língua uma pátria maior que o mapa: ela anda com a gente. Tropeça, muda de sotaque, inventa palavras onde antes havia silêncio.

Na volta, o corpo cansado. Mas a língua — essa — mais viva do que nunca. Cheia de novas histórias, expressões, descobertas.

Porque, no fim, quem realmente viaja é a palavra.

E nós somos apenas o vento que a leva adiante.

INSTAGRAM

LINKEDIN

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



COLUNA *Dialética*

19



CLAYTON ZOCARATO



Possui graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto - SP.. Escrevo regularmente para o site www.recantodasletras.com.br usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias..Formado Especialista em Medicina y Arte com ênfase em Gilles Deleuze e Equizoanálise onde é também pesquisador do Centro de Medicina y Arte de Rosário – Argentina.

Thor e Loki e as Dificuldades entre escolher o bem e o mal através da mitologia nórdica

Escrever acerca da cultura nórdica, é adentrar dentro de um mundo de fascínio e também de uma cultura, que foi engrandecida dentro do “*pop*”, com as figuras de Odin e Thor, entrelaçando um entendimento entre o que seja universal, no sentido que suas terras gélidas são fleumáticas para se demonstrar como se faz pontual, colocar o misticismo como sendo uma marca tanto para se chegar ao conhecimento como também que esteja inserido em um vetor, tanto de provocação como a se conglomerar a métrica de que o gelo contém mistério, que não cabe à alma humana conhecer ou despertar plenamente.

Imagem de Thor por Segredos do Mundo – Google



Odin e Thor, dentro de uma cultura do **“super-herói pastelão”** ganham destaque dentro das estórias de super-heróis, advindo da luta com o gigante **“cor de esmeralda da Marvel”**, Hulk de 1988, feito e interpretado por Bill Bixby e Eric Allan Kramer, que mesmo dentro de suas atuações pastelão, deixou marcas como um encontro entre a mitologia com a ficção.

A mitologia que propicia aventuras por um caminho ontológico, que seja realçado **“na explicação do irracional, para o reacional”** que segundo Mircea Eliade **“tem como o caminho se chegar à verdade, mas que passa por universo fantástico de conservar sonhos, e também de humanização do que se pode ser classificado como sendo real, e irreal para uma determinada civilização”**.



Imagem de Em Rz por Pinterest



Imagem gerada por Leonardo AI

Dentro desse contexto filosófico, Odin, ou até mesmo Thor, podem estar dentro do arcabouço de uma consciência que se eleva padrões de um tecnicismo em que a cultura necessita fugir de um campo de empirismo em só se procurar **“a verdade”**, como forma de construção intelectual.

Não se trata aqui de aguçar um campo **“da pós-verdade”**, como sendo um meandro para se colocar um clivo de que para o esclarecimento da mentalidade que seja ao mesmo tempo racional controlando seu emocional, é preciso se alimentar de desventuras que mesmo o Martelo de Thor, se fez necessário se defrontar com a intolerância gutural do Hulk.

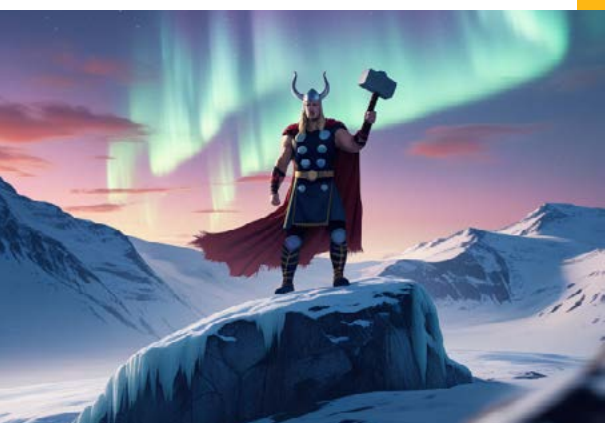


Imagem gerada por Leonardo AI

É notório que no que seja semântico de disseminação gramatical, de construção histórica e entretenimento, os nórdicos, tem uma flâmula que dentro de sua atmosfera coberta pela espessa camada de gelo, a necessidade de honra em formar um orgulho viking, passa por caminhos que fogem de uma diretriz, em se caminhar para um entendimento de psicologia social, que coloque seu povo, como sendo ao mesmo tempo quente, no sentimento de esclarecimento das suas vontades, como também em uma dialética em misturar prognósticos culturais, tanto a ideia de Stan

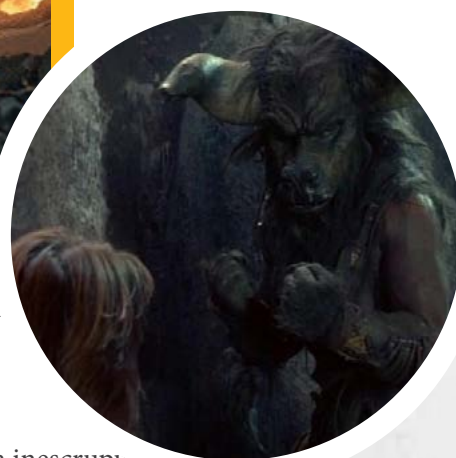
Lee de usar da imagem de Thor como sendo mais um representante de seu oásis de heróis, está a concepção, que o aquecimento de criações de narrativas nos Hqs, pode vim a promoverem novas maneiras de entrelaçamentos intelectuais, que estejam auspicados, em **“uma poética”**, de que para criação, não é necessário estar respeitando diretamente um objeção em misturar polivalentes esteios de um multiculturalismos, mas sim que venha trazer a necessidade interpretação de que o **“eu é feito tanto de fatores físicos quentes como que frios”**.



“Entre a astúcia ambiciosa de Loki e a força protetora de Thor, a mitologia nórdica revela que, para erguer impérios ou salvar mundos, há sempre um rastro inevitável de caos e destruição.

Imagem gerada por Leonardo AI

Imagem de Hércules e o Labirinto do Minotauro por Imdb – Google



Vejamos que Odin, possui entre seus filhos Loki e Thor, um sendo um meneio de estar obcecado pelo poder, e sendo um símbolo de que a esperteza deve vim ser acompanhada por caminhos de que se faz vital enganar e mentir, para conseguir o que se quer, assim como a boçalidade em procurar realizar o **“bem”** a todo custo, fazendo com que anjo nórdico de cabelos loiros, esteja procrastinado a ter que destruir o que vier pela frente, para assim proteger os que mais necessitam.

Ou seja, de forma material **“enquanto o mal quer construir seu império, o bem procurar seguir seus desígnios, muitas vezes praticando a balbúrdia”**, e isso fica bem nítido diante os filmes da Marvel, que deu uma solapada para o cinema de heróis, mas que não deixa de vim desenvolver uma espacialidade da **“destruição em nome da paixão”**.

Nesse quesito **“a destruição em nome da paixão”**, está arquitetado, que para a diversão do grande público, o sentido de

uma doce ação, visando certa inescrupulosidade dos mocinhos, pode esta dentro de uma epistemologia comportamental no que seja tácito em se comprometer com a **“ética da destruição”**, e também de garantir a liberdade e a paz, não tendo nenhum problema em pulverizar propriedade alheia, e que o material possa ser reconstruído, mesmo depois de usarem suas hiper-habilidades para salvar o Mundo, as autoridades que se danem, para colocar tudo no seu devido lugar.

Thor e Loki podem ser um comparativo, entre Cristo e Lucífer, bem como Hércules e Minotauro, mas todavia, não se distinguem por suas aparências, no sentido de monstruosidades, ou de leveza de um olhar fraterno.

Mas no sentido de Loki, houve uma **“certa”**, reinterpretação em se colocar ele como um Deus, sendo um anti-herói que desperta, tanto a emoção, como atos desafortados diante suas instabilidades emocionais.

Diferentemente de um sentido religioso, ou até mitológico, é necessário realçar a importância do maniqueísmo, como sendo um sustentar cultural, no que seja visível de uma construção *“positivista”*, de que a imaginação bem como a criação, são, universos que podem tanto despertar um plantel filosófico gnóstico como agnóstico, quanto a pujanças de sublinharem caminhos de um conhecimento, que tenha tanto o corporal como o intelectual, assimilados, para se pronunciarem a despertarem diferentes sensações para seus públicos.

Nessa visão que seja ao mesmo tempo, emocional como racional se volta para uma análise que seja, pausado na ideia teatral de Jean Paul Sartre ligada, em relação ao seu *“O*

Diabo e o Bom Deus”.

Chega ser uma alegoria como uma provocação se aplicar essa concepção filosófica quanto às características de maldade e bondade de Thor e Loki, como um jogo lúdico, perante cada um tenha suas razões para agir, de acordo com seus princípios, objetivando tanto a estar em paz, como também a estarem banhados seja pelo que seja sádico, ou classificado como sendo, outorgado entre o que seja divino ou demoníaco.

Não adiantaria somente vir a pronunciar e defender princípios, que estão relacionados à justiça e paz, mas sim se debruçar diante o compromisso que tanto o mal, como o bem, trocam acusações, e também

elogios, mesmo que estejam diretamente se odiando, mas que um não vive sem o outro, e que é fundamental um pouco das trevas para se chegar a conter o doce prazer, de caminhar com a luminosidade do que esteja ligado, ao comprometimento gnosiológico entre o bem e o mal.

Tanto Thor como Loki, tem fundamentos psicológicos de uma discórdia que tece seus destinos tanto para luz, como para a destruição.

Entram na *“provocação sartreana”*, pois querem trilharem seus caminhos, estando amarrados há uma *“predestinação em estarem enclausurados em tanto praticar o bem como o mal”*.

Imagem de Jean Paul por Google

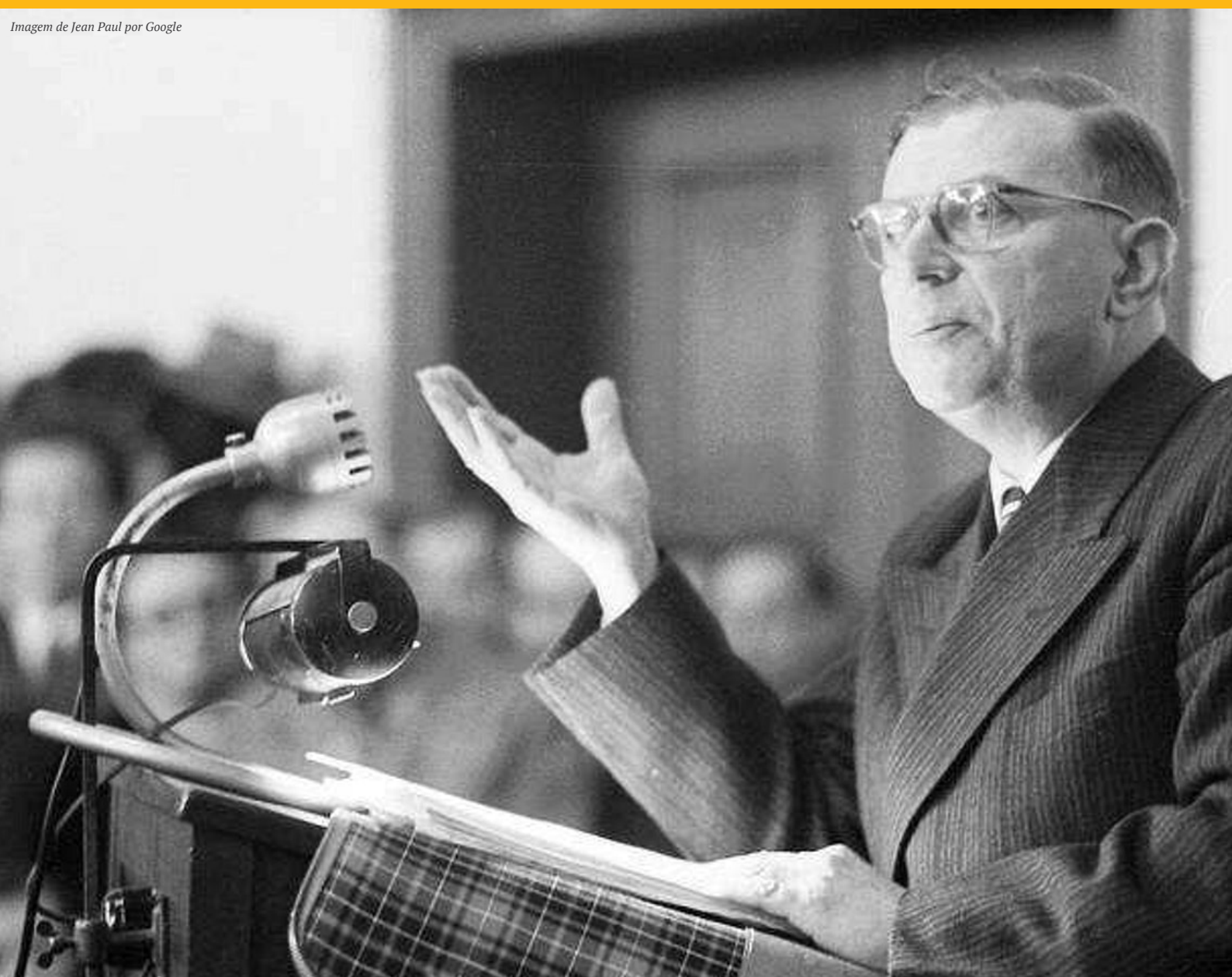




Imagem gerada por Leonardo AI

Nesse sentido, é um dado empírico, que entra na lógica de estudos de Auguste Comte, ***“em que não existe patomimias de vários sentidos para alma humana”***, e sim que tudo poder ser provado através da ***“observação e constatação”***.

Nesse quesito as artimanhas intelectuais passam por um sublime caminho, de que as liberdades são consumadas, inteiramente por nossas decisões, estando viabilizadas somente, pelo que ***“cada eu se propõem a fazer”***, e que intelectualidades possam ser tanto cunhos para a criação de novos caminhos, para se chegar ao infinito das ideias mais profundas, como também o finito de consciência e atitude mental, que transpassa o corporal.

Em um universo mitológico se entra um comprometimento de lamento e virilidade da consciência de que é fundamental se chegar ao nível intelectual que seja tanto voltado para diversão, mas que não se distancie das paralaxes em caminhar para um fortalecimento de comportamentalismos, que estejam voltadas tanto para o universo metafísico como que físico.

As criações de Odin, são emblemas de que para o mito, não existe um caminho de limites para suas aventuras, como também não está limitado, em se bastar a

si mesmo, mas sim que se procura compreender, dentro da limitação material, uma reflexão acerca do que seja razão, e como também isso venha a despertar a emoção.

Immanuel Kant, dentro da sua ***“razão pura, enfatizando a importância de elementos que a mente venha a ser uma projeção de uma inteligência superior, que controla todos nossos atos”***, está uma representatividade de um elaboração, de que o místico, como o mito, são fugas de nossas realidades, como também uma reinvenção acerca de como nos relacionar com proporcionalidades de tecidos intelectuais e culturais que venham a formarem novas projeções acerca do desconhecido.

A Mitologia Nórdica, que está assim como a grega, ligada expressamente a sua história, buscando uma compreensão diante o gélido misterioso, outorgando novos destinos para a alma humana, bem como entendendo que mesmo dentro de centralidades materiais, de uma estética, que se veja muitas vezes mecanicista, pode também transcorrer a ascensão de gostos, que não sejam necessariamente, a representação da fúria, mas sim uma busca incessante da verdade.

Uma verdade que caminha por abismos, mas que também enfrenta os desafios, de uma frenologia de que um anômalo metafísico é fundamental, para uma conjugação do corpo.

Dentro dessa visão da “*conjugação do corpo*”, esta a concepção de que um “*nome, detém sua figura e sua memória*”, segundo o psica-

nalista Pierre Fédida e que dentro da memória, se encontra utensílios para se concluir, que no badalar de cada emoção, novos mitos pode surgir para uma diacronia, tanto que se venha construir a paz, como também um batistério de novas disrupturas do “*real*”.

Nesse sentido, de uma disruptura com a história, a psicanálise gera

uma crise de eufemismo, quanto á construção da leviandade em fugir, do que seja somente um nome, mas sim fazer uma métrica, que para compreensão de todas as nossas aceitações falham em estar antenados com uma humanização, de vértices comportamentais que venham a transgredirem, como também a estreitar relações entre o fantástico e o real.

Mas por que o fantástico e o real?

É uma estratégia de uma conduta onisciente de que é primordial se caminhar pelo “absurdo da fantasia”, para se construir um matriciado em novos fronts de combates intelectuais diante, a massificação do criar, e do engajar, no que sejam postulado a entrever novos pensamentos argumentativos, fugindo de viver somente diante a burocracia de ter que ficar se respeitando tanto métricas, como ensejos do que seja classificado como bom e eloquente.



Imagem gerada por Leonardo AI

É necessário se implementar uma pedagogia da loucura, que contenha uma forte tessitura, na estrutura, de remissivos estreitos morais, entre o sonhar e também de buscar a satisfação, mas que não venham a promoverem um sucinto preceito de maldade, mas sim a verdade, que o ser humano, não consegue ficar sem sonhar, e para se criar é fundamental um prognóstico da insanidade, com um gosto de provocar sempre o que puder que seja bom, como o que também esteja auscultado para o mal.

Loki não é mal e funesto, mas sim sua incompreensão causa inveja, e que sua cobiça está caminhando dentro de um psicológico, em administrar as mais intensas paixões, como também razões, para assim se lutar contra a monstruosidade, de subjetividades, que estejam pigmentadas na neurose, de que é necessário não se dar satisfação para ninguém, mas que contenha um “*lúmen*”, de que das terras mais garridas o gélido frescor, de buscar um palco de crueza do mal, não vai vir a causar nenhum malefício para seu espiritual.



Imagem gerada por Leonardo AI



Imagem gerada por Leonardo AI

Entra nesse caminho uma comparação com o *“Morcego de Gotham”*, de que as trevas pode ser o caminho do bem, e que esse bem é oferecido para todos, mas quem vai garantir tanto de forma opinativa como interpretativa que esse tal bem seja de fato uma garantia de *“segurança”*, que não veja nem classe social, ou política em especial.

A destruição, bem como a reconstrução como diria o pensador pragmático John Dewey, se viabiliza em *“mudar de estruturas e alicerces, em diferentes completudes, e que assim sua genealogia possa estar demonstrando um caminho, de como sua essência venha estar comprometida com outros frisos de fortalecimento filosófico”*.

Dentro de um patamar nietzschiano *“a ansiedade em se procurar o bem-estar, reflete, uma luta interna, de fúrias emocionais”*, que buscam serem compreendidas como também a obterem um pouco de paz.

A paz que Thor, dentro de seu universo, de quadrinhos e filmes, luta, mas que na áurea de tentar redimir seu irmão, o deixa cego, dentro de um heroísmo inconsequente não sabendo respeitar os limites de um lençol de cobrir um massageamento do ego, que se elabora como um precursor de sedimentais cunhos de um *“utilitarismo”*, do esclarecimento.

Mas como explicar um esclarecimento, que não esteja amaldiço-

ado pela dicotomia entre o certo e o errado?

Platão nos explica que *“nem toda a escuridão se explica com a destruição”*, mas sim sendo um entrave entre os delírios de uma civilização, que se compromete em construir sua natureza através centrípetos de rejuvenescimento que o visível está na luz de se chegar a um desfalecimento da massificação, e que é essencial estar dividido entre o bem e mal.

Se Odin deu o facultativo prognóstico que seus pupilos tenham o direito de escolherem entre o bem e o mal, também entra na cadência de uma condenação de que isso está objetivado para uma destruição da dialética.



Ou seja, dentro do cupito do equilíbrio maniqueísta, se faz uma jactância de se equilibrar, na destruição de apenas haver dois caminhos, e sim reinventar em construir, um lar de argumentações e ações, que possam tanto reescreverem a história psicológica, lograda nas centelhas ilógicas que o conhecimento para acontecer, não é preciso elementarizar uma lógica classicista que para se chegar a algum traçado de comprovação e elucidação do mental metafísico

Tanto Thor e Loki, despertam um desejo ardente, de beber do néctar mais venenoso do que seja proibido, e assim *“levar os ventos do norte”*, para similitude de um multiculturalismo tanto da apresentação intelectual de seus ícones mais insensíveis, sedimentados na sede de cobiça do sapiens, que é preciso provar para si mesmo ser detentor de todas as forças matérias e espirituais existentes.

No latente, entre a carência com uma ganância de permutar um conluio, de que a intransigência da rebelião epistemológica, para se distanciar entre o que seja *“bom ou mal”*, um *“mythos”* esta permeado da bondade provocativa, que venha ativar as humanizações de cabidos heterogêneos de uma supressão, de que o Planeta Azul, está encarcerado unicamente a seguirem dois lados opostos de uma *“reta maquiavélica do destino”*.

Bem os Nórdicos, clássicos pela sua desenvoltura material, econômica e social, e em sua Mitologia, são suplantados com um certo Nacionalismo, que é vestido pela impetuosidade dos Guerreiros Vikings, e que o Mar, demonstra sua força, diante as tempestades de provocações vindas dos ventos, das terras secas, mas que estão almeçadas na dinâmica, em se perder no foco de uma construção política bem como provocativa no cerne de uma historicidade que almeje estar como uma teleologia com uma neuroplasticidade interrogatória refletindo acerca da sua própria percepção intelectual.



Imagem de Alexkich por Freepik

Uma intelectualidade que faça a regulação *“entre o quente e o frio”*, e que assim seja uma sublimação entre uma luta incomensurável de afirmação das suas opiniões com volumétricos preâmbulos, que no caminho do desenvolvimento comportamental como também intelectual, se faz uma jornada de baladas de viagens ao irracionalismo de que é de grande importância, uma gama do *“transcender”* no que seja classificado como sendo *“bom ou mal”*.

A melodia de uma mitologia, não basta unicamente conter uma lenda, ou uma anedota, mas sim despertar do sono de ficar na companhia de razias estando fermentadas pela infantilidade de no meios filosóficos enciumados, produzam a irrupção de cura, defronte a doença, de que a fantasia, não possa ser um angelical caminho, para a humanização do absurdo, em torno da construção de novos ideais de igualdades entre os povos, que venham a valorizem uma psicomotricidade de bons relacionamentos intrapsíquicos, na saúde mental, de que o corporal não seja um cabedal de fragrâncias indesejadas, de que tudo necessite estar voltado para o caminho do *“bem e do mal”*.

Aliás, o *“bem e o mal”*, não é nem quente e nem tão frio.

É a convergência de toda a insatisfação e apreciação, em que não basta exclusivamente se acreditar no que os sentidos nos trazem como sendo verdade, mas sim que a física, pode nos condenar a viver em um contento imaginativo, que só venha contemplar o que seja certo ou errado.

Não se pode agir sempre com fúria, mas estar na escaldante métrica de um adiamantando vício, em querer se vingar da realidade, o que venham a esmiuçar que os que não pratiquem a imaginação e a fuga da massificação de uma realidade excludente, já estão dentro de uma doença de conformismo, que mesmo não expressado diretamente pelas palavras, podem no silêncio, estarem se defrontando, no compilado de admissões sublevações, de que nas fúrias diante o irracional senso – comum, está um mundo cheio e repleto de chances de se experimentar a loucura, com a desenvoltura, de uma gnósi que caminhe no atrevimento da reinvenção, da forma em permanecer, na eletricidade

convulsiva, de que a escolha entre o bem e o mal, não é o único traçado de destino do ser humano.

A cada badalar do “*martelo*”, um novo horizonte de buscar pelo “*irmão pródigo*”, se abre, mas sem desobedecer as vontades do pai, entrando no campo “*lacaniano*”, de um universo masculinizado que se coloca como sendo um caminho de travessuras mentais, no trabalho sentimental aguerrido de respeitar as desvantagens, de não ser imortal, blindado, para as mais doces e dramáticas sensações sentimentais, como corporais de buscar um levante poético, diante tudo o que pode a ciência provar.

A ciência, necessita destruir seus adereços de voltar para si mesma, sem conter esclarecimentos e lamentos, que venham a provocarem ressentimentos de um sonho, pelo qual o homem dentro de sua “(in)consciência” solidifique a construção de místicos estertores do que seja carinho e afeto, na semiologia que não basta unicamente palavras para se definir o que seja bom ou mal, mas sim a viver a cada instante uma ebulição de vontades e sabores que vão destruindo aos poucos, seus postergados, de que o certo e o errado, são frutos somente de convenções culturais, ou de investidas de etiquetas que limitem a disseminação da razão, em compreender que mesmo dentro do sonhar, está uma necessidade de “*cada ser*”, em ter sua exclusividade como ser humano, de crescer e compreender sua espessura de esperança e que não basta unicamente viver uma realidade factual para assim explicar o que seja “*bom ou mal*”.



Imagem de EyeEm por Freepik



Imagem gerada por Leonardo AI

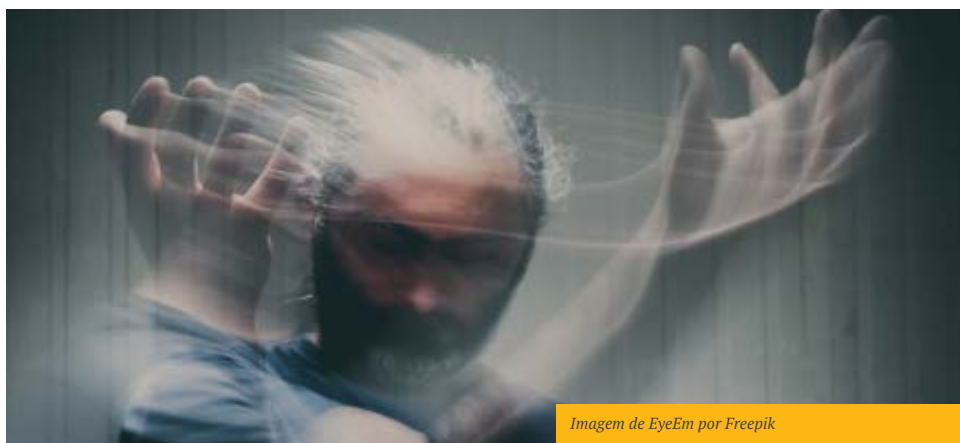


Imagem de EyeEm por Freepik

O mal, não é sempre totalmente maléfico, mas sim uma possibilidade do oferecimento teórico do “xará filosófico de Loki”, John Locke “que a mente em branco vai sendo conduzida através de experiências e atitudes que faça despertar de sua consciência em se reinventar diante seus relacionamentos com outros seres humanos”.

É uma vital esperança, se construir gatilhos de possibilidades para ascensões culturais antropológicas, que limitem a raiva do ser-humano, em aceitar, que mesmo dentro da impossibilidade em conseguir tudo o que deseja, isso

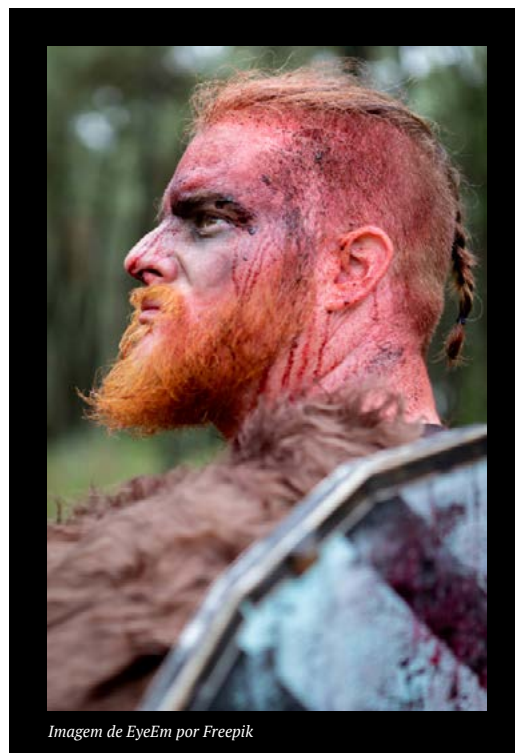
é uma pulsão estando além do que venha, a se verificar como sendo empírico, ou crítico.

A mitologia leva a criticidade sem limites, e ao mesmo tempo contendo um sabor de uma dor, que se faz ser também um traçado de amor, e que assim Thor, venha a disseminar tanto sua impetuosidade de jovem galante buscando salvar o mundo de sua destruição, como também dentro de outros círculos mitológicos ocorra como colocou o historiador Jean Pierre Vernant “uma história da cultura material, que venha a produzir uma antropologia do mito, como uma dissolução da verdade, sem perder sua essencialidade”.

Essa essencialidade ao longo dos tempos, coloque, que o homem não é feito a viver de dois caminhos somente e Odin, sendo enveredado como a inteligência superior da Mitologia Nórdica, colocou um arquétipo de destruição dos limites entre escolher ente o “bem e o mal”, angariados na imagística de Thor e Loki, de que de forma indireta, fazem ambos visitarem seus lados opostos, mesmo que ambos não tenham consci-

ência plena disso.

Em suma, no gélido mundo dos Nórdicos, “o bem e o mal”, são encruzilhadas, para se conhecer as vantagens e desvantagens em optar por caminho, cabendo cada um reconhecer sua grandeza maldizente, e menoridade benéfica, consciente de todos seus incidentes e descentes atributos intelectuais e celestiais. (como infernais)!).



Clayton Alexandre Zocarato

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





ADRIANA MOURA SALLES



Linguista. Educadora. Professora. Contadora de histórias. Terapeuta sistêmica e bioenergética. Podcaster. Tutora de dois pets: Flic e Princesa, amores da vida toda! Amo natureza, cores e mandalas. Sou fascinada pelos mecanismos inconscientes e autorreguladores da expressão emocional por meio do corpo – nosso santuário. A escrita é uma paixão e a leitura fonte inesgotável de prazer. Amo borboletas e observar o céu a qualquer hora do dia ou da noite me conecta com o Divino em mim.

Recentemente, li na página @sagradaintuicao um pensamento bem interessante que diz assim: “Quando aprendemos a escolher os solos férteis, as sementes propícias nos fecundam.” A questão é: como estimular esse aprendizado o mais rápido possível para que a nossa vida seja sempre fértil (e isso não quer dizer, necessariamente, feliz).

Tantos são os caminhos que nos conduzem aos solos áridos... frequentemente, nossa própria aridez que busca solos semelhantes... Isso não exclui o fato de que a vida anda automatizada demais. Rápida demais. Tudo se resolve – ou se complica – com um clique.

Chata essa vida, né? Rasa.

Insípida. Padronizada. Anêmica.

Como seria voltar a se permitir fruir de experiências singelas e potentes? Humanas e, por isso mesmo, contraditórias? Como seria abrir mão do controle? Sustentar o desconhecido e se render a ele?

Nas próximas páginas, leitor (a), você irá ler exatamente os desdobramentos de um encontro comum. Mas, o que seguiu após o encontro foi absolutamente inesperado, transformador e poético. Insuspeitado.

A vida é assim: tudo está disponível desde que estejamos abertos e atentos. Com o que você sintoniza? Com quais encontros a vida tem lhe presenteado?



Imagem de VisualCreative1 por Freepik

Desejo que, assim como eu, você se deixe encantar pelo fluxo do inesperado, que conduz a outro inesperado em uma sinfonia quase sem fim... Que sua alma reconheça a potência do simples que, na maioria das vezes, é o que há de mais rico e curativo...

Um beijo no seu coração,

Adriana



Imagem de Neeways por Freepik

DA SINGULARIDADE DOS ENCONTROS ÚNICOS

“O aberto dá espaço. Ele nos convida. Por exemplo, uma porta aberta e um portão amplamente abertos. O aberto nos concede entrada por qualquer lado. Por exemplo, a visão aberta, o ouvido aberto, a mão aberta, a casa aberta, o espírito aberto, o futuro aberto, o amor aberto.”

Berth Hellinger

Nada nem ninguém me preparou para o que eu viveria ali e nos próximos dias. Não sou uma pessoa que usa com frequência aplicativos como Uber ou 99, mas, por necessidade, tenho adotado esse recurso ultimamente e, graças a esse novo quase hábito, dei-me conta do tamanho da minha cegueira. Sim: falta de visão mesmo. Da vida. Do mundo. Das pessoas.

Não havia cogitado que, dentro do carro de um desconhecido, há um oceano de possibilidades, de trocas e de descobertas. Têm sido experiências memoráveis minhas conversas com os motoristas e julguei justo prestar-lhes, aqui, minha gratidão pelos momentos de felicidade que, casualmente, temos construído. Alguns, ficaram, já, tatuados nas minhas melhores memórias.

Há cerca de 4 meses, numa dessas corridas, conheci um músico que toca Cello, Adriano, meu xará. Quando entrei no veículo, de imediato, fiquei impressionada: tocava uma composição famosa de música clássica. Mas, impressionada mesmo (e decepcionada!) fiquei foi com meu preconceito... como rotulamos o outro com tanta naturalidade, não é? Pensei “como assim um taxista de aplicativo gosta de música clássica?” O preconceito é como um polvo com seus tentáculos imobilizadores ou como o olhar de uma Medusa que petrifica o que toca: a matriz preconceituosa é veneno mortífero que se espalha pela corrente sanguínea contaminando tudo e mostrando-se em variadas e disfarçadas facetas. Dentro do carro, porém, mal sabia eu das surpresas que o “acaso”, esse deus imbatível que nos move de uma direção a outra e nos vira do avesso, me renderia...



Imagem de User20014964 por Freepik



Imagem de Rasoboluda por Freepik

Logo, iniciei uma conversa entusiasmada falando da minha paixão por música clássica e, surpresos, descobrimos que, em comum, conhecíamos uma mesma pessoa: o maestro João Maurício Galindo, um regente magnífico, uma pessoa fantástica, um entusiasta da arte e alguém extremamente contagiante! Tive a feliz oportunidade de assistir a diversas apresentações regidas por ele e, em uma delas, ganhei até um abraço seu!!! Ao compartilhar essa informação, muito educada e amorosamente, o motorista perguntou:

- Adriana, você me permite compartilhar agora a minha história com você? Faladeira como sou e mega curiosa, disse – claro! Imaginem como o mundo é pequeno: eu sei que é um clichê. Mas, não há como não me render a ele diante de acontecimentos inusitados como esse... Simplesmente, o motorista me disse que foi regido por Galindo durante anos na Orquestra Jovem do Estado. Pode? Emocionada e surpresa, perguntei-lhe:

- Mas, se você é músico, o que está fazendo aqui?



Imagem de Artist por Freepik

Imagem de Senix Kotex por Freepik

- Meu pai faleceu cedo e, logo, precisei começar a trabalhar para ajudar minha mãe... é a vida, né? Sim: a vida e suas armadilhas.

Inconformada, continuei:

- Mas você abandonou a música?

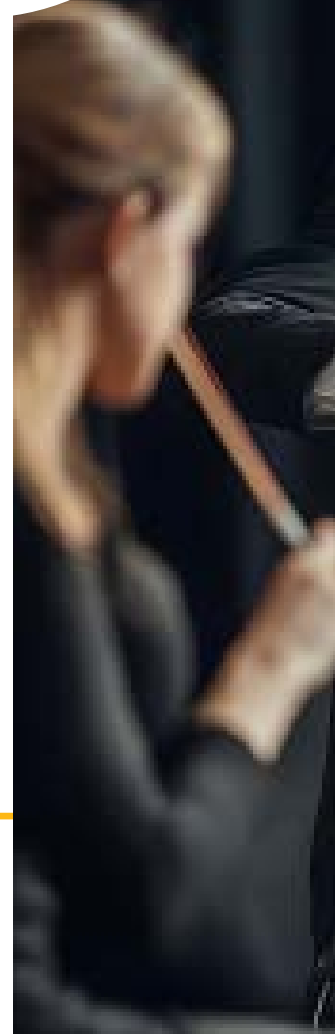
- Não! Eu toco Cello na Camerata Quattro Stagioni, no Teatro Arthur Azevedo, aqui na Mooca. E a felicidade tão perto de mim e eu não fazia ideia...



Não sei dizer exatamente o que senti, mas as lágrimas e a ebulição brotaram com uma intensidade forte: era um misto de orgulho por ele, de saber que nem todo mundo desiste de sonhar e de manifestar os sonhos. Além disso, reverberou um apelo ancestral muito forte em mim: sou neta de um homem negro que foi filho de uma escrava liberta. O motorista é negro: percebem? Ali, na presença serena, culta e gentil dele, eu vi um capítulo bem-sucedido de um descendente africano: contra todas as expectativas, ele deu certo! Por breve instante, acreditei que a libertação das pessoas escravizadas foi real... Consegui honrar seu sonho. O sangue negro que corre em

minhas veias, apesar da minha pele clara, vibrou fortemente, me levando direto às memórias do meu sistema familiar. Eu renasci. Foi como um banho de cachoeira que me trouxe de volta a uma realidade que pode – e deve – ser transformada sempre. Eu senti na minha alma “eu também vou conseguir”: aquele relato reavivou minhas forças.

Vocês pensam que parou por aí? Era final de abril e, na mesma semana, seria o primeiro domingo de maio. Ele me disse que a Camerata faz concertos mensais gratuitos e me convidou para ir vê-lo tocar. Pedi para avisar na entrada caso eu fosse para que ele soubesse que eu estava lá.



Quem me conhece sabe que, como diz um colega, “se estou no inferno, eu beijo o capeta!” É claro, minha gente, que fui vê-lo tocar! Posso garantir: foi o concerto mais lindo, humano, arrojado, criativo, intenso e mobilizador de que já participei! Logo no início, ele, o motorista-músico, dirigiu-se a mim, dizendo da sua surpresa ao me ver lá, pois não imaginou que eu fosse. A partir daí, só emoções intensas. Música, piada, leitura de partitura, teoria musical, perguntas da plateia, mito grego e gargalhadas: muitas, aliás! Conseguem imaginar isso tudo em um concerto de música clássica? Eu vivi essa experiência incrível e contagiante! Quantos talentos na minha frente

compartilhando encanto, beleza, competência artística com a vida! Quantos talentos ocultos existem na vida? Nunca vistos. Nunca ouvidos. Nunca manifestados. Nunca sequer suspeitados... Enfim, um concerto totalmente interativo! Ao final, tive o privilégio de subir ao palco para ouvir, sentada entre os músicos, a última apresentação. Não tenho palavras para descrever minha emoção!!! O som simplesmente brota de todos os lados: é forte, é contagiante e vibra no corpo todo! Após o encerramento, além de um abraço muito apertado, de muitas lágrimas de alegria, agradei à vida que permite encontros assim: plenos, que fazem a gente transbordar. Que acordam o melhor que está ador-

mecido em nós. Que nos apresente com pessoas iluminadas e talentosas como o Adriano de Paula, o motorista que me deu vida! Aqui, registro também meu agradecimento mais do que especial ao Maestro Titular da Camerata Quattro Stagioni, João Carlos Pinheiro da Silva, que, com brilhantismo ímpar, irreverência, erudição e alegria, prontamente, se dispôs a me dar algumas informações para a confecção deste texto: parabéns, Maestro, por levar arte, cultura e humanidade a uma sociedade tão adoentada, desnutrida e carente de vida em abundância... seu trabalho, Maestro, e de todos os músicos da Camerata é vital para o mundo! Gratidão por existir tão linda e corajosamente!



Bem, depois de assistir à apresentação, período em que confeccionei esta crônica, novos eventos surpreendentes e impactantes ocorreram e é importante fazer uma atualização. Então, “Senta, que lá vem história...”

Fui intimada pelo Maestro João Carlos a ler a crônica aos músicos no ensaio geral para o próximo concerto. Conseguem suspeitar do tamanho da minha emoção? Eram jovens musicistas, de periferia e negros em boa parte. O Maestro me disse que precisava do meu depoimento para que eles – os

jovens instrumentistas – vissem o impacto real da arte deles no público. Desejava que eles sentissem o que provocam na plateia. À época, comentou, também, das inúmeras dificuldades para conseguir motivá-los a chegar para a orquestra e nela permanecer e acreditava que, se me ouvissem, seria um estímulo real, vindo de uma desconhecida que “apenas” havia assistido à apresentação deles. Diante desse contexto, obviamente, aceitei a intimação e compareci ao ensaio geral da Orquestra para fazer a leitura desta crônica para eles.



Gaguejei, chorei e, por fim, sorri grata por aquela experiência. Parecia uma cena de filme: os músicos atentos, ansiosos, curiosos e emocionados (porque só o Maestro havia lido a crônica previamente). Perfilados a minha frente, uma orquestra todinha só pra mim (risos)! Nos primeiros minutos de leitura, já conseguia sentir e ver tamanha comoção entre eles. Olhos brilhantes e muitas lágrimas. Era como se, finalmente, tivessem sido vistos. Re-conhecidos. Validados. Suspiros profundos, corpos trêmulos e sorrisos sem fim. Ao final, ganhei um sem número de abraços e de agradecimentos. Ainda agora, ao rememorar e descrever essa cena, me emociono e uma lágrima insistente brota aqui.



Imagem gerada por Leonardo AI



Imagem gerada por Leonardo AI



Imagem de Abdulahadgd por Freepik

Vocês pensam que, finalmente, acabou? Mais um pouquinho ... não bastasse a convocação do Maestro para ler o texto aos músicos, intimou-me, também, a ler para a plateia do próximo concerto no mês seguinte... Já sabem, né? Fui, claro! Domingo pela manhã, acordei emocionada. Dirigi-me ao teatro e, daquela vez, tudo estava diferente. Adriano, o motorista-músico, motivo de tudo isso, fez a abertura das apresentações e confessou ao público que estava agitado e ansioso porque aquele dia teria uma surpresa muito diferente além da orquestra. Na plateia, sentada, meu estômago revirou e meu coração desatou a acelerar.

O concerto prosseguiu – magnífico e estimulante como sempre – e, ao final, o maestro João Carlos me chamou

ao palco. Assim, sem prévias explicações, me entregou um microfone e me lançou no jogo cênico-musical. Sem saber bem por onde começar, fui tratando de deixar claro que não sou musicista, ao que perguntei:

- Então, o que estou fazendo neste palco sagrado? Nesse instante, vi várias cabecinhas concordando comigo e rindo. Emendei e, brevemente, contextualizei o nascedouro da crônica, culminando com a intimação que me conduziu ali. Enquanto eu lia – dessa vez, sem gaguejar – havia, de novo, emoção e alegria em volta de mim. O palco – pareceu – ficou ainda mais iluminado. Ao final, recebi muitos aplausos e, novamente, muitos abraços de toda a orquestra. Esta foi, igualmente, uma experiência de forte impacto em mim.

Ufa, minha gente, o que não faz uma simples corrida de aplicativo, heim?

Bom, #ficaoserviço: concertos mensais, sempre no primeiro domingo do mês, às 11h, com entrada gratuita, em São Paulo, Mooca, no Teatro Arthur de Azevedo. Sim, é um apelo-convite: como humanos, permitam-se viver essa experiência. Há encontros cuja probabilidade de ocorrerem novamente é mínima: estejam atentos ao que a vida traz! Como diz o ditado, “a felicidade mora ao lado”. Pergunta que não quer calar: você está de olhos abertos para reconhecê-la? Olha ela aí, agora, exibindo-se para vocês! Enxergaram?



Imagem gerada por Leonardo AI

Colunista Adriana Moura Salles

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





02



RENATA MUNHOZ



Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinamentos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra palestras e treinamentos originais em empresas de diversos segmentos. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

Feitiçaria: encantamento e repulsa na história do Brasil

Porque nem toda feiticeira é corcunda...

Rita Lee e Zélia Duncan

Como surgiu o conceito de “feitiçaria” em nossa história?

Todos sabemos que a Inquisição foi um capítulo bem importante em nossa história. Isso porque no Brasil, por ser um país de origem católica, perseguiu-se todo aquele que não fosse considerado “cristão”. Embora não tivesse uma sede fixa no país, o Tribunal da Inquisição contava com muitos agentes e pessoas que denunciavam práticas que julgassem desassociadas da fé cristã. Existente desde o ano de 1231, quando na França o Papa Gregório IX a formalizou, a Inquisição perpassou os séculos com muitos

tribunais, responsáveis pelo julgamento de casos de heresia.

Sabe-se que o Tribunal do Santo Ofício visitou os colonos no Brasil pela primeira vez em 1591, com a presença do agente Heitor Furtado de Mendonça. E essa prática se estendeu a todo o período colonial. Sendo assim, a Inquisição realizou diversas visitas, sendo as oficiais ao Brasil divididas nos seguintes períodos: de 1591 a 1595; de 1618 a 1620; de 1620; e de 1763 a 1769.



Imagem de Aventuras na História por Google

Interessante pensarmos que todas as doutrinas apoiam-se em preceitos definidos de maneira comum a seus simpatizantes. Com a Inquisição não foi diferente: os dogmas e rótulos em que se apoiavam os representantes da Igreja católica para julgarem os acusados de heresia eram comuns. A melhor forma de se ter uma padronização é ter um manual em que se registrem todos os conceitos a serem seguidos. Os padrões para a distinção das práticas de feitiçaria estavam escritos desde 1436 por dois padres, conforme veremos a seguir.

“
ENTRE O FASCÍNIO DAS
CRENÇAS POPULARES E
O MEDO QUE ATRAVERSA
NOSSA HISTÓRIA.

Imagem de Wikipedia



Existiu mesmo um manual sobre as práticas de feitiçaria?

A verdade é que esse manual ainda é traduzido em todos os idiomas devido a sua importância histórica e, principalmente, por seus desdobramentos práticos na sociedade de todo o mundo durante o nosso período colonial.



Imagem de Martelo das Bruxas por German Routes - Google

Trata-se do mais famoso de todos os livros sobre bruxaria, *Malleus Maleficarum*, traduzido para o português como *O martelo das bruxas*. Diante dele, qualquer saga de Harry Potter fica no chinelo! Escrito em 1486 por dois monges dominicanos, Heinrich Kramer e Jacobus Sprenger, a obra se converteu no manual indispensável e a base para todos os julgamentos da Inquisição sobre os casos de denúncia de feitiçaria. Por ser considerado o marco-zero da história da feitiçaria, essa obra foi leitura obrigatória de todas as bancas que condenavam ou absolviavam os acusados de praticarem bruxaria ou se associarem com o demônio por quaisquer motivos. Entende-se, pois, que foi o livro de cabeceira dos magistrados e sacerdotes, tanto católicos quanto protestantes, responsáveis por vencer de maneira messiânica as práticas hereges da bruxaria, na Europa e no mundo.



Imagem de Heinrich Kramer - Controversial por Google

Quem são os monges que codificaram as crenças cristãs contra as atividades da feitiçaria?

Citados ao longo da história como amados filhos da cristandade, os professores de teologia da ordem dos Frades Evangelistas, Heinrich Kramer e Jacobus Sprenger, foram nomeados por meio de Cartas Apostólicas como notáveis Inquisidores, responsáveis por mapear as “depravações heréticas”.

Heinrich Kramer, nascido em Schlettstadt, cidade próxima a Estraburgo, ingressou ainda jovem na Ordem de Santo Domingo. Pouco tempo depois, foi nomeado “Prior da Casa Dominicana”. Atuou como pregador geral e se formou mestre de teologia sagrada. Em 1474, foi designado Inquisidor das regiões de Tirol, Salzburgo, Bohemia e Moravia.

Jacobus Sprenger nasceu na Basileia. Ingressou como noviço na Casa Dominicana desta cidade em 1452. Graduou-se mestre em teologia e foi eleito Prior e Regente de Estudos do Convento de Colônia. Em 1480 foi eleito decano da Faculdade de Teologia na Universidade. Em 1488, Provincial de toda a Província Alemã.

O ponto de intersecção da biografia de ambos é o fato de terem sido nomeados Inquisidores com poderes especiais, por bula papal de Inocêncio VIII. Dessa nomeação decorre a pesquisa sobre os delitos de bruxaria das províncias do norte da Alemanha. A obra *Malleus Maleficarum* é, portanto, o resultado oficialmente autorizado dessas investigações e estudos.



Imagem de Jacobus Sprenger por Wikipedia

"A incredulidade em relação à feitiçaria é, em si, uma heresia."

(Original em latim: "Not to believe in witchcraft is heretical.")



Imagem de Martelo das Bruxas por German Routes - Google



De que falava o livro, afinal?

O livro *O martelo das bruxas* inicia-se com a citação dos três elementos necessários a uma prática de bruxaria: o demônio, um bruxo e a permissão de Deus Todo Poderoso. A obra reitera constantemente a existência de humanos articulados com divindades malignas e apresenta os poderes e práticas dos bruxos, suas relações com o demônio, e sua

descoberta.

Vale dizer que por trás de cada condenação do Tribunal da Inquisição e de suas sentenças sanguinárias encontrava-se este livro, como o embasamento teórico e manual e manual de instrução. Isso porque toda a obra é desenvolvida com a retórica teológica embasada no cânon religioso.

Por exemplo: “em muitas partes a lei divina ordena que não só se deve evitar os bruxos, mas que também devem ser executados, e em verdade não importaria esta pena extrema se os bruxos não fizessem reais e autênticos pactos com os demônios para provocar danos e males verdadeiros. Pois a pena de morte impõe-se só em casos de delitos graves e notórios, mas às vezes adota a forma de morte da alma, que pode ser causada pelo poder de uma ilusão fantástica ou ainda pela extensão da tentação. Esta é a opinião de São Tomás, quando considera se é mau utilizar a ajuda dos demônios (II,7). Pois no capítulo 18 do Deuterônimo ordena-se a destruição de todos os magos e encantadores.



Imagem gerada por Leonardo AI



Imagem gerada por Leonardo AI

Também o Levítico diz, em seu capítulo 19: ‘Nos vos voltareis aos encantadores ou adivinhos; não os consulteis sujando-se com eles; eu colocarei meu rosto contra tal varão, e o apartarei de seu povo.’ Assim como no capítulo 20: ‘E o homem ou a mulher que evocarem espíritos de mortos ou se entregarem à adivinhação, terão de ser mortos; os apedrejarão com pedras; e o seu sangue será sobre eles’. Diz-se que são adivinhas as pessoas em quem os demônios fizeram coisas extraordinárias.”

De maneira categórica, impede quaisquer argumentos contrários, estabelecendo que “quem pense de forma diferente no tocante a estes assuntos que concerne à fé que sustenta a Santa Igreja Romana, é um herege. Essa é a Fé.” Grafada com inicial maiúscula, a “Fé” restringe-se aos dogmas católicos e exclui qualquer outra forma de leitura do mundo. Toda essa violência ideológica é mais do que meramente simbólica, pois se reflete execução de castigos severos, com violência física.

Imagem gerada por Leonardo AI



Como os autores trabalharam a linguagem no livro O martelo das bruxas?

A redação do texto constrói-se por meio de perguntas e respostas bem construídas. É evidente que em todas as respostas o cristianismo sempre foi trabalhado com a polaridade positiva da linguagem, com elogios e enaltecimentos constantes. De maneira oposta, tudo o que se refere ao inimigo da cristandade e suas atividades foi desqualificado da pior forma possível, com rebaixamentos e desqualificações. São exemplos da tradução portuguesa: “Almejamos com a mais profunda ansiedade tal como requer Nosso apostolado, que a Fé Católica cresça e floresça por todos os lados, em especial nestes Nossos Dias; e que toda depravação herética seja afastada dos limites e das fronteiras dos fiéis.”

A brilhante retórica define quem se presta às práticas da bruxaria como aqueles que “de forma blasfema, renunciam à Fé que lhes pertence pelo sacramento do Batismo, são instigados pelo Inimigo da Humanidade e não se resguardam de cometer e perpetrar as mais horríveis abominações e os mais asquerosos excessos, com perigo moral para sua alma, com a qual ultrajam à Divina Majestade e são causa de escândalo e de perigo para muitos”.

Bruxas, sim! Bruxas mulheres!

Embora escrito como sendo possível o uso da feitiçaria por ambos os gêneros, o foco recai sobre as mulheres. Prova disso é que a atribuição ao gênero feminino às práticas de bruxaria data de muito antes da Inquisição, já aparecendo no ano de 314 no Conselho Geral de Ancyra, de que derivam muitas leis da igreja católica. Os nomes “Diana” e “Herodias” já eram citados nesses primórdios do cristianismo como corruptoras das leis. Posteriormente, em 906, foram definidas pelos canonistas São Ivo de Chartres e Johannes Gratian no “De Ecclesiasticis Disciplinis” como “mulheres abandonadas que dançam ao redor de Satã, sendo seduzidas por ilusões de fantasmas e demônios, e acreditam e professam abertamente, que nas horas mortas da noite, cavalam em algum tipo de besta com a deusa pagã Diana e inúmeras hordas de mulheres...”



Imagem gerada por Leonardo AI

O feminino é, portanto, o centro desse manual, o que justifica a tradução portuguesa do título “O martelo das bruxas”.



Imagem de Agência Literária por Google

As atividades nunca eram desvinculadas das pessoas...

A historiadora Mary Del Priore, em sua obra *Ao sul do corpo*, afirma que “o importante era caricaturar as práticas transgressivas e comuns das mulheres de classes subalternas, até transformá-las num excesso, daí o estigma de putas para as mulheres não enquadradas.” Isso ao invés de “inteirar-se das práticas ou do que elas significavam como esforço de adaptação ao Novo Mundo.”

Com redação impecável, ao longo de todo o livro, afirma-se que as bruxas mantêm relações com o demônio. Um dos argumentos é que “Deus outorga ao demônio mais espaço a respeito deste ato (relações sexuais), por meio do qual se difundiu primeiro o pecado, do que outros atos humanos. Da mesma forma, as serpentes estão mais submetidas aos encantamentos mágicos que os demais animais.” Nesse sentido, um homem “embruxado” pode sofrer danos em seu órgão sexual, sobre o que “os Doutores católicos estabelecem a seguinte distinção: que a impotência causada pela bruxaria pode ser temporária ou permanente.”



Imagem gerada por Leonardo AI

Sobre o assunto, uma das perguntas é: “as bruxas podem operar uma ilusão prestidigitadora, de modo que o órgão masculino pareça inteiramente afastado e separado do corpo?” A que se responde que “um feitiço não é nada mais que certa ilusão dos sentidos, e em especial dos olhos. É por esta razão é chamado ‘prestígio’ (prestringo), já que a visão dos olhos está tão paralisada, que as coisas parecem ser o que não são. “Prestígio é uma ilusão do demônio não causada por mudança alguma na matéria, mas só existe na mente do enganado.”

Algumas curiosidades sobre as práticas consideradas “feitiçaria”

Afirma-se que há três graus de bruxas: as que curam e danam; outras que danam, mas não curam; e algumas só capazes de curar. Isso foi provado quando “duas bruxas discutiam, e injuriadas, uma disse: ‘não sou tão malvada como tu porque sei curar àqueles a quem quero.’”

O fato é que mesmo essas que curam não puderam ser absolvidas de suas penas. Isso porque era crime de qualquer maneira comunicar-se com entidades que permitissem prever o futuro, ou atuar de qualquer forma que não estivesse sob o controle estrito dos párocos católicos. Em um tempo em que a medicina era inócua e incapaz de resolver a maior parte dos problemas cotidianos e de curar grande parte das doenças, recorrer ao curandeirismo seria algo muito lógico. Contudo, quaisquer desvios neste sentido, seriam passíveis das violentas penas e torturas que comumente culminavam na morte física.



Imagem de Fatima24 por Freepik

Práticas de feitiçaria no Brasil colonial

É fato que grande parte dos colonizadores da América Portuguesa foi de degredados de Portugal. É senso comum que as cadeias da metrópole foram esvaziadas em navios enviados ao Brasil. Contudo, o que pouco se explica é que dentre os degredados havia muitos casos de acusados e até de condenados pelo tribunal da Inquisição.

Muitas denúncias partiam do “ouvi dizer que”, em um país com contingente pequeno e relações sociais ainda em construção. Sendo assim, um caso conhecido por registros escritos ocorreu na região da Bahia, onde no final do século XVI não havia mais de 15 mil pessoas. Ainda no primeiro século de colonização, na Bahia houve a autodeclaração de três mulheres que se diziam feitiçei-
ras.



Imagem gerada por IA – Flux Pro

Uma delas foi Maria Gonçalves Cajado, de cerca de 40 anos, cujo apelido era “Arde-lhe o Rabo”, havia chegado a Salvador em 1578 como degredada. Afirmava conversar com os demônios e disse ter recebido dinheiro para fazer naufragar um navio que saíra da Bahia rumo a Portugal.

Afirmava ter poderes de influenciar outras pessoas por meio de um pó que fabricava com sapos. Contava que o processo do feitiço ocorria à meia-noite, quando se punha nua da cintura para cima em seu quintal e produzia o tal pó. Posteriormente, comercializava a substância embrulhada em pequenos papéis e tinha vasta clientela. Seus serviços entraram para a história por ter sido denunciada por Catarina Fróis, uma cliente muito assídua que por fim desistiu dos serviços de

Maria Gonçalves. Catarina havia contratado os feitiços contra o genro, de quem queria se ver livre. Para isso, comprara os papeizinhos com o pó e os colocara na sola dos pés do genro. Como este não morreu em pouco tempo, Catarina não quis seguir com o investimento. As provas de que Maria Gonçalves seria feitiçeira era o fato de Catarina tê-la visto retornar descabelada e exausta do mato com o dito pó, supostamente produzido com o auxílio de forças malignas.



Imagem de Mashalart1011 por Freepik

Em resposta às denúncias, Maria Gonçalves afirma que muito tendo recebido de Catarina, mais merecia, pois corria muito perigo em seu trabalho noturno com os diabos. Além disso, ameaçou a denun-

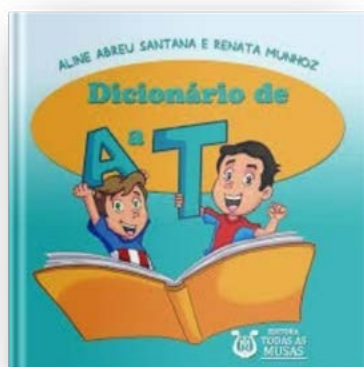
ciante de desfazer o que já havia feito. Por fim, disse que as denúncias feitas ao bispo em nada resultariam, pois ela, como feitiçeira, seria como um gato, que sempre cai em pé.



À guisa de conclusão

Infelizmente, não se encerram na história os casos de intolerância religiosa e de julgamento indevido a partir de olhares enviesados, embasados em uma única vertente da religiosidade. Sempre tida como verdade única, a religião torna-se arma poderosa nas mãos de fanáticos ao redor de todo o mundo. Uma vez que a minha verdade difere da sua, considero que você seja diferente de mim e mereça sofrer para tornar-se como eu ou adotar a minha verdade e ser salvo. Discursos de ódio permanecem assolando o mundo e fazendo vítimas a cada instante. Urge, portanto, que estudemos a história de nossa civilização, com seus tantos vieses e interesses, para ampliarmos os limites de nossa visão e, por conseguinte, respeitarmos o que difere de nossas concepções de mundo.

Prova de que esse conceito ainda é bem influente em nossa sociedade é a expressão “caça às bruxas”, ainda empregada em contextos diversos indicando que se quer culpar alguém por um problema, ou simplesmente responsabilizar um “culpado” para que uma situação se considere resolvida.



LIVROS DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard

[Clique aqui](#)

Colunista Renata Munhoz

INSTAGRAM

LINKEDIN

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





LITERAR

10



SUELI LOPES



Autora, escritora, com 7 livros solo e 3 antologias publicadas. Na UFG, formou-se em Letras e foi professora, como na PUC-Go. Pós-graduada em Literatura (Univ. de Salamanca, Es). CEO do Gr. Int. de Escritores Vozes da Diáspora, Londres, onde promove visitas literárias e culturais. Acadêmica da AILB, NY e da FEBACLA, onde também é Chanceler da Emb. Cultural da Paz. Pesquisadora de Escrita Humanizada e Topofilia. Para ela, escrever é uma forma de fazer do mundo um lugar melhor.

Virginia Woolf, um Quarto Todo Seu num Mundo Todo Nosso

Prezados leitores e leitoras da Revista Internacional The Bard, é com ternura e afeto literário que saúdo a cada um/a de vocês!

A coluna Humaniliterar aprecia a carga simbólica que os lugares trazem consigo, e no quanto eles podem se transformar num excelente recurso de humanização para a escrita. Nesse percurso, os lugares imaginários e fictícios tornam-se mapas emocionais em nossa memória.

Esses lugares imaginários são tão palpáveis e emocionantes quanto os reais; afinal, a literatura tem o poder de construir paisagens internas que nos afetam de forma profunda.

As obras de Virginia Woolf trazem exemplos de cenários carregados de significado, capazes de despertar conexões e reflexões.



Imagem de Virginia Woolf por Wikipedia



Um dos lugares mais discutidos e pesquisados de seus livros são “Um quarto todo seu.”

O artigo a seguir parte desse quarto, que deixa de ser um espaço individual e expressa uma busca coletiva das mulheres. Uma universalidade se mostra no decorrer do texto, indo ao encontro de outras vozes femininas e outros espaços.

Embora muitos não saibam, Woolf prestou reverência ao labor das mulheres operárias, que com mãos calejadas enfrentavam a brutalidade das fábricas.

Quer saber como e quais são as outras vozes destacadas nesse contexto? Venha comigo. Irei apreciar sua companhia em minhas viagens literárias.

“As mulheres não podem pintar, não podem escrever” — assim vociferava Charles Tansley, espelho fiel de seu tempo, ao se aproximar de Lily Briscoe, que ali estava, pincel em punho, teimando em dar cor ao indizível. Seu olhar, sombrio e retorcido, pairava sobre ela como a sombra de séculos. “Cinco pênis a onça”, dizia ele, revelando, com certo orgulho miserável, a herança das ideias herdadas e da pobreza aceita.

(WOOLF, *Ao Farol*, 1927)

Imagem de The New Yorker por Google



Imagem de Peta Jones por Pinterest

Imagem de Recanto da Literatura por Pinterest

Virginia Woolf, nascida Adeline Virginia Stephen em 1882, cresceu num lar onde os livros eram os verdadeiros deuses do tempo. Filha do influente editor Leslie Stephen, pôde frequentar a biblioteca paterna como poucos meninos de sua idade — e menos ainda meninas. Lá, entre volumes encadernados e o silêncio da página, germinou sua sensibilidade literária. Mas não sem custos: a morte da mãe, em 1895, marca o início de sucessivos colapsos nervosos; mais tarde, o falecimento do pai em 1904, seguido por novas crises, que continuaram mesmo após seu casamento com Leonard Woolf.



Entre o trauma e a lucidez, Virginia teceu uma das obras mais pungentes da literatura inglesa. O quarto de Jacob (1922), *Mrs. Dalloway* (1925), *Ao Farol* (1927), *Orlando* (1928) e *As Ondas* (1931) são não apenas romances — são janelas abertas sobre a alma da mulher silenciada, oprimida e, ainda assim, resiliente.

Como escreve Herbert Marder (2011), Woolf nunca foi alheia ao mundo fora de seus círculos abastados em Kensington e no Bloomsbury Group. “Extremamente pacifista”, ela abominava símbolos do poder violento — como a Torre de Londres — e questionava como os pequenos gestos do cotidiano degeneravam em grandes atrocidades (MARDER, 2011, p. 368). Em uma de suas palestras mais potentes, “The Leaning Tower” (A Torre do Aprendizado- tradução livre), reflete sobre a fragilidade ideológica da juventude britânica, armada de palavras, mas desarmada diante do mundo.

Woolf ousava pensar, como em *Três Guinéus* (1938), que o patriarcado — esse regime secular — moldava não apenas as universidades e as profissões, mas também o ímpeto belicoso que levava os homens à guerra. “Eu estou nas ruas. Eu pertenço à multidão”, declarou, alinhando-se ao grito coletivo contra as forças opressoras de sua época (MARDER, 2011, p. 72).

Ela propunha, poeticamente, uma espécie de tríplce alquimia para a paz: uma doação simbólica de três guinéus — à educação, ao trabalho e ao lar. Como em um ritual de transfiguração, via na mulher uma possível agente da paz, não por essência, mas por condição histórica: educadas para a obediência, para o cuidado, para o silêncio, as mulheres carregavam consigo uma espécie de resistência interior ao conflito, que precisava apenas de liberdade para se expressar.



Imagem de Flowo por Freepik

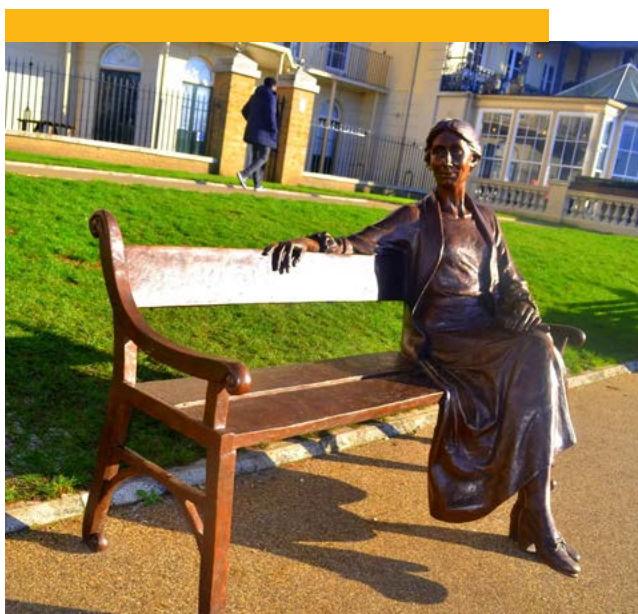


Imagem: Estátua de Virginia Woolf em Richmond, Londres. Acervo pessoal, por Sueli Lopes

Mas Virginia não era ingênua. Sabia que esse ideal também era controverso. A construção da mulher pacifista, segundo ela, deveria ser combatida pela raiz: “a educação que a torna assim deve ser transformada”. E, para isso, não bastava o debate público — era necessário intervir no invisível, no íntimo, no cotidiano.

Seu casamento com Leonard Woolf, com quem fundou a Hogarth Press em 1917, foi, ao que tudo indica, um refúgio criativo. Ela teve, literalmente, “um quarto todo seu” — metáfora que se tornaria seu mais célebre manifesto feminista. Nele, não apenas escreveu, mas também imprimiu, publicou e leu mulheres que, como ela, queriam romper com o silêncio.



“COMO MULHER, EU NÃO TENHO PAÍS. COMO MULHER, EU NÃO QUERO TER UM PAÍS. COMO MULHER, MEU PAÍS É O MUNDO INTEIRO” (WOOLF APUD MARDER, 2011, P. 370).



Imagem de Veja por Google

Antes de tudo isso, já havia em Virginia a inquietude da menina que vasculhava a biblioteca do pai em busca de vozes femininas — poetas, filósofas, historiadoras. Encontrava o vazio. O cânone, como um espelho opaco, não lhe devolvia reflexo. Era ali, ainda adolescente, que Virginia traçava sua missão: criar uma linhagem estética para as mulheres, um passado onde pudesse enraizar seu presente (PINHO, 2015, p. 132).



Imagem de Frolopiaton Palm por Freepik

Em 1929, ela publica o ensaio “Mulheres e Ficção” na revista Forum, de Nova York — um texto de aparente simplicidade, mas que continha o germe de sua obra mais emblemática: Um Teto Todo Seu. A partir das perguntas centrais — por que as mulheres não escreviam antes do século XVIII? por que escrevem romances e não épicos? —, Woolf mergulha no labirinto da história feminina. O que encontra? Silêncio.

“De nossas mães, de nossas avós, de nossas bisavós, o que resta? Nada além de uma tradição. Uma era linda; outra, ruiva; uma terceira foi

beijada pela rainha” (WOOLF, 2019, Loc. 62).

É por isso que a escritora propõe iniciar sua genealogia não pela exceção, mas pela regra: pela mulher comum. Porque só conhecendo o chão de onde pisa é que a mulher excepcional poderá compreender sua altitude.

A conclusão é límpida e radical: “Uma mulher precisa de dinheiro e de um teto todo seu se quiser escrever ficção” (WOOLF, 2014, Loc. 57). A falta de tempo, de privacidade e de reconhecimento era tão danosa quanto a ausência de caneta e papel.



Imagem de Jane Austen por Revista Galileu

Woolf observa, ainda, que as poucas que escreveram — como Jane Austen ou as irmãs Brontë — o fizeram em condições precárias, interrompidas, quase escondidas. E, ainda assim, deixaram rastros. A arte feminina, segundo ela, carrega uma intensidade inédita: “ressente-se do tratamento imposto ao seu gênero e defende seus direitos” — o que lhe dá uma força ausente na escrita masculina (WOOLF, 2019, Loc. 105).



Imagem de Bramjanssens por Freepik

Esse traço está em *Ao Farol*, onde Lily Briscoe encarna o dilema da mulher-artista. Ao desafiar Charles Tansley, ao continuar pintando mesmo diante da desaprovação, Lily afirma sua existência não apenas como criadora, mas como resistência. Sua arte não é apenas expressão pessoal: é um grito coletivo, é uma linha que costura o invisível.

“Nada resta do dia de uma mulher. Tudo o que ela cozinhou foi comido; os filhos, criados, partiram. A que se apegar, então?” (WOOLF, 2019)

Nas páginas finais de *Ao Farol*, Lily traça, enfim, a linha central de seu quadro — não como resolução formal, mas como uma oferenda. A figura de Mrs. Ramsay, ausente e onipresente, torna-se o eixo da história, o farol que guia todos à sua volta.

“Ela era a linha que une as cores de seu quadro, que segura a forma [...] o fantasma à janela” (PINHO, 2015, p. 84).

Assim, Lily Briscoe, ao pintar, escreve. Escreve com pincéis aquilo que o mundo não permitia às mulheres escreverem com palavras. Sua pintura é um testemunho, um gesto de cura, uma reconciliação entre o mundo feminino e a arte.

E talvez, no fim, seja isso que Woolf mais queria: que a mulher, enfim, pudesse ser. Não musa, não sombra, não reflexo — mas autora, de si, do tempo,

da memória.

Nos tempos evocados por Virginia Woolf — da Era Vitoriana às reverberações contemporâneas — o fantasma elegante e silencioso do “anjo do lar” ainda ronda a casa, ronda o coração, ronda o imaginário social. É um espectro de saias longas e sorrisos contidos, que paira sobre as almofadas da sala e o vapor das panelas. Em *Três Guinéus* (2019b), como já mencionado, Woolf presta reverência ao labor das mulheres operárias, que com mãos calejadas enfrentavam a brutalidade das fábricas. Mas ela não se esquece — e como poderia? — daquelas mulheres da classe média e alta, as que jamais tocaram em um torno mecânico, mas que giravam a vida em torno dos berços e dos fogões. Mulheres que, privadas de educação formal, eram confinadas ao silêncio doméstico — um silêncio que, paradoxalmente, gritava.



Imagem de Wikimedia Commons por Google

Essas mulheres não eram apenas mães ou esposas; eram cuidadoras de almas, moderadoras de sentimentos alheios, estrategistas emocionais de suas famílias. Como a Sra. Ramsay, em *Ao Farol* (2020), que sabia, intuitivamente, como aplacar as sombras do marido, suavizar as dores dos filhos, ainda que para isso precisasse engolir as próprias. Já o Sr. Ramsay, este jamais se curvou à exigência de modular suas palavras ou censurar suas verdades. Ele podia ser cru, direto, cortante — porque o mundo permitia que ele assim fosse. “Nunca alterava uma palavra desagradável para se adequar ao prazer ou à convivência de qualquer ser

mortal...” (WOOLF, 2020, p. 6) — e nisso, talvez, estivesse a marca de sua liberdade.

O lar parecia ser o reino da mulher, mas quem ditava as leis desse reino era, invariavelmente, o homem — com sua liberdade de ir, vir e existir sem se justificar.

Woolf, em Mulheres e Ficção, oferece um novo lugar de fala à mulher: ela não precisa mais apenas encenar papéis privados; pode tornar-se a “mosca-varejeira do Estado”, perturbando, provocando, questionando estruturas em um plano mais amplo, onde se discutem não só emoções, mas também conflitos de classe, raça e poder

(WOOLF, 2019, Loc. 158–171, segundo o Kindle).

Entre poesia e ficção, Virginia clama por “tempo e livros e um pequeno espaço na casa” — um espaço onde a mulher possa se recolher, não como um enfeite da casa, mas como uma criadora de mundos. Afinal, como ela, de forma provocante escreve, “ficção não cai como uma pedra no chão, como na ciência; ficção é como uma teia de aranha, presa por muito pouco, mas ainda assim presa à vida pelos quatro cantos...” (WOOLF, 2014). Um fio quase invisível, mas que vibra ao menor sopro da realidade.



Imagem: Estátua de Virginia Woolf em Richmond, Londres. Acervo pessoal, por Sueli Lopes

Foi assim que nasceu o ensaio *Um Teto Todo Seu*, apresentado pela primeira vez em Newnham College, em 1928 — quase como uma semente que germinaria, com o tempo, no campo fértil da literatura feminista. O texto *Mulheres e Ficção* pode, portanto, ser lido sob duas luzes: como uma reflexão sobre as mulheres que escrevem, e como uma crítica sobre a maneira como elas são escritas. No centro, está o desejo ardente de representação justa — a necessidade de que a mulher seja autora de sua própria narrativa, e não apenas personagem de um roteiro alheio.

Ter “um quarto todo seu” é mais do que uma metáfora: é um imperativo social. Woolf sabia — como poucas — que a ficção escrita por mulheres até o século XVIII estava embebida do cotidiano doméstico. Era o que lhes cabia escrever, era o que lhes restava narrar. Mas isso, claro, não diminui sua potência.

E ao cruzarmos o oceano, podemos perguntar: o que diria Virginia Woolf ao ler os cadernos amarelados de Carolina Maria de Jesus? A mulher afrodescendente das comunidades paulistanas, que fez do lixo sua biblioteca e do diário sua arma contra a exclusão? Diria, talvez, que o quarto todo seu não precisava ter paredes de tijolo — bastava que tivesse silêncio, e tempo, e papel. Carolina não estava errada em escrever sobre si — estava, aliás, profundamente certa. Pois o pessoal, como já nos ensinou o feminismo, também é político, é coletivo.

Woolf, com seu humanismo crítico, antecipa o que hoje tentamos ainda consolidar: a necessidade de um feminismo plural, que inclua as vozes historicamente caladas. Que não se limite às dores da mulher inglesa branca de classe média, mas que escute também a mulher trans, a mulher indígena, a mulher afrodescendente, a mulher periférica. Mulheres de muitos quartos, de muitas vozes, de muitas dores.



Imagem de Alinsiderofficial por Freepik

Se, como escreveu Woolf, “a ficção pode conter mais verdades do que o fato” (WOOLF, 2014, Loc. 71), é justamente porque ela nos permite dizer o indizível — construir sentidos onde antes havia silêncio. A literatura, nesse sentido, não é apenas espelho: é também farol, bússola e caminho.

Por isso, mais do que nunca, é preciso ler o que escrevem as mulheres. E é preciso perguntar:

de onde elas escrevem? Com que recursos? Com quais liberdades? A resposta a essas perguntas não apenas ilumina a literatura feminina — ela ilumina a própria estrutura da sociedade.

Virginia Woolf abriu a porta de um quarto que era, até então, trancado a sete chaves. Hoje, cabe a nós garantir que ele continue aberto — e que dele saiam vozes diversas, complexas e profundamente humanas.

Imagem de Ninokunitalo21 por Freepik

“Não há barreira, fechadura nem ferrolho que você possa impor à liberdade da minha mente.”





Imagem de Toni Morrison por Wikipedia

Com a porta entreaberta por Virginia, outras mulheres passaram — às vezes sussurrando, às vezes rugindo. Algumas se debruçaram na soleira, outras arrombaram o batente. Mas todas, à sua maneira, exigiram não apenas um quarto, mas o direito de habitar plenamente o mundo. Porque, como já anunciava Woolf, a criação literária exige mais do que talento: exige chão, exige tempo, exige liberdade.

A americana **Toni Morrison**, por exemplo, cruzou os limites do quarto para explorar as ruínas da

memória coletiva afro-americana. Seus romances — como *Amada* ou *O olho mais azul* — não são apenas ficções: são rituais de cura, de escavação, de denúncia. Morrison escrevia para que os fantasmas das mulheres afrodescendentes não permanecessem enterrados sob a história oficial. Ela também escreveu de um lugar que não era totalmente dela, mas que ela tomou de volta à força, palavra por palavra. Como Carolina Maria de Jesus, Morrison falava de si e dos seus, mas com um sopro de universalidade que transformava a dor particular em clamor social.

No Brasil, **Conceição Evaristo** cunhou uma expressão potente: **escrevivência**. Um modo de escrever que nasce da vida, do corpo, da experiência vivida — não como algo menor, mas como matéria-prima fundamental da arte. Para Evaristo, a escrita é um gesto de sobrevivência e, ao mesmo tempo, de rebeldia. Ela reverte o olhar: da mulher-objeto para a mulher-sujeito. Da mulher silenciada para a mulher narradora. Ela nos lembra que cada linha escrita por uma mulher afrodescendente é também um golpe no sistema que a quis invisível.

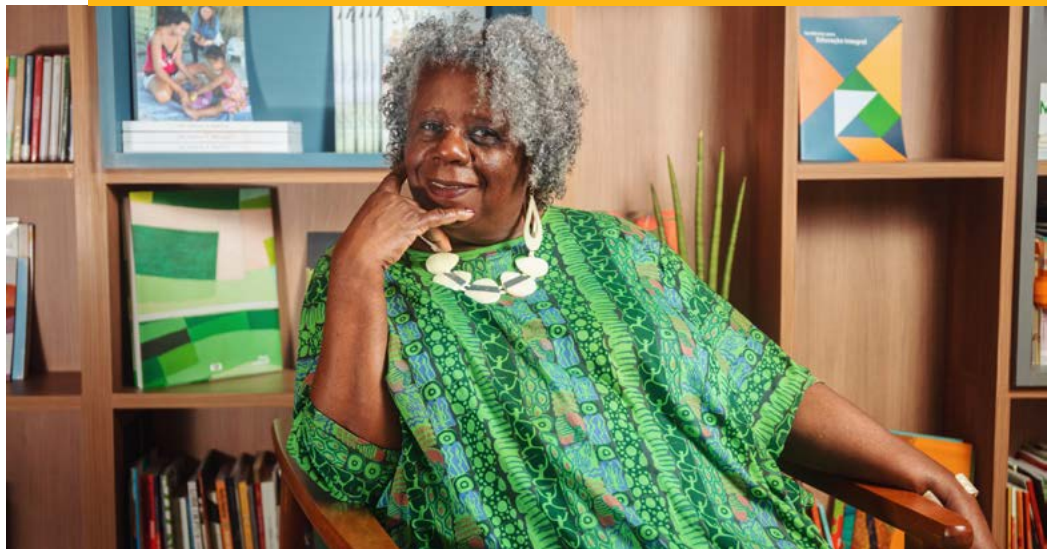


Imagem de Conceição Evaristo por Itaú Social

E quando olhamos para as escritoras indígenas — como **Eliane Potiguar** ou **Julie Dorrico** — percebemos ainda outra forma de quarto, outro modo de habitar o mundo: uma literatura que carrega não apenas a luta de gênero, mas a cosmovisão de um povo, uma floresta, um tempo ancestral. Aqui, o “teto todo seu” talvez seja a oca, o território, a oralidade que desafia a linearidade da escrita ocidental.

É nesse emaranhado de vozes que percebemos: a proposta de Woolf se amplia, se expande, se descentraliza. Seu quarto se transforma em muitos — há quem escreva no vagão do trem, entre as tarefas do dia, à luz de velas ou sob postes da rua. Há quem escreva sem porta, sem silêncio, mas com urgência. Porque a escrita, para muitas, não é só um luxo intelectual: é um ato de resistência.



Imagem de Eliane Potiguar por Folha de Londrina



Mas mesmo diante dessas conquistas, o desafio continua. Ainda vivemos em um mundo onde mulheres precisam justificar seu lugar na literatura, onde a autoria feminina é subestimada, rotulada, apagada. Onde prêmios, críticas e publicações ainda carregam o viés de uma cultura historicamente patriarcal e eurocentrada. Basta olhar a sub-representação de mulheres trans nos catálogos literários ou a escassa presença de autoras indígenas em espaços institucionais de prestígio.

Por isso, mais do que nunca, é preciso transformar o “quarto todo seu” em um **mundo todo nosso** — onde mulheres, em suas múltiplas identidades, possam

escrever sem amarras, sem censuras, sem concessões. Um mundo onde a literatura escrita por mulheres não seja rotulada como “literatura feminina”, mas simplesmente reconhecida como literatura — com toda a potência, pluralidade e complexidade que esse termo pode carregar.

E que saibamos, como Woolf nos ensinou, que a ficção é uma teia frágil, sim — mas resistente. Que ela não se prende apenas ao fato, mas também ao desejo, ao sonho, ao delírio. E que dentro dessa teia há espaço para todas nós: as que vieram antes, as que escrevem agora, e as que ainda estão por vir.



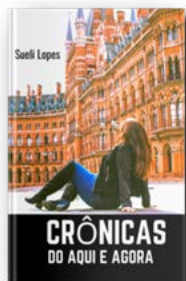
Imagem de Virginia Woolf por Jornal Rascunho

LIVROS DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard



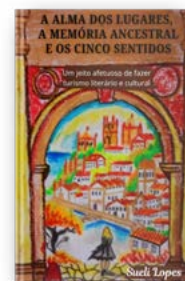
[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)

Colunista Sueli Lopes

INSTAGRAM

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





SANDRA SANTIAGO



Sandra Santiago Doutora em Educação. Professora. Intérprete de Libras. Criadora do Projeto Aponte, ação social para a inclusão de crianças em situação de vulnerabilidade social. Autora dos livros: “A história da exclusão das Pessoas com deficiência”; “Memórias de Estágio”; “Problematizando a inclusão do estudante surdo” dentre outros.

A DEFICIÊNCIA NA MITOLOGIA NÓRDICA



Imagem de DenisW por Freepik

Os mitos podem ser definidos como histórias consideradas fantásticas, portanto, carregadas de elementos e seres sobrenaturais (deuses, semideuses, heróis etc.) que se prestam a representar os fenômenos da natureza ou até explicar a origem da vida, sob a ótica de determinado povo. A mitologia pode ser compreendida como um conjunto dessas histórias contadas sob uma ótica mirabolante ou extravagante, onde a presença de diferentes personagens e suas tramas são capazes de oferecer explicações para as condições da vida humana, em uma determinada cultura e época (<https://www.dicio.com.br/mitos/>).

Não há dúvidas de que, sob várias formas, a mitologia demarcou costumes, valores e hábi-

tos que acabaram por conferir identidade cultural a cada povo. Portanto, pode-se dizer que o mito tem ascendência sobre a formação cultural de um determinado grupo, delineando aspectos de sua vida social, revelando, inclusive, relações de poder.

Em certa medida, a mitologia atravessa eras e deixa marcas em gerações. Por longos períodos da história da civilização, para determinadas culturas, a mitologia assumiu uma certa sacralidade, e é possível admitir, mesmo na atualidade (quando dispomos da ciência), a mitologia ainda povoa o imaginário popular e desperta atenção especial, servindo de contraponto para várias reflexões filosóficas, tocando fundo nossos sentimentos e emoções (Santiago, 2009).

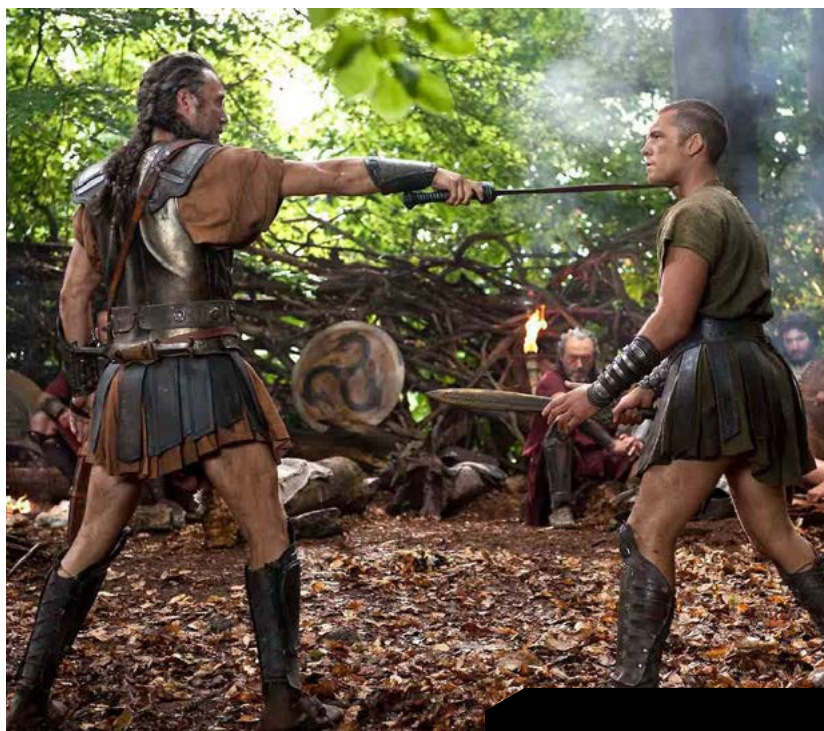
Os personagens e as narrativas mitológicas são, portanto, explorados no universo das artes, de modo geral, e na indústria cinematográfica vem ganhando espaço e conquistando diferentes públicos. Não é à toa que filmes como *Fúria de Titãs* ou *Percy Jackson*, ambos baseados na mitologia grega, lançados em 2010, foram sucessos de bilheteria. Na mesma direção temos a série *Os Vikings*, lançada em 2013, que tem por base a mitologia nórdica.



Imagem gerada por Leonardo Ai

É possível dizer, então, que a mitologia participa da cultura e que, de um jeito ou de outro, é um dos marcadores de nossa identidade, portanto, dá sentido ao nosso pertencimento a este ou aquele grupo. Mas, por outro lado, aspectos culturais também são capazes de promover certa deterioração da identidade e, inclusive, de conferir o não pertencimento de um indivíduo a um grupo. E foi exatamente isso que ocorreu com as pessoas com deficiência, em razão de possuírem características distintas da maioria (Goffman, 1982).

Imagem: cena do filme *Fúria de Titãs*, por Google



Na mitologia nórdica identifica-se alguns personagens e narrativas que criam ou reforçam o estigma de um corpo deteriorado, estereotipado, associados à condição de deficiência. Nesse contexto, é possível perceber a deficiência sendo relacionada à imperfeição, ao defeito, à falha, e, por conseguinte, sendo atrelada à maldade, à marginalidade. Destaca-se a presença dos chamados anões como seres pertencentes a um mundo inferior. Por vezes, os tais anões são identificados como duendes escuros, e apresentados como criaturas pequenas e mal-sucedidas que vivem dentro das montanhas, mais especificamente numa espécie de subterrâneo escuro (Manea, 2021).

Hoje, já não se usa o termo “anão”, considerado pejorativo. A expressão em uso é “pessoa com nanismo”, conforme a SBGM (Sociedade Brasileira de Genética Médica e Genômica). O nanismo, sendo uma condição de deficiência física (CID E34.3) indica somente que o indivíduo tem uma estatura significativamente abaixo da média para a idade e sexo, nada além disso, nenhuma relação com qualquer transtorno cognitivo ou comportamental (<https://sbgm.org.br>).



Imagem de Natee Meepian por iStock

Entretanto, longe dessa compreensão tem-se os mitos. Alvis, Andvari, Fafnir, Galar são seres com nanismo da mitologia nórdica que exercem a função de ferreiros e possuem ótimas habilidades para criar armas e joias e estas, por sua vez, são disponibilizados aos deuses ou heróis, geralmente, em troca de favores. Alguns desses seres possuem

poderes mágicos e conseguem adicionar magia às suas criações, sendo capazes de engendrar verdadeiras tragédias ou inesperadas conquistas por suas próprias mãos. Numa das narrativas da mitologia nórdica conta-se que Fafnir, um ser ganancioso e egoísta, mata os próprios irmãos por causa de um tesouro (Manea, 2021).

Imagem simbolizando Alvis por BaviPower – Google



Conforme se pode constatar, com base nos textos nórdicos, os seres com deficiência, no caso, com nanismo, foram separados do mundo dos deuses e dos heróis por sua condição de inferioridade e de maldade. Alguém pode dizer: “são apenas mitos”. Mas, não! As narrativas mitológicas dizem muito sobre as civilizações, revelam a percepção humana sobre as diferenças e acabam por justificar práticas, definir regras e até orientar comportamentos. Não por acaso, a deficiência é representada

por comportamentos indesejados, por personagens indignos, obscuros, destinados a viver em submundos.

Os mitos sobre a deficiência refletem os discursos, crenças e, certamente as inverdades e preconceitos que são ideologicamente difundidos, portanto, têm “potencialidade em reforçar posturas discriminatórias e sentimentos preconceituosos, frente ao seu objeto” (Furlani, 2003) e cumpriram esse papel por longos séculos.

Não por coincidência, PcD ainda colhem os frutos dos mitos de outrora. De fato, o mundo ainda não está preparado para as pessoas com nanismo, mesmo que estejamos vivenciando os mais brilhantes inventos da era tecnológica. Não é por acaso que, em pleno século 21, a estrutura de móveis, automóveis e imóveis, artigos domésticos, brinquedos, espaços de lazer, de trabalho, escolas, instituições públicas e privadas, bancos, caixas eletrônicos, balcões de supermercado, padarias, lanchonetes, quadros de avisos, painéis etc. etc. não estejam acessíveis às pessoas com deficiência física, onde se inclui o nanismo. Por que será? Será que, ainda, são vistos como seres inferiores? Será que estão condenados a viver à margem?

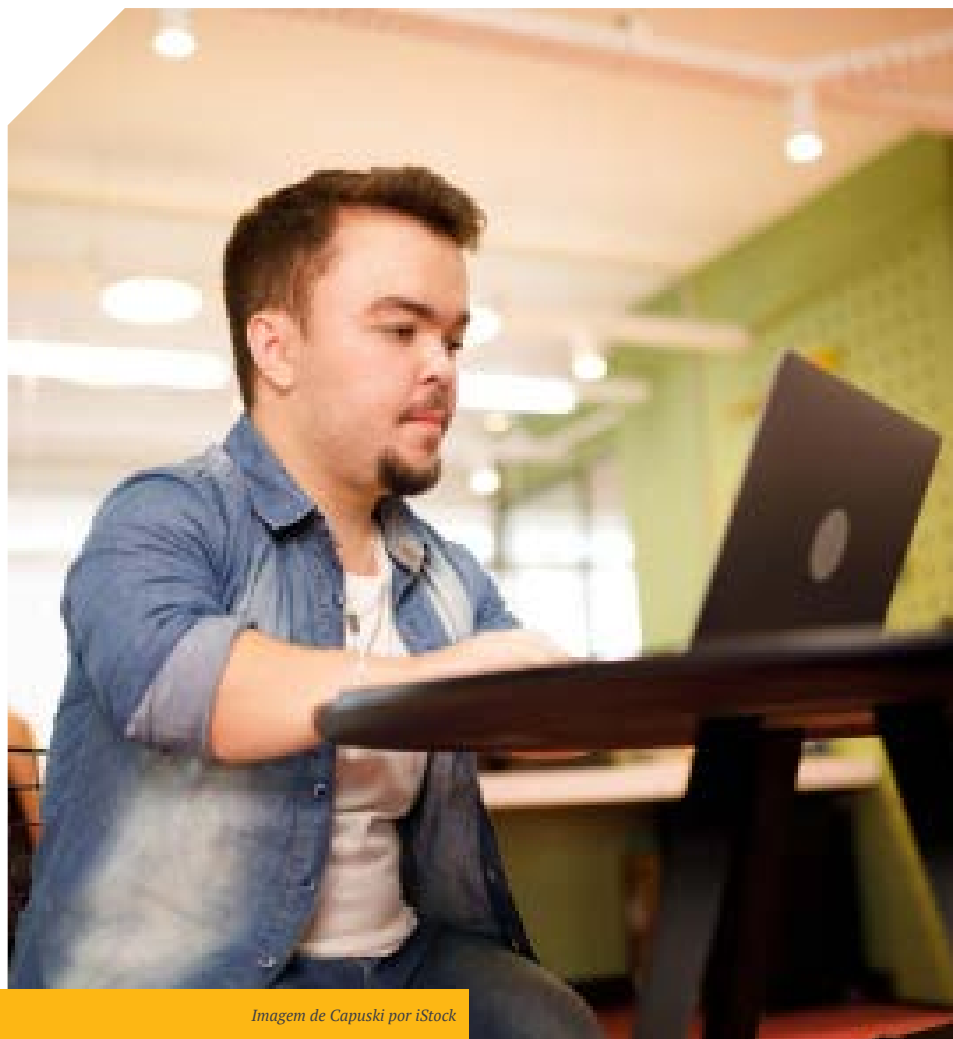


Imagem de Capuski por iStock

Colunista Sandra Santiago

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLONAS E COLUNISTAS





09



ELKE LUBITZ



Elke Lubitz Lautert, casada, mãe de dois filhos, catarinense radicada em Jacareí. Licenciatura plena em Pedagogia com pós graduação em Orientação escolar e educacional. Dois livros publicados em solo. Dezenas de livros em coautoria.

O universo da poesia é para além do encanto, é riqueza histórica e cultural. É aprendizado e beleza. Por meio destas breves considerações, quero agradecer a revista "The Bard" e aos queridos leitores.

Quando sua alma se encontra em estado de Poesia, tudo em volta floresce. (EL)

Fico feliz por compartilhar um poema do maravilhoso poeta Manoel de Barros que para mim é eterno.

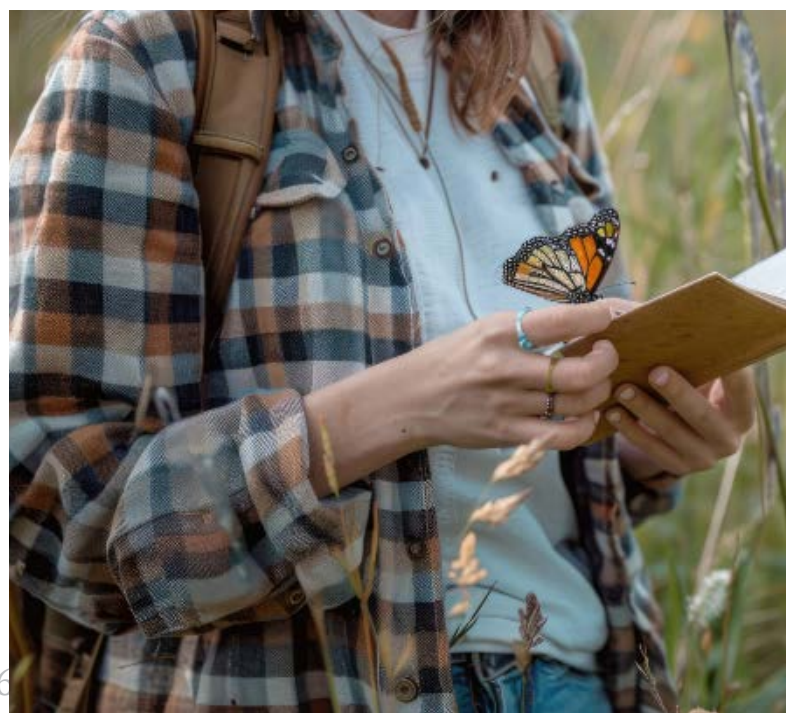
Retrato de um artista enquanto coisa

*"A maior riqueza do homem é sua incompletude
Nesse ponto sou abastado
Palavras que me aceitam como eu sou
- eu não aceito
Não aguento ser apenas
um sujeito que abre portas, puxa válvulas,
Que olha o relógio, que compra pão às seis da tarde,
que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva, etc, etc
Perdoai mas eu preciso ser outros...
Eu penso renovar os homens usando borboletas"*

Imagem de Artyomstock89 por Freepik



Imagem de Sploganathan por Freepik





A poesia e sua influência na literatura: Da tradição oral às primeiras formas escritas

Antes que a escrita fosse inventada, a cultura dos povos era mantida através da linguagem oral. Canções, poemas, lendas, narrativas de diversas formas eram repassadas dessa maneira. Não foi diferente com a poesia. Essa linda expressão artística começou a ser divulgada oralmente.

A forma escrita foi desenvolvida e a poesia seguiu esse fluxo.

Não foram apagados da cultura os recursos orais, e foram acrescentados os escritos.

As primeiras formas da poesia escrita incluem os épicos da Mesopotâmia como a Epopeia de Gilgamesh e as obras da Grécia Antiga, *Ilíada* e *Odisseia*. A condição humana, o heroísmo e o amor cabem na expressão poética destas maravilhosas obras.

Imagem de EyeEm por Freepik

A linguagem escrita foi revolucionária para a difusão cultural em todos os aspectos. A poesia criou asas imensas para encantar e levar a reflexão o maior número de pessoas possível.

A poesia é uma arte que expande a mente do leitor e transcende tempo e espaço.



Imagem: Ilíada por Segredos do Mundo - Google



A poesia e seu papel na sociedade

Poetas como Pablo Neruda e Maya Angelou, não apenas criaram poemas como uma expressão artística porém foram além, utilizaram esse recurso artístico para abordar importantes questões sociais, relativas a sua época e seu contexto cultural.

Os poetas em sua maioria

conseguem além de expressar a beleza da arte, abordam as suas angústias e dão voz aos que não tem voz.

Este papel os poetas realizam com maestria visto que em sua maioria são portadores de uma sensibilidade diferenciada.

Ainda assim eu me levanto

Você pode me riscar da História
Com mentiras lançadas ao ar.
Pode me jogar contra o chão de terra,
Mas ainda assim, como a poeira, eu vou
me levantar.

Minha presença o incomoda?
Por que meu brilho o intimida?
Porque eu caminho como quem possui
Riquezas dignas do grego Midas.

Como a lua e como o sol no céu,
Com a certeza da onda no mar,
Como a esperança emergindo na desgraça,
Assim eu vou me levantar.

Você não queria me ver quebrada?
Cabeça curvada e olhos para o chão?
Ombros caídos como as lágrimas,
Minh'alma enfraquecida pela solidão?

Meu orgulho o ofende?
Tenho certeza que sim
Porque eu rio como quem possui
Ouros escondidos em mim.

Pode me atirar palavras afiadas,
Dilacerar-me com seu olhar,
Você pode me matar em nome do ódio,
Mas ainda assim, como o ar, eu vou me
levantar.

Minha sensualidade incomoda?
Será que você se pergunta
Porquê eu danço como se tivesse
Um diamante onde as coxas se juntam?

Da favela, da humilhação imposta pela cor
Eu me levanto
De um passado enraizado na dor
Eu me levanto
Sou um oceano negro, profundo na fé,
Crescendo e expandindo-se como a maré.

Deixando para trás noites de terror
e atrocidade
Eu me levanto
Em direção a um novo dia de
intensa claridade
Eu me levanto
Trazendo comigo o dom de
meus antepassados,
Eu carrego o sonho e a esperança
do homem escravizado.
E assim, eu me levanto
Eu me levanto
Eu me levanto.

Maya Angelou

Imagem: Maya Angelou por Marie Claire - Google



Na atualidade

A digitalização proporcionou aos poetas eventos e performances ao vivo, quebrando barreiras que vão além das físicas. As fronteiras foram quebradas com o avanço da tecnologia. Poetas expressam sua arte nas mídias sociais, revistas eletrônicas e nas mais variadas plataformas digitais. Há muito que celebrar com o avanço da tecnologia nessa área artística. O reconhecimento do público traz enorme

satisfação ao poeta e sabemos que em todo trabalho de escrita sem os seus leitores o escritor não verá sentido em sua escrita.

O leitor é também co-autor (sempre digo isso), pois ele participa da escrita do autor de maneira simbiótica, trazendo um eco, sendo um espelho e sentindo à sua maneira o que o escritor sente.



Imagem de Roman Zavorotnyy por Freepik



Imagem de Vanzerim por Freepik

A interação do público nas leituras, curtidas, compartilhamentos e comentários colaboram em alto grau na disseminação das variadas vozes poéticas que existem.

Isso também promove e incentiva vozes que estavam na "obscuridade", poemas guardados na gaveta começam a aparecer nas mídias sociais, criando novos mundos e novas histórias de inspiração.

Há muito que celebrar com o avanço da tecnologia....



Imagem de Charles Baudelaire por IMDb - Google

Voltemos ao passado para compreender o presente

A poesia se entrelaça com a história da humanidade (em curso), desde os tempos antigos contou histórias, manifestou angústias e levou as pessoas a refletir sobre algo maior que o simples cotidiano. A poesia sempre procurou ir "além"....

Na Mesopotâmia, surgiram os primeiros exemplos de poesia, abordando temas como mortalidade, amizade e a busca pela imortalidade. Repito o exemplo já mencionado; o poeta da Epopeia, Gilgamesh. Na Grécia antiga,

como já mencionei, Homero, com a *Ilíada* e a *Odisseia*, além de Safo e Píndaro que expressavam ricamente suas emoções nos poemas.

Um marco da literatura mundial da Idade Média, Dante Alighieri, com a obra "*A Divina Comédia*" que retrata um período de busca de sentido em temas religiosos.

Poetas como Baudelaire, Keats, Whitman, no Simbolismo do século XIX, exploraram a criatividade e a individualidade em suas obras.



Imagem de T. S Eliot por Google

Poetas modernistas do século XX, despontaram no cenário artístico com suas criações que desafiaram convenções estabelecidas. Bons exemplos são T.S Eliot e Ezra Pound.

Hoje, a arte poética continua em movimento, em evolução. Que cresça e floresça sempre. Que jamais perca o encanto.

A Poesia na vida real

Escrever, ler ou ouvir poesia pode ser benéfico para a saúde mental, diz estudo. Pesquisa demonstrou que pacientes que experimentaram contato com poesias experimentaram alívio nos sintomas de estresse e depressão, além de reduzir a dor.

(David Allan) da CNN

A poesia também pode provocar respostas emocionais máximas. Em estudo de 2017, pesquisadores mediram 27 pessoas por suas respostas psicofisiológicas (como calafrios, ou arrepios) ao ouvir poesia lida em voz alta. Estas respostas físicas estão conectadas à área de detecção de recompensas do cérebro, explicou o estudo.

(site Brasil Escola)

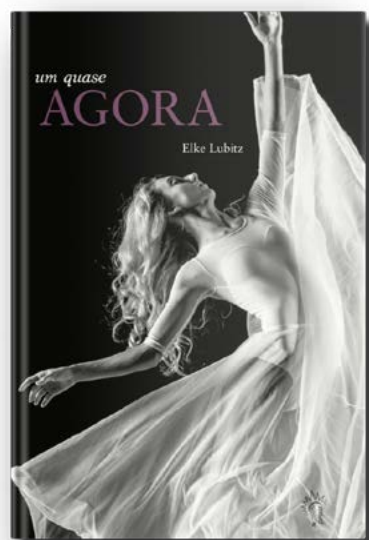


Imagem de Mdanisul55 por Freepik



Imagem de South Agency por iStock

LIVRO DA AUTORA



Clique aqui

Colunista Elke Lubitz

INSTAGRAM

FACEBOOK

X.COM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



LANÇAMENTO

JULHO & AGOSTO DE 2025

Sob os Ventos do Norte:
"A Arte nas Culturas Nórdicas"



32^a
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE



FACEBOOK



INSTAGRAM



YOUTUBE



TWITTER





EDITAL

SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025

Entre os Tons do Nordeste:
"Olhares artísticos do Sertão"

33^a
EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025

PERÍODO DE **28** DE MAIO À **01** DE AGOSTO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



COLUNA RAÍZES DE MOÇAMBIQUE

10



Dany Amado Vasco



Nascido aos 20 de dezembro de 2003 em Moçambique, no distrito de Guruéna, Zambézia. Ele é escritor e poeta, participou de várias antologias nacionais e assim como internacionais. É o mais novo colunista representante de revista interativa The Bard em Moçambique.



Imagem de Fantastic Ai por Freepik

Raízes de Moçambique é mais do que uma coluna literária — é uma travessia entre tempos, vozes e territórios. Um espaço de memória, cultura e resistência, onde o passado ecoa no presente por meio da palavra escrita.

Aqui, o leitor será convidado a mergulhar em:

identidade, sociedade, tradição e modernidade moçambicana;

- Contos e ensaios que resgatam histórias do povo, do chão e das lutas silenciadas;

- Poemas bilíngues, com versos traduzidos para o Chona, uma das línguas bantu que compõem o mosaico cultural de Moçambique.

- Artigos reflexivos sobre

O que guia esta coluna?

- O compromisso com a autenticidade africana
- O respeito pela diversidade linguística e oralidade ancestral.
- A missão de mostrar que escrever é uma forma de existir e resistir.



Imagem de Nishant Aneja por Pexels



Imagem de Eaktopapps por Freepik

Por que "Raízes"?

Porque só cresce quem reconhece de onde veio.

Porque a literatura moçambicana pulsa nas aldeias, nas ruas, nos tambores, nas línguas maternas.

E porque cada texto aqui publicado é um gesto de rega, cuidado e florescimento da

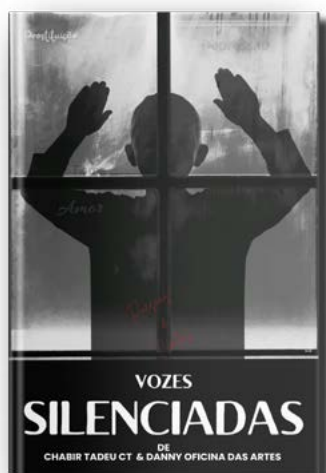
identidade.

Convite ao leitor

Seja bem-vindo a este espaço de escuta, partilha e encontro.

Raízes de Moçambique não é apenas uma coluna — é um lar para todas as vozes que nunca deixaram de falar, mesmo quando foram silenciadas.

LIVRO DO AUTOR



[Clique aqui](#)



Imagem de Rawpixel.com por Freepik

INSTAGRAM



POST NO SITE





Imagem de Azagaia por Rádio Moçambique - Google

Azagaia: A Voz Insubmissa da Consciência Moçambicana

Edson da Luz, mais conhecido pelo seu nome artístico ***Azagaia***, foi muito mais que um rapper: foi um símbolo de resistência, consciência social e coragem política em Moçambique e além-fronteiras. Nascido em 6 de maio de 1984, na cidade da Namaacha, província de Maputo, Azagaia tornou-se uma das vozes mais influentes do hip-hop lusófono até a sua morte prematura, em março de 2023.

Um Artista com Missão

Desde o início da sua carreira, Azagaia demonstrou uma postura firme contra injustiças sociais, desigualdade, corrupção e abuso de poder. Com letras afiadas, claras e provocadoras, suas músicas não se limitavam a entreter — ***despertavam consciências***, denunciavam realidades e questionavam sistemas.



Imagem de Jornal Rigor - Google

O seu álbum de estreia, *Babalaze* (2007), foi um marco na música moçambicana. Músicas como "Mentiras da Verdade", "Povo no Poder" e "As Mentiras da Verdade" tornaram-se hinos de protesto, muitas vezes censurados, mas amplamente difundidos entre jovens e ativistas.

Voz do Povo

Azagaia usava o microfone como uma arma poética contra a opressão. Ele não tinha medo de nomear políticos, criticar o governo ou desafiar a narrativa oficial. Por isso, enfrentou perseguições, interrogatórios e ten-

tativas de silenciamento. Ainda assim, nunca recuou.

Mais do que um rapper, era um educador informal, trazendo à tona temas como pobreza, saúde pública, colonialismo, racismo, história africana e identidade.

Impacto Além das Fronteiras

O impacto de Azagaia ultrapassou Moçambique. Tornou-se referência em países como Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Brasil, especialmente entre jovens que viam nele um exemplo de coragem e autenticidade.

Participou de projetos culturais e colaborou com artistas africanos comprometidos com causas sociais, reforçando a ideia de que o hip-hop pode ser uma ferramenta de transformação.



Imagem de Expresso por Google

Legado

Azagaia deixou uma marca profunda na juventude moçambicana e africana. O seu legado não está apenas nas suas músicas, mas no espírito de resistência que plantou em milhares de mentes. Mesmo após a sua morte, suas letras continuam atuais e ressoam com força.

POST NO SITE



Imagem de Radio Moçambique por Google



Dany Amado Vasco conhecido pelo pseudônimo Danny oficina das artes, nascido aos 20 de dezembro de 2003 em Moçambique, no distrito de guré na província da Zambézia. Ele é escritor e poeta, participou de várias antologias nacionais assim como internacionais. É o mais novo colunista representante da "Revista the bard" em Moçambique.

PORTUGUÊS E SE...

E se
E se o errado for o certo,
E se o certo for o errado,
No labirinto do destino,
Onde o amor é sempre mal interpretado?

E se
E se o silêncio gritar verdade,
E se as mentiras trazem luz,
Na dança das sombras e verdades,
Quem somos nós, se não somos a cruz?

E se
E se o tempo não curar feridas,
E se a dor for a nossa canção,
Na busca incessante por respostas,
O que importa é o coração.

E se
E se tudo fizer sentido,
E se o caos for apenas um começo,
No palco da vida, somos todos atores,
Entre acertos e erros, seguimos o processo.

DIALETO CHONA UYE KANA...

Uye kana
Uye kana zvakaipa zvakana,
Uye kana chakanaka chakaipa,
Mu labyrinth ye destiny,
Apo rudo runogara rusinganzwisike?

Uye kana
Uye kana kunyarara kuchidanidzira chokwadi,
Uye kana nhema dzichiunza chiedza,
Mukutamba kwemimvuri nechokwadi.
Ndisu vanaani, kana tisiri muchinjikwa?

Uye kana
Uye kana nguva isingapore maronda,
Uye kana kurwadziwa kuri rwiyo rwedu,
Mukutsvaga kwakasimba kwemhinduro,
Chinokosha mwoyo.

Uye kana
Uye kana zvese zvine musoro,
Uye kana mhirizhonga ingori kutanga,
Padanho rehupenyu, isu tese tiri vatambi,
Pakati pekubudirira nekukanganisa,
isu tinotevera maitiro.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Shelsia Canda, de nacionalidade Moçambicana é Poetisa escritora, declamadora e Comunicadora.



PORTUGUÊS EXPRESSEI-ME NUM PALCO ERRADO!

Quando o mundo já não tinha cor,
Quando o mundo já não tinha valor,
Eu medi o espaço com uma flor,
Em meio a estrada senti muita dor...

Admirei tanto o espaço novo,
que de tantos elogios,
fui mal vista, de novo;
Com quantos relógios,
devo contar o tempo,
pra esquecer o que não é óbvio?

Com quantos relógios,
devo contar o tempo?
pra explicar que amei demais,
E se ,
se não se,
haaaa eu não sei, se,
falo ou me calo ou canto ,se,
se não te tenho como amigo se,
por admirar-te demais,
Expressei-me num palco errado se,
me desse o relógio do tempo,
pra me livrar desse tempo;
mais que dor...

continua no site...

DIALETO CHONA NDAKAZVITaura PADANHO RISIRI IRO!

Nyika payakange isisina ruvara,
Nyika payakange isisina kukosha,
Ndakayera nzvimbo neruva,
Ndiri pakati penzira ndakanzwa kurwadziwa kukuru...

Ndakayemura nzvimbo itsva zvakanyanya,
iyo yekurumbidza kwakawanda,
Ndakazvimbirwa, zvakare;
Nemawachi mangani,
Ndinofanira kuverenga nguva,
kukanganwa izvo zvisiri pachena?

Nemawachi mangani,
Ndinofanira kuverenga nguva here?
kutsanangura kuti ndaichida zvakanyanya,
Uye kana,
kana zvisina kudaro,
haaaa handizive kana
Ndinotaura kana ndinyerere kana kuimba, kana
kana ndisina iwe seshamwari kana,
nekukuyemura zvakanyanya,
Ndakazvitaure padanho risiri iro kana,
ndipe nguva yenguva,
kubvisa nguva ino;
kupfuura kurwadziwa...

continua no site...

INSTAGRAM



POST NO SITE





Severiano Raul Nhamirre, nascido em 04 de Março de 1994, na cidade de Maputo, distrito da Matola. Atualmente cursando Gestão e estudos culturais no segundo Ano no Instituto Superior de Artes e Cultura. Membro interino do projeto Caminhos para África e, em parceria com outros entusiastas da poesia, está desenvolvendo o Projeto Festival dos Poetas, reafirmando seu compromisso com o fortalecimento da cultura e das artes no continente Africano e a diáspora.

PORTUGUÊS MÃE ÁFRICA/ÁFRICA

Minha África negra
Pisada e humilhada a vista de todos
Mas explorada por conta da sua riqueza eminente
Julgada por falta de conhecimento que eles o
torna abstrata

Por detrás de tudo isso vimos que usam de África para
o desenvolvimento dos seus países

Aí quem me dera tivesse mesma cor que eles

Assim dizem os que tem afeições pelo ocidental

Mas eu digo graças a Deus que sou africano

Pele negra rica de poder e conhecimento que é
plagiado pelo ocidente

Usas das nossas culturas como fonte de rendimentos
nos obrigando a ser que nem eles

Será que a nossa identidade cultural só serve de capa para
trazer a tona os feitos ocidentais

Quem me dera mamã África ter respostas
para tantas questões

Mas um dia prometemos dar elas e tornar África uma
casa que a identidade cultural é mais rica que as
mudanças que os ocidentais apresentam.

DIALETO CHONA AMAI AFRICA/AFRICA

Africa yangu nhema
Kutsikwa nekunyadziswa pamberi pevanhu vese
Asi yakadzvinirirwa nekuda kwehupfumi hwayo
hwepamusoro
Kutongwa nekushaiwa zivo vanozviita mufunge

Seri kwezvose izvi takaona kuti vanoshandisa Africa
mukusimudzira nyika dzavo.

Ndinoshuva kuti dai ndine ruvara rwakafanana navo

Vanodaro vaya vane rudo kune vekuMadokero

Asi ndinoti thank God ndiri muAfrica

Ganda dema rakapfuma musimba uye ruzivo runonyorwa
neWest

Vanoshandisa zvirimwa zvedu semanyuko emari, vachiti-
manikidza kuti tifanane navo.

Kungava here kuti kuzivikanwa kwedu kwetsika
kunongoshanda sechifukidziro chokuunza
budiro dzokuMadokero pachena?

Dai mai Africa vaine mhinduro dzemibvunzo
yakawanda kudai

Asi rimwe zuva tinovimbisa kuvapa uye kuita Africa
musha umo kuzivikanwa kwetsika kwakapfuma kupfuura
shanduko dzinowanikwa neveMadokero.

INSTAGRAM



POST NO SITE





Tarck Chaquir é um estudante de saúde, apaixonado pela arte de compreender o corpo humano e pela busca incessante por novas descobertas científicas. Através de sua jornada acadêmica e profissional, ele mergulha no universo da medicina e da cirurgia, com o mesmo olhar curioso e investigativo que direciona suas inquietações literárias. No início de sua carreira literária, escreve movido por suas próprias vivências e pelo desejo de compartilhar com os outros as lições que aprendeu ao longo de sua jornada pessoal.

PORTUGUÊS

MOÇAMBIQUE, TERRA DO SOL NASCENTE

Moçambique, és berço de vida,
De águas límpidas, terra querida, Das florestas verdes
em sintonia, Com o mar, o céu e a poesia.

Na língua mãe que o povo entoa,
Macua, Xitsonga, Ciyao ecoa,
O coração vibra em Maputo ao sul,
Gaza e Inhambane com charme em cada azul.

Lá vai o Limpopo em Gaza a correr,
Com milho e mandioca a florescer,
E o Xai-Xai de praias encantadas,
Onde as dunas dançam nas madrugadas.

Inhambane, com graça sem fim,
Tofo, Bazaruto, Pomene, Zinave, assim,
O Dugongo espreita nas águas do amor, Enquanto
a timbila vibra em seu fulgor.

No centro, Tete com Cahora Bassa a brilhar,
Carro de Ferro com histórias a contar,
Manica e as serras de beleza sem par,
Cabeça do Velho e montes a inspirar.

Sofala com Gorongosa, reino natural,
Onde leões rugem num cenário sem igual,
Mangais e savanas a perder de vista,
Num paraíso que ao mundo conquista.

continua no site...

DIALETO CHONA

MOZAMBIQUE, NYIKA YEKUBUDA KWEZUVA

Mozambique, ndiwe mbereko yehupenyu,
Zvemvura yakachena, nyika inodikamwa, Yamasango
akasvibira pamwe chete, Negungwa, denga nenhetembo.

Mururimi rwaamai runoimbwa nevanhu.
Macua, Xitsonga, Ciyao anoti,
Hana inorova kuMaputo kumaodzanyemba,
Gaza neInhambane ine runako rweblue yega yega.

Kuna Limpopo kuGaza kunomhanya,
Nechibage uye mufarinya zvinotumbuka.
Uye Xai-Xai ane mahombekombe egungwa,
Panotamba matutu mambakwedza.

Inhambane, nenyasha dzisingaperi,
Tofo, Bazaruto, Pomene, Zinave, saizvozvo,
Dugong inovanda mumvura yerudo, Nepo timbila
ichibvunda mukupenya kwayo.

Pakati, Tete aine Cahora Bassa achipenya,
Mota yesimbi ine nyaya dzekutaura,
Manica nemakomo erunako rusingaenzanisiwi,
Musoro Wemurume Mukuru uye makomo kukurudzira.

Sofala naGorongosa, natural kingdom,
Panodzvova shumba munzvimbo isingaenzanisiwi.
Mangrove uye savanna kusvika pakuona neziso,
Muparadhiso inokunda nyika.

continua no site...

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE





POR MAGNA ASPÁSIA



Magna Aspásia Fontenelle, natural de Carolina-MA e residente em Uberaba-MG, é professora, escritora, tradutora e consultora educacional. Mestre, possui graduação em Letras e várias especializações. É autora e coautora de obras acadêmicas e literárias publicadas no Brasil e no exterior. Doutora em Filosofia Universica (Ph.I.) e Doutora Honoris Causa em Literatura, fundou e preside a Academia de Letras do Brasil Seccional Uberaba e a Akademia Alternative Pegasiene Brasil/Albânia. Atua em entidades culturais como FEBACLA e Academia Internacional de Literatura Brasileira, e colabora com revistas e jornais literários. Reconhecida por sua contribuição à educação, literatura e artes, recebeu diversos prêmios e honrarias nacionais e internacionais.

Entrevista



Cássio Cavalcante é cearense, jornalista (DRT nº 5311/PE), escritor e Doutor em Filosofia Universica Honoris Causa, título concedido pela Academia de Letras do Brasil, que também o homenageou com o Mérito Ph.I Philosophos Immortalem. Reside em Pernambuco há mais de 20 anos, onde atua como Embaixador da Paz e se destacou na literatura a partir de 2005, com a publicação do conto “Meu Primeiro Milhão” na revista Caruaru Hoje.

Organizador de diversas antologias, é membro de várias academias de letras no Brasil e no exterior, como a Academia de Letras e Artes de Valparaíso (Chile), a SABEPE – Sociedade dos Amigos da Biblioteca Pública de Pernambuco, e a Associação da Imprensa de Pernambuco (AIP).

Recebeu os títulos de Cidadão Recifense, Olindense e Príncipe das Artes (Academia de Letras Juvenal Galeno).

É verbete do Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira, biógrafo da cantora Nara Leão, prosador, e editor do jornal Folha Cultural. Colabora com os jornais Folha de Pernambuco (Recife), Terra da Gente (Surubim), Voz do Planalto (Carpina) e Folha do Espírito Santo (Cachoeiro do Itapemirim).

1

REVISTA THE BARD - Quem é Cassio Cavalcante?

CÁSSIO CAVALCANTE - Acima de tudo um amigo que gosta de ajudar. Depois vem o escritor, o jornalista, o pai, e por aí vai...

3

REVISTA THE BARD - Quando começou a escrever, já fazia planos de seguir carreira?

CÁSSIO CAVALCANTE - Não, escrevia por puro prazer. O reconhecimento veio chegando e hoje entre as academias a que pertencem estão a recifense de letras e a Olindense de letras, Academia de Letras do Brasil, Seccional Uberaba-MG.

5

REVISTA THE BARD - Tem sonhos literários? Quais?

CÁSSIO CAVALCANTE - Sim, mas vai além da literatura. Seria ter um centro cultural, onde a produção de todas as artes aconteceria intensamente.

“Como prazer mais do que tudo. Escrever para mim é um ato de extremo prazer. Me realizo nesse exercício.”

2

REVISTA THE BARD - Como se deu sua entrada no mundo literário?

CÁSSIO CAVALCANTE - Comecei escrevendo a biografia de Nara Leão. Fui fazer a oficina literária de Raimundo Carrero para aprimorar minha escrita. Comecei a escrever contos, e me apaixonei por essa arte, assim me tornei um escritor.

4

REVISTA THE BARD - É notívago ou só cria à luz do dia?

CÁSSIO CAVALCANTE - Escrevo a qualquer hora, mas tenho preferência pela noite. Quando o mundo fica sereno e mais calmo, ficando propício para maior concentração.

6

REVISTA THE BARD - Literatura como risco ou libertação?

CÁSSIO CAVALCANTE - Como prazer mais do que tudo. Escrever para mim é um ato de extremo prazer. Me realizo nesse exercício.



7

REVISTA THE BARD - Sabemos que você é editor, autor e organizador de várias Antologias e livros solos. Quais são os seus títulos? Qual te marcou mais?

CÁSSIO CAVALCANTE - Os Mistérios de Cada Um (2007) – Organizador; Biografia: Nara Leão A Musa dos Trópicos (2008); Premiado com Menção Honrosa pela Academia Pernambucana de Letras; Prêmio Clarisse Lispecto de Literatura (Rio de Janeiro); Antologia do Natal: Noite Feliz – Em Prosa e Verso (2011); Antologia do São João: Olha Pro Céu meu Amor – Em Prosa e Verso (2012); Bate-papo Literal (2012); Antologia do Carnaval: Oh! Quarta-feira Ingrata – Em Prosa e Verso (2013);- Sob o Céu de Uma Cidade (2013); Prêmio Talentos, Helvéticos-Brasileiros – Categoria Romance- no Salão do Livro em Genebra – Suíça Antologia dos 7 Pecados Capitais em Prosa e Verso (2016) – Organizador; Antologia dos Dez mandamentos em Prosa e Verso (2020) – Organizador; O Sorriso de Lígia e outros contos (2020). São todos filhos, gosto por igual, mas ainda o Nara Leão, a musa dor trópicos, é muito especial pois foi a partir dele que tudo começou.

8

REVISTA THE BARD - Você é biógrafo da cantora Nara Leão. O que te levou a escrever sobre ela. Quanto tempo demorou para essa obra ficar pronta?

CÁSSIO CAVALCANTE - Antes de biógrafo, sou muito fã da musa da Bossa Nova. Não sobrou muito para a minha geração, valores como a Bossa Nova, o tropicalismo, o cinema novo me chegaram pela música dessa cantora, ela foi muito importante na minha formação cultural. Foram oito anos para escrever a biografia de Nara.



REVISTA THE BARD - Seu principal critério para a escolha de uma leitura é o título, o autor ou o assunto? Qual seu autor preferido?

CÁSSIO CAVALCANTE - Entre o que foi perguntado eu diria o assunto. O meu escritor predileto sempre será Machado de Assis pela genialidade de “Dom Casmurro”. Mas também Gustave Flaubert pela memorável “Madame Bovary”, Jorge Amado pela beleza e sensualidade de “Gabriela, Cravo e Canela”, Agatha Christie pelo espetacular “Assassinato no Expresso do Oriente”, Juan Rulfo pelo perfeito “Pedro Páramo”, William Shakespeare pela exploração dos abismos da alma humana como em “Otelo”, entre muitos outros.

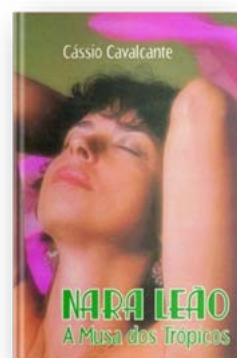
FACEBOOK



REVISTA THE BARD - Deixe uma mensagem para os leitores da Revista The Bard.

CÁSSIO CAVALCANTE - Continue sempre o leitor que é, pois só com a leitura a obra de arte da literatura se completa.

LIVRO - CÁSSIO CAVALCANTE



COLUNAS E COLUNISTAS

MAGNA ASPÁSIA FONTENELLE

SITE

FACEBOOK

FACEBOOK

INSTAGRAM

POST NO SITE





DAS CULTURAS TRADICIONAIS

Edna Brennand



Edna Gusmão de Góes Brennand – Possui Doutorado em Sociologia - Université Paris I Panthéon Sorbonne. Professora Titular da Universidade Federal da Paraíba. Realizou Pós-Doutorado nas seguintes Instituições: Université Catholique de Louvain-UCL Bélgica; Universidade de Valência, Espanha; Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) Portugal. Coordena o grupo de pesquisa sobre Cultura Digital. Seus atuais interesses de pesquisa estão voltados para abordagens interdisciplinares sobre cultura digital e sociedade.

AS MULHERES NA CULTURA MUSICAL BRASILEIRA

Introdução

Patrimônio cultural é o conjunto dos conhecimentos, crenças, arte, moral, direitos, costumes, capacidade e hábitos adquiridos e transmitidos de geração a geração em uma determinada sociedade. Adquire uma força simbólica na formação cultural e seu significado e pode-se assim dizer, a representação da expressão

cultural do fazer social. Nesse contexto, a música, como expressão do fazer social, como elemento da arte, ajuda a (re)criar imagens sobre a formação do patrimônio, do povo e da cultura, suas condições históricas, sociais e comunicacionais. É um espaço simbólico importante para atender às exigências contemporâneas, que consideram a produção humana como bem cultural.

Imagem de Loucaski por Freepik



Na interseção de reflexões acadêmicas e experiências pessoais, o artista Ramon Schinayder (2025) que trabalha nesta direção, pesquisa/vivência em entrevista a esta colunista admite serem escassos os estudos que trazem análises envolvendo a problemática das violências sofridas por mulheres no campo da música. Ele ressalta que a luta por reconhecimento da presença de mulheres na cena musical tem se ampliado no contexto da escalada da violência

contra mulheres no Brasil. Indica que muitas questões ainda precisam revisitar no espaço público onde ocorrem fluxos de comunicação que sintetizam e condensam opiniões públicas reagrupadas em função de temas específicos, como, por exemplo, as violências sofridas pelas mulheres no campo musical, bem como na esfera pública digital onde a opinião pública se forma e pode influenciar as decisões políticas.



Imagem de Gigxels .com por Pixabay

Pesquisa realizada por Brennand & d'Amorim (2025) mostra que a música tem historicamente sido um campo de produção de criação artística a partir de códigos de masculinidade. Como campo de produção cultural, tem sido majoritariamente protagonizado por homens e reproduz formas de relações sociais de sexo, de raça e de classe. Somente a partir do século XXI, as mulheres no campo musical vêm crescendo em visibilidade e com maior inserção na segunda década.



Imagem de User16639364 por Freepik

Os debates sobre gênero vêm ocupando lugares importantes, fruto da luta por visibilidade pelas mulheres no processo histórico contemporâneo, bem como pelas necessidades urgentes e reais de luta pela vida. A história das lutas das mulheres por visibilidade e reconhecimento de direitos é comumente dividida em três ondas, que acompanham mais ou menos uma divisão geracional baseada principalmente em eventos ocorridos nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França e em outros países europeus ocidentais além em países da América Latina, entre os séculos XIX e XXI.

Os movimentos por reconhecimento acompanham a evolução social que traz mudanças drásticas tanto na produção como na paisagem e dinâmica

do trabalho em todo o mundo: o êxodo rural; processos de industrialização; guerras; as condições de exclusão, preconceito e invisibilidade. A luta ao longo da história traz nuances diversas mesmo em pleno século XXI na busca por emancipação enquanto indivíduo e, o debate, as naturalizações das associações das categorias homem/mulher e da consciência humana e seus produtos possuem forte conotação. O porquê do silenciamento das vozes das mulheres é uma indagação de ordem histórica envolvendo variadas formas de fundamentação, tanto moral como ética. Estudos sobre violências de gênero se dão através de profundas raízes na estrutura patriarcal da nossa sociedade. Atinge mulheres de todas as classes sociais, etnias, religiões e culturas.

Neste momento histórico de luta contra toda forma de silenciamento e discriminação as vozes das mulheres carecem de novas significações do que pode significar uma sociedade com menos desigualdades, mais inclusiva e que propicia o desenvolvimento social em todos os seus aspectos humanos, ambientais e econômicos.

Mulheres na música brasileira: desigualdades e resistência

O Fórum de Segurança Pública do Brasil reconhece que as iniciativas para frear a epidemia de violência têm sido insuficientes, independentemente dos esforços de alguns governos e da exposição dos casos de repercussão nacional ao longo dos últimos anos.

Segundo relatório da União Brasileira de Compositores (UBC, 2024), somente 8,5% dos fonogramas registrados entre 2017 e 2021 tinham autoria exclusivamente feminina. Ainda que a coautoria com mulheres atinja 21,1% dos registros, a grande maioria continua sob domínio masculino. Além disso, a desigualdade de renda é gritante: artistas mulheres recebem, em média, menos da metade do que os homens em direitos autorais, mesmo quando possuem destaque comercial.

O estudo “Mulheres na Indústria da Música”, realizado pela Women’s Music Event (WME) em parceria com a plataforma Data Sim (2020), analisou a participação feminina em festivais e espaços técnicos da música. O levantamento comprovou que menos de 30% das atrações de festivais brasileiros são compostas por mulheres ou bandas lideradas por elas. Em cargos como produção musical, engenharia de som, direção de palco e curadoria, a presença feminina é quase nula. Mais grave ainda, o relatório apontou que 72% das profissionais entrevistadas já sofreram assédio moral ou sexual no ambiente de trabalho, geralmente sem recorrer a denúncias por medo de retaliação.



Imagem de Agarthaai2030 por Freepik

Outro estudo relevante, desenvolvido pelo festival “SIM”, São Paulo (2022), está focado na interseccionalidade entre gênero e raça. A pesquisa demonstra que mulheres negras enfrentam uma marginalização dupla: são menos visíveis nos grandes palcos e praticamente ausentes nas decisões curatoriais e gerenciais do setor. A presença dessas mulheres, embora significativa em gêneros como funk, rap e slam, é pouco reconhecida pelas instituições e pelo mercado formal da música. Mostrou que menos de 30% das atrações principais de festivais de música brasileiros eram compostas por mulheres ou bandas lideradas por mulheres. Em gêneros como sertanejo, rap e pagode, a presença feminina como protagonista é ainda menor.

Considerações finais

A inserção das mulheres na indústria musical brasileira revela um cenário profundamente marcado pela desigualdade de gênero, atravessado também por relações de raça, classe e territorialidade. Apesar de avanços em visibilidade e ocupação de espaços artísticos, a estrutura do mercado ainda opera com bases patriarcais, reproduzindo a exclusão simbólica e material das mulheres.



Imagem de Addictive Stock por Freepik

As mulheres estão em sub-representação nas posições técnicas e de liderança (como produtoras, engenheiras de som e empresárias artísticas). A violência simbólica e estética tem forte presença na indústria musical. As artistas mulheres frequentemente enfrentam sexualização excessiva, cobrança estética e deslegitimação técnica, especialmente em gêneros urbanos como o funk e o rap.

Mas é possível verificar o surgimento dos coletivos femininos, como o Rimas & Melodias, Slam das Minas e o próprio WME Festival, tem sido central para construir redes de apoio, visibilidade e profissionalização entre mulheres. Esses grupos promovem formas alternativas de circulação cultural, ao mesmo

tempo, em que denunciam o machismo estrutural da indústria fonográfica. Esses dados reforçam a necessidade de políticas culturais e educacionais que estimulem a igualdade de gênero no setor musical, bem como a valorização da diversidade estética, étnica e territorial das mulheres artistas.



Imagem de Itadapamaiba5 por Freepik

"A presença feminina na música brasileira cresce, mas ainda enfrenta barreiras estruturais, estéticas e simbólicas impostas por um mercado historicamente desigual."



Imagem de Moviafilmes por Freepik



O Relatório “Assédio na Música” (WME, 2020) mostra que 72% das mulheres entrevistadas já sofreram algum tipo de assédio sexual ou moral no ambiente musical. Ramon Schnayder (2025) assevera os dados do Relatório afirmando que, em seu contexto de experiência, a maioria dos casos ocorre em estúdios, bastidores e eventos ao vivo. Grande parte dos casos não é denunciada por medo de retaliação ou perda de espaço na carreira. Mulheres negras enfrentam dupla marginalização: por gênero e raça. E ainda baixa representatividade em cargos de curadoria e direção de festivais. A presença feminina é maior em gêneros

periféricos (rap, funk, slam), mas com pouca valorização institucional.

Assim, reconhecemos ser necessário reconsiderar papéis associados ao homem e à mulher na história da música e, com isso, fomentar novas possibilidades de criação e valores sociais. Daí enfatizarmos a importância de políticas com foco em diversidade interseccional no campo da música. Esse tema ainda é incipiente no Brasil, sendo que pesquisas na área se desenvolvem em maior índice nos EUA.

EDNA BRENNAND

**CONHEÇAM O TRABALHO DA NOSSA COLUNISTA
VISITEM SUA REDE SOCIAL**

INSTAGRAM

LINKEDIN

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



08


CRIS GOMES


Cristina G.S.Andrade. Atuei na área da educação por 32 anos como professora, coordenadora pedagógica e orientadora educacional. Atualmente envolvida no projeto de produção de um livro-relato sobre a história do Instituto Lemdae e em terapias para a melhora da qualidade de vida, principalmente de mulheres com baixa autoestima.

UM GRITO VERDE



Imagem de Aprilianzee4 por Freepik

Olá, humanos! Sou eu, a Terra!

Durante bilhões de anos, cuidei de vocês: ofereci água cristalina, ar puro, florestas cheias de vida, oceanos imensos, solos férteis e paisagens de tirar o fôlego. Em silêncio, abracei suas gerações, celebrei suas conquistas e resisti aos seus erros.

Nesse cuidar, observo vocês com curiosa atenção e nossa relação, um tanto quanto simbiótica, tem despertado em mim

profundas reflexões a respeito do nosso futuro.

Vocês são iguais e ao mesmo tempo tão singulares. Alguns caminham com pés nus, sentindo o chão, solo sagrado, arado verde, tapete de folhas vivas e desfalecidas, tons vibrantes e amarelados. Parecem querer experimentar sensações esquecidas ou lembrar ancestrais distantes. É uma vã tentativa de conexão onde tambores ecoam canções silenciosas misturadas a clamores impregnados de histórias.



Imagem de Val-suprunovich por Freepik

Diferenciam-se da maioria, porque ouvem o meu chamado. Compreendem que é preciso garantir às futuras gerações o direito à vida, o direito de existir aqui e construir novas histórias.

Em contrapartida, vejo outros de vocês com propósitos bem diferentes. Exploram riquezas naturais em benefício próprio, criam títulos para se tornarem senhores de terras, árvores, animais, santuários verdes, enfim de toda vida desse lugar. Geralmente são homens afortunados, herdeiros de vontades egoístas almejando apenas lucro. Não se pode negar a inteligência deles: conseguem jogar um véu sobre seus reais interesses e mascaram suas intenções com promessas duvidosas de sustentabilidade –

aliás, palavra da moda, cheia de significado, mas frágil de ações concretas - fazem campanhas simbólicas para despertar interesses tímidos, levando, porém, crédito por inovações que tristemente ficam apenas no papel. Muito ouço a voz deles. Impetuosos, bradando aos ventos a soberania que detém nas mãos. São de muitos cantos da terra, cada qual mais poderoso que o outro. Gostam de exibir força e poder. Manipulam informações, criam regras novas e alianças instáveis enquanto a destruição corre nas florestas como felinos em busca da presa. Já é perceptível meu estado frágil? Pareço uma senhora cansada - com chinelos velhos e avental roto - daquelas que o tempo já rouba a energia e deixa a mente confusa?



Imagem de Rawpixel por Freepik



Imagem de Formofficeco por Freepik

Enganam-se, homens!

Ainda sou aquela que abriga seus passos, seus sonhos, suas histórias.

Ainda testemunho a beleza do amor, a força da união, o brilho da esperança e, embora assista, com dor, às guerras, ao ódio, à destruição, sou forte e continuo resistindo porque sou casa, lar, abrigo de espécies, céu para todos, chuva para todos, vento para todos, água para todos...

“

SOU A TERRA: ONDE FLORESCE O AMOR, RESISTE A DOR E RENASCE A ESPERANÇA PARA TODOS OS QUE ME HABITAM.

Imagem de lacerdabh por Freepik

Como uma mãe generosa, sou fronteira sem divisas, sou limites sem ser muro, sou promessa de amanhã sem esquecer a ancestralidade sagrada sob meus pés.



Imagem de Thuynhungle99 por Freepik

Ainda gosto de ouvir o caminho das águas deslizando sinuosas no riacho, admiro por horas o balé das ondas salgando a areia, e se vocês fizessem silêncio poderiam também ouvir o canto das florestas – meu coração pulsa lá.

Estou no vento que sopra do leste, sou brisa mansa do norte, sou furacão, vendaval, arrepio na pele.

Sou animal feroz que desliza, ataca, protege, copula, sobrevive.

Sou fogo que transmuta, seiva que lambuza, alimento que sustenta.

Sou terra, água, fogo, ar. Quatro elementos vitais que perpetuam a vida. Vida plena e abundante para todos, porque aqui sou uma sendo tudo.



Posso ser amorosa ou cruel, contudo, humanos, quero paz. As guerras desgastam a mim e a vocês. Já é tempo de resignificar nossa relação e criar novas perspectivas para o futuro. Sim, há futuro para nós, por isso tenho inspirado aliados para falar em meu nome nas conferências mundo afora e os resultados têm me deixado animada. São homens, mulheres, jovens vindos de lugares distantes e até improváveis. Todos empenhados e envolvidos em ações de denúncia, repúdio ou valorização de atitudes em prol da garantia da vida. Eles inspiram e motivam outros criando uma atmosfera de cooperação mútua para a edificação de uma nova era.

Enquanto esses aliados desempenham seu papel, respiro aliviada e esperançosa. Aliás, esperança é minha característica mais forte, rsrsrs. Concentro minhas energias nas conversas com os elementais, decidindo destinos. Ouço pontos de vista vindos até de lugares distantes além da compreensão de vocês, por isso nosso grito verde é forte e se fortalece cada vez mais. O mundo é maior que eu. Sou parte de um macrocosmo onde planetas conectados num sistema solar interagem para assegurar a sobrevivência das espécies em seus respectivos mundos. Falo por mim e toda a raça humana defendendo a ideia de que vocês não são somente destruidores,

mas a cada reunião tem ficado mais difícil convencer a todos.

Honrem a casa de vocês, esse templo sagrado chamado planeta azul, dediquem tempo e inteligência – artificial ou não – à transformação desse lugar a fim de que a vida possa continuar existindo, seja ela de qualquer espécie. É só o que temos. É só o que somos. E acreditem, vocês não vão me destruir. Sou resiliente e tenho muitos anos de vida.

Diferentemente de vocês tenho bilhões de anos nesse caminhar!

Com esperança,
Terra

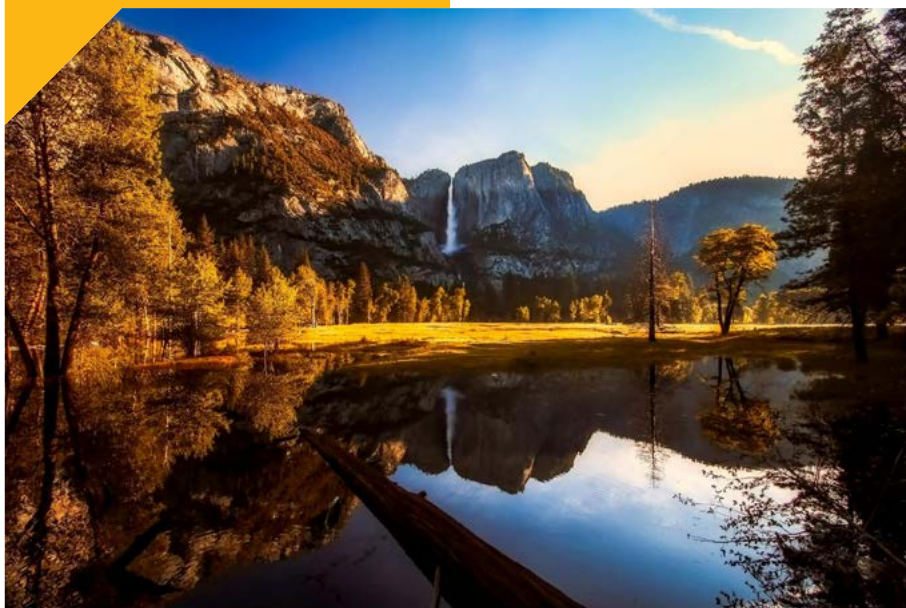


Imagem de Pixabay
Imagem de Thuanvo por Pixabay



INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE





MARIAS DA POESIA



Como Albuquerque (2010, p. 115) assevera, um texto literário feminino apresenta a consciência que o “eu” da poetisa coloca, seja na voz de personagens, narrador ou na sua própria pessoa na narrativa, sua experiência de vida, enunciando o seu papel na sociedade.

Sabemos que o pseudônimo era um recurso muito usado na literatura feminina, principalmente até o século XIX, e a poetisa encontra essa forma para obter a aceitação popular numa sociedade patriarcal.

Na década de 1970, surgem outras produções femininas do cordel, e Santos (2006, p. 186) reafirma quando observa:

A presença das mulheres autoras na literatura de cordel, mormente as condições diferenciadas para sua performance, situa, contemporaneamente um novo fenômeno investigativo nesse campo. Essa autoria feminina, no entanto, apesar de herdar a tradição de cantadores nordestinos – partindo de sua forma patriarcal, a voz, também vai instituir outras formas, outros conteúdos, outras autonomias. Cria-se outra tradição, notadamente vislumbrada a partir de temas próprios como o feminismo, ecologia, saúde da mulher, homoerotismo, entre outras temáticas. Questionando o imaginário social marcadamente masculino ou inaugurando novos

espaços de veiculação do cordel como escolas, passeatas, universidades, lugares outros que não as tradicionais feiras, as mulheres no universo do cordel se desterritorializam do espaço privado, se apropriam do território do cordel e instauram uma ressignificação desta poética do homem.

¹ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. Vozes femininas na literatura de cordel. In: DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. Vozes femininas na literatura ocidental: corpo, espiritualidade e relações de gênero. João Pessoa: Editora UFPB, 2010. p. 99-117

²SANTOS, Francisca Pereira dos. Mulheres fazem ... cordéis. Graphos, v. 8, n. 1, p. 183-194, jan./jul. 2006.



Imagem de Clube Quindim - Google
Imagem gerada por Leonardo AI

Atualmente a luta por mais um espaço da mulher na literatura finalmente chega aos cordéis e suas produções podem ser encontradas em muitos acervos de bibliotecas. E considerando a importância da Literatura de Cordel como parte da memória social brasileira e as dificuldades encontradas para sua preservação me motivaram a desenvolver um projeto sobre o universo feminino na Literatura de Cordel, cujo objetivo é mapear poetisas de cordel, instituições e as principais características de suas coleções. Em um resultado preliminar, já foram identificadas mais de 300 poetisas em todo o território brasileiro.

Dentre as poetisas identificadas, trago para esta coluna, um grupo de Poetisas que me chamou muita a minha atenção pelo trabalho poético que desenvolvem na Literatura de Cordel: Coletivo Maria das Poesias. @mariasdapoesia

*Nós, Marias da Poesia,
Recitamos resistência.
Mulheres em evidência,
Com cuidado e empatia.
No palco, com simpatia,
Pregamos sororidade,
Com força e diversidade,
Lutamos pelo direito,
Nosso verso traz respeito,
Num grito de liberdade!*

(Annecy Venâncio)



Imagem de Maria das Poesias



Imagem de Maria das Poesias: Annecy, Juliana, Cristiane e Anne

QUEM SÃO:

O Coletivo Marias da Poesia é formado por quatro mulheres cordelistas da Paraíba: Anne Karolynne, Annecy Venâncio, Cristine Nobre e Juliana Soares. Unidas pelo amor à literatura de cordel e à cultura popular, são vozes que ecoam versos de resistência, identidade e tradição.



Annecy Venâncio

Natural de João Pessoa, Paraíba. É filha de Adeci Beserra Venâncio e mãe de Ana Carolina Venâncio. Mestre em Letras e professora de Língua Portuguesa nos Estados da Paraíba e Pernambuco, contando catorze anos de experiência em sala de aula. É membro da Academia de Cordel do Vale do Paraíba (ACVPB), do Coletivo Marias da Poesia, e do grupo Mulherio das Letras Paraíba. Participou de várias coletâneas e antologias poéticas. É autora dos livros Lonjuras (2019), Borboletei (2024), e dos folhetos de cordel: Lonjuras (2019/2023); Um conto de era uma vez (2020); Carta ao mestre Paulo freire (2021); Nenhuma mulher merece ter seu direito negado, Mulher negra é resistência com a caneta na mão, ambos coletivo (2022); Mulherio das Letras (2022); Manoel José de Lima – mané Caixa d'água (2023); Retalhos diversos (2023); Corpo Violado (2023); Morena do sol e o Cangaceiro (2023). @aninha_venancio



Anne Karolynne

Poetisa de Campina Grande - Paraíba, mãe de Ulisses Filho e Talia, enfermeira da saúde mental e empreendedora do Cordel Personalizado. Autora de mais de quarenta títulos de cordéis, de trezentos trabalhos em cordel, através de seu empreendimento e do livro "Poesia popular: ferramenta de inclusão na saúde mental". Premiada como

Melhor Poeta nos anos 2021, 2022 e 2023 em Campina Grande, através de pesquisa popular. Campeã do Prêmio Nísia Floresta de literatura (2020) e do Festival Vamos fazer poesia (2018), categoria declamação. Recebeu prêmios estaduais e nacionais referentes a seu trabalho artístico e literário. Vice-campeã do Festival de Música da Paraíba (2022). Membro titular da Academia de Cordel do Vale do Paraíba e do Coletivo Marias da Poesia. @annepoetisa

Cristine Nobre Leite

Casada, natural de Fortaleza - Ceará. Radicada na Paraíba. Graduada em Odontologia pela UFPB (1995). Cordelista, membra da ACVPB e autora de: O Dragão da Maldade contra a fluoretação das águas (em parceria com Paulo Capel Narvai), Um Romance pra dar o que escovar (em parceria), As histórias açucaradas de D. Palmira, Mapeamento do Flúor na água de Pirpirituba-PB (relato em cordel), Mínima Intervenção em Odontologia, Ética e Moral em cordel, A Batalha da Covid, Atendimento Odontológico a Pacientes com Necessidades Especiais (CEO de Belém-PB), Biografia de Mauricio Graboys, Uma carta sertaneja (endereçada a Paulo Freire), O voo autista nos mistérios do pavão, entre outros. @cristine-nobreleite



Juliana Maria Soares dos Santos

Natural de Cabaceiras – Paraíba. É Pedagoga de formação e atuação, com especialização em Educação Infantil, mestrado em Formação de Professores, pela Universidade Estadual da Paraíba. Autora de poemas, folhetos de cordel e autora dos livros: *Gígio um girassol diferente* (2021), *Chapeuzinho de Chita: uma aventura em cordel* (2022) e o livro *Poeminhas, poesias e um cordel* (2024). É membro efetiva da Academia de Cordel do Vale do Paraíba e do coletivo Marias da Poesia. Duas vezes premiada em literatura na Paraíba. @julianasoaresscritora

O Coletivo Marias da Poesia nasceu em junho de 2022, reunindo mulheres cordelistas titulares da Academia de Cordel do Vale do Paraíba. Desde então, elas vêm fortalecendo sua irmandade por meio da arte e da poesia, unindo vozes femininas para ampliar a presença das mulheres no cordel. O Coletivo representa a poesia de autoria feminina de cada canto da Paraíba, a saber: João Pessoa, Cabedelo, Cabaceiras e Campina Grande.

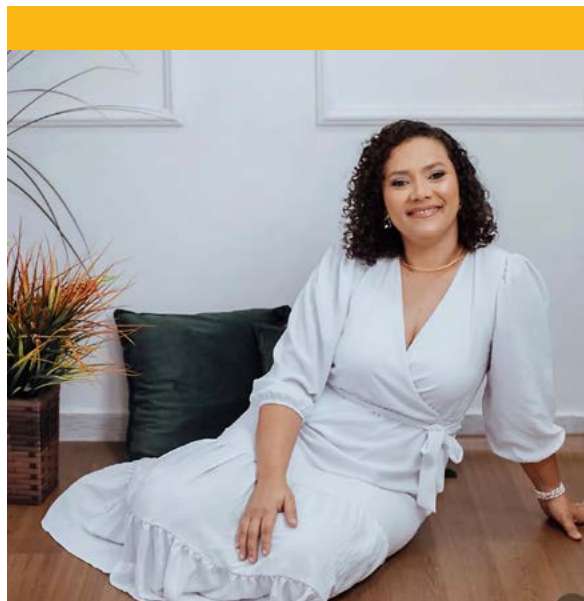


Imagem de Sanjuphotgraphy por Freepik

FOLHETOS DE CORDEL:



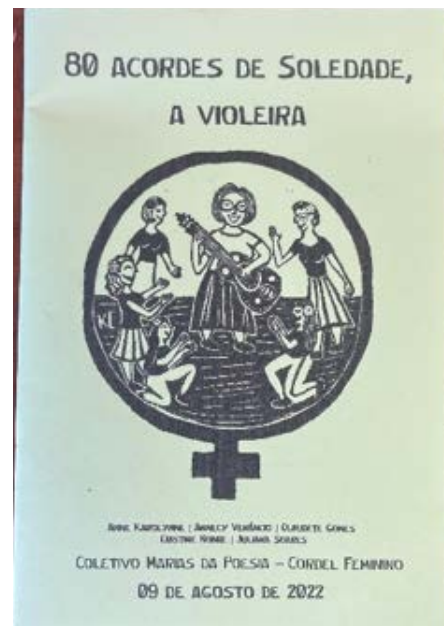
Nas terras desse Brasil,
Cantavam os sabiás,
Sacudiam maracás,
Em natureza gentil.
Mas, num vinte e dois de abril,
Século quinze a se ver,
Homem branco vem fazer
Às nativas, agressão.
QUANTAS MAIS PRECISARÃO,
NESTA VIDA, PADECER?

Mote: Juliana Soares
Glosa: Cristine Nobre



Que possamos dizer NÃO
Sem ter o corpo invadido;
Que esse clamor seja ouvido
Com muita compreensão.
Queremos validação
Deste protesto irmanado.
O feminino sagrado
Nos impulsiona e enriquece.
Nenhuma mulher merece
Ter seu direito negado.

Mote e Glosas: Anne Karolynne



Uma jovem sonhadora,
Pois, queria outro destino;
Rezava por liberdade,
O seu sonho clandestino.
Sabia que a cantoria
Era verso matutino.

A chamavam de poeta,
E ficou envaidecida.
No meio dos cantadores, Soledade
era querida.
Nas festas em sua casa,
Passava a ser conhecida.

Annecy Venâncio



Paraibana arretada
Que fez valer sua sina.
Uma mulher importante,
Frente à luta feminina.
Por tudo lhe agradecemos.
Nesse cordel nós dizemos:
— Obrigada, Minervina!

Juliana Soares

Nesta escrita que ora faço
Através desse cordel
Vou me mantendo fiel
À história que eu refeito
Cada letra, cada traço
Versos, rimas, oração
Bela metrificação
Dando o ritmo e a cadência
MULHER NEGRA É RESISTÊNCIA COM A
CANETA NA MÃO.

Mote: Coletivo

Glosa: Juliana Soares





Imagem de Thetrimhub por Freepik

APRESENTAÇÕES CULTURAIS:

- Lançamento de Cordel/ Sarau -Agosto das Letras (2022) - Pilar-PB, Cabaceiras - PB, Taperoá - PB e Sumé -PB
- TV Master (João Pessoa - PB)
- Rádio Tabajara (João Pessoa - PB)
- Lançamento de Cordel/Sarau (Museu de Arte Popular da Paraíba - MAPP) - Campina Grande - PB
- Lançamento de Cordel/ Sarau - Festa Literária de Boqueirão - FLIBO (Boqueirão - PB) Sarau - II Encontro Nacional do PROLETRAS - Online pelo YOUTUBE
- Lançamento de Cordel - VI Encontro Nacional Mulherio das Letras - João Pessoa – PB
- Performance Poética - VI Encontro Nacional Mulherio das Letras - João Pessoa – PB
- Sarau Contos e Cantos da Cidade - João Pessoa (PB)
- Lançamento de cordel/ Sarau- 36º Salão de Artesanato Paraibano (Campina Grande - PB) -2023
- Sarau e Lançamento de cordel - Agosto das Letras / 2023 - Coxixola – PB
- Apresentação Cultural- VII Encontro Nacional Mulherio das Letras (2023) -Rio de Janeiro

- Oficina de cordel - VII Encontro Nacional Mulherio das Letras (2023) - Rio de Janeiro - Lançamento de Cordel - VII Encontro Nacional Mulherio das Letras (2023) - Rio de Janeiro

- Lançamento de cordel/Declamação-Encontro de Violeiros/as Repentistas e Poetas cordelistas - Alagoa Grande (PB), 2024

- Declamação - II Sarau de Lançamento integrado da FLIPB - Mulheres na Literatura paraibana - Online no YouTube, 2024

- Participação ao vivo no Jornal Bom dia Paraíba, 2024

- Reportagem no Bom Dia Paraíba, 2024

- Reportagem- PROGRAMA DIVERSIDADE/ Rede Ita, 2024

- VII Encontro Nacional Mulherio das Letras, 2024 - Belém - PA

- Gambiarra Poética - Itabaiana- PB, 2025

- Lançamento do Cordel coletivo Mulheres ACVPB - MAPP - Campina Grande -PB, 2025.

VÍDEOS:

MULHERES PARAIBANAS SE UNEM E FORMAM GRUPO DE CORDELISTAS



ASSISTIR AO VÍDEO

QUANTAS MAIS PRECISARÃO, NESTA VIDA, PADECER? MARIA DAS POESIAS



ASSISTIR AO VÍDEO

BETH BALTAR

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

POST NO SITE



COLONAS E COLUNISTAS





02



Fátima Moniz



Maria Fátima Glória Moniz Manuel, nome literário Fátima Moniz, nasceu em Luanda a 24 de Março de 1969, cresceu e passou sua infância em Benguela, cidade que considera seu lar. Mestre em Ciência Política pela Universidade Cândido Mendes do Brasil e licenciatura pelo Isced de Benguela opção História. De 2011 a 2019 trabalhou como Agente Consular no Consulado de Angola no Rio de Janeiro. Dá conferências regulares no Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. Organiza todos os anos Oficina de Poesia para Crianças e adolescentes com a chancela da União dos Escritores angolanos, do Encontro de poetas da CPLP e do Mirex. Cadeira 510 da Academia de Ciências e Letras do Brasil. Prémio Doutor Honoris Causa pela Academia de Ciências e Letras de Espanha.

As controvérsias do meu Cabelo Afro

O cabelo é a minha vaidade. Quando meu cabelo está grande e volumoso, fico toda vaidosa e me sinto bonita, linda e atraente.

O cabelo é a minha vaidade, disse isso quando pela última vez, coloquei desfriso e dois meses depois ele caiu completamente, fiquei sem jeito. Fazendo um recuo nas fotos antigas comecei a rir e a refletir... As controvérsias do Cabelo Afro.

Sempre as pessoas com o cabelo Afro desfrisavam o cabelo. No meu tempo de jovem

anos 80-90 todas usávamos o ferro quente e a atanas para desfrisar, em Benguela era a Professora Chica no parque do Pioneiro, junto a igreja da N. Sra. Do Pópulo, a dona Rita Gregório perto do Estrela Clube 1º de Maio, a Belinha na Rua do Kassanga Bar e a D. Catarina Jordão no Bairro Pequeno Brasil, junto ao bairro Quiochi. Puro ritual no fogareiro a carvão ou fogão pequeno no quintal, uma fila de 12 ou mais senhoras e jovens a espera do momento de transformar o cabelo. Ficava liso, colocávamos rolos e depois de 15 dias ou mais voltávamos ao mesmo exercício.

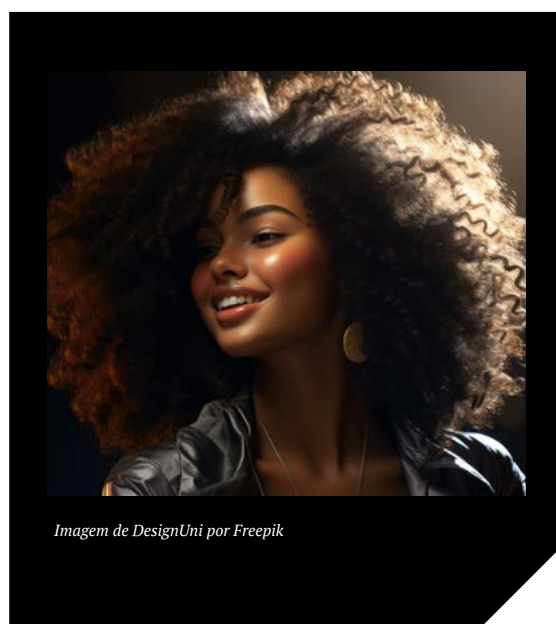


Imagem de DesignUni por Freepik

Havia uma maneira mais moderna de se desfrisar os cabelos, com um produto chamado brasileiro, na sua composição tinha o formol, que alisava o cabelo, mais queimava o couro cabeludo e ficava mais tempo no cabelo, cerca de dois meses. Mas a maior parte das vezes tinha enormes quedas de cabelo. Esses produtos foram melhorando e hoje ainda usamos.

Todas essas maneiras ainda se usa nos nossos dias, tudo para melhorar a aparência do cabelo afro, facilitar o pentear e manter um ar mais “sofisticado”, será? Ou tentar se aproximar ao cabelo da mulher europeia? Os estereótipos europeus a comandar o mundo. Aqui surge a base, o pano de fundo das controvérsias do meu cabelo.



Imagem de Anastasia Kazakova por Freepik



Imagem de Flowo por Freepik

Fiquei cansada deste vai e vem do cabelo natural ou afro e decidi cortar o cabelo e ele foi tomando seu jeito todo natural, ninguém disse nada.

Vou jantar com meu amigo francês, branco, ele nunca viveu em África e meu espanto, ele disse eu cito” Mulher negra tem uma beleza que nunca vi igual, olhos vivos e o cabelo sempre firme, lindo, o perfume do shampoo não se dilui ao vento”. Eu fiquei sem jeito, pensei mil coisas e sobretudo viajei para minha juventude onde os meus amigos não andavam connosco se estivéssemos com o cabelo natural.

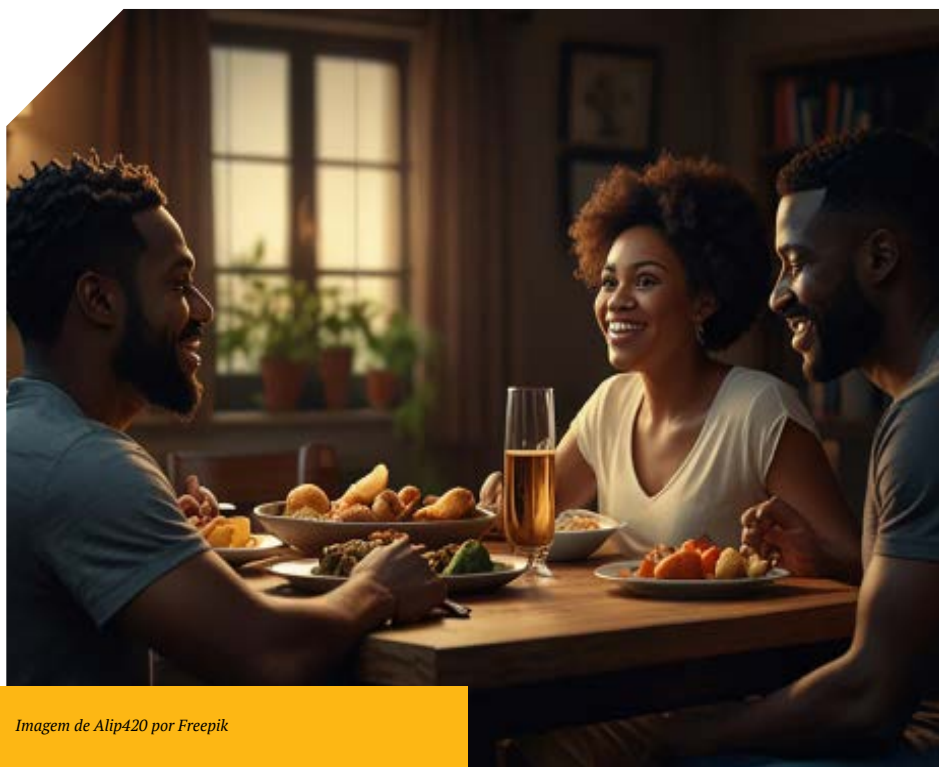


Imagem de Alip420 por Freepik



Em conversa com o motorista da escola do meu filho, ele diz que nos anos 80, gostava muito de uma moça mas não ficou com ela porque ela não queria arranjar o cabelo, e os amigos dele diziam que ela era uma despassarada ou descuidada. Eu fiquei de boca-aberta e pensei quantas perderam seus namorados porque já tinham personalidade.

Ao ler o livro da feminista Nigeriana, muito estudada nas Universidades da Europa, pela sua posição pedagógica na abordagem feminista, Chimamanda Adichie "O Meio Sol Amarelo", a dado momento do livro ela nos faz a caracterização de duas personagens, irmãs gêmeas, uma casa com um Britânico e outra casa com um Nigeriano, ambos diferentes, mas o britânico gostava de ver a esposa com cabelo natural, achava lindo, mas ela dizia que usaria e compraria mais perucas, porque ele não tinha noção do sofrimento de pentear o cabelo afro.

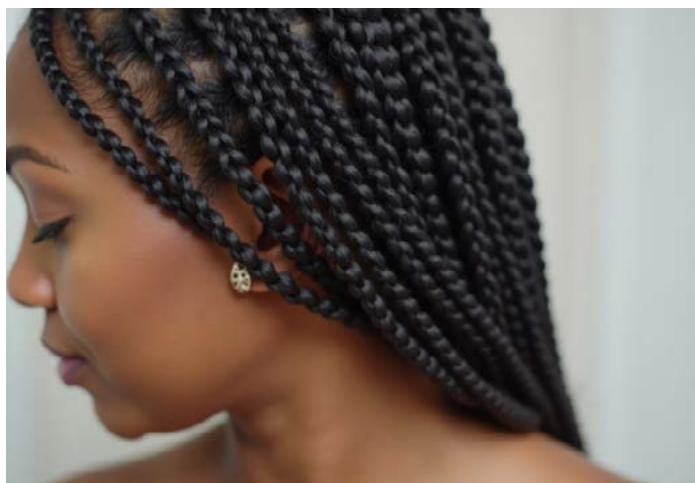
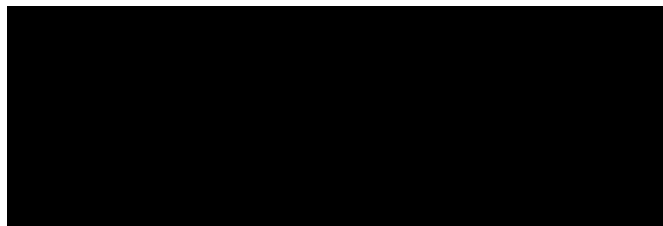


Imagem de Vibudhaart por Freepik

As controvérsias do meu cabelo afro.

Teta Lando, cantor angolano cantava, negra de carapinha dura, não estrague os seus cabelos, usa tranças corridinhas com missangas a enfeitar....

A Yola Semedo, cantora da nova geração, também canta dos carrapitos que a mãe lhe fazia e ela ia toda vaidosa pra escola.

Sara Tavares a cantora Cabo-verdiana, também canta a minha carapinha parece a coroa de Rainha.

Todos enaltecendo o cabelo Afro.



Imagem de Grizzly Imagery por Freepik

Hoje a Indústria do cabelo evoluiu muito, temos perucas que chegam a custar 500 Euros, cabelos brasileiros, que se aproximam mais ao afro, e até pessoas que dizem, porque alguém decidiu fazer essa classificação, de cabelo afro do tipo 1, 2, 3, ou 4. Que mais ou menos cabelo do negro como tal, do outros com alguma mistura, ou ligei-

ramente mais leve e volumoso como do cruzamento de negro com mestiço, ou ancestralidade cruzada.

Hoje o uso do cabelo afro está na moda, mas mesmo assim muitas mulheres e jovens, desfrizam, sobretudo em Angola. Você como lida com seu cabelo afro?



Imagem de Nappy por iStock

Reflecta comigo uma frase do livro Europa do conhecimento página 192.

“Os desafios deste século são de construir uma sociedade mais harmoniosa, em que o potencial criativo, de descoberta deste tesouro escondido em cada indivíduo, tivesse tempo e espaço para revelar-se” Respeitemos como cada uma trata seu afro e caminhemos.



Imagem de Stockshakir por Freepik

O risote de atum.

Por causa de uma refeição voltamos a infância e o que ela representa. Seria arroz de atum, com cenoura, pimentos e salsa. Hoje se cozinha primeiro o arroz e depois de pronto, separa e numa frigideira prepara o refogado, com os legumes e o atum. ÊÊÊÊÊ.....tudo mudou. Mas não mudou o meu amor hoje pelo ontem, e vieram as recordações, até visualizo a panela que a minha gostava.... Um taxo da vigorosa, antiga fábrica de panelas de Benguela.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 03/07/2025"

FÁTIMA MONIZ

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



COLUNA

Vai um livro aí?

Resenhas

04



ARELY SOARES



Arely Soares Reis é uma professora de língua Portuguesa e Inglesa, natural de Caxias, Maranhão. Ela se destaca como escritora, revisora e tradutora, usando o nome "Menina Poetisa" no instagram para compartilhar seus poemas. Arely é uma leitora apaixonada, gosta de romances clássicos e aprecia arte, música e poesia. Em seu tempo livre, pinta e desenha, e sua produção literária abrange contribuições para antologias, revistas, canais do YouTube e podcasts.



Imagem de Verso por Freepik

Prezados leitores, saúdo-vos cordialmente nesta 32ª edição da Revista Internacional The Bard. A finalidade da coluna "Vai um livro aí?" reside em fomentar o desenvolvimento de leitores excelentes ao mundo, razão pela qual apresentamos obras fascinantes que obtiveram reconhecimento global, algumas das quais serviram de inspiração para diversas adaptações televisivas, teatrais e cinematográficas.

Sua busca por leituras fascinantes acaba aqui! Descubra um universo de histórias imperdíveis!

Para começar a sua deleitação literária apresentamos a obra "Lady Susan e outras histórias" de Jane Austen que investiga as nuances da sociedade inglesa do século XVIII, revelando suas tradições, princípios e interações sociais. Trata-se de uma coletânea de his-

tórias inacabadas e descritivas que aborda questões instigantes acerca da sociedade daquela época, repleta de preconceitos, ambições, ciúmes, manipulações e traições.

E para culminar esta seleção convidamos à apreciação da singular obra "O Pequeno Príncipe" de Antoine de Saint-Exupéry que utiliza uma linguagem poética, carregada de simbolismos, convidando o leitor a refletir sobre os valores essenciais da existência e a crítica ao mundo adulto, muitas vezes focado em superficialidades e no esquecimento da imaginação e da pureza da infância. É um clássico atemporal que ressoa com leitores de todas as idades.

Espero que ao final desta leitura já esteja decidido a escolher um livro para iniciar a sua jornada literária! Aventuremo-nos juntos !

“Vai um livro aí? Sua chance de brilhar no Cenário Literário Internacional”

Queridos autores brasileiros,

Imaginem ver seu livro ganhando vida nas páginas da The Bard, uma revista internacional de arte e literatura. Através da nossa coluna "Vai um livro aí?", estamos abrindo um portal para que suas histórias alcancem leitores ao redor do mundo. Esta não é apenas uma oportunidade; é um convite para fazer parte de uma comunidade literária global.

Sabemos o quanto vocês se dedicam à sua arte. Cada palavra escrita, cada personagem criado, cada enredo tecido com cuidado merece ser celebrado. E é exatamente isso que queremos fazer. Uma resenha na The Bard pode ser o impulso que sua carreira precisa, abrindo portas que você talvez nunca tenha imaginado.

Mas além do reconhecimento, pensem na chance de tocar vidas além das fronteiras. Suas histórias, impregnadas com a rica cultura brasileira, têm o poder de emocionar, inspirar e conectar pessoas de diferentes cantos do planeta. Não é incrível pensar que suas palavras podem ecoar em corações do outro lado do mundo?

Participar é simples e acessível:

Conecte-se conosco: Siga a The Bard e nossa colunista nas redes sociais. Vamos construir uma relação!

Compartilhe sua obra: Envie-nos um exemplar do seu livro. Cada página será lida com carinho e atenção.

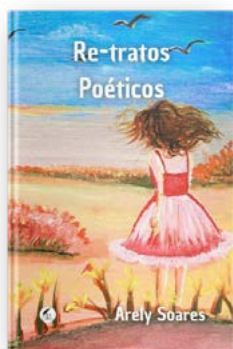
Confie no processo: Nossa colunista escolherá o momento perfeito para que sua obra brilhe em nossas páginas.

Lembrem-se: cada livro é único, assim como cada autor. Estamos ansiosos para descobrir a magia das suas palavras e compartilhá-la com o mundo. Esta é mais do que uma oportunidade de divulgação; é uma chance de fazer parte de algo maior, de um diálogo literário que transpõe oceanos.

Então, o que me dizem? Vamos juntos nessa jornada? O mundo está esperando para conhecer o talento brasileiro. Sua voz merece ser ouvida. Vai um livro aí?

Contamos com vocês para enriquecer nossa revista e o cenário literário global com a beleza da literatura brasileira.

LIVRO DA AUTORA



Clique aqui

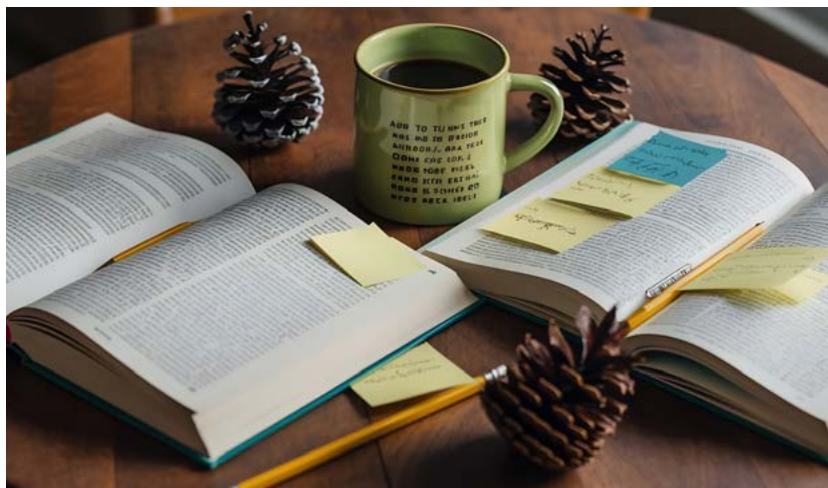


Imagem de Flowo por Freepik

INSTAGRAM



POST NO SITE



LADY SUSAN E OUTRAS HISTÓRIAS

JANE AUSTEN



CLICK AQUI

A coletânea "Lady Susan e Outras Histórias" de Jane Austen congrega tanto um romance quanto contos. "Lady Susan" configura-se como um romance epistolar, ao passo que as demais narrativas apresentam-se como contos ou fragmentos de histórias, algumas das quais inacabadas.

Nesta obra, Jane Austen apresenta a vida de Lady Susan Vernon, uma viúva protagonista caracterizada por sua natureza manipuladora e espírito sedutor, em busca de um novo matrimônio. A narrativa centraliza-se em suas estratégias e nas consequências de suas ações sobre os pretendentes que almeja conquistar.

A progressão da história ocorre por meio de uma correspondência epistolar entre diversos personagens, conferindo à leitura um dinamismo e um envolvimento singular. Uma primorosa amálgama de romances, contos e correspondências epistolares.

Jane Austen demonstra sua maestria ao conceber uma personagem dotada de intensa paixão, audácia e ironia, expondo a capacidade de persuasão que as mulheres daquela época podiam exercer. A narrativa, permeada de ironia, apresenta um elenco de personagens com distintos graus de atratividade, sendo particularmente interessante a análise do perfil psicológico de cada um.

Ao longo da leitura, o leitor poderá experimentar uma dualidade de sentimento em relação à protagonista, Lady Susan, oscilando entre a afeição e a aversão, dada a com-

plexidade de sua manipulação e encanto simultâneos. O enredo introduz uma protagonista atípica para o período e para a convenção romanesca, sugerindo que a virtude e a discrição podem, por vezes, ser preteridas.

Indubitavelmente, no transcorrer da leitura, o caro leitor sentir-se-á confrontado por essa ambivalência de sentimentos para com Lady Susan, resistindo com dificuldade à coexistência da manipulação e do fascínio. A obra, concebida com uma escrita surpreendente, evoca profundas emoções, desvelando, a cada página, conflitos sociais, intrigas e questões de status, tudo sob a luz da perspicaz pena de Jane Austen.

Os temas primordiais explorados nesta obra incluem o amor, a amizade, a importância do matrimônio e as dinâmicas de poder nas relações entre homens e mulheres. A perspectiva da autora sobre a realização pessoal e as relações interpessoais em um contexto repleto de desafios revela-se notável.

Caso o prezado leitor anseie por uma leitura concisa e cativante, convido-o a embarcar nesta obra e a explorar a fundo a personalidade ambiciosa de Lady Susan e dos demais personagens que jamais suscita o tédio.

POST NO SITE



O PEQUENO PRÍNCIPE

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY



CLICK AQUI

A insigne obra "O Pequeno Príncipe", de Antoine de Saint-Exupéry, foi concebida em um período conjuntural análogo a inúmeros trabalhos laureados pela apreciação do público leitor, a Segunda Guerra Mundial, precisamente no ano de 1943. A construção narrativa revela a figura do Aviador, que se erige como o próprio enunciador da história, em uma mútua atuação com o célebre Pequeno Príncipe.

No decurso desta leitura, o perspicaz leitor deparar-se-á com um conjunto brilhante de personagens secundárias que, gradualmente, desencadeiam a estrutura da história, a exemplo da astuta Raposa, a Rosa, o Carneiro e a Caixa, a Serpente, o Rei, o Chapéu e o Elefante dentro da Jiboia, o Bêbado, o Homem de negócios, o Acendedor de lâmpadas, o Geógrafo, o Astrônomo e o Vaidoso.

Neste livro, encontrar-se-ão traços das lembranças da infância do autor. Este que foi um aviador francês preso nos Estados Unidos devido à guerra, revela essas influências na construção da narrativa.

O volume enfatiza o nexos vincular estabelecido entre o piloto e o protagonista, onde se manifesta de modo translúcido a relação de amizade e o diálogo irrestrito acerca dos múltiplos aspectos da existência, abrangendo o sentimento amoroso, a afeição fraterna, a fidelidade inabalável e a incessante procura pela sua própria essência.

Embora esta obra seja reconhecida como um clássico da literatura infantojuvenil europeia, ela ostenta um elevado conteúdo filosófico e poético, o que estende a sua abrangente compreensão ao público de leitores adultos. A excelsa produção literária "O Pequeno Príncipe" pode ser interpretada como uma metáfora estendida concernente aos conflitos bélicos, a uma manifestação da fragilidade inerente à condição humana e à incessante busca por um propósito existencial em meio a um cenário de múltiplas destruições.

Querido leitor, este é um convite para empreender uma jornada imersiva nas páginas de um livro e ali reunir diversas pérolas da sabedoria.

Você está preparado para esta instigante busca por tesouros intelectuais?



COLUNAS E COLUNISTAS

POST NO SITE



LANÇAMENTO

JULHO & AGOSTO DE 2025

Sob os Ventos do Norte:
"A Arte nas Culturas Nórdicas"



32ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE



FACEBOOK



INSTAGRAM



YOUTUBE



TWITTER





EDITAL

SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025

Entre os Tons do Nordeste:
"Olhares artísticos do Sertão"

33^a
EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025

PERÍODO DE **28** DE MAIO À **01** DE AGOSTO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



02



Luiz Solrak Lima



Natural de Pernambuco. Escritor, poeta, professor de Língua portuguesa e Literatura. Autor do livro de poesia "Terra Alheia" ganhador de dois Prêmios Municipais em 2023. Criador de conteúdo digital por amor aos livros e produtor cultural por amar a arte como um todo essencial. Diretor e Produtor Cultural do Curta metragem "Legião Estrangeira" lançado em fevereiro de 2025. Editor Digital e Colunista da Revista Internacional The Bard. Amo ler, ensinar, encontrar amigos e está em constante mudança.

Homem com H: entre amores, repressão e um drama edipiano

"Você assistiu ao filme do Ney Matogrosso?"

Foi assim que começou uma conversa numa segunda de manhã.

Do outro lado da mesa, alguém franzia o nariz como quem cheira uma crítica social disfarçada de moralismo. "Não gostei, tinha muita cena de sexo."

Ah, claro. Não gostou, pois tinha muita cena de sexo. O que me sobrou nessa conversa foi: uma obra tão rica em conteúdo histórico, social, musical e psicológico, mas o que ficou na mente dessa pessoa foi a cenas de sexo. Isso me diz muito mais sobre essa pessoa do que sobre a obra cinematográfica.



Imagem de Google

Faço essa coluna para esclarecer que a arte é múltipla. Ela é sempre um caldeirão de possibilidades e resultados culturais. Sendo assim a obra “Homem com H” com direção e roteiro de Esmir Filho, elenco composto por: Bruno Montaleone, Hermila Guedes, Jullio Reis, Jesuíta Barbosa, não é um filme pra agradar. É pra cutucar. E, convenhamos, nada mais Ney Matogrosso do que incomodar.



Imagem: cena do filme “Homem com H” por Google

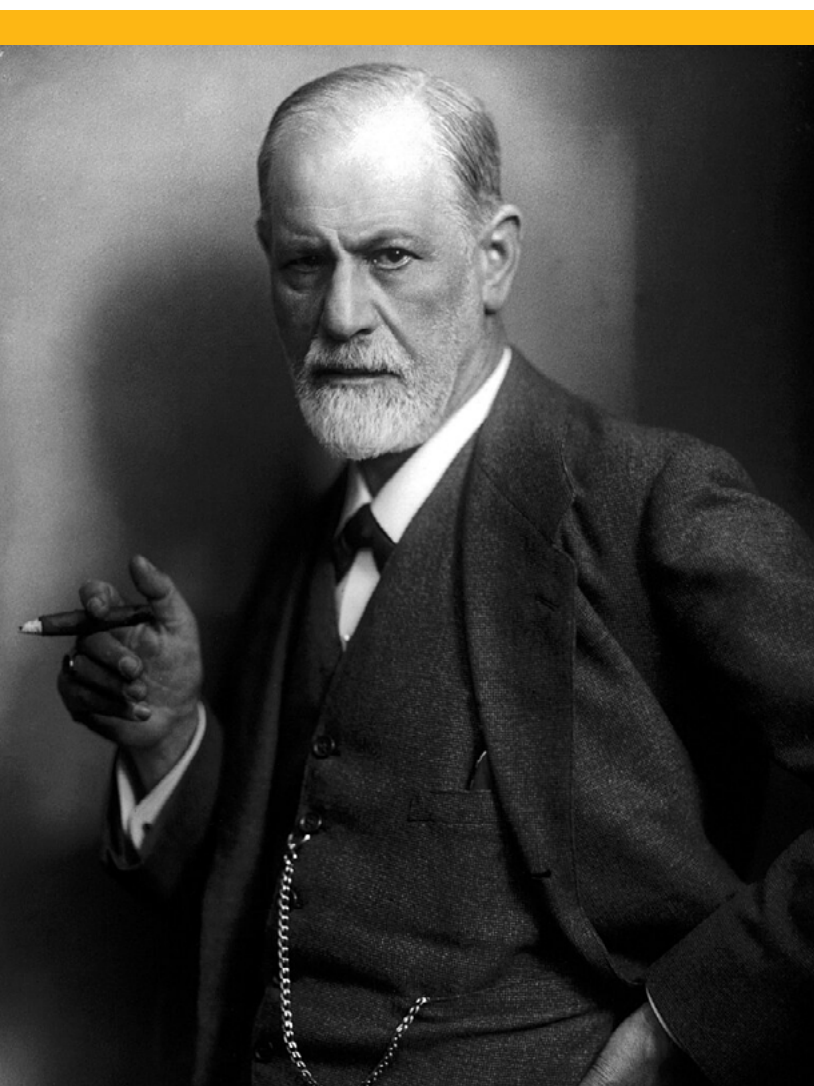


Imagem de Sigmund Freud, por Max Halberstadt, em 1922 por Google

Psicologia: o filho rebelde e a busca inconsciente pela aprovação

“Em psicologia, quando um filho realiza ações contrárias às suas próprias preferências, mas com o objetivo de agradar ou obter aprovação do pai, isso pode ser interpretado como um padrão de comportamento relacionado à dependência emocional, falta de autonomia ou necessidade de validação externa. Este comportamento pode ser um reflexo de uma educação rígida, onde o filho aprende que a aprovação do pai é essencial para o seu bem-estar emocional”.

Essa é a resposta básica que encontramos no buscador ao pesquisar essa busca de aprovação do filho para com o pai. Mas Ney, pelo menos o biografado, alcança um outro patamar que leva a análise para o complexo de Édipo desenvolvido pelo grandioso Sigmund Freud.

Assim ele vai buscando a resolução do complexo de Édipo, quando reconhece as limitações e as interdições impostas pelo pai e inicia a identificação com seu genitor, internalizando seus valores e normas. Cena que aparece quando ele conversa com a mãe nos últimos dias de seu pai, e ela diz que ele parecia muito com seu pai, pois fazia sempre o que queria, sempre sem indomável ou indobrável.

A obra mostra-nos um menino sensível ao mundo, mas não sensível de frágil, e sim no sentido de conectado com a natureza como todo ser humano é, pois como diz Ailton Krenak “Somos natureza”, ou seja, não há separação entre o ser humano e a

natureza. Dessa forma a sensibilidade dele afeta a masculinidade, ou o que o pai tem como masculinidade e isso gera um conflito gigantesco.

Vemos com isso um movimento inconsciente do protagonista que apesar de fazer tudo o que deseja e assim contradizer seu genitor, ao mesmo tempo busca esse olhar de pai que poderia lhe acolher e lhe fortalecer.

Porém ele encontra na mãe esse afeto, esse compreender. A mãe que se assemelha à mãe natureza, aceitando-o como ele foi criado. Ela não julga, apenas observa seu filho e sua existência e potência humana.

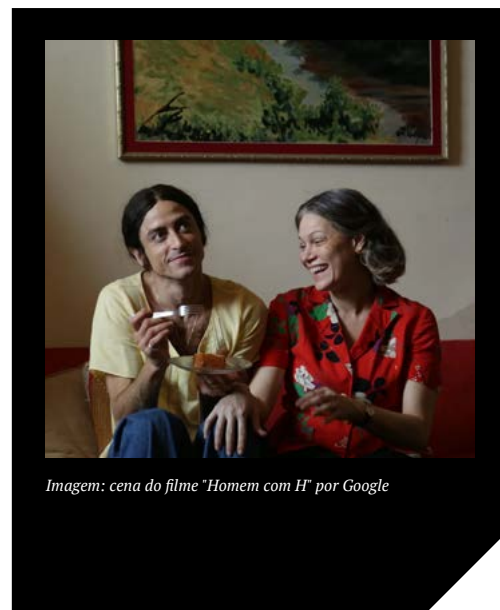


Imagem: cena do filme "Homem com H" por Google



Imagem de Gray StudioPro por Freepik



Ditadura: engolir seco e ser molhado pela censura

Durante a ditadura militar sempre será parêntese de autoritarismo com cheiro de naftalina. Ney Matogrosso se permitiu, apesar de toda a censura, ser livre e foi tudo que o regime não queria ver: andrógino, provocador e talentoso. Em tempos em que mostrar os pés era imoral para um homem, um ombro nu dava cadeia. Ney subia no palco quase nu, parecia um alienígena mostrando para os Homens de Neanderthal que a realidade era nua e crua como um corpo livre no palco. Era arte, resistência, afronta e sobrevivência.

Homem protesta durante ditadura militar no Brasil - Reprodução/Arquivo Nacional

A censura bem que tentou silenciá-lo. Mas como poderiam com essa voz tão presente. Uma voz sua entre o masculino e feminino está a voz dele. Ameaças chegaram pelo correio, como quem manda bomba dentro de carta de amor. Mas ele seguiu. Porque silenciar Ney Matogrosso é como tentar esconder o Sol com cortina blackout.



Imagem de Jirawatfoto por Freepik



Um jornal da década de 1980, exibido no filme Foto: Reprodução

O conhecimento e amor eram o remédio

Outro grande tema dentro da obra é como esse período histórico e inicial da chegada do HIV no Brasil vai perpassar a biografia do Ney Matogrosso.

A obra é muito sensível quando toca nesse assunto. O HIV se mostra em tela, mas acima dele há o companheirismo, o amor e o está junto apesar da dor certa da perda do indivíduo amado e sempre presente.

O Brasil mergulhou num poço de ignorância, preconceito e luto. Ney, de novo, não fugiu. Conviveu com o vírus,

com a dor, com a perda de amores como Cazuzu e Marco de Maria. Nunca contraiu HIV, algo que ele mesmo chama de sorte. Outros diriam: milagre.

Enquanto muita gente fazia piada, Ney falava sério. Sobre prevenção, sobre dor, sobre a importância de viver sem fingir. Ele viu de perto o estrago da desinformação e, mesmo assim, não se escondeu. Foi à TV, deu entrevistas, falou de sexo, de amor, de luto. Falou da vida — aquela coisa frágil, linda e, às vezes, trágica — que insistia em viver com intensidade.

A bandeira sou eu

Levantar bandeira não é para o Ney, como ele mesmo disse em entrevista à BBC News Brasil em Londres "Eu sou a bandeira". Não poderia ser diferente, pois ele é a liberdade em pessoa que a comunidade LGBTQIAPN+ sempre busca.

Ney é o que é, e se a ideia artística inicial era ser um bicho, assim ele reconfigura a imagem do homem, e mostra-nos que sempre estamos renegando nossos desejos mais primitivos. Talvez essa ideia animalesca seja um recusa a palavra bicha, no seu sentido pejorativo. Em vez disso, ele era um bicho, como todos nós somos. Apesar da racionalidade, o bicho nos habita.

Simples, direto e absurdamente verdadeiro. Ney não precisa carregar cartaz. Ele é o cartaz. A presença dele no palco, a voz aguda rasgando o silêncio da caretice, o corpo que dança fora do compasso da norma: tudo nele é política, sem precisar de panfletos.

No fim, quem não gostou, talvez não entendeu

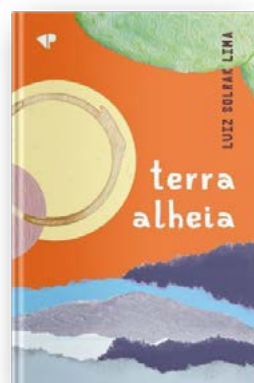
Voltando a conversa inicial ou a pessoa entendeu demais e não soube lidar ou apenas está renegando seus impulsos mais primitivos. Porque o filme escancara o desconforto. Mostra que ser quem se é, num país tão violento como é o Brasil.

Se você ainda não viu o filme, veja. Se já viu e não gostou... veja de novo. Talvez o problema não seja o filme. Talvez o problema seja o espelho.



Imagem: cena do filme "Homem com H" por Google

LIVRO DO AUTOR



[Clique aqui](#)

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE



DESNUDA

em Palavras

ERÓTICO

13



Tônia Lavínia



Tônia Lavínia é uma escritora de Sete Lagoas, Minas Gerais, que transita entre o erotismo, o suspense e a investigação. Sua escrita refinada explora os labirintos da mente e as profundezas do desejo. Autora dos livros: “Deliciosamente Libertino e da Série “Maximus”. Frequenta assiduamente o site Isadora de músicas clássicas e adora uma boa taça de vinho. Com uma mente curiosa e criativa, Tônia mergulha em mundos onde segredos e paixões se entrelaçam, tornando sua obra um convite irresistível ao prazer da palavra.

Vamos falar de....

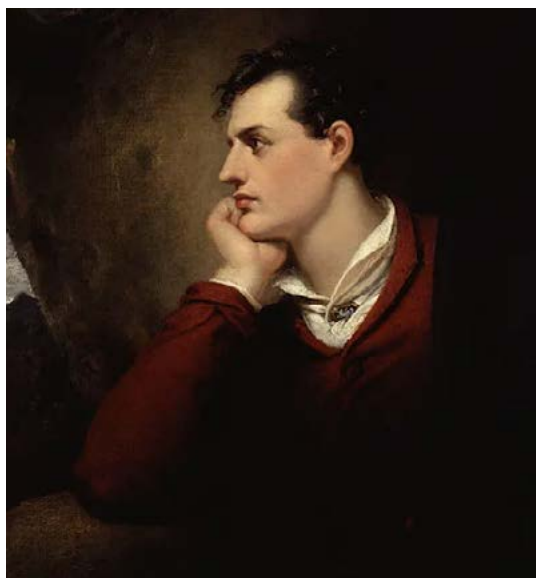


Imagem de Lord Byron por Google

"A quem se deixa tocar pelas palavras, a coluna Desnuda em Palavras abre mais uma janela para a alma. Hoje, a tinta se derrama como rio, trazendo fragmentos de emoção e a brisa suave da reflexão.

O poeta de hoje não pertence à literatura erótica, mas sua escrita seduz. Lord Byron, ícone do Romantismo, viveu com paixão e excesso, desafiando seu tempo. Libertino, envolto em escândalos, traduziu em versos a sensualidade e o desejo. Em Don Juan, sua sátira se torna um banquete de paixões, onde carne e alma dançam entre o desejo e o destino.

Deslize pelas palavras de Byron como por lençóis de veludo."

Biografia de Lorde Byron

George Gordon Byron (1788–1824), mais conhecido como Lorde Byron, foi muito mais do que um poeta: foi um furacão literário e humano, um símbolo do Romantismo em sua forma mais intensa, perigosa e irresistível. Nascido em berço aristocrático e dotado de uma beleza incomum, viveu como escrevia — à beira do abismo, entre o êxtase e a ruína.

Suas palavras eram lâminas envoltas em veludo: versos carregados de melancolia, desejo, revolta e uma ironia feroz contra os dogmas da época. Byron não apenas chocou a sociedade vitoriana com seus poemas, mas também com sua vida: amou mulheres e homens, desafiou convenções, mergulhou em escândalos e tabus, e escolheu o exílio como forma de liberdade.

Viajou pela Europa como um nômade encan-

tado pelo próprio destino, seduzindo almas e acumulando paixões e histórias. Lutou pela independência da Grécia, onde encontrou sua morte precoce, aos 36 anos — mas também sua eternidade. Morreu como viveu: ardendo.

Belo, intenso e rebelde, viveu como escrevia: com paixão, escândalo e uma sede insaciável por liberdade — e prazer.

Hoje, Lorde Byron permanece como uma figura mítica — poeta maldito, libertino confesso, amante da liberdade e das sombras. Um homem cuja obra e vida continuam a fascinar, incendiar e ecoar nos cantos mais secretos da literatura e do desejo. Com versos carregados de melancolia, desejo e desafio, Byron conquistava tanto com a caneta quanto com o olhar. Seu estilo era envolvente, quase hipnótico.



Lord Byron

Imagem de Wikisource.org



Imagem de Lord Byron na costa do mar helênico, por Giacomo Trecourt (1812-1882), óleo sobre tela

Byron e Seus Escândalos entre a poesia e o pecado. O lorde não foi apenas um poeta — foi uma tempestade. Escandalizou a Inglaterra vitoriana não só com seus versos ardentes, mas com uma vida fora de qualquer padrão.

Amou homens e mulheres, seduziu corações e rompeu barreiras. Mas o mais polêmico dos casos foi com sua meia-irmã, Augusta Leigh, com quem teria

vivido uma relação tão íntima quanto incômoda para a moral da época.

A suspeita de um filho nascido dessa ligação, envolta em silêncio e especulação, contribuiu para sua fuga da Inglaterra em 1816.

Longe do solo britânico, Byron continuaria a viver e amar com intensidade — deixando rastros de paixão, escândalo e versos eternos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 04/07/2025"

Dos Lábios de Byron, Caíam Versos como Beijos Ardentes

Havia em seus poemas o sopro do interdito, a sombra do pecado e a luz poética da perdição. Lorde Byron, com sua pena impetuosa, escrevia como quem seduzia — devagar, com palavras que afagavam e mordiam, que ardiam nos olhos e tocavam fundo no ventre.

Seus versos são como corpos desnudados na penumbra: revelam e escondem, sussurram e gritam. Não há pudor em sua escrita — há febre. Uma febre romântica, obscura, de quem conheceu o amor nos seus extremos e

não se contentava com o morno. Seus sonetos, suas elegias, seus longos cantos — todos vestem a carne do desejo com o manto da poesia clássica.

"She Walks in Beauty", por exemplo, não é apenas um elogio à beleza. É uma lenta devoção a cada detalhe, um desabrochar de fascínio que começa nos cabelos e termina na alma, ainda que sutilmente. Há nas entrelinhas algo que toca a volúpia do olhar, como se o poeta despiesse o objeto de sua adoração com um sopro.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 04/07/2025"

E em "Don Juan", sua obra mais ousada, Byron faz do herói um espelho de si mesmo: amante insaciável, impetuoso, devoto da arte de amar — e do caos que o amor carrega. A narrativa é afiada, atrevida, deliciosamente escandalosa para seu tempo, mas ainda hoje nos rouba o fôlego pela elegância com que envolve o erotismo em véus de ironia e

beleza.

Sim, Byron não escrevia apenas com tinta — escrevia com sangue, suor e gozo. Seus poemas são relicários do prazer, da dor, da entrega. São bilhetes secretos para quem ainda acredita que o desejo pode ser arte — e que a arte, quando sincera, é sempre um pouco indecente.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 04/07/2025"

As Chamas que Queimaram o Desejo: O Último Segredo de Byron

Quando a morte o reclamou na distante terra grega, não foi apenas o corpo de Lorde Byron que retornou à Inglaterra. Trouxeram também consigo um manuscrito — espesso, febril, escrito por mãos que já sabiam da proximidade do fim. Era sua autobiografia. Um relicário de memórias, escândalos, amores e confissões. Não havia véus, nem filtros. Apenas verdade crua, erótica, imortal.

Mas Byron confiara sua alma escrita a homens que, embora amigos, temiam o poder das palavras que ardiam naquelas páginas. Em um escritório londrino, à luz do dia e sob olhares cúmplices, lançaram ao fogo o que talvez fosse sua obra mais íntima e reveladora. Assim se consumiu o último segredo do poeta. O papel virou cinza. A voz, silêncio. O corpo de Byron

repousou na terra — mas seus desejos, suas verdades mais nuas, foram soprados como fumaça ao vento.

E nós, leitores tardios, só podemos imaginar: que pecados estavam ali contados com a beleza impiedosa de seus versos? Que toques, que gemidos, que nomes jamais ousaram ser lidos?

Relíquias de um Amor Imortal: As Cartas Secretas de Lord Byron

Ao mergulhar na vida de Byron, buscava apenas inspiração. Mas encontrei muito mais. Foi no site The Atlantic que tropecei em um tesouro escondido: as cartas não publicadas de Lord Byron à condessa Teresa Guiccioli, seu último e mais profundo amor. Elas estavam guardadas por quase um século — como se o mundo não estivesse pronto para tamanha entrega.

Relíquias — fios de cabelo, rosas secas, lenços manchados pelo tempo — acompanharam essas palavras que ardem mais que o próprio inferno de Dante. Não eram só cartas; eram gemidos de tinta, confissões cruas, ternura e domínio. Byron, o homem que muitos conheceram pelo escândalo, revela-se ali absurdamente humano.

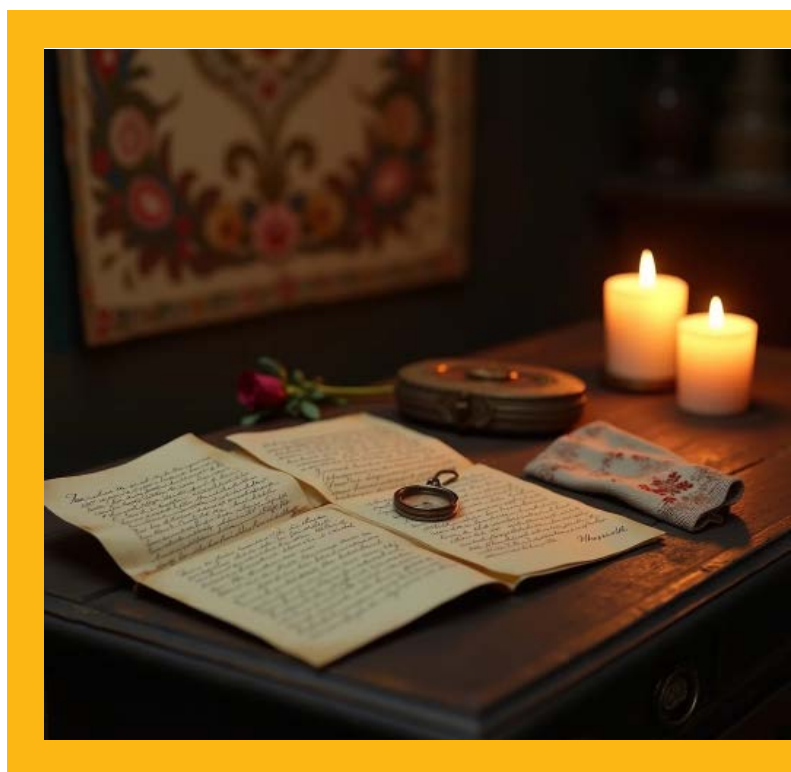


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 04/07/2025"

Teresa guardou tudo. O medalhão com o cabelo dela, que ele usava ao morrer. A tapeçaria da sala onde se encontravam. Cartas que ela hesitou em publicar por vergonha..., mas que, no leito de morte, pediu que viessem à luz. Disse:

“Quanto mais Byron for conhecido, mais ele será amado.”

E ela estava certa. Porque, ao abrir aquelas cartas, não lemos apenas um homem — ouvimos sua voz, sentimos seu perfume, tocamos sua ausência.

Byron ainda escreve.

E ainda queima.



Imagem de Lord Byron por Google

"A Carne e o Verso" Carta de Lorde Byron

“Tremo quando te escrevo”.

Meu amor adorado, a tua querida cartinha, ao chegar-me hoje às mãos, veio dar-me o primeiro momento de alegria desde que partiste. O que eu sinto corresponde exatamente – ai de mim – aos sentimentos que expressas, mas é-me muito difícil responder, na tua bela língua, a essas doces expressões, que merecem uma resposta mais em atos do que em palavras. Espero, no entanto, que o teu coração seja capaz de sugerir tudo o que o meu gostaria de te dizer. Talvez que, se te amasse menos, não me custasse tanto exprimir o meu pensamento, pois tenho de vencer a dupla dificuldade de expor um sofrimento insuportável numa língua estranha. Desculpa os meus erros.

Quanto mais bárbaro for o meu estilo, mais se assemelhará ao meu destino longe de ti. Tu, o meu único e derradeiro amor — tu, minha única esperança — tu, que já me habituara a considerar só minha — partiste, e eu fiquei sozinho e desesperado. Eis a nossa história em poucas palavras. É esta uma provação que suportaremos como outras suportámos,

porque o amor nunca é feliz, mas devemos, tu e eu, sofrer mais ainda, pois tanto a tua situação como a minha é igualmente extraordinária. Quando o Amor não é o senhor de um coração, quando não se cede tudo perante ele, quando não se lhe sacrifica tudo, então trata-se de amizade — de estima — de tudo o que tu quiseses, mas de Amor é que não.

Antes de te conhecer, estava sempre interessado em muitas mulheres, nunca numa só. Agora, que te amo, não existe nenhuma outra mulher no mundo. Falas de lágrimas e da nossa desdita; o meu sofrimento é interior, não choro. Meu tesouro adorado — tremo enquanto te escrevo, como treme o mesmo doce bater de coração. Tenho milhares de coisas para te dizer e não sei como dizê-las — um milhão de beijos para te dar e, ai de mim, quantos suspiros! Ama-me — não como eu te amo, pois te sentirias muito infeliz; não me ames como eu mereço, pois não seria o bastante — ama-me como te ordena o coração. Não duvides de mim. Sou e serei sempre o teu mais terno amante.

IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 04/07/2025”

O trecho “Tremo quando te escrevo” é uma frase famosa retirada de uma carta escrita por Lord Byron a Teresa de Guiccioli, sua amada e esposa. Essa expressão captura a intensidade e a paixão que o poeta sentia ao se comunicar com ela, transmitindo o impacto emocional que ela exercia sobre ele.



Versos que Queimam - Fragmentos de Don Juan

IV

Trocando juramentos, entre beijos,
Deixam os dois o tálamo das flores,
— Onde mataram férvidos desejos
De criminosos, infernais amores!...

Abandonam o leito do adultério
Com aquele remorso concentrado
De quem esconde um crime no mistério,
Sem ver que a consciência anda a seu lado.

Ela, inquieta, nervosa, — e sempre linda —
Aperta-o contra os seios palpitantes;
E fugindo, a correr, — volve-lhe ainda
Os grandes olhos húmidos, brilhantes!

Ele, na embriaguez voluptuosa
Dos perfumes subtis da flor do crime,
Vendo-a fugir-lhe, tímida e medrosa,
Sente aquilo que o homem nunca exprime!...

Trocando olhares e atirando beijos,
Mil promessas e juras renovavam;
Loucos! ardendo em febre de desejos,
Era a última vez que se abraçavam!

— “Adeus!” — “Adeus!” — Indiferente e calma

A lua os viu, no trágico momento
Em que sentiram enroscada n’alma
A serpe de um fatal pressentimento!...

Como a sombra seguindo silenciosa
Atrás do corpo, e o cão junto do dono,
A consciência (mandando, imperiosa,
Que o remorso do crime agite o sono),

Não o deixa. É a luz que bruxoleia
No silêncio das câmaras mortuárias;
É a fera, que à luz da lua cheia
Penetra nas cavernas solitárias.

Lorde Byron



Imagem de Ipinimg

Nota da colunista Tônia Lavínia

“Ainda o desejam...”

Lorde Byron jamais morreu — não para aqueles que o leem. De tempos em tempos, um novo leitor cai em suas palavras como quem tropeça num abismo encantado. São jovens de vinte ou sessenta anos, mulheres que se debruçam

sobre suas cartas como se recebessem bilhetes secretos, homens que o invejam, o imitam, o decifram. Nas estantes mais silenciosas da Europa e nos cafés boêmios da América Latina, há sempre alguém citando seus versos como quem beija uma lembrança que nunca viveu.

Seus poemas andam nos bolsos de apaixonados incuráveis. Suas cartas circulam como relíquias. Seus olhos — sempre descritos como sombrios e brilhantes — continuam acesos nos delírios dos que ainda acreditam que amar é rasgar-se inteiro. Byron virou tatuagem, inspiração de cinema, nome de personagem, suspiro em noites de vinho. Ele é o amante ideal e o veneno favorito dos corações literários.

A última chama de Byron não foi em um palácio, nem nos braços de uma amante que Byron deu seu último suspiro. Foi entre as névoas

da Grécia, em Missolonghi, onde o poeta trocou a pena pela espada — ou ao menos, pela causa. Morreu jovem, ardendo em febre, como se o próprio corpo não aguentasse carregar tanta intensidade. Dizem que o céu escureceu naquele dia. Talvez por vergonha de perder um homem que amava a liberdade com o mesmo fogo com que amava uma mulher.

Existem alguns filmes que contam a história do poeta Lord Byron, explorando sua vida intensa, seus amores e sua influência literária.



Imagem de Img.goodfon

POST NO SITE



Identidade Libertina

Teu, só Teu

Deito-me sobre o corpo dela como quem encontra um refúgio que não sabia precisar. A pele é macia, quente, cheira a noite prometida. Beijo seu pescoço devagar, como se cada toque fosse uma prece sussurrada. Ela arqueia levemente, respira mais fundo. Seus lábios têm gosto de vinho e espera.

Os gemidos dela... ah, os gemidos dela. Não são sons — são palavras escritas em minha memória, traços úmidos que se gravam em mim com tinta viva.

Nosso ritmo se constrói

entre silêncios e suspiros, entre olhares fechados e mãos que já não sabem o que é hesitar. Os quadris se encontram, se buscam, se perdem. O prazer vai crescendo em espirais, e de repente, tudo se resume a um grito — o dela. Brutal, nu, como a própria essência da entrega.

E então, entre o tremor e a rendição, ela geme em meu ouvido, com a voz embargada de gozo e ternura:

"Tua... só tua... mais... mais... não para... nunca mais..."

Autora: Tônia Lavínia



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 04/07/2025"



Imagem de Sun9-43.userapi

"Seu Olhar"

Sou fã de belos olhos. Não apenas pela cor ou pelo brilho, mas pelo que escondem. E os dela... eram grandes e escuros, como noites em suspenso, abafando metade do fogo que ardiam, até que ela falasse.

E então, por trás do disfarce macio da voz, surgia algo que não era exatamente ira, mas orgulho, talvez. Um orgulho que sabia o próprio poder.

E junto dele, havia amor.

Não um amor terno ou doce, mas um amor denso, exigente, que queimava sem pedir permissão. Havia algo ali que não era desejo, mas se parecia tanto com ele que confundia.

Poderia ter sido, não fosse a alma.

Essa alma inquieta, indomável, que lutava para conter o corpo.

Tônia Lavínia



Senhorita "S"

Pergunta de Alexandra Castro (Belo Horizonte):

"Senhorita S, dizem que o pompoarismo pode transformar uma mulher na verdadeira dona do jogo entre quatro paredes... Isso é mito ou a arte de apertar e soltar tem mesmo o poder de deixar qualquer um de joelhos?"

Resposta da Senhorita S:

"Ah, Alexandra... quem domina o ritmo do próprio corpo não joga o jogo — ela dita as regras. O pompoarismo é como um sussurro entre músculos que sabem exatamente quando acolher e quando provocar. E sim, minha cara... deixa de joelhos, de costas, de frente — como eu quiser.

"Minha adorável Alexandra, obrigada por adentrar meus pensamentos e brincar entre minhas palavras... Sua presença deixou marcas doces por aqui. E aos que espiam em silêncio, deixo o convite: minha caixinha de perguntas está aberta, à espera de curiosidades sussurradas, desejos velados e confissões indecentes.

Toquem. Perguntem. Atrevam-se.

Com afeto e malícia,

Senhorita S."



Vídeos no youtube:

"Byron em Voz Baixa: Quando o Verso Vira Sussurro"



ASSISTIR AO VÍDEO

"Nus a Sós" por Jaque Alencar

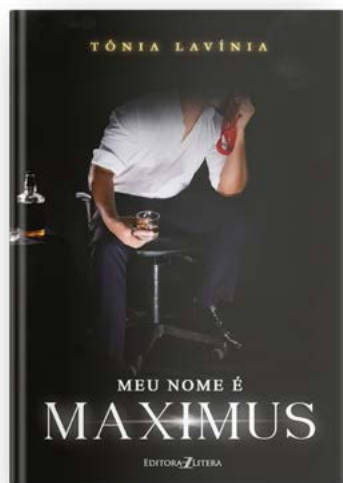


ASSISTIR AO VÍDEO



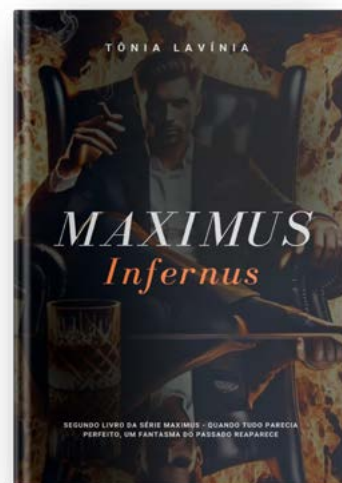
IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 04/07/2025"

LIVRO DA AUTORA



Clique aqui

LIVRO DA AUTORA



Clique aqui

COLONISTA TÔNIA LAVÍNIA

YOUTUBE

KWAI

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



À PO

Poésie



PAÍSES PAR

Poetry



Poesía



Poëzie



Poesia



Poesia



Poesía



Poësie



Поэзия



Poesia



Şiir



Poesía



Poesia



Poesía



Poesía



Poetry



Poesie



Poesía



POESIA

PARTICIPANTES

Poesía



Mga tula



Poesía



Poesia



Поэзия



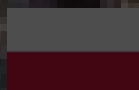
Poesía



Poetry



Poezja



Poesía



Poesía



Poesía



Poesi



Poetry



Poesia



رعرشلا



Poesía



Poesía



Poesía



Ποίηση



Edna Lessa



Natural de Fortaleza, Ceará, professora da Rede Estadual de Ensino, professora da rede estadual, escritora e poeta. Graduada em História e Geografia, é especialista em Gestão da Educação Pública e ocupa atualmente a vice-presidência da Academia Tauaense de Letras (ATL). Atualmente, exerce a função de Assessora Técnica na Coordenadoria de Gestão Pedagógica do Ensino Médio (COGEM), na Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc). Autora do livro *Para Além de Mim – A Essência do Olhar*, também é coautora de dez antologias poéticas, com destaque para *Antologia Escritoras Nordestinas* (Editora Casa de Bonecas) e *Mulherio das Letras Portugal – Poesia* (Editora In-Finita, 2021), obras que enaltecem a produção literária feminina no Brasil e no exterior. Colunista da Revista Internacional The Bard, compartilha sua escrita sensível e profunda por meio de seu perfil literário — um espaço dedicado a cultivar poesia, provocar reflexões e ressignificar sentimentos através da palavra.

Sejam muito bem-vindos à 32ª edição da Coluna Poetas e Poetisas, um espaço onde a poesia encontra voz, alma e sentido.

Nesta edição da Revista Internacional The Bard, celebramos não apenas a beleza dos versos, mas a intensidade da entrega de cada poeta aqui presente. São obras que ultrapassam a linguagem e tocam diretamente o íntimo — espelhos da alma, moldados com palavras e sentimentos. Cada poema é mais do que um texto: é um gesto de coragem, uma ponte entre sentimentos e leitores. A poesia tem esse poder raro de criar laços invisíveis, despertando empatia, entrega, reflexão e encantamento. É nesse encontro delicado entre quem escreve e quem lê que a arte se cumpre plenamente. A Coluna Poetas e Poetisas é mais que um espaço literário — é um refúgio vivo para os apaixonados pela palavra. Um lugar onde a escrita pulsa, emociona e transforma. Onde o verso é abrigo, é voz, é sopro de vida.

Que esta leitura seja, para você, mais do que uma experiência: seja um momento de conexão, inspiração e beleza. Que a poesia continue a nos guiar — hoje e sempre.

Abraços poéticos!

Edna Lessa

ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)



Edna Lessa

EXISTÊNCIA

Na vastidão do sentir, existo.
Neste lugar onde a pele é mapa de prazer.
Um arrepio, frio da saudade.
Um calor, fogo que arde de amor.

Na vastidão do sentir, transbordo.
Em lágrimas que contém um oceano
Nada se vê, além do horizonte
Perdido no tempo sem bússola.

Na vastidão do sentir, danço.
Com a música que embala o coração.
Numa canção que nunca termina
E liberta meu corpo em cada movimento

Na vastidão do sentir, escrevo
Como se palavras fossem orações
Na escrita de Minh' alma vibrante
Que traduz emoções em poesia.

Na vastidão do sentir,
Explode o milagre da vida.



Cidade: Fortaleza
Estado: Ceará
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



Poetas & Poetisas

Benjamim Apolonio

O NOVO CAOS

Na minha vez de falar
Me cortaram...
Na minha hora de opinar
Treinei tanto, venci barreiras
Depois de aprender
Esqueceram...
Na minha vez de pular da ponte,
Balançava de tão alta
Me filmaram...
Por alguns segundos de fama
Choraram...
Depois veio um novo aplicativo
A eles alegraram...
Uma dancinha com intenções
Viralizou, inclusive, milhões
Hoje eu sou um retrato no drive
Que, infelizmente,
A memória tava cheia...
Só resta uma coisa a fazer:
Infelizmente, não sobrou tempo
Já apagaram



Cidade: Santa Rita
Estado: Paraíba
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE





Maria Auxiliadora

A BUSCA

Busco desesperadamente,
Procuo incessantemente
Relutante, ansiosa, com pressa,
Busco. Entrevistando, analisando
Pesquisando.

Chorando, deprimida, enraivecida
Acordada, dormindo,
É uma busca sem fim!
Busco meu eu, nas sombras do tempo,
nos livros, nos outros.

Meu eu, como sou?
O que eu quero?
Procuo, frenética.
Na lucidez, na luz, nas trevas.

No passado, no presente. E o futuro?
Tenho dúvidas, não acho respostas.
Será que meu eu fugiu de mim?
Será que minha busca vai ter fim?

E começo de novo...
Ou será o fim?
Um novo começo?
Eu sou uma mutante em toda a vida.



Cidade: Divinópolis
Estado: Minas Gerais
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



APOIADOR(A) THE BARD



Olavo Evangelista

O VENENO DO MALEDICENTE

Disse o sábio:

“O que sai da boca é o que envenena o homem”;
Palavras não apenas voam, cortam, sufocam;
Como cianureto, asfixiam até mesmo os profetas.

Indigestas.

projetam-se para longe de sua origem.

Expressão de perfídia;
Veneno da serpente original;
Toxicidade insolúvel;
Alcances imprevisíveis.

Invisíveis.

Circulam como vírus, sem que se anuncie o perigo;
Transmutam-se, conforme se propagam;
Adaptam-se para sobreviver,
a qualquer custo.

Sedutoras.

Sob a máscara da seriedade.
Suas vítimas pouco podem fazer;
Não há vacina, nem prevenção;
A defesa é sempre tardia.

Se o maledicente projeta, pela língua, o seu coração;
Que se chamem de destilarias os peitos malignos;
Rastejantes aqueles que os carregam;
Sejam silenciados pela solidão;
Ouvidos com indiferença!

Para cura, fechem-se os ouvidos,
Cortem-se nossas próprias línguas,
Quando emergirem bifurcadas;
Rompam-se as correntes de difusão;

Sejamos todos os escudos daqueles que, sem saber,
encontram-se sob ataque.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Cidade: São Paulo
Estado: São Paulo
País: Brasil



Rute Ella Dominici

AURORA NÓRDICA DO AMOR

em mares nórdicos
navega homem e busca
encontrar próprio destino
fada-lhe o espírito
dói-lhe vida tão tosca
tenta achar seu solstício
nas peladas águas frias
barco branco em liso ventre desliza
fecha os olhos, mentaliza
curvas de um corpo entre
glória e euforia

escorrega o mastro
em fogo na virilha
deixa n'água rastro
no oceano avista o pórtico
entre fiordes cristalinos
geleiras diamantes poéticos
coroa transparente do destino
enxerga altos bicos nus que brilham
a vela move, a veia sorve, suor escorre
na testa gelam pingos de lua

os bicos seios são só miragem
o alcance do eros-desejo bobagem
da lua de verão cheia e nua
se frustra a alma apaixonada

o tudo ou nada segue viagem
atravessa polos de madrugada
pórtico penetra como em virgem
sumo milagre da alta atmosfera
se funde às partículas solares
no vento que as trouxe em plenos mares

voltarei com a êxtase que me dera
o brilho que observo em céu noturno
no âmbito do norte magnético
desfaz quem desmedrava taciturno
no pórtico nasce ser sinérgico
espírito uno completo
homem mulher unidos são
fenômeno perfeito da existência
partículas imantadas
fluorescência
reflexivas no real
milagre da óptica glacial
magnífica aurora
aurora boreal...
finalmente nós dois
norte e final



Cidade: São Paulo
Estado: São Paulo
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



APOIADOR(A) THE BARD



Poetas & Poetisas



Maria Lúcia

SOB OS VENTOS DO NORTE

Os ventos descem
das montanhas geladas
trazendo os murmúrios
dos deuses antigos.
Em cada pedra, um presságio.
No tilintar das correntes,
a memória dos guerreiros.

O silêncio não é ausência —
é reverência.
A arte nasce do frio:
cinzelada em madeira,
entalhada em pele,
gravada em runas sobre a alma.

Às vezes, as vozes gritam.
O mar, cinzento e profundo,
abraça os barcos
como quem acolhe destinos.
Uma canção sem melodia
dança no fogo,
guiada pelas mãos
das fiandeiras do tempo.

Não há medo na escuridão,
apenas histórias
à espera de um nome.
Sob os ventos do norte,
a arte é sopro de eternidade.



Cidade: Rio de Janeiro
Estado: Rio de Janeiro
País: Brasil

INSTAGRAM



POST NO SITE



Poetas & Poetisas



J.B Wolf

VAZIO

Cá, eu estou incrédula de mim,
Se pudesse recordar...
Ah! Se pudesse reviver...

Mas rompe em meu peito
um soluço solitário.

Estiga-me* a permanecer
em meus lamentos,
Eis minha sombra
enamora o luar.

E a mim só resta,
monologar minh'alma
como um jardim de
pétalas de um vaso vazio.



Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil

WOLFBIO

POST NO SITE



04



FABIANA FRANCISCO



Fabiana Francisco, 49 anos, professora, paulistana, graduada em Direito, Pedagogia, Artes Visuais e História. Pós-Graduada em "Arte, História e Educação nos Museus de SP, a Cultura em Movimento" e "Cultura Afro-Brasileira". Já foi blogueira ("De repente 40... e agora?!"), scraper, artesã, mochileira e uma das fundadoras da plataforma multicanal "Geração Literária". Autora de "Memórias de uma borboleta ferida", "Para sempre borboleta" e "Crônicas e afins..."

CHAMADA PARA NOVOS AUTORES:

Você tem uma história que cabe num suspiro? Um universo inteiro em poucas linhas? A revista The Bard quer ouvir a sua voz! Estamos em busca de novos autores para nossa coluna de minicontos com até 300 caracteres — pequenas histórias com grande impacto.

O miniconto é a arte de dizer muito com quase nada. Um gênero que desafia a brevidade sem abrir mão da emoção, da surpresa, da densidade. Cada palavra conta. Cada silêncio fala. Não se trata de resumir, mas de revelar o essencial — às vezes, em um único gesto narrativo.

Você não precisa explicar tudo. Apenas provocar. Um miniconto pode sugerir, insinuar, deixar no ar. Pode ter humor, tensão, tragédia ou pura poesia. Pode ser uma lâmina ou um abraço. Um relâmpago literário.

Se você é apaixonado por palavras e sente prazer em moldá-las com precisão cirúrgica, essa coluna é para você. Envie seu miniconto e faça parte dessa vitrine criativa onde o menos é muito, e a história é sua.

Participe da coluna "Nem te conto". Surpreenda. Encante. Espante. Em até 300 caracteres.



Imagem de Whispers por Freepik

Exemplos em diferentes estilos:

Estilo: Terror

Treze degraus

Subiu a escada ouvindo os próprios passos. Só que ela estava descalça. E os passos... vinham de cima.

Estilo: Crítica social

Currículo

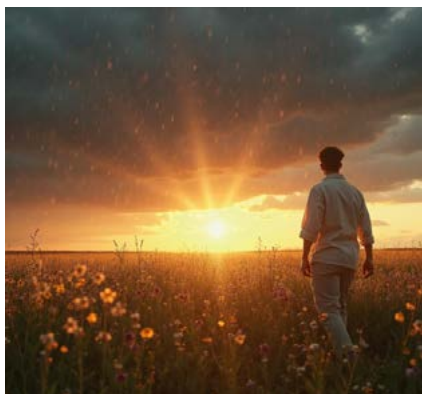
Tem pós, três idiomas, dois prêmios. Na entrevista, perguntam se tem filhos. Quando diz que sim, agradecem e chamam "a próxima".



Estilo: Humor ácido

Vazio gourmet

Abriu a geladeira fitness: luz, gelo, e um pote com três grãos de quinoa. Pensou em meditar, mas pediu pizza.



Estilo: Poesia lírica

Vento Norte

Ele vinha com o vento e cheiro de chuva. Nunca prometeu ficar, mas cada vez que ia embora, ela florava de novo.



Estilo: Ficção científica

Breu

Desligaram o sol pra poupar energia. Agora vivem sob luz artificial, sem sombras. E com muito mais medo do escuro.

IMAGENS GERADAS POR IA "usando SEART AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 07/07/2025"

Tema: Amor & distância

Última chamada

No alto-falante do aeroporto, chamavam o nome dele. No celular, ela digitava: "Fica." Ele apagou a mensagem que nunca leu e embarcou com o coração contrabandeado.

Tema: Mistério

A vizinha do 302

Nunca a vimos sair. Às vezes, luz acesa. Um piano tocando de madrugada. Um dia, o síndico entrou. O apartamento estava vazio havia anos.

Tema: Família

Herança

Meu pai deixou um relógio quebrado. "Parado na hora em que tudo mudou", ele dizia. Nunca soube o que significava — até agora.

Tema: Humor

Promoção relâmpago

"Leve dois, pague um." Ele levou duas esposas. Pagou com a paz, o sossego e metade do salário.

Estilo: Terror

A Casa Que Sussurra

A casa sussurrava segredos antigos, e cada degrau rangia como um aviso – ninguém saía dali igual.

Estilo: Poesia

Fio de Vento

Nas veias da noite escorre o silêncio, e o céu borda sonhos com fio de vento.

Estilo: Crítica Social

Monstros de Gravata

Em um país onde o luxo cresce ao lado da fome, o verdadeiro monstro veste terno e sorri na TV.

Estilo: LGBTQIA+

Meu Nome, Minha Cor

No espelho, enfim, vi quem sou – e não quem esperavam que eu fosse. A liberdade tem cor, forma e nome: o meu.

Tema: Fantasia

Raízes

A menina nasceu com folhas nos cabelos. Cresceu sem medo da chuva. Aos 15, sumiu na floresta. Dizem que, às vezes, a árvore sorri.



IMAGENS GERADAS POR IA "usando SEAART AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 04/07/2025"



Estilo: Histórico

Independência de Ninguém

Em 1822, Dom Pedro ergueu a espada, mas quem sangrou foram os escravizados que jamais conheceram independência.

Estilo: Infantil

Tico e as Estrelas

O coelhinho Tico adorava contar estrelas – mas só até dez, porque depois disso ele sempre caía no sono!

Estilo: Suspense

Sem Remetente

Ela abriu o envelope sem remetente. Dentro, uma foto sua dormindo – tirada na noite passada.

LIVRO DA AUTORA



Clique aqui

COLUNISTA FABIANA FRANCISCO

INSTAGRAM

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





JackMichel

Escritora 2 em 1

Belém - PA



JackMichel é o primeiro grupo da literatura mundial formado por duas escritoras: Jaqueline Ramos e Micheline Ramos. O grupo é de Belém/PA (Brasil) e seu slogan A Escritora 2 Em 1. O grupo têm 35 livros publicados e participou de projetos culturais

e book fairs na Europa e no Brasil.

Além da escrita JackMichel também se dedica às artes plásticas e à música.

O grupo é catalogado na Nossa Galeria de Arte e faz parte da comunidade artística ARTTERE e do Club Art. JackMichel, grupo artístico do Catálogo Online da Nossa Galeria de Arte, teve seu talento selecionado para ilustrar as capas da Edição Julho/2022 da Revista Em Condomínios, a maior revista gratuita da cidade de São Paulo. Seu acervo conta com cerca de 550 pinturas com giz de cera sobre papel. Possui obras na Galeria Design.art e Art100 Gallery.

Senhor De Si

Representação de um homem lúcido, perfeitamente consciente, que toma as decisões e responde pelas consequências de tudo que ocorre em sua vida.





A Socialite

Figura de uma mulher rica, aristocrática, de destaque nas camadas mais altas da sociedade e frequentemente citada nas colunas sociais.

Um Cossaco Russo

Imagem de um homem rude e feroz pertencente aos cossacos, povo guerreiro e seminômade que habitava o sul da Rússia e a Ucrânia no século XIX.



SITE

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





MINI Contos

Acorrentadas

Por J.B Wolf

Na penumbra da noite e silhueta das velas,
aprisionaram em suas próprias correntes.

WOLFBIO



POST NO SITE





Título do seu Miniconto

Seu Nome aqui

Seu miniconto aqui

SAIBA COMO PARTICIPAR
ACESSE O EDITAL, ESCOLHA A CATEGORIA
E O E-MAIL "EDITAL CATEGORIAS" ENVIE O
SEU MINICONTO



SUA REDE SOCIAL



COLUNAS E COLUNISTAS





Contos

"Raidho na Névoa"

Por Igor Ananias

*P*or Aldebald, filho de Hjalmar, pescador do sul de Bungundarholm

Eu não sabia escrever.

Aprendi com Gungordore, filho de um sipe, sangue das casas velhas, neto de Skjoldr e sobrinho do ambicioso Chundgar.

Ensinou-me o som das runas ao pé do penhasco, onde as gaivotas berravam contra o vento e a maré quebrava em lamento.

Ele me chamava de "segredo de Freyr" quando as mãos dele seguravam as minhas e me guiavam nas confissões rochosas.

Primeiro escrevi o nome dele. Depois, o meu.

Depois, nós dois.

Gungordore era belo como o sol que se recusa a se pôr mesmo quando o inverno sopra.

Os cabelos longos, os olhos como gelo fino sobre lagoa escura.

Era verão quando nossos corpos se tocaram pela primeira vez, entre os salgueiros que se curvam à nascente de Fenrirsgap.

Eu temi os deuses naquele dia.

Ele tirou o torque, deixou-o cair no chão, riu e disse que os deuses não têm olhos nos bosques.

Mas tinham.

E os caçadores também.

Veio o tempo da primeira neve, perto do décimo dia de Skerpla — nome que os antigos davam a dezembro, quando a ilha começa a se render ao frio.

A grama já estalava sob os pés, e a aurora só aparecia cansada, como uma promessa adiada.

Nessa manhã, Gungordore chegou com uma pedra marcada.

"Raidho", ele disse, "é o que somos.

Jornada.

Movimento.

Partida.

Destino."

Entregou-me o amuleto.

Era escuro e liso, e a runa estava esculpida com a dedicação de quem não queria esquecer.

Mas o mundo tem olhos, e o sangue dos sipe não perdoa o que é visto como fraqueza.

"Raidho na Névoa"

Por Igor Ananias

Fomos encontrados por trás da casa de barcos.
Fomos vistos — eu ajoelhado, ele de pé.
"Ergi!", gritaram.
Não houve combate.
Não tive chance de me defender.

Chundgdar convocou o conselho da tribo.
Disse que seu sobrinho havia sido corrompido por um pescador sujo, nascido de redes e sal.
Gungordore gritou que eu era mais digno que os que mentiam para manter o machado em punho.
Mas eu fui o único julgado.
Não tinha idade nem braço para empunhar espada contra Chundgdar.
E assim fui exilado.

No décimo terceiro dia da nevasca, lançaram-me ao mar numa balsa de bétula amarrada com couro velho.
Deram-me um odre com água, pão seco, a pedra com Raidho... e insultos.
"Maldito Ergi!", disseram de novo.
"Que o mar te devore como devoras os homens!"

Gungordore foi o último a me ver partir.
Da beira da falésia, com o manto da mãe cobrindo os ombros, segurava algo no punho.
Seus olhos eram cinzentos, molhados, mas firmes como muralha.
Quando a névoa subiu, ele ainda estava lá, e então... sumiu.
Talvez os deuses o tenham levado, ou talvez tenha se lançado em jornada também, como prometeu.

Sozinho, eu fui.
Com a pedra.
Com a lembrança.
Com o toque que jamais voltará.

Meu nome é Aldebald, filho de Hjalmar.
E aprendi a escrever para que o mundo jamais esqueça: o amor não segue a mapas, não se afoga à distância,
e a runa em pedra entalhada — que um dia pulsou entre nós — agora é mar que sangra.

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



APOIADOR(A) THE BARD





CRÔNICAS

PERFUME

Por Maryana Sobral Antunes

O que dizer desse cheiro em meu corpo? Esse cheiro que tanto pedi para ter, que tanto desejei sem saber, sem nome, sem forma. Agora ele está aqui, impregnado em mim, grudado à minha pele como se fosse meu. Mas será meu? Tantos sentimentos me vêm, e todos se confundem: agonia e prazer, felicidade e esperança. Talvez. Algo nele me inquieta, como se revelasse um segredo que meu corpo conhece antes de mim.

Dizem que o olfato é o mais primitivo dos sentidos. Ele nos guia sem que percebamos, nos arrasta para lembranças que não escolhemos lembrar. Reconhecemos um filho pelo cheiro, nos apaixonamos por alguém sem saber que o nariz o escolheu primeiro. Mas também nos enganamos. Esse cheiro, agora, me envolve, me possui. É intuição ou armadilha? Ele desperta memórias que parecem minhas, mas talvez não sejam. O toque de um instante que já passou. A lembrança de um abraço que talvez nunca tenha existido. Um cheiro pode ser um aviso. Um cheiro pode ser uma cilada.

E, no entanto, há nele um conforto inexplicável. Um exalar inebriante que me envolve e me condiciona a você. Mas quem é você? Alguém que conheço ou alguém que inventei? Esse aroma – tão íntimo, tão meu – nasce do mundo ou de mim? É real ou é apenas o eco do que minha pele insiste em recordar?

Quando criança, assisti a um filme chamado *Perfume*, que contava a história de um rapaz que assassina mulheres com uma motivação bem específica: ele extraía o aroma delas, retirava o perfume de cada canto de seus corpos e, a partir disso, desenvolvia uma fragrância única para cada uma. O enredo dos assassinatos, ao menos para mim, era secundário. O que realmente me tocava no filme (que, já adulta, descobri ser uma adaptação de um livro) era o poder do aroma, esse ser invisível e onipresente.

Naquela época, meu entendimento sobre o mundo era ainda muito instintivo, muito naturalista. Eu via o universo e o compreendia de maneira mais palpável do que intelectual, mais pelo que vivenciava do que pelo que assimilava de forma lógica. Antes de assistir a esse filme, eu achava que o sentido mais essencial da existência humana era a visão. Eu era jovem, sem muito conhecimento científico ou filosófico, e a visão me parecia algo absoluto, imediato. Ela se revelava sem esforço. Mas aquele filme me ensinou algo profundamente diferente: a potência dos outros sentidos, e sobretudo o olfato.

Descobri, então, que o olfato não é apenas o simples cheiro que sentimos. Ele é mais do que isso. Ele é imaterial e inconsciente, tão imanente em nós que nem sabemos quando estamos cheirando. O olfato, que antes eu pensava ser algo secundário, agora me parecia muito mais complexo, mais determinante, e, de fato, tão intrínseco à nossa existência que, de certa forma, ele predomina até sobre a visão, que eu considerava ser o mais importante dos sentidos.

No final do filme, o vilão, já descoberto como responsável pelas mortes, mistura os aromas extraídos das jovens e cria um único perfume. Ele, então, é condenado à força, mas antes de ser executado, aplica a fra-

grância. A partir daí, o que acontece é quase uma experiência transcendental: ele vê, ou talvez sinta, a reação dos seus algozes. Todos eles, ao entrarem em contato com a mistura de cheiros, são tomados por uma paixão selvagem e irracional. Uma paixão tão intensa que desencadeia um furor coletivo, que leva à morte de todos, exceto do acusado. A racionalidade, essa grande responsável por nossos atos, é anulada pelo perfume criado por aquele homem.

Lembro nitidamente de como me fascinei com aquele filme, especialmente com o seu final, pois ele retratou lindamente o determinismo do nosso ser, o que nos define, o que nos move, o que, enfim, nos faz humanos. E tudo isso é desencadeado pelo que o nosso sentido olfativo sente e, mais ainda, por como o nosso cérebro interpreta esses estímulos. Nosso olfato é o que temos de mais instintivo; afinal, podemos fechar os olhos, mas não podemos desligar o olfato. Ele está ali, nos atravessando constantemente, sem que nos deem permissão.

Hoje, percebo a secundariedade da visão. O ser vivo, como algo complexo, não vê o que atravessa seus olhos, mas o que sua mente digere. E essa digestão vai muito além do que acontece ou não no mundo, ela é fruto do que sentimos, e o que sentimos não é voluntário. Claro, posso escolher sentir o cheiro do bolo recém-saído do forno ou das páginas do meu livro novo, mas eu não escolho me sentir em casa, confortável, segura, apenas com um abraço. Isso é fruto do que minha mente decifra a partir da experiência sensorial.

Nem tudo o que vemos é o que devemos ver. Às vezes, é o que devemos cheirar.

É curioso como esse insight veio apenas assistindo a um filme. Como eu amo o cinema. Como eu amo o cheiro do cinema! O cheiro do lugar onde tudo acontece, onde as memórias se entrelaçam e os sentidos se expandem.

Mas por que estou falando disso agora? Tanto tempo depois do filme? Ontem, um cheiro me despertou, e ele fez com que eu revivesse uma passionalidade intrínseca a esse instinto. Foi um aroma que me levou a questionar: por que aquele cheiro está no meu catálogo de memórias? E, mais ainda, até que ponto esse aroma ainda influencia a minha existência? Até onde outros cheiros, vindos de outras fontes, alteram a importância que dou a esse específico?

Será que esse cheiro é realmente importante, ou ele me remete a algo, ou alguém, que já se foi?

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





Rute Ella Dominici, Escritora e Poetisa. Paulistana ,odontóloga. Superior língua francesa. Civilization Écriture et Littérature/ Alliance Française. Livro Solo de Poemas 'Mar Germinal' lançado em 09/2023. Livro Solo de Poemas 'lava Incontida' a ser lançado au 'Salon du Livre à Genève', Membro da AMCL Academia Mundial de Cultura e Literatura, Membro imortal/ Cadeira 117/Olga Savary, Membro Internacional da FEBACLA Cadeira 345/Amós Oz, Academia Virtual dos Poetas da Língua Portuguesa, Cadeira 113/Miryam Fraga, Participação em Antologias Diversas.

INCONSCIENTE RUBRO

A coerência é o porte da placidez
na face, no íntimo do pensamento
esta sabedoria refletida fluidez
é fleuma nos olhos, em lábios unguento

o ser discorda se inflama, insensatez
no estremecer das orlas em fomento
nudez da foz - consciência triz de lucidez
Fereza nas reações doridas é alimento

às rédeas do desejo enrustido bem guiadas
por homem que guia cavalos- carruagem
e insiste em cavalgar ardências espreiadas

amor musicaliza sensores de linguagem
paixão que dribla, deixas insaciáveis
da imponente consciência em chantagem

INSTAGRAM



POST NO SITE





SUA MINIBIOGRAFIA AQUI

TÍTULO DO SONETO

SEU SONETO AQUI

SAIBA COMO PARTICIPAR
ACESSE O EDITAL, ESCOLHA A CATEGORIA
E O E-MAIL "EDITAL CATEGORIAS" ENVIE O
SEU SONETO



REDE SOCIAL



COLUNAS E COLUNISTAS



LANÇAMENTO

JULHO & AGOSTO DE 2025

Sob os Ventos do Norte:
"A Arte nas Culturas Nórdicas"



32ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE



FACEBOOK



INSTAGRAM



YOUTUBE



TWITTER





EDITAL

SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025

Entre os Tons do Nordeste:
"Olhares artísticos do Sertão"

33^a
EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025

PERÍODO DE **28** DE MAIO À **01** DE AGOSTO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

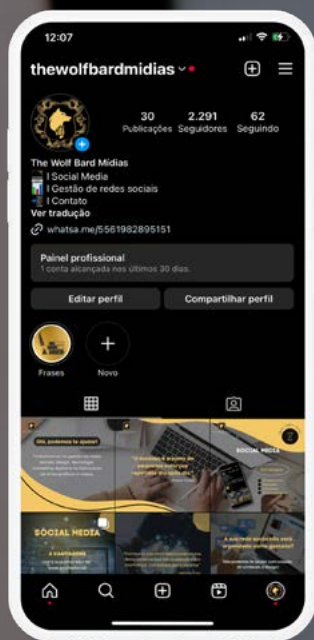
*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



Está sem tempo para administrar suas redes sociais?



Nós podemos te ajudar com criação de conteúdo e design!



PLANEJAMENTO

Vamos entender o seu negócio, o que você oferece, quais são suas necessidades e onde e quando você quer chegar.



EXECUÇÃO

Utilizamos as melhores ferramentas disponíveis para ir além das expectativas e aumentar suas vendas.



CONVERSÃO

Alguém está procurando pelo seu serviço neste momento. Seja encontrado antes da concorrência.



RELACIONAMENTO

Sua empresa marcará presença na internet, não só para ganhar alguns likes, mas sim aumentar o seu faturamento.

Sobre a Agência The Wolf Bard

A Agência **The Wolf Bard** é um projeto digital qualificado para trabalhar na gestão de redes sociais, design, tecnologia, marketing digital e na fabricação de artes gráficas e vídeos.

O nosso foco é estreitar a relação empresa/cliente, levando o nosso cliente a um patamar diferenciado dentro do meio digital.

Atendemos clientes independentes e empresas de pequeno e médio porte, buscando sempre solucionar as necessidades digitais dos nossos clientes.

Além de acompanharmos todas as fases do seu projeto, desde o planejamento até a implantação, buscamos oferecer um produto final condizente com a qualidade da proposta inicialmente apresentada.

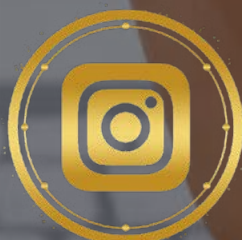
* Promoção do mês de DEZEMBRO 2023

- Planejamento e análise do instagram e facebook
- Gerenciamento de instagram e facebook
- Cartão interativo
- Criação de textos e chamadas persuasivas
- Postagens semanais + stories + reels + videos
- Edição de fotos e vídeos
- Criação de artes gráficas
- Relatório de resultados
- Mini site * (raiz de links)
- Divulgação dos clientes na Revista Internacional The Bard com uma página de publicidade com links.*



Deseja anunciar na Revista?

INSTAGRAM



CONTATO

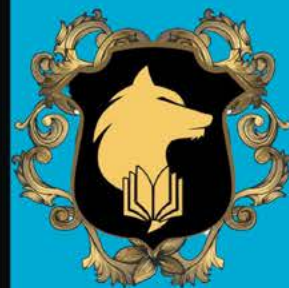
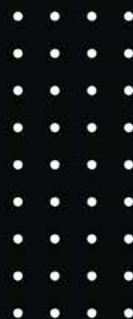


E-MAIL





AGÊNCIA
THE WOLF BARD



ANUNCIE AQUI!

DIVULGUE NA REVISTA
INTERNACIONAL THE BARD

- Empresa
- Comércio
- Loja
- Produtos
- Serviços
- Eventos

Contate-nos hoje para
uma consulta gratuita.

CONTATO

INSTAGRAM





ESTÉTICA AVANÇADA

• Harmonização facial

- Preenchimento com ácido hialurônico
- Toxina Botulínica
- Fios de PDO
- Skinbooster
- Bioestimuladores de Colágeno

• Harmonização corporal

- Ganho de massa
- Emagrecimento
- Definição corporal
- Harmonização de Glúteo

• Harmonização Íntima

- Preenchimento
- Bioestimuladores
- Clareamento

AUTOCUIDADO É FAZER O
MELHOR POR VOCÊ HOJE!

CONTATO



CEIDENTES

ODONTOLOGIA



CeiDentes

Dr. Bruno Rodrigues

ESPECIALIDADES QUE A CEIDENTES OFERECE

- 1 Implante dentário
- 2 Prótese dentária
- 3 Cirurgias
- 4 Clínica Geral
- 5 Clareamento
- 6 Ortodontia
- 7 Canal
- 8 Dentística

AGENDE SUA CONSULTA
ODONTOLÓGICA

Clique nos ícones

AGENDAMENTO

INSTAGRAM

LOCALIZAÇÃO



Estamos no endereço QNP 27 Conjunto B Lote 01 Loja 02.
Ceilândia, Brasília - DF

Entre em contato pelo link da Bio,
ou pelos telefones: (61) 3374-3643 ou (61) 98633-8294



DR. BRUNO RODRIGUES



LILIAN BARBOSA
Advocacia

Serviços:

- ➔ *Advocacia em diversos ramos do Direito, em especial àqueles direcionados a escritores e artistas que desejam esclarecimentos para garantirem proteção às suas criações*
- ➔ *Atendimento personalizado ao cliente, de forma a alcançar soluções eficazes, contemplando as mais diversas relações jurídicas através de assessoria contenciosa, consultiva e preventiva nas seguintes áreas:*

- | | |
|---------------------------|--------------------------------------|
| ✓ Direitos Autorais | ✓ Direito Civil |
| ✓ Propriedade Intelectual | ✓ Direito Empresarial |
| ✓ Direito do Consumidor | ✓ Direito da Saúde |
| ✓ Direito do Consumidor | ✓ Direito Administrativo |
| ✓ Direito Trabalhista | ✓ Contratações Públicas - Licitações |

Contatos:

☎ 61-98479-6687

✉ adv.lilianbarbosa@gmail.com

📷 [@advogada.lilian](https://www.instagram.com/advogada.lilian)





Editora / Blogsite / Canal YouTube / Podcast

"Cada autor tem sua voz; na Valleti Books,
todas encontram seu espaço."

NOSSOS SERVIÇOS



Criação de Capas



Diagramação



Pedidos e ISBN e Ficha Catalográfica



Organização de Antologias

————— ✨
————— ✨
————— ✨

CONTATE-NOS

SITE



INSTAGRAM





Identidade Visual

Agora é a sua vez!

Transforme Sua Marca com Nossa Criatividade Exclusiva!

Você está procurando dar um salto quântico na identidade visual da sua empresa? Quer um logo que não só represente sua marca, mas também conte sua história? Precisa de uma mentoria de negócios que guie seu empreendimento ao sucesso? Ou talvez um mascote carismático que conquiste corações e mentes?

Nós temos a solução perfeita para você!

Com anos de experiência e um portfólio repleto de sucesso, oferecemos:

NOSSOS SERVIÇOS



DESIGN DE LOGOS

Criações únicas que capturam a essência da sua marca.



MENTORIA DE NEGÓCIOS

Estratégias personalizadas para alavancar seu negócio.



CRIAÇÃO DE MASCOTES

Personagens memoráveis que dão vida à sua marca.

CLIQUE NOS ÍCONES



61 99590-9237 / @unionegocios

Ação Especial por Tempo Limitado!





Selo Litero-Cultural

THE WOLF BARD



THE WOLF BARD

APOIO LITERO-CULTURAL



A THE WOLF BARD é um projeto nacional e internacional de iniciativa gratuita buscando apoiar as artes e suas expressões literárias, tendo como fundador idealizador e editor chefe, o monarquista, poeta, escritor, músico erudito e compositor, JB Wolf.

Ressaltamos a Revista Internacional THE BARD com participação colaborativa e voluntária publicada e distribuída gratuitamente em três modalidades: PDF Interativo com botões (links de direcionamento), Feed RSS com atualização em tempo real, Revista em 3D para leitura no Site/Portal e Revista Eletrônica com a mais alta tecnologia AI de acessibilidade para deficientes visuais e auditivos.

Multiartística, multicultural e multiliterária, a Revista The Bard está presente em cento e três países de cinco dos seis continentes: África, América, Europa, Oceania e Ásia.

No intuito de expandir e contribuir com o mundo das diversas artes, dando visibilidade e destaque nacional e internacional, a THE WOLF BARD dentro de seu projeto social-cultural e literário lança o selo Litero-Cultural desenvolvido especialmente para editoras (Livros, Revistas ou Periódicos, Antologias, Editais de Concursos, Publicações de Eventos Culturais, Crônicas, Coletâneas Literárias); e para escritores (Poetas, Contistas, Romancistas, Antologistas).

O Selo Litero-Cultural é uma contribuição gratuita, voluntária e recíproca em benefício de uma maior visibilidade e divulgação da obra que for selecionada para possuir o selo de aprovação e qualidade THE WOLF BARD.

COMO ADQUIRIR?



INSTAGRAM

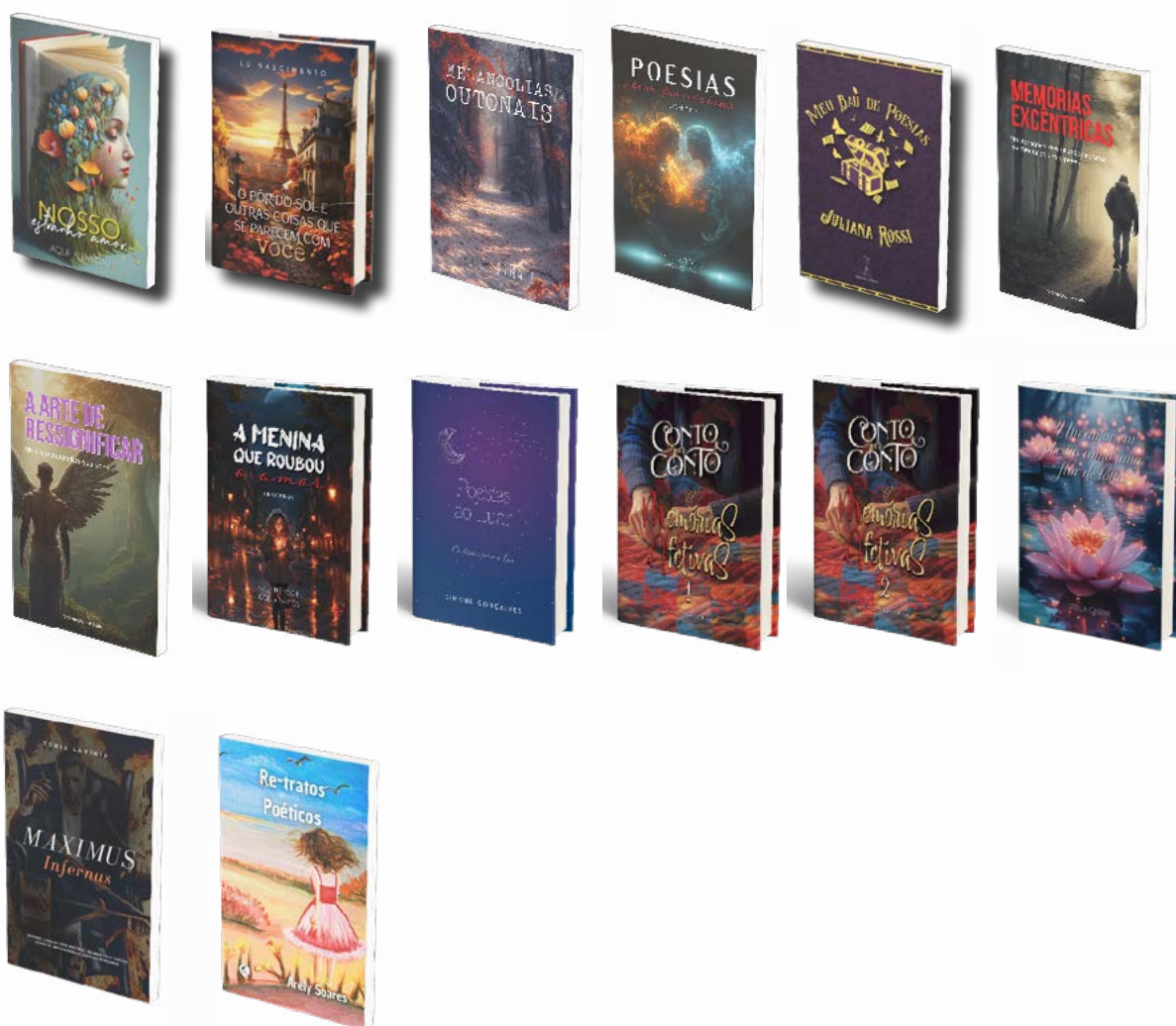


WHATSAPP



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

PARCERIAS

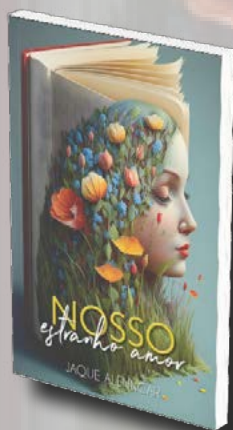


Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



Jaque Alennear, natural de Aiuaba-CE, professora, pedagoga, escritora, poetisa, colunista da “Coluna Guia Literário - Revista The Bard”, onde também atua como Diretora de Operações. Graduada em Pedagogia, Letras – Português, pós-graduada em AEE, Curso de Design Gráfico. Atua como professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Andaraí-BA, cidade onde reside desde 2010. Acadêmica Internacional da FEBACLA. Autora da obra “Nosso Estranho Amor” e coautora em diversas antologias poéticas, se dedica à arte e à literatura, sendo esta última sua grande paixão. Seus versos de amor são uma constante em seus escritos, tendo Vinícius de Moraes, como uma de suas principais referências literárias.



"Nosso estranho amor" é uma coletânea de poemas que, como chamadas que ardem e dançam em nossos corações, retratam o amor em suas diversas formas: paixão, saudade, espera e mistério.

Cada poema é uma porta que se abre para um universo particular de emoções e sensações, envolvendo o leitor em um mundo de sonhos e desejos.

INSTAGRAM



EDITORA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



LU NASCIMENTO, nascida em São Paulo sob o manto da primavera de 1986, carrega a dualidade de ser paulista com raízes nordestinas. Unida em matrimônio, é uma entre as cinco filhas de Rose, matriarca cujo nome ressoa em Lu com orgulho. Profissionalmente, Lu é uma talentosa manicure e gestora de seu próprio salão, um oásis de beleza em seu bairro. Contudo, é na poesia que Lu encontra sua verdadeira essência. A paixão pelas letras brotou nas aulas de literatura do ensino fundamental, um universo onde poetas lhe sussurravam segredos literários. Foi ali, imersa em versos, que Lu descobriu sua voz poética. Sua trajetória literária se destaca com participações em antologias como "A poesia delas" e "Estação Primavera". Em 2021, iniciou um capítulo digital ao criar uma página no Facebook, onde seus poemas reverberam em almas sedentas por inspiração. Lu, uma sonhadora inabalável, acredita que sonhos devem ser perseguidos até se tornarem realidade palpável.



"O Pôr do Sol e Outras Coisas que se Parecem com Você" resplandece com a força de sua linguagem poética, capturando a complexidade das emoções humanas de forma magistral. A autora nos convida a explorar um universo onde o amor, a melancolia e a beleza das pequenas coisas da vida são dissecadas com uma sensibilidade aguda.

Por que esperar para mergulhar neste universo mágico criado por Lu Nascimento? Um mundo onde cada pôr do sol é um convite para sentir, para se perder e se encontrar nas entrelinhas de uma prosa poética que toca a alma com uma doce melancolia.

WHATSAPP



EDITORA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



JULIANA ROSSI, nascida em 1976, em São Caetano do Sul, SP. É auxiliar administrativa na saúde de Americana, Residente em Americana interior de São Paulo, estudante de pedagogia, poeta e escritora, começou a escrever para lidar com a dor, mas agora ama escrever sobre tudo, transformando sentimentos em poesia, e trazendo à tona pensamentos e reflexões da vida, da morte e de tudo ao nosso redor. Autora do Livro “Meu Baú de Poesias e pensamentos” e escritora nas redes sociais. Instagram e Facebook @escritorajulianarossi @meubaudepoesias e Administradora do coletivo @somostigris e diretora da equipe de Marketing da Revista The Bard.



Meu baú de poesias, também poderia ser comparado a um baú de sentimentos, ou ao um diário com aqueles sentimentos que muitas vezes por medo de ser incompreendido, e rejeitado passamos a guarda-los num lugar fechado, bem guardado em segredo, porem este Meu baú eu resolvi abri-lo, e deixar voar tudo que foi guardado, por que perdi o medo, e sei que encontrarei muitas pessoas que se identificam com esses sentimentos e pensamentos.

“O Baú se abriu, e a magia da poesia saiu! ”

INSTAGRAM



EDITORA
INVITRO

LIVRO COM SELO

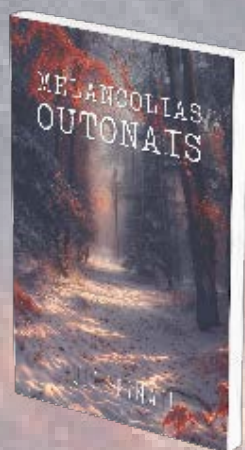


Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



LUIZ PRIMATI é escritor de vários gêneros literários, no entanto, seu primeiro livro foi infantil: "REVOLUÇÃO NA MATA", publicado pela Amazon/2018. Depois escreveu romances, crônicas e contos. Hoje é editor na Valleti Books. Em março lançou seu livro de Prosas Poéticas, "Melancolias Outonais" e o romance de suspense "Peter manda lembranças do paraíso".



Quando o outono desenha seu véu sobre a paisagem, transformando o verde em matizes de ouro e cobre, as árvores sussurram histórias de despedidas, vestindo o mundo com a beleza melancólica de suas folhas partindo. É nesse cenário que me vejo, navegante solitário de um mar de reflexões, onde as memórias do passado flutuam como folhas ao vento.

A visão das flores rendendo-se ao chão evoca uma solidão ancestral, ecoando a fragilidade das folhas arrancadas de seus ninhos, dispersas sem cerimônias pela brisa fria. Essa imagem me transporta para dias de infância, onde me encontrava isolado, um estranho em um mundo que parecia girar sem notar minha presença.

WHATSAPP



EDITORIA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



LAINÉ BOTTARO é uma escritora e poetisa brasileira, nascida em Lençóis Paulista, cidade localizada no interior de São Paulo. Formada em Artes Visuais e atualmente cursando Ciências Econômicas e Administração. Desde a infância, foi apaixonado por livros e histórias de aventura e fantasia, o que a levou a começar a escrever suas próprias histórias. Seus livros são marcados por uma narrativa envolvente, personagens cativantes e tramas cheias de reviravoltas. Além disso, possui uma habilidade única de criar poemas marcantes que tocam o coração de seus leitores. Sua sensibilidade para a escrita poética é evidente em suas obras, transmitindo emoções profundas e reflexões sobre a vida em versos belos e inspiradores.

Laine Bottaro também vem se destacando como coautora em diversas Antologias nacionais e internacionais, além de participar de inúmeras seleções literárias.



“Poesias sem fronteiras: Duetos Poéticos” é uma obra literária única e encantadora que reúne escritores de todo o mundo em uma composição de duetos poéticos. Neste livro, você terá a oportunidade de mergulhar em um universo de versos e sentimentos, onde cada poema é um diálogo entre diferentes culturas e perspectivas. Através dessas composições poéticas, as vozes dos escritores se entrelaçam em uma dança harmoniosa, criando uma sinfonia de palavras que ecoa nos corações dos leitores.

WHATSAPP



EDITORIA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



VALTER MOURA NETO, Engenheiro de Produção, natural de Salvador, Bahia, Brasil; nascido em 1985. Diagnosticado com Transtorno Bipolar Afetivo em 2016. Autor dos livros "Memórias Excêntricas" (2019) e "A Arte de Ressignificar" (2024), ambos da série "Cadernos Confessos". Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira e do Marketing e Divulgação da Revista The Bard.



"Memórias Excêntricas" trata-se de um romance cristão e LGBT na Bahia do Brasil. Em meio à bipolaridade, Leonardo busca compreensão e o amor divino numa sociedade intolerante. Uma jornada de autoconhecimento e transformação em busca de aceitação e amor próprio.

SITE



LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



VALTER MOURA NETO, Engenheiro de Produção, natural de Salvador, Bahia, Brasil; nascido em 1985. Diagnosticado com Transtorno Bipolar Afetivo em 2016. Autor dos livros "Memórias Excêntricas" (2019) e "A Arte de Ressignificar" (2024), ambos da série "Cadernos Confessos". Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira e do Marketing e Divulgação da Revista The Bard.



"A Arte de Ressignificar", mergulhe numa jornada de autodescoberta e transformação. Aprenda a fortalecer o amor próprio, expressar-se com clareza e cultivar a saúde mental. Descubra o poder da comunicação e floresça em todo seu potencial.

SITE



LIVRO COM SELO



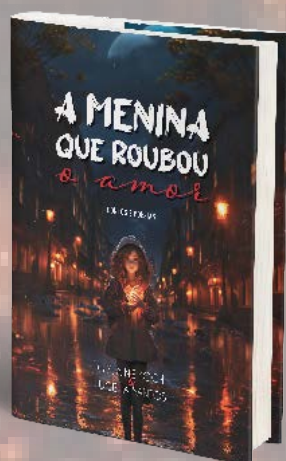
Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



LUCÉLIA SANTOS é uma escritora e poetisa de Itabuna-Bahia, residindo atualmente em Brumado-Bahia. Desde os 13 anos, dedica-se à escrita para expressar seus pensamentos e sentimentos, com um forte toque de romantismo. Ela é graduanda em Terapias Integrativas Complementares e membro de várias academias literárias, incluindo a ALSPA e a AIBL.

GISLAINE KOCH, nascida em 1981 em Curitiba, é uma escritora multifacetada que atua como Ghost Writer, Beta Reader, poetisa, roteirista e prefaciadora. Desde a adolescência, tem uma paixão fervorosa pela escrita. Ela é membro ativo do Moto clube Lokas MC, um grupo filantrópico de motociclistas focados em ações sociais. Gislaine é membro imortal da Academia Internacional de Letras (AIBL) e da Academia Interamericana (AINTÉ)



O livro "A Menina que Roubou o Amor", de Lucélia Santos e Gislaine Koch, é uma obra profunda e emocionante que explora as complexidades do amor por meio de uma narrativa poética e envolvente. Com um texto que flui como dois rios que se entrelaçam, o livro oferece uma visão única sobre o amor, desdobrando-se em um caminho repleto de solidão, melancolia e uma alegria que se confunde com a tristeza. Mais do que um livro de poesia, é um universo de sentimentos, onde cada emoção ligada ao amor é cuidadosamente explorada. A leitura promete ser intensa e capaz de roubar a atenção e o coração do leitor, deixando uma marca indelével de saudade e uma melancolia bela e tocante, desafiando o leitor a encarar o paradoxo de emoções que convivem dentro do espírito humano.

WHATSAPP



EDITORA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



SIMONE APARECIDA DA SILVA GONÇALVES (1979), "Simone Gonçalves" como nome de trabalho é poetisa / escritora, natural de Taubaté SP. Com participação em 17 Antologias. Uma das organizadoras da Copa de Poesias pela @cronopolisbr e colaboradora no blogsite / podcast da @valletibooks. Instagram: @apoetizar_se



"Poesias ao Luar - Confissões para a Lua" de Simone Gonçalves é uma obra que celebra o amor em suas diversas manifestações, evocando a sensação de ser um eterno amante das emoções, paixões e estações. Mediante um diálogo íntimo com a lua e as estrelas, Simone transmite a intensidade da paixão que aquece o coração e ilumina a alma. Este livro nos convida a explorar o amor e o romantismo em cada estação do ano, permitindo-nos sentir e expressar esses sentimentos sem hesitação. A autora usa o luar como metáfora de um trem que viaja através das estações, onde cada parada nos permite adquirir novas experiências e emoções leves, característica marcante da escrita envolvente de Simone. A obra é um tributo à lua, eternamente aclamada pelos apaixonados, e um convite para se deixar levar pela beleza do luar e pela poesia das confissões amorosas.

WHATSAPP



EDITORA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO

MEMÓRIAS AFETIVAS 1 e 2 Organizado por Luiz Primati Vários Autores

"Memórias Afetivas" é uma coletânea emocionante que reúne 24 autores em dois volumes, com um total de 12 contos em cada um e um conto adicional oculto no segundo volume. A obra é uma celebração da singularidade das experiências humanas, onde cada escritor compartilha fragmentos de suas vidas, criando um mosaico diversificado de recordações que variam da infância à idade adulta, abrangendo alegrias, tristezas e lições aprendidas. Esta antologia mergulha nas nuances das memórias que definem nossa existência, reconhecendo a importância desses momentos no conjunto de nossa identidade. Os leitores são convidados a uma jornada emocional que reflete sobre a doçura e amargura da vida, as intensas primeiras paixões, as decepções e a esperança eterna no amor verdadeiro. Através de suas páginas, "Memórias Afetivas" oferece não só histórias para aquecer o coração, mas também um convite para refletir sobre o rico mosaico das experiências humanas que conectam cada um de nós. Instagram: @valletibooks



WHATSAPP



EDITORIA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO

AMOR PARA RECORDAR 2 Organizado por Lucélia Santos Vários Autores

“Amor para Recordar II” é uma coletânea que explora o amor em suas diversas formas através das vozes de 23 novos autores. Diferentemente do primeiro volume, este livro traz reflexões sobre amores infantis, platônicos, perdidos no tempo, proibidos, impossíveis, ternos e até mesmo ignorados. A obra aborda as complexidades do amor, que muitas vezes evoca lembranças melancólicas de depressão, tristeza, saudade, ódio e arrependimento, transportando-nos para uma solidão profunda. No entanto, mesmo diante da dor, emerge uma paixão vibrante que transcende gerações, trazendo alegria e inspiração. Ideal para aqueles que vivenciaram o amor em suas tempestades e calma, o livro oferece um refúgio e um espelho das próprias experiências amorosas. Com uma narrativa que incentiva a esperança e a crença no amor, os autores, eternos aprendizes, nos convidam a embarcar numa jornada emocionante de descoberta e reflexão sobre a natureza enigmática e transformadora do amor. Instagram: @poetisafalandodeamor



WHATSAPP



EDITORIA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



STELLA MARIA GASPARG, nascida em João Pessoa Paraíba, é uma pedagoga cuja trajetória profissional e literária se entrelaçam com paixão e profundidade. Professora adjunta na Universidade Federal da Paraíba, ela encanta alunos e colegas no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, onde seu compromisso com a educação a levou a conquistar títulos de Mestre e Doutora em Educação, além de realizar um pós-doutorado na mesma área, cursado na Facultat de Magisteri de València - Espanha.



O LIVRO “Um Amor em Poesias como uma Flor de Lótus”, de Stella Gaspar, não é apenas uma reunião de versos: é um portal para a essência mais pura do afeto. A cada página, sentimos o desabrochar das palavras, feito pétalas que emergem, delicadas e, ao mesmo tempo, fortes, carregando consigo o perfume inconfundível da amorosidade — marca registrada de Stella.

Ao mergulhar nestes poemas, é impossível não notar o brilho que emana da autora, fruto de sua entrega total ao ato de escrever. Ela tece emoções em cada estrofe, sem pudor ou medo de julgamentos, revelando as cores dos seus dias de solidão e esperança. Longe do seu país, Stella encontrou nas palavras um refúgio e, por meio delas, traçou uma estrada que nos conduz direto à sua alma.

WHATSAPP



EDITORA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO

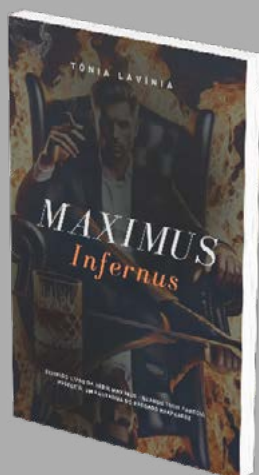


Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



TÔNIA LAVÍNIA é uma escritora de Sete Lagoas, Minas Gerais, que transita entre o erotismo, o suspense e a investigação. Sua escrita refinada explora os labirintos da mente e as profundezas do desejo. Autora dos livros: “Deliciosamente Libertino e da Série “Maximus”. Frequenta assiduamente o site Isadora de músicas clássicas e adora uma boa taça de vinho. Com uma mente curiosa e criativa, Tônia mergulha em mundos onde segredos e paixões se entrelaçam, tornando sua obra um convite irresistível ao prazer da palavra.



Maximus é a personificação da sofisticação, vivendo entre a beleza das telas raras, esculturas icônicas, livros que guardam segredos e a música clássica que embala sua alma. Em Milão, ele é um homem de poder e mistério, mas seu mundo perfeito é abalado quando surge Lorde Sinclair, um vilão sedutor e sensual, cheio de desejos libertinos. Sinclair, movido pela luxúria e pelo desejo de poder absoluto e vingança, é um homem que usa sua sensualidade como uma arma para manipular e conquistar. Sua maldade é disfarçada por um charme irresistível, e ele vê no caos e no sofrimento dos outros um prazer profundo. Ao contrário de Maximus, Sinclair não ama, ele deseja e sua obsessão por vingança envolvendo um jogo perigoso de dominação e controle. Enquanto Maximus luta para proteger seu mundo e os segredos que tanto valoriza, ele percebe que Sinclair está disposto a destruir tudo o que ele construiu. A paixão de Sinclair não é de amor, mas de domínio. Maximus Infernus é uma história de luxúria, poder e traição, onde os desejos mais sombrios se entrelaçam com as complexas emoções humanas, e o vilão não tem limites para alcançar o que deseja.

SITE



LIVRO COM SELO



THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



ARELY SOARES REIS é uma professora de língua Portuguesa e Inglesa, natural de Caxias, Maranhão. Ela se destaca como escritora, revisora e tradutora, usando o nome "Menina Poetisa" no instagram para compartilhar seus poemas. Arely é uma leitora apaixonada, gosta de romances clássicos e aprecia arte, música e poesia. Em seu tempo livre, pinta e desenha, e sua produção literária abrange contribuições para antologias, revistas, canais do YouTube e podcasts.



Re-tratos Poéticos, Cada alma carrega paisagens íntimas, moldadas pelas mais profundas emoções. Cada sentimento é um retrato poético, jamais se esvaindo, capaz de despertar a alma em dias ensolarados, nublados, chuvosos ou primaveris.

O coração, como um casulo, prepara-se para o voo, e a poesia oferece infinitas formas de expressar o ser. A obra "Re-tratos Poéticos" é um convite da autora para mergulhar em versos imagéticos, caminhando por suas entrelinhas até as rimas límpidas.

Este livro é um trato para a alma, um "cartão postal" para "vi-ver" a vida com leveza. Ele desvenda um sentir com incontáveis sentidos, um universo antes recluso que agora se ilumina. Se sua alma nunca voou com a poesia, esta é sua chance. Acredite, o céu sempre foi seu lugar.

SITE



LIVRO COM SELO



THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL





Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora*Mia Koda***Acesse os links
clikando no botão verde**

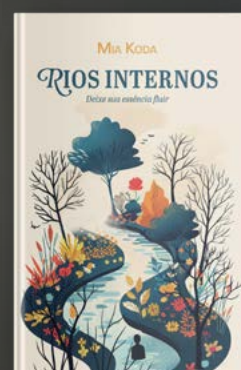
Com sensibilidade e profundidade, Mia Koda desvenda os mistérios do transtorno do pânico sob a ótica da psicanálise. "Pânico - Entendendo o Transtorno" foi escrito para quem sofre ou convive com o transtorno, o livro traz orientações práticas e reflexões que transformam medo em compreensão e paralisia em ação. Um apoio valioso para retomar o controle da mente e da vida.



Você já percebeu que não será fácil ficar longe dos filhos, não é mesmo? Mesmo assim, sabe que não pode impedi-los de partir em busca de seus sonhos e ideais. Portanto, precisa aprender a lidar com a distância, a saudade e as preocupações. Pensando nessas dores escrevi o livro, nele compartilho o meu método para lidar com o Ninho Vazio, desenvolvido através da minha experiência como psicanalista e mãe. A obra aborda 8 Princípios fundamentais na relação entre mães e filhos, sendo eles: Compreensão, Preparação, Aceitação, Adaptação, Confiança, Afirmação, Conexão, Ação e Perseverança.



O livro "Nevoeiro" é sobre encontrar luz em meio à escuridão. Mia Koda conta a história de sua própria vida através de contos, prosas e poemas emocionantes. Um convite para enxergar além das nuvens e descobrir que, mesmo nos dias mais nebulosos, há um caminho esperando para ser trilhado.



Descubra os mistérios e profundezas das emoções humanas neste mergulho envolvente. "Rios Internos" explora as correntes ocultas que moldam nossas decisões, desafios e transformações. Com uma narrativa que combina sensibilidade e introspecção, Mia Koda conduz o leitor em uma jornada de autoconhecimento, mostrando que os rios dentro de nós podem ser navegados, domados e, acima de tudo, compreendidos. Ideal para quem busca clareza e propósito em meio às tempestades da vida.

[Clique aqui](#)[Clique aqui](#)[Clique aqui](#)[Clique aqui](#)



COLUNA



Espaço

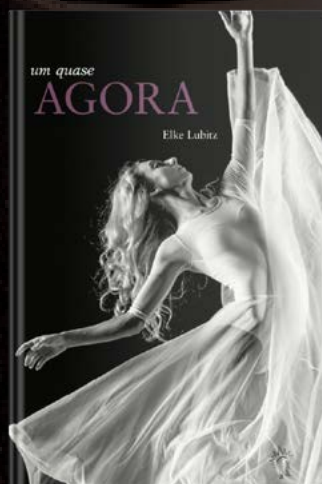
VITRINE

THE BARD

Escritora

Elke Lubitz

**Acesse o link
clicando no botão verde**



Um Quase Agora é um passado que nos molda no presente e um presente que nos constrói para um futuro. O tempo, alavanca mestra dessa poética, intriga e penetra, questionando em versos nossos quereres, dizeres e fazeres, como a colocar-nos frente ao espelho. Seus poemas são tecidos, cuidadosamente, com uma leveza comovente, encantadora e um estilo peculiar, transformando o não dito em partes dessa teia de palavras entrelaçadas e elevando essa obra a um diferencial dentro de uma época literária.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Edna Lessa

**Acesse o link
clicando no botão verde**

No livro Para Além de mim - a essência do Olhar, a autora compartilha as suas impressões para a vida. Sua escrita é suave e seus poemas nos fazem refletir sobre valores essenciais da vida como a família, a amizade e o amor em suas diversas manifestações.

É um livro escrito de dentro para fora, mas com um olhar sensível a toda beleza que a autora consegue perceber ao longo de sua caminhada. É uma reverência a tudo que é invisível aos olhos, mas essencial ao coração. O livro proporciona ao leitor uma viagem ao incrível mundo da Poesia. É uma experiência singular onde o mesmo poderá descobrir que a Poesia é entrega, música, vida, amor... Que Poesia é voz que ecoa e transforma tudo que está à sua volta.



Versão Impressa

Clique aqui



COLUNA

Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Márcia Neves

Acesse o link
clikando no **botão verde**



Poesia - o lugar encantado das crianças
História que reforça a educação inclusiva como fundamento para a construção de um mundo real e respeitoso. Conduz o leitor ao singular e coletivo mundo da escrita, por meio do auto cuidado e conhecimento que a poesia proporciona. Aborda de forma leve e literária estigmas despercebidos, provocando diálogos capazes de traduzir sentimentos e relações além do mundo infantil. Entre narrativa e poesia, apresenta variações linguísticas em português e espanhol. Um convite à poesia e aos encantos da infância.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Lilian Stocco

**Acesse o link
clikando no botão verde**



No coração de São Paulo a jovem Laís e sua amiga Vânia têm o emprego dos sonhos. Irmã mais velha de três filhas, ela divide seu tempo entre o trabalho, amores impossíveis, baladas às sextas e as peripécias de suas irmãs. Estas insistem em tentar enlouquecê-la ou talvez matá-la de fome. Quando parecia que tudo estava se encaixando em sua vida, o destino - com a ajuda da cegueira do amor - acaba por arrasar seu coração.

Versão Física

Clique aqui



Agora casados, Laís e Mauro estão em uma jornada para descobrir como é a rotina de viver juntos, mas rotina não é bem o modo como esses dois gostam de passar os dias e, principalmente, as noites. Se a vida entre quatro paredes é de tirar o fôlego, fora dela pode ser de arrancar os cabelos, ainda mais se o passado amoroso teima em retornar para assombrá-los. Em meio a tudo isso, Vânia descobre um pouco sobre o mundo secreto de Laís e Mauro, o que promete situações, no mínimo, interessantes para todos.

Versão Física

Clique aqui

amazon.com.br



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Lilian Stocco

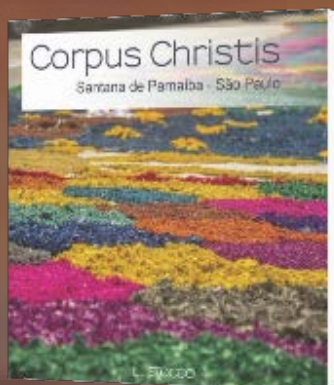
**Acesse o link
clcando na capa do FOTO LIVRO**



Arquitetura - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Na beira do rio Tiete, próximo a Garganta do Diabo, primeiro com uma capela dedicada a Santo Antônio, depois mais a cima da margem esquerda do rio com uma capela dedicada a Santa Ana, surge o início da "Villa Pharnaíba". E com a vila, a história de mais de 400 anos se apresenta com uma arquitetura rica trazendo traços do barroco brasileiro e do rococó apresentadas pelas fotografias deste livro.



Corpus Christis - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Registrados nesse foto livro, podemos conferir os diversos grupos de dentro e fora da comunidade Católica auxiliando na construção do tapete de serragem da comemoração de Corpus Christis. Tornando a festa uma das maiores do Brasil, com a extensão de 1 quilometro, com desenhos e esculturas em argila dos próprios munícipes. A festa atrai mais de 13 mil visitantes e cresce a cada ano, possibilitando a inserção das novas gerações e o interesse artístico da comunidade e dos arredores.



Festa do Surú - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Com a chegada do inverno a cidade de Santana de Parnaíba, se agita com a chegada do dia 26 de julho e a festa de sua padroeira santa Ana. A comunidade católica realiza todos os preparativos dessa festa, organizando quermesses, procissões e missas em louvor a padroeira do município. A alegria, fervor e a culinária da comunidade seguem registradas nesse foto livro, mantendo a tradição centenária da cidade, sendo passada para as novas gerações.





Espaço

VITRINE

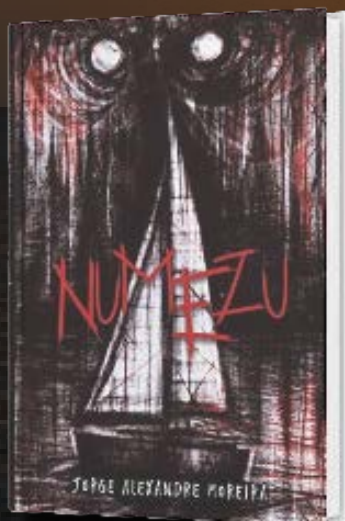
THE BARD

Escritor

Jorge Alexandre

**Acesse o link
clikando no botão verde**

NUMEZU



É a última chance para Laura e Raoul.

Mentiras, drogas e traição levaram seu casamento à beira do fim e eles apostam suas últimas fichas em uma viagem. Os dois num veleiro, em um lugar de sono, com boa comida e boa bebida. Se não funcionar o que funcionaria?

Mas Raoul volta de um mergulho trazendo uma estranha e antiga estatueta - a imagem de um ser esquecido, aprisionado por uma terrível maldição.

E agora, enquanto Raoul pouco a pouco enlouquece sob sua influência, Laura terá que lutar pela própria vida.

Impresso

Clique aqui

amazon.com.br



COLUNA

Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Vanina Sigrist

**Acesse o link
clikando no botão verde**



Martelo é um gato que se diz "o dono da rua", até que se sente ameaçado com a chegada de uma nova moradora, Didi. Ele e os outros gatos do bairro, para se divertirem e resolverem o impasse, propõem uma competição. Essa aventura permite conversar com as crianças sobre o valor das brincadeiras saudáveis, do saber ganhar e perder, das parcerias verdadeiras e da confraternização entre amigos.

Impresso

[Clique aqui](#)





COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Aline Abreu Santana

**Acesse o link
clicando no botão verde**



“Fui Mandado Embora”, de Aline Abreu Santana, é um guia acolhedor e prático para enfrentar os desafios da perda de emprego, transformando adversidades em oportunidades. A obra orienta na reorganização financeira, reconhecimento de habilidades e busca por novas oportunidades, combinando inspiração e ações concretas para recomeçar. Escrito por uma pesquisadora científica reconhecida, com 20 anos de experiência e reconhecimento nacional e internacional, o livro reflete expertise e sensibilidade. A autora, fundadora de iniciativas voltadas à publicação de mulheres escritoras, inspira leitores a ressignificar suas trajetórias, mostrando que cada fim pode ser um ponto de partida para novas realizações.

Compra Brasil

Clique aqui

amazon.com.br

Compra Europa

Clique aqui

amazon.com



Bom dia com poesia

Com Marcelo Papareli





Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Juliana Rossi

**Acesse o link
clicando no botão verde**

**Livro “Meu baú de poesias”
de Juliana Rossi**



Meu baú de poesias, também poderia ser comparado a um baú de sentimentos, ou ao um diário com aqueles sentimentos que muitas vezes por medo de ser incompreendido, e rejeitado passamos a guarda-los num lugar fechado, bem guardado em segredo, porem este Meu baú eu resolvi abri-lo, e deixar voar tudo que foi guardado, por que perdi o medo, e sei que encontrarei muitas pessoas que se identificam com esses sentimentos e pensamentos.

“O Baú se abriu, e a magia da poesia saiu!”

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



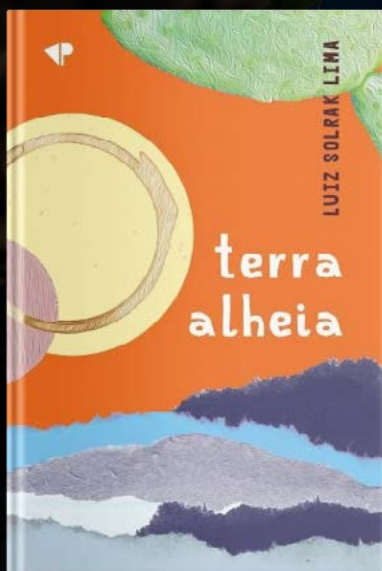
COLUNA

Escritor

Luiz Solrak Lima

**Acesse o link
clikando no botão verde**

**Livro Terra alheia
de Luiz Solrak Lima**



Terra Alheia é um lembrete poético de como mudanças podem ser necessárias ao mesmo tempo que transformadoras. E essas transformações demanda de cada indivíduo perdas e ganhos na sua estrutura cultural composta de sua linguagem, de seus costumes e de sua ligação com a terra natal. Com isso o livro faz um convite poético para sentirmos o saudosismo, o estranhamente espacial e o estado crítico dos múltiplos eus-líricos que compõem os poemas. O livro, no seu ano de lançamento, ganhou o Prêmio Cultural de Americana -SP 2023 e o Prêmio Destaque Cultural de Americana-SP 2023.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

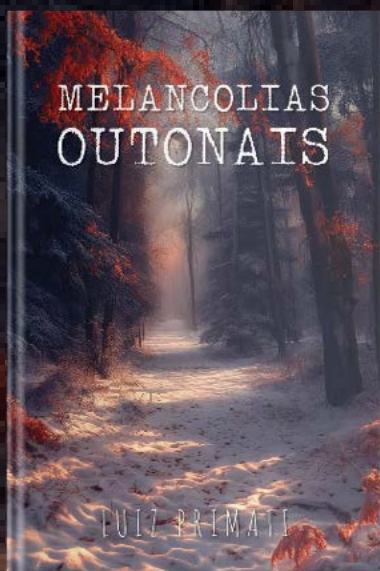
THE BARD

Escritor

Luiz Primati

**Acesse o link
clicando no botão verde**

**Livro “Melancolias Outonais”
de Luiz Primati**



Quando o outono desenha seu véu sobre a paisagem, transformando o verde em matizes de ouro e cobre, as árvores sussurram histórias de despedidas, vestindo o mundo com a beleza melancólica de suas folhas partindo. É nesse cenário que me vejo, navegante solitário de um mar de reflexões, onde as memórias do passado flutuam como folhas ao vento.

A visão das flores rendendo-se ao chão evoca uma solidão ancestral, ecoando a fragilidade das folhas arrancadas de seus ninhos, dispersas sem cerimônias pela brisa fria. Essa imagem me transporta para dias de infância, onde me encontrava isolado, um estranho em um mundo que parecia girar sem notar minha presença.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD

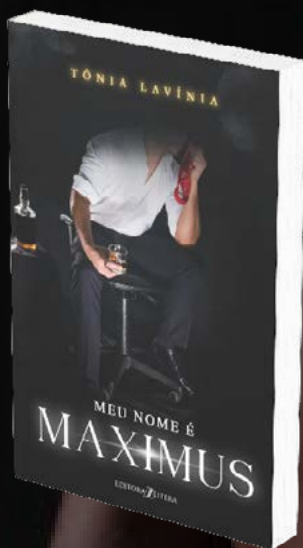


COLUNA

Escritora

Tônia Lavínia

**Acesse o link
clicando no botão verde**



Um homem italiano apaixonante... Silencioso, observador, sedutor, sensual, e as vezes intimidador. Seus lindos olhos verdes, e o toque dos seus dedos foram treinados por uma linda mulher para conhecer a veracidade das obras de artes, entre quadros e esculturas. Mas ela também o ensinou a conhecer o corpo de uma mulher, entre a respiração do desejo ao arrepiar da pele, o cheiro. Para ele, uma mulher é uma bela obra de arte. Ele é o descaminho e a perdição de qualquer mulher, e como ele mesmo diz: Mulher alguma passa por ele sem molhar a sua cama. Uma mulher não pode passar vontade. Acredite, se você não quer, ele faz querer. Sexo, luxúria, voyeurismo, mistérios e segredos fazem parte desta linda história. Quer conhece-lo? Abra o livro, e deixe ele te levar por cada página da sua linda história e seu universo de perdição... O universo de Maximus.

[Clique aqui](#)



Maximus personifica sofisticação, cercado por arte, literatura e música clássica em Milão. Seu mundo perfeito é ameaçado por Lorde Sinclair, um vilão sedutor que usa sua sensualidade para manipular e busca vingança. Enquanto Maximus defende seus segredos, Sinclair quer destruir tudo que ele ama, transformando a paixão em dominação. "Maximus Infernus" explora luxúria, poder e traição, onde desejos sombrios se entrelaçam com emoções humanas.

[Clique aqui](#)





Espaço

VITRINE

THE BARD



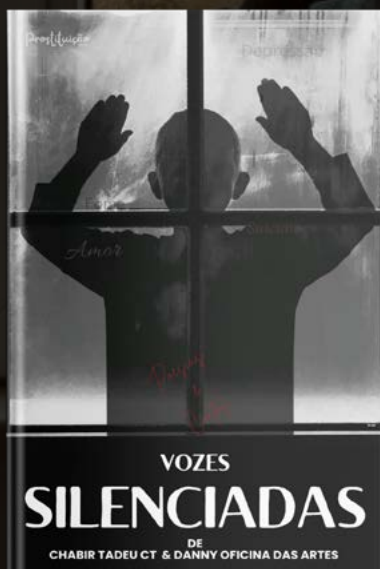
COLUNA

Escritor

Chabir Tadeu CT e Danny Oficina das artes

**Acesse o link
clikando no botão verde**

**E-BOOK
VOZES SILENCIADAS**



"Vozes Silenciadas" é uma coleção única dos autores "Chabir Tadeu CT e Dany Amado Vasco que responde pelo pseudônimo de "Danny Oficina das artes. "Eles combinam poesia e contos em uma narrativa envolvente. Este livro oferece uma experiência literária diversificada, levando os leitores a explorar as profundezas da emoção humana por meio de versos líricos e histórias cativantes. Cada poema e conto é habilmente entrelaçado, criando uma conexão sutil que permeia toda a obra. Os temas e motivações compartilhados entre os diferentes gêneros criam uma unidade temática que envolve os leitores em uma jornada poética e narrativa. "Vozes Silenciadas" convida os leitores a descobrir a beleza e a complexidade da vida por meio da interseção entre a poesia e o conto, oferecendo uma leitura cativante e emocionante.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Sueli Lopes

Acesse o link
clikando no **botão verde**



Nossos Outonos: Uma analogia entre os ciclos da vida e as estações do ano, adornada de crônicas e ilustrações do outono, nos vilarejos ingleses e nos parques londrinos. Nessa jornada, há um convite e sugestões a você, leitor, para desvendar o lugar das histórias, onde a escrita é o recurso que determinará o seu percurso das águas. Que você saia da ilha. Seja qual for o seu deserto, traga água a ele, comece pela escrita. Ela é o início da materialização de suas ideias. Deixe fluir, pois suas ondas irão amenizar a seca de afeto que invade o mundo. Bem-vindo/a ao oceano de metáforas, ao mar da catarse. Bem-vindo-a às ondas que amenizam os desertos da humanidade.



Crônicas do Aqui e Agora: Crônicas criadas no ordinário, no simples, no cotidiano, com destaque à nossa forma de ver o mundo, tão inerente às nossas crenças, fé, alma, capacidade de contemplar. Uma sugestão de que os lugares que frequentamos e a forma que os enxergamos, são uma excelente fonte de escrita, e das mais afetuosas. As crônicas transitam entre a Estação de St Pancras, Londres, à travessia literária do Rio Tejo, Lisboa. Uma excelente fonte de escrita humanizada.



Rubem, Um Gato Descolado: o túnel secreto: Rubem é um ex-gato de rua, adotado por um milionário e culto senhor londrino, de quem se torna herdeiro. Ele descobre um túnel secreto, um portal, que lhe dá poder para viajar no tempo e no espaço, nos levando, de forma bem lúdica, ao encontro de escritores, histórias e lugares incríveis. "O Gato que viajara no tempo e no espaço" é um gato intelectual, descolado, que adora livros e visitas culturais. É caridoso, tem muita compaixão e se interessa pelo resgate de animais abandonados. A história mostra como é importante fazermos as pazes com a nossa própria história de vida, e muitas respostas que Rubem busca, só vai encontrar na literatura, em seus encontros com Ernest Hemingway, Bukovski, Allan Poe e Guimarães Rosa.



A Alma dos Lugares, a Memória Ancestral e os Cinco Sentido: um jeito afetuosos de fazer turismo literário e cultural: Crônicas de turismo literário na França, Inglaterra e Portugal. Quando o escritor se envolve com a alma do lugar, não escreve apenas sobre a paisagem que vê, mas também sobre as camadas invisíveis que compõem aquele espaço. O lugar se transforma em personagem, a história local dialoga com a experiência individual, e o resultado é uma narrativa profundamente humanizada, que conecta leitor, escritor e espaço de forma íntima. Ao explorar a alma dos lugares, descobrimos também partes ocultas de nós mesmos. E ao escrever sobre esses lugares, damos voz às histórias que eles contêm, perpetuando suas memórias e, de certa forma, reescrevendo nossa própria história, enriquecida pela troca e pelo encontro.

Clique aqui

Clique aqui

Clique aqui

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Stella Gaspar

**Acesse o link
clicando no botão verde**

**Livro Um amor em poesias
como uma flor de lótus
de Stella Gaspar**



“Um Amor em Poesias como uma Flor de Lótus”, de Stella Gaspar, é mais do que versos: é um convite ao coração. Com palavras que desabrocham como pétalas, delicadas e poderosas, Stella exsuda amor em cada poema. Entregue à escrita, ela revela solidão e esperança, transformando versos em refúgio e ponte para sua alma.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



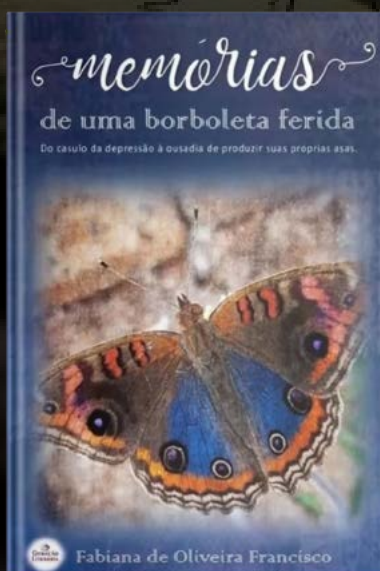
COLUNA

Escritora

Fabiana Francisco

**Acesse o link
clikando no botão verde**

**Livro Memórias de uma
borboleta ferida
de Fabiana Francisco**



“Memórias de uma borboleta ferida” é uma autobiografia onde a autora faz uma analogia entre a metamorfose da lagarta e as fases da depressão além de outras doenças emocionais que a acometeram nos últimos anos.

Abordando a depressão, o transtorno de ansiedade entre outros diagnósticos de maneira leve e despretensiosa, a narrativa, ora por meio de prosa ora por meio de poesia, conduz o leitor a reflexões profundas sobre o impacto dessas doenças tanto em sua vida pessoal, profissional, quanto na de seus familiares e amigos.

Diante da grande comoção que a sociedade vem sofrendo, com a depressão e seus desdobramentos, é imprescindível conhecer o tema pela ótica de uma sobrevivente, que trava batalhas diárias para sair do recôndito do seu quarto”.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



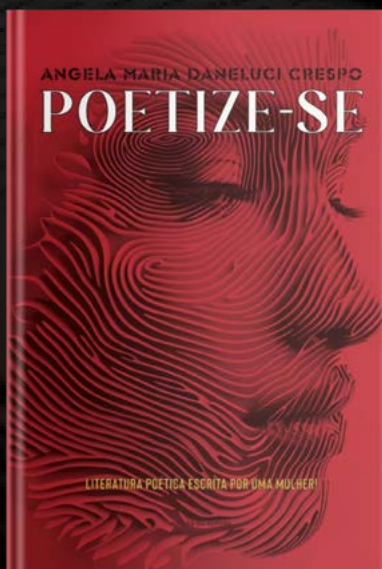
COLUNA

Escritora

Angela Daneluci

**Acesse o link
clicando no botão verde**

**Livro Poetize-se
de Angela Daneluci**



Em "Poetize-se", somos convidados a embarcar numa jornada através das palavras, quando a poesia se torna um espelho das nossas próprias emoções e experiências. Neste livro, cada verso é uma porta aberta para o universo íntimo da autora, que nos guia por paisagens emocionais profundas e reflexões que tocam o cerne da nossa humanidade. Com uma linguagem lírica e sensível, a autora revela a beleza escondida nos detalhes do cotidiano, transformando o ordinário em extraordinário através da magia das palavras. "Poetize-se" não é apenas um convite à contemplação, mas também uma celebração da vida em todas as suas nuances, da alegria efervescente à melancolia sutil. Cada poema é uma pequena joia lapidada com cuidado e dedicação, transmitindo uma gama de sentimentos que ressoam com o leitor, tocando-o profundamente. Com uma voz única e autêntica, a autora nos leva a explorar os mistérios da existência e a descobrir a beleza escondida nos recantos mais obscuros da alma.

Clique aqui



Espaço
VITRINE
THE BARD



COLUNA

Escritora

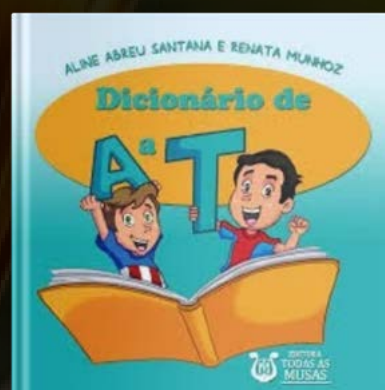
Renata Munhoz

**Acesse o link
clicando no botão verde**



Clique aqui

Este livro aborda aspectos da circulação da correspondência administrativa oficial manuscrita trocada entre a metrópole portuguesa e a capitania de São Paulo no período pombalino, sobretudo do entre 1765 e 1775, quando Dom Luís António de Sousa Botelho Mourão, doravante o Morgado de Mateus, atuou como Governador e Capitão-General. Trata-se de manuscritos chancelados tanto na administração colonial brasileira, quanto em Portugal, todos versando sobre a política pombalina no ultramar.



Clique aqui

Uma ideia genial de livro: tem rimas, tem polissemia e multiplicidade de sensações, tem situações típicas do universo infantil, tem construções de imagens, tem textos organizados em ordem alfabética, tem aliterações e tem, principalmente, a escolha afetiva de partir das vivências de dois amigos, que transforma a leitura em um momento singular de compartilhamento e descobertas também múltiplos. Tudo parte do universo de duas crianças e devolve a elas, em forma de texto curtos e muito bem construídos, o registro do que foi, do que é e do que pode continuar sendo se a sementinha que é plantada em todos nós for cultivada e seguir crescendo diariamente, dando frutos que nos transformem em adultos mais livres e generosos, sem jamais perder a alma infantil.





COLUNAS E COLUNISTAS



Espaço

VITRINE

THE BARD



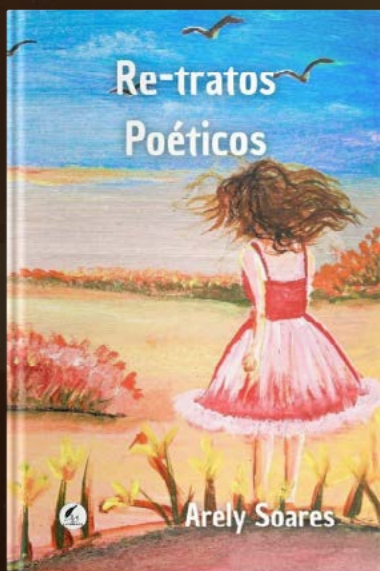
COLUNA

Escritora

Arely Soares Reis

**Acesse o link
clicando no botão verde**

**Livro Re-tratos Poéticos
de Arely Soares**



Re-tratos Poéticos , Cada alma carrega paisagens íntimas, moldadas pelas mais profundas emoções. Cada sentimento é um retrato poético, jamais se esvaindo, capaz de despertar a alma em dias ensolarados, nublados, chuvosos ou primaveris.

O coração, como um casulo, prepara-se para o voo, e a poesia oferece infinitas formas de expressar o ser. A obra "Re-tratos Poéticos" é um convite da autora para mergulhar em versos imagéticos, caminhando por suas entrelinhas até as rimas límpidas.

Este livro é um trato para a alma, um "cartão postal" para "vi-ver" a vida com leveza. Ele desvenda um sentir com incontáveis sentidos, um universo antes recluso que agora se ilumina. Se sua alma nunca voou com a poesia, esta é sua chance. Acredite, o céu sempre foi seu lugar.

Clique aqui

LANÇAMENTO

JULHO & AGOSTO DE 2025

Sob os Ventos do Norte:
"A Arte nas Culturas Nórdicas"



32^a
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE



FACEBOOK



INSTAGRAM



YOUTUBE



TWITTER





EDITAL

SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025

Entre os Tons do Nordeste:
"Olhares artísticos do Sertão"

33^a
EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025

PERÍODO DE **28** DE MAIO À **01** DE AGOSTO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.